

Original de ERICO CRAMER

Primeiro Capitulo

CONTROLE TEMA EM GRANDE EFEITO CRI EM BG

MIGUEL Meus amigos, eu queria escrever um romance. Um romance que seria baseado numa historia real e que alem de me parecer muito interessante, seria, ainda, uma séria advertência a muitas mulheres que se valem da sua beleza para destruir a serenidade de coração de tantas homens. Acontece, no entanto, que eu não sei escrever e então alguém me sugeriu de contar pelo radio a minha historia, dizendo que, deste modo, eu não só estaria distraindo as que me ouvissem como tambem alertando essa infinidade de mecinhas bonitas que andam por ai e que pensando dominar o mundo com a sua beleza, depois de destruir a paz de tantos lares, acabam por destruir tambem a sua propria felicidade. (T) Bem, mas... antes dessa conversa toda, é necessaria que eu me apresente aos ouvintes. Sou Miguel Gonzales Rosado, natural desta provincia, com sessenta e cinco anos bem vividos e...solteiro, graças a Deus! (RI BONACHUKO) Não me levem a mal, estou brincando. Bem que eu me teria casado, si não fosse o Re... ((CORTA E TOM) Bem, mas isso é uma outra historia que eu não pretendo contar pelo radio. (T) Vamos ao que interessa. (PAUSA E TOM) Apesar de não ser padre e nem ter sido, ~~mas~~ nunca, a maior tendência para a vida religiosa, não sei por que cargas d'agua tornei-me o confessor e conselheiro do meu amigo Reginaldo Argenan durante toda a sua existência e mais tarde, quando ele desapareceu, passei a desempenhar o mesmo papel junto à viúva e aos filhos. (T) E por falar na familia Argenan, vou aproveitar a oportunidade para apresentá-la aos amigos, uma vez que serão, os seus componentes, os principais personagens da historia que lhes pretendo contar. (T) Beste, quer fazer o favor? Eu desejo apresentar você aos ~~meus~~ ouvintes.

ELISABETH (2º PLANO/VINDO PARA 1º) ~~Sim~~ Deixe, Miguel, que eu mesma me apresento.

MIGUEL Como quiser...o essencial é que eles fiquem conhecendo você.

ELISABETH Pois não. Sou Elisabeth Agripina Vazquez Argenan, viúva, com cinquenta e dois anos e mãe de três filhas que são tres verdadeiros amores. Aqui estão eles.

RAUL Eu sou o Raul.

ROBERTO Eu sou o Roberto.

RENATO E eu sou o Renato. O caçula.

RAUL Ele tinha que dizer que era o segulo.

RENATO (BRINCANDO E SORRINDO) Caçula, "velinho", Olha esse recalque.

RAUL Recalque por que? Si eu tenho muito mais tinta de galã que você?

RENATO (COSINHANDO) Quem é que disse? Presunção e agua benta...

ROBERTO Será possível que vocês vão discutir na presença do publico? Desculpem, mas isso não fica bonito. ||

MIGUEL Roberto tem razão. Deixemos as discussões para depois. Aqui estão Raul, Roberto e Renato, São os três filhos do meu velho amigo Reginaldo Argu-

nan e da minha encantadora amiga Elisabeth Agripina que, apesar dos seus cinquenta e dois anos de idade, não representa mais que trinta e cinco.

ELISABETH Lisongeiro. Quasi trinta tem o meu filho mais velho.

RAUL Que é isso, mãe? Francamente! Você está que é a própria onça. Eu tenho apenas vinte e sete anos e você já diz que eu tenho quasi trinta? Então não vê que vão quasi três anos de diferença? (VALORIZANDO) Três anos?

ELISABETH Pois então, meu filho? E o que são três anos na ampulheta do tempo? Quasi nada.

RAUL Como quasi nada?! Três anos são trinta e seis meses, mil e noventa e cinco dias, vinte e seis mil duzentos e oitenta horas, um milhão quinhentos e setenta e seis mil e oitocentos minutos, noventa e quatro mil...

ROBERTO (CORTE/SORRINDO) Chega, pelo amor de Deus, Raul!.. Você já disse números de sobra para nos convencer que é muito tempo!

RENATO Eu acho graça da preocupação do Raul com a idade que tem. Eu é que não me preocupo com essas bobagens.

RAUL Também, pudera! Teria muita graça que você começasse a ter preocupações com isto desde os vinte anos. Mas quando você chegar perto dos trinta e eu quero ver si você não ficará bem enjodado quando lhe derem mais idade do que você tem.

RENATO Que nada! Eu sei um remédio muito bom para você acabar com essas bobagens.

ROBERTO Será possível que vocês vão continuar discutindo na presença do público? Isso é horrível! Eu estou admirado da senhora, mãe. O público vai pensar, com toda a razão, que eles vivem em casa como cão e gato. //

ELISABETH Não. O público vai nos conhecer melhor, mais adiante, e vai ver que meus filhos são muito bons e muito amigos. O que acontece é que o Renato goste de implicar um pouco com o Raul e este finge dar o cavaco para diverti-lo. Não é mesmo assim como estou dizendo, meu filho?

RAUL Tal qual! Como a senhora nos conhece a fundo, mãe!..

ELISABETH Também... se eu não conhecesse aos meus próprios filhos... a quem mais conheceria? E é justamente por conhecê-los tão bem que eu digo sempre para todo o mundo: meus filhos são três amores!

ROBERTO (SORRINDO) Acaruja.

MIGUEL Bem, vamos continuar a nossa apresentação. Isto é... parece que já apresentei a todos, não é verdade?

ROBERTO Da família, sim, mas creio que haverão outros personagens, não? //

MIGUEL Naturalmente que sim, mas eu não penso apresentar a todos, um por um. Apresentarei, apenas, aqueles que vão ter, na história, um papel importante.

RAUL E a heroína? O senhor não vai apresentar a heroína? Dela, será, com certeza, o papel de maior destaque, não?

MIGUEL Não sei, ainda. Pode ser que sim... e pode ser que não. Elisabeth talvez venha a ter, no caso, um destaque muito maior. Tudo depende.

RENATO Tudo depende de que?

MIGUEL Da situação de cada um.

- ROBERTO Mas o senhor não tem uma ideia preconcebida? ||
- MIGUEL A única ideia que tenho é reunilos, todos, sob o mesmo teto e deixar que que a vontade de cada um encaninhe os fatos ao sabor das suas emoções.
- ELISABETH Não pode ser. Si você nos tira da vida real e se propõe a reconstituir conhecido uma história real, como pode pretender deixar-nos no sabor das nossas emoções? Desse modo cada um seguirá o caminho que lhe aponte o coração e você acabará por não encontrar uma história real que se ajuste à que nós tivemos criado.
- MIGUEL Não se aflija, minha amiga que eu sei o que estou fazendo. Vou contar, para o público ouvinte, a história da família Argem e por esse motivo, exatamente, é que os convidei a desempenhar, cada um, o seu verdadeiro papel.
- RAUL Mas o senhor vai nos fazer viver outra vez os episódios dolorosos da nossa vida?
- MIGUEL Não, não. Isso seria crueldade que eu não teria coragem de fazer com inimigos, si os tivesse, quanto mais com vocês.
- ROBERTO Mas nesse caso a história deixará de ser um retrato fiel da nossa vida.
- RENATO Também penso.
- MIGUEL Nada disso. Vocês estão muito afobados e não me deixam explicar as coisas.
- RAUL Fale, então. Ninguém mais o interromperá.
- MIGUEL Eu pretendo contar a vida de vocês desde que seu pai "se ausentou", digamos assim. Já não haverá, necessidade de serem jogados em cenas sentimentais violentas, tais como a dor, o pranto e a revolta. Somente uma tristonha saudade deverá envolver o seu nome quando ele for invocado. Isso já facilita em muito, parece-me, a tarefa de todos; não é verdade?
- ELISABETH Você se permite um aparte?
- MIGUEL Por que não? Pode falar.
- ELISABETH Quer dizer... não é bem um aparte que eu pretendo dar e sim uma opinião. Eu não vejo em que possa interessar ao público a nossa vida de cinco anos para cá. Foi uma vida pacata e sem grandes momentos desde que nos resignamos a viver sem ele.
- MIGUEL Mas uma história não precisa começar com grandes lances, minha amiga. Do meio para o fim, em geral, é que elas adquirem força e colorido.
- RAUL Mas e quem lhe dirá que depois de contados ao público estes cinco anos que a nós todos parecem tão vazios, o senhor vá encontrar na nossa vida real, lances que sejam capazes de empolgar alguém?
- MIGUEL Numa casa onde há três rapazes e surge uma moça estranha e bonita, não poderá, de alguma forma, deixar de se criar uma situação de amor entre essa mesma moça e pelo menos um dos rapazes da casa.
- ROBERTO Mas quem lhe afirma que essa moça deverá aparecer em nossa casa?
- MIGUEL É que eu já tenho comigo uma carta... (TRANSIÇÃO) Bem, bem, eu não devo precipitar as coisas. Vocês me aturdam com tantas perguntas que eu acabo só batendo os pés pelas mãos.
- RENATO (MEIA VOZ/INTERESSADO) Será que ele tem alguma carta anunciando a vinda de um garoto para a nossa casa?
- ROBERTO (IDEM) Não seria mal se isso acontecesse. ||

- RENATO Mas o diabo é que a gente vai ter que repetir ainda os cinco anos passados para depois a garota entrar em cena.
- RAUL Que é que vocês estão os dois aí a resmungar? Não sabem que cochichar na frente de outras pessoas é falta de educação?
- ELISABETH Sabem e muito bem, porque eu censei de ensinar-lhes.
- ROBERTO Não, mamãe, é o seguinte: Nós estamos achando muito enjoado ter que relatar cinco anos no passado para só depois começarmos a saber o que irá acontecer em nossas vidas.
- ELISABETH Eu já disse mais ou menos ao Miguel, mas ele parece que não se converteu. Como o autor da história é ele, uma vez que acordamos em tomar parte nela, devemos calar e obedecer.
- MIGUEL Não, não, isso também não. Se todos têm opinião contrária à minha, devo eu curvar-me à maioria ou vez de submetê-la à minha vontade. Vocês acham mais interessante que a história comece desde o momento em que a heroína chegou?
- RAUL Eu acho.
- ROBERTO Eu também.
- MIGUEL Ao Renato nem preciso perguntar. Estou vendo o desejo e a curiosidade nos olhos dele. Elisabeth já externou o seu ponto de vista. Portanto... só me resta curvar-me à vontade da maioria. Começaremos a nossa história pela chegada da heroína.
- RAUL Ótimo!
- ROBERTO Splendido! (uma fala atrás da outra, sem qualquer interrupção)
- RENATO Isso é que é falar!
- RAUL Ah, é verdade. Falta ainda um detalhe importante.
- ELISABETH O que, meu filho?
- RAUL O nome do romance ou da história que vamos representar. Isso é importante; não lhes parece?
- ROBERTO Está cleror!
- RENATO Nem se discute,
- ELISABETH Sim, é verdade. A mim também me parece que este é um detalhe importante. Você já tem um nome escolhido, Miguel?
- MIGUEL Tenho, sim e vou revelar-lhes agora. Mas antes, já que os meus planos foram alterados, vou lhe entregar esta minha carta para que você a leia depois sozinho, no silêncio do seu quarto, e resolva, sem a interferência dos seus filhos, a resposta que lhe deverá dar.
- ELISABETH De quem é esta carta? A getra é completamente desconhecida para mim.
- MIGUEL Você verá depois, "quando estiver sozinho no seu quarto" não esqueça.
- ELISABETH Está bem.
- RENATO Como é seu Miguel, o senhor não vai dizer o nome da nossa história?
- MIGUEL Ah, é verdade. Vá? Eu até já ia me esquecendo. O nome que escolhi para a nossa história é o seguinte...
- LOCUTOR TRÊS AMORES... É UM PECADO!...
- CONTROLO/ SUBS MÚSICA DE GRANDE EFEITO E CAI EM 130

F U B L I C I D A D E

CONTROLE TEMA SOBRE A BAIKA

- ELISABETH Mandei chamá-lo, Miguel, para conversarmos a respeito desta carta.
- MIGUEL E eu, que já esperava o seu chamado, tratei de vir, imediatamente.
- ELISABETH É claro, que teria que valerme de você, uma vez que me recomendou tanto que não envolvesse os meus filhos neste assunto.
- MIGUEL E você acha que poderia resolver com eles um assunto desta natureza?
- ELISABETH Meus filhos foram sempre muito ponderados, principalmente os dois mais velhos.
- ELISABETH Bem sei. Ninguém os conhece melhor do que eu, a não ser você. São, em verdade, rapazes excelentes e muito ponderados, mas a verdade é que, nesse caso, eu não posso acreditar que eles deixassem a ponderação falar mais alto do que o seu antigodesejo, infelizmente nunca satisfeito, de terem em casa uma irmã moça com quem eles pudessem repartir a sua ternura e o seu carinho.
- ELISABETH Tem razão, Miguel. Também eu, desta vez, tive as minhas dúvidas a por isso, não podendo resolver o caso sózinha, resolvi apelar mais uma vez para a sua prudência e boa vontade. Que lhe parece que eu deva fazer? Repelir a menina?
- MIGUEL É uma deshumanidade.
- ELISABETH Aceit-a-la?
- MIGUEL É uma temeridade.
- ELISABETH Mas deste modo você me deixa na mesma e angustiante indecisão.
- MIGUEL Eu sei, mas a questão é que não podemos resolver o assunto assim, de uma hora para outra. Temos que ataraxar bem para as consequências de qual quer uma das duas decisões e ver qual, delas, a menos daninha para o seu coração.
- ELISABETH O padre Jacinto me diz num trecho de su carta:
- C/REGR. RUIDO DESDOBRAR PAPEL
- ELISABETH "Só você conhece a verdadeira origem da menina e portanto somente está do sob a sua guarda ele estará livre de muitos males que lhe poderão advir pela falta de uma severa e ininterrupta vigilância. Fique com ela. Faça essa grande caridade em nome de Jesus que Ele não deixará de recompensa-la." (T) Como vê, Ele me põe uma faca sobre o peito.
- MIGUEL Ele foi obrigado a proceder assim. No bilhete que me mandou, pedindo-me para lhe entregar esta carta, Ele me explica que quando foi dar a extrema unção àquela pobre infeliz, ouviu dos seus lábios moribundos o pedido de encaminhar a menina para você.
- ELISABETH Foi pena que ela se tivesse lembrado justamente de mim numa hora dessas.
- MIGUEL Mas eu estou certo de que ela se terá lembrado de você durante toda a sua vida, Elisabeth.
- ELISABETH (DESCONVERSANDO/ENJOADA) Bem, bem... não falemos mais neste assunto. Estamos aqui para resolver se a menina deverá ou não vir para esta casa.
- MIGUEL A minha opinião é que a sua vinda para cá não deixará de ser uma grande arriacada e tenho a impressão de que o padre Jacinto ao lhe transmitir o pedido dela não se lembrou que você tem em casa três rapazes. Como se os viu pequenos, não teve ideia de que eles deveriam ter crescido. Isso às vezes nos acontece quando ficamos mais velhos.

- ELISABETH Bem, mas essas considerações agora já não adiantam mais nada, Miguel. Eu tenho que responder ainda hoje ao padre Jacinto e preciso resolver qualquer coisa sobre a menina.
- MIGUEL Mas se você não me deixa fazer considerações sobre os prós e os contras eu não vejo maneira de chegarmos a qualquer conclusão.
- ELISABETH Eu pensei em mandar vir a menina e botá-la de pensionista num colégio de freiras, mas frequentemente... não sei se esta resolução atenderá ao angustiado espírito que o padre Jacinto me faz. Parece-me que de qualquer forma ela ficará longe da minha vigilância e exposta a perigos maiores e mais frequentes, principalmente se for ardilosa e inteligente como era sua mãe. Encontrará muitas maneiras de iludir a boa fé das freiras, ficando a mercê de outros rapazes cuja educação e sentimentos não nos são dados avaliar.
- MIGUEL (PENSATIVO) Tem razão. O caso, em realidade, é muito e muito delicado.
- ELISABETH Delicadíssimo. Parece-me que, sem dúvida alguma, o mais acertado seria mesmo trazê-la para a minha casa.
- MIGUEL Mas e os seus filhos, Elisabeth? Pense nêles também. Você não pode responder por três rapazes em pleno vigor da mocidade, tendo, diariamente, junto dêles, um palmo de cara honra como dizem todos que a menina tem.
- ELISABETH Os meus filhos não me preocupam tanto, Miguel. Você bem sabe como são bons e como me obedecem. Além disto, eu terei, antes, uma grande conversa com êles. Hei de prepará-los os espíritos de tal forma que êles serão capazes de terminar por receberem a menina de má vontade.
- MIGUEL Você acha que isso será o bastante?
- ELISABETH Espero que seja.
- MIGUEL Você confia demais na sua influência sobre os seus rapazes, Elisabeth.
- (T) Bem, mas enfim... se você acha que esta é a melhor solução para o caso, eu só tenho a lhe dizer que você sempre soube muito bem o que quis como sabe muito bem o que faz. E já que o assunto ficou assim resolvido, eu peço licença para me...
- ELISABETH O quê?! Você já está pensando em ir embora? Não senhor, nada disto. Faço questão que esteja presente à minha fala para os rapazes. (T) Espere um momento que eu vou chamá-los para que venham todos aqui.
- CONTROLE CORTINA MUSICAL DE EFEITO
- ELISABETH ....e agora, que estão sabendo de tudo, eu gostaria de ouvir a opinião de vocês. Fala você, Raul.
- RAUL Mamãe... se a senhora me permitisse... eu gostaria de ser o último a externar o meu ponto de vista.
- ELISABETH Como queira, meu filho. Fala você então, Roberto. Qual é a sua opinião a respeito do assunto?
- ROBERTO Ouça, mamãe: ainda que a presença de uma moça dentro da nossa casa venha nos cercar a liberdade, não me parece que tenhamos o direito de negar abrigo a uma criatura que se encontra completamente desamparada. Acho, por isso, que não podemos, de forma alguma, deixar de recebê-la.
- ELISABETH (DEPOIS DE PAUSA) E você, Renato, o que pensa a respeito?
- RENATO Eu, mamãe? Mas eu estou encantado de poder ter a irmãzinha que sempre desejei.

- RAUL (IRONIA) A irmãozinha, não?
- RENATO (QUEIMADO) A irmãozinha, sim, "velinho". Por que? Você acha que eu não posso ter vontade de ter uma irmã?
- RAUL (CALMO) Não. Acho que você tem todo o direito de ter essa vontade.
- RENATO (AINDA QUEIMADO) Pois então?
- RAUL Mas o que eu duvido, e muito, é que você, si ela for o que dizem, tenha a suficiente força de vontade para deixar de exibir as suas altas qualidades de galã de subúrbio.
- RENATO (GOSANDO) Galã de subúrbio mas sempre levo a melhor. E esse é que é o dódóe.
- RAUL Não seja infantil. Era só o que faltava que eu fôsse sentar despeito pelas suas conquistas. Nem tanto elas valem.
- RENATO Podem não valer para você, mas o caso é...
- ELISABETH (CORRANDO) Bem, bem, vocês já começam a se afastar do terreno das nossas conglutações. Vamos tratar o assunto com a calma e a ponderação que ele merece. Eu quero que você me diga agora, Raul, se você acha que eu devo ou não recolher essa menina que o padre Jacinto deseja entregar-me
- RAUL (PAUSA) Bem, mamãe... em princípio, parece-me que sim, mas por outro lado acho que não podemos deixar de considerar o perigo a que todas nos expomos com a permanência dela dentro desta casa.
- RENATO Mas que perigo bôbo é esse, Raul? Será possível...
- ELISABETH (RAPIDA) Cale-se, Renato. O seu irmão está com a palavra e eu não lhe dou o direito de interrompê-lo.
- RENATO (CAINDO) Desculpe, mamãe.
- ELISABETH Continue, Paul. Você acha então que nos expomos a perigos com essa moça dentro de nossa casa? E que perigos são esses, vamos ver?
- RAUL Os de natureza sentimental que, a meu ver, são os piores de todos. Ela pode, por exemplo, se apaixonar pelo Roberto ou pelo Renato...
- ROBERTO E por que não por você?
- RAUL Eu já sou um homem quasi maduro. Ela não seria tão tola ao ponto de desprezar dois rapazes jovens e bonitos para se dedicar a quem quasi poderia ser seu pai.
- ROBERTO (RINDO) Si ela tem dezesseis anos e você vinte e sete, havia de ser muito falado um pai com onze anos. (RISOS)
- RAUL Bem, isso são maneiras de falar.
- ROBERTO Ou de exagerar.
- RAUL Mas deixe-me continuar as minhas considerações. Acho que assim como ela pode se apaixonar por um de "nós" - já que vocês fazem questão que eu me inclua na conta - também qualquer um de nós está sujeito a se apaixonar por ela. Vamos pensar que um de nos se apaixone e não seja correspondido, o que vice-versa. A senhora já pensou o que seria isso de aprisionamento para todos dentro desta casa?
- ELISABETH O que eu acho é que desde já vocês devem varrer da cabeça essa idéia de que possam se apaixonar por ela. Ela deverá entrar nesta casa como a irmã que vocês sempre desejaram e chegou, afinal. Deve procurar tratá-la com todo o carinho, mas procurar também expulsar, sempre, do pensa-

mento, qualquer outro sentimento que possa desviá-los do caminho apontado. Eu estou disposta a receber essa moça como filha, mas não a admitiria, nunca, como nora; portanto, para salvaguardar a tranquilidade do nosso lar, eu só me sentirei em condições de atender ao angustioso apêlo do padre Jacinto si os meus filhos empenharem suas palavras de honra de que não procurarão desvirtuar os sentimentos com que se propõem a receber essa menina desamparada.

ROBERTO Eu, por mim, não tenho a menor dúvida em empenhar a minha. //

RENATO Eu também não tenho. Posso dá-la desde já.

RAUL E você fará isso sem a menor preocupação de ser obrigado a deixar de ~~cumprir~~ cumpri-la mais tarde?

RENATO Bem, eu acho que até hoje nunca faltei com a minha palavra; não é? Ou faltei?

RAUL Não, não. Até hoje, efetivamente, você nunca faltou.

RENATO Pois então?

RAUL Mas também até hoje nunca a empenhamos em assunto tão serio e aché que nenhum de nós pode empenhá-la com tamanha certeza quando é o coração que decide as paradas do amor. O coração quase sempre nos trói e subjuga.

ROBERTO Pois eu repito que empenho a minha palavra sem qualquer receio, porque penso que só os homens fracos são capazes de se afastar do cumprimento do dever pelas imposições do coração. //

ELISABETH Bravo, meu filho. Gosto de ouvi-lo falar assim. É isto mesmo. O dever deve estar sempre em primeiro lugar e quem guarda esse pensamento como escudo, está apto a reagir, em qualquer tempo, contra as ciladas do amor. (T) (PAUSA) Bem... quer dizer, então, que eu já tenho a minha palavra de honra de dois dos meus filhos. Falta você, Raul. (PAUSA) Que é isto? Você parece que está com medo?

RAUL Estou, realmente, com medo, mas não por mim.

RENATO Ah não, não é por ele. É por nós que ele está com medo, Roberto. Por mim e por você.

RAUL Por Roberto, não. Esse eu sei que será capaz de cumprir um juramento ainda que arrisque, para isso a sua própria vida. É por você somente que eu receio, Renato.

RENATO (QUERENDO EXALTAR-SE) Ora esse, francamente!...Então...

RAUL Espere, por favor. Não se exalte e deixe-me falar. Ouça o que eu vou dizer e depois se defenda, si achar, que eu não tenho razão?

RENATO O que você tem é implicancia comigo.

RAUL Nada disto. Acho você um ótimo garção, de uma simpatia irresistível e um coração de ouro, mas com um temperamento muito arrebatado - e que aliás é muito natural na sua idade - e um pouco teimoso quando se prende a uma ideia. Não duvido nem um pouco da sinceridade da sua palavra de honra neste momento, mas receio - e muito - pelo que você mesmo possa pensar dela amanhã. Eu não estou perseguindo você, não, entenda. Estou justamente procurando resguardar a sua paz e a sua integridade, futura. Procure sentir no âmago a minha intenção para que perca essa ideia de que eu estou sempre implicando com você.



O que você toma como implicancia é apenas cuidado, zelo, carinho. Compreendeu agora? Si você tem certeza de que poderá manter no futuro, a sua palavra de honra sem nenhum sofrimento, pode estar certo de que eu não terei também nenhuma dúvida de empenhar a minha agora mesmo, diante da mãe de vocês.

RENATO (MEIO CONSTRANGIDO E ENVERGONHADO AINDA LEVEMENTE AMUADO) Pode empenhar a sua sem cuidado.

RAUL Está bem. (PAUSA E TOM) Mãe... a senhora pode mandar vir a menina.

ELISABETH Muito bem. Que Jesus nos abençoe para que não tenhamos que chorar, um dia, uma só lágrima de arrependimento. (T) Miguel...

MIGUEL Sim?

ELISABETH Você quer me ajudar a redigir um telegrama para o Padre Jacino?

MIGUEL Como não?

ELISABETH Então venha comigo ao meu gabinete, sim?

CONTROLE CORTINA MUSICAL

RENATO Mãe, eu posso ir com a senhora à estação esperar a tal pequena?

ELISABETH Não, meu filho, você tem sabatina de física amanhã e eu ouvi quando você disse ao Roberto que ainda lhe faltavam repassar dois pontos. O trem está atrasado, como sempre, e eu vou ter que esperar lá muito tempo, com certeza.

RENATO Mas então si a senhora sabe que o trem está atrasado, porque não deixa para ir só na hora que ele vai chegar? Eu levaria a senhora de carro e em quinze minutos nós estaríamos de volta.

ELISABETH E você tem certeza de que esses quinze minutos, não vão fazer falta aos seus estudos?

RENATO Pelo contrario. Um pequeno repouso, depois de uma tarde inteira de estudos faz até bem à cabeça da gente.

ELISABETH Si é realmente assim como você diz... A Luiza telefonou para a estação e foi informada que o trem está com sessenta e cinco minutos de atraso.

RENATO O que equivale dizer que em vez de chegar às 19,30 só chegará às vinte horas e trinta e cinco minutos. Ainda temos, portanto, uma hora e meia na nossa frente.

ELISABETH Mas daqui a pouco eu já mandarei o jardineiro tirar o carro da garagem para que você não perca depois tanto tempo.

RENATO E recomende a ele que examine a gasolina e a água, sim, mãe? Outro dia ele me deixou sair com o radiador completamente seco. Eu andei duas quadras e tive que parar. Fiquei com uma raiva desse cara que nem sei.

ELISABETH Eu já vou dizer a ele que faça tudo isso agora.

CONTROLE CORTINA/RUIDO DE TREM CHEGANDO/NOVA CORTINA

RENATO (PARA LONGE) Mãe, faltam menos de quinze minutos para o trem chegar. Eu já estou aqui no "hall" prontinho à sua espera.

ELISABETH (DO FUNDO) Já vou, meu filho. Estou à procura da minha bolsa que eu não sei onde larguei.

RENATO (PARA LONGE) Não demore muito para não termos depois que correr demais que a senhora não gosta.

C/RELRQ A CIGARRA DE PORTA DE RUA

ELISABETH (DO FUSTO) atende a porta, meu filho, que a Luiza está se ajudando e  
 procurar a bolsa.

RENATO (PARA LONGE) Já vou atender, mãe.

G/ROSCHA RUIDO DE ABRIR PORTA

RENATO Obs!... (PAUSA E TOM) quem é você?

MARIBEL (2º PLANO) Sou a Maribel.

RENATO (ASSOBIA FIU FIU)

MARIBEL Não é aqui que mora a dona Elisabeth Argeman?

RENATO (GRANDE ALFOROÇO) É aqui, sim. Pode entrar, pode entrar. (GEMENDO)  
 Mãe! Ela está aqui, mãe! Ela chegou, Venha só ver, mãe! Venha  
 só ver!

CONTROLE MUSICA FORTE ENCERRA

10 copias

Iolanda

The END!

fo  
ME.

Wilson #  
Roberto #

OPERA ADOR                      CARACTERISTICA MUSICAL DE ABERTURA

LOCUTOR                      No primeiro capitulo desta novela travamos conhecimento com a familia Argemem, composta de dona Elisabeth a mãe e seus tres filhos Paul, Roberto e Renato. Para Elisabeth recebe das mãos de Miguel, velho amigo e conselheiro da familia, uma carta de Padre Jacinto onde o antigo sacerdote apela para os sentimentos de humanidade da distinta senhora, rogando-lhe que faça a caridade de recolher a sua casa uma menina de dezesseis anos, a quem a morte repentina da mãe deixou em extremo abandonada. Dona Elisabeth acede a dar abrigo á menina e quando se preparava para ir a Estação recebê-la...

CONTRA REGRA                      (SIGARRA DA PORTA DE RUA  
ELISABETH                      (DO FUNDO) Atenda a porte, meu filho que a Luiza está se ajudando a procurar a minha bolsa que eu não consigo encontrar..

RENATO                      (PARA LONGE) Já vou estudar, mãe.

RENATO O/REIRA                      RUIDO DE ABRIR PORTA

RENATO                      Oba!... (PAUSA E TOU) Quem é você?

MARIBEL                      (DE FLENO) Sou a Maribel.

RENATO                      (ASSOBIA) fiu-fiu)

MARIBEL                      Não é aqui que mora a dona Elisabeth Argemem?

RENATO                      (GRANDE ALVOROÇO) É aqui, sim. Pode entrar, pode entrar. (gritando) Mãe! Ela está aqui, mãe! Ela chegou! Venha só ver, mãe! Venha só ver, mãe! Venha só ver!... Desça depressa, mãe.

CONTRA REGRA                      PECHA PORTA, PASSOS DESOBR ESCADAS,  
MARIBEL                      (GRACIOSA) Meu Deus, você está fazendo tanto barulho com a minha chegada... Será que eu não estou a sendo esperada?

RENATO                      Estava sim, como não?

ELISABETH                      (VINDO) Já que nos informaram que o trem chefiaria <sup>a Tronada.</sup> ~~em quinze~~ ~~quarenta e cinco, eu saí daqui a dez minutos atrás. Como conseguiu acertar com a casa?~~

MARIBEL                      Eu trazia o endereço que o Padre Jacinto me deu. Quando cheguei na Estação e vi que não tinha ninguém lá minha espera, tomei um taxi e vim (TOU) Como vai a senhora, vai bem?

ELISABETH                      Muito bem, felizmente. E você fez boa viagem?

MARIBEL                      Fiz, sim senhora. Fiquei um pouco de atraso, mas agitei imediatamente e mais correu bem, felizmente. Esse rapaz é seu filho?

ELISABETH                      Não, é o seu irmão. O Renato.

MARIBEL                      Não...



- RENATO É eu encantadíssimo com a minha nova irmãzinha. Sabe que eu não pensei que você fosse assim tão bonita?
- ELISABETH (censura) Que é isso, Renato? Então você não sabe que um rapaz educado não faz elogios assim à queima roupa?
- RENATO Não faz quando se trata de uma pessoa estranha mas afinal..... que mal tem que eu diga isto a uma irmã, se está de se familiarizar?
- elisabeth Em vez de estar aí a dizer bobagens pegue a mala de sua irmã e leve para cima. Ela deve estar afrita para tomar um banho e depois poder coçar alguma coisa; Não é verdade?
- MARIBEL Sim, realmente. Não gostei de almoçar no certo ~~restaurante~~ restaurante de maneiras que preferi não jantar. Fomei apenas um café à tarde.
- ELISABETH Pois então sabe que o Renato lhe mostra o seu quarto e o banheiro enquanto eu vou providenciar no seu quarto.
- MARIBEL Sim senhora, obrigada.
- RENATO Venha, maninha, eu acompanho você.
- OPERADIA CORTINA MUSICAL
- C/REGR. RUÍDO DE LARGAR MALA NO CHÃO.
- RENATO Fui que essa sua mala parece que tem chumbo dentro. Parece como que
- MARIBEL São os meus livros. Desculpe.
- RENATO (DIVERTIDO) Ora essa! Desculpe o que?
- MARIBEL O peso da minha mala.
- RENATO Ah, isso não é nada. Eu me queixo só para fazer assunto. Estou acostumado lá no Clube a levantar sacos de areia de sessenta e oito e levantar por que gosto... Essa sua mala quanto pode ter.....
- C/REGR. RUÍDO DE LEVANTAR E DEPOIS DE UNS MOMENTOS DESPENCAR A MALA NO CHÃO.
- RENATO .....trinta kilos, aí tente. Talvez nem isto.
- MARIBEL Pelo que vejo... Você é um atleta?
- RENATO (ORGULHOSO E FALANDO) Sim. (PAUSA E TOM) Por que? Não lhe agrada em ser atleta?
- MARIBEL Pelo contrário. Agradam-me sim.
- RENATO Maribel, a velha ralhou comigo ainda há pouco mas eu não resisto à tentação de lhe dizer outra vez que não esperava que fosse assim tão bonita, sabe?
- MARIBEL Ora, Renato, tente.
- RENATO Como? No clube não tem nem um garoto que se compare com... Quem dá a que eles escolheram para "Miss

MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL

sorriso" tivesse essa covinha que, você tem.  
 Ah, você assim me deixa encurralada.  
 Por que? Por que? por lhe dizer a verdade?  
 Mas eu não estou acostumada a ouvir essas coisas. Nunca convi-  
 ei com rapazes.  
 Por que?  
 Porque a mãe não deixava. Ela não queria nem que eu namoras-  
 se de longe...  
 Que bobagem...!  
 Pois é, mas ela não queria eu não fazia, não é?  
 Essas coisinhas que a gente faz escondido nem sempre tem mal.  
 você quer saber de uma coisa? A mãe não quer que eu fume e  
 está convencida que eu nunca ponho cigarros na boca pois você  
 sabe que quando eu estou lá no clube eu fume sempre? Ela nem  
 sonha. Mas há mal em que eu fume quando todos fumam? Não vejo  
 N. parece que não há nenhuma razão...

Elisabeth - (de longe) Desça de uma vez, menino. Você não  
 vê que Maribel tem que tomar banho para depois  
 jantar? Si você não desce já eu vou subir.

Renato - (afastando-se) Já vou indo, mãe. Já estou  
 descendo.

Operador - Cortina Musical

MARIBEL  
 ELISABETH  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 CONTRA REGRA  
 RENATO  
 ELISABETH

PASSOS QUE SE AVANÇAM E SOBEM ESCADA, PERDENDO-SE.  
 Não devia ter retardado o jantar por minha culpa, dona Elisa-  
 beth. Desse modo eu me sinto até constrangida.  
 Isso não tem importância. Um dia não custa.  
 Mas com toda a certeza terá causado transtorno à vida dos Ra-  
 passes. Eles não costumam sair depois do jantar?  
 Todas as noites, sempre vão ao cinema ou ao clube ou então  
 saem simplesmente para uma volta nas sacas.  
 Já vê, que, com toda a certeza, eu terei alterado o programa  
 deles.  
 Embora eles tinha compromisso sério  
 PASSOS QUE SE AVANÇAM E SOBEM ESCADA SEM DEPRESSA E DEPOIS VINDO.  
 Fronteiras os dois. A senhora acredita que o Renato  
 está de gravata e sapatos, mãe?  
 Com toda a certeza cansou-se de esperar, recostou-se para um

MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 RENATO  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 RENATO  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 RENATO  
 ELISABETH  
 RENATO  
 CONTRA REGRA  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 MARIBEL  
 ELISABETH  
 CONTRA REGRA  
 RENATO  
 ELISABETH

sorriso<sup>2</sup> tivesse esse covinha que, você tem.  
 Ah, você assim me deixa enebulada.  
 Por que? Por que? por lhe dizer a verdade?  
 Mas eu não estou acostumada a ouvir essas coisas. Nunca convi-  
 ei com rapazes.  
 Por que?  
 Porque a mãe não deixava. Ela não queria nem que eu namoras-  
 se de longe...  
 Que bobagem...!  
 Pois é, mas ela não queria eu não fazia, não é?  
 Uns coisinhas que a gente faz escondido nem sempre tem mal.  
 você quer saber de uma coisa? A mãe não quer que eu fume e  
 está convencida que eu nunca ponho cigarros na boca pois você  
 sabe que quando eu estou lá no clube eu fume sempre? Ela nem  
 sonha. Mas há mal em que eu fume quando todos fumam? Não vejo  
 e, parece que não há mesmo grande mal.  
 A questão é a gente fazer as coisas da maneira que ela não  
 descobre.  
 (De longe) Renato, você ainda está aí em cima?  
 (Assustando-se) Já vou descer, mãe. (TOM) Olhe, o meu quarto  
 é este onde estamos e o quarto de banho é naquela porta.  
 Obrigada.  
 Meu filho, vá dizer aos seus irmãos que nós estamos só a espe-  
 ra deles para mandar sair o jantar.  
 Da preciso ir lá? Eles não sabem que tem que descer?  
 Como o jantar seria retardado hoje, pela chegada de Maribel,  
 eu fiquei de jantar avisá-los quando estivessem na mesa.  
 Está bem.  
 PASSOS QUE SE AFASTAM E SOBEM ESCADA, PERDENDO-SE.  
 Não deviam ter retardado o jantar por minha culpa, dona Elise-  
 beth. Desse modo eu me sinto até constrangida.  
 Isso não tem importância. Um dia não custa.  
 Mas com toda a certeza terá causado transtorno à vida dos ra-  
 pazes. Eles não costumam sair depois do jantar?  
 Todas as noites. sempre vão ao cinema ou ao clube ou então  
 saem simplesmente para uma volta nas ruas.  
 Já vê, que, com toda a certeza, eu terei alterado o programa  
 deles.  
 Nenhum deles tinha compromisso sério.  
 PASSOS QUE SOBEM A ESCADA SEM DEPRESSA E DEPOIS VINDO.  
 Fronteira... os dois. A senhora acredita que o Roberto  
 está... de gravata e sapatos, mãe?  
 Com toda a certeza cansou-se de esperar, recostou-se para um

entra aqui o papagaio

repouse e acabou pegando no sono.

RENATO

Agora está, se pensando outra vez. Dei-lhe um baile que não teve tamanho. Ele ficou chateado.

ELISABETH

(GESSURA DELICADA) Meu filho, por mais que eu lhe fale, você não perde esses termos de giris. Amanhã eu depois está formada e começa, a dizer essas coisas horríveis. Trate de perder isso desde já.

O/REGRA

PASSOS DESCENDO ESCADA E VINDO

ELISABETH

Se você gostasse como isso é desconcertante e como depois entra quem....

RENATO

(CORRANDO, TEM DE PROCA) Olha a pinta d'ele, mãe, até parece que vai a uma festa.

ROBERTO

Bãa noite.

MARIBEL

Bãa noite.

ROBERTO

Eu peço desculpas de ao fim não esperar....

ELISABETH

Essa é Maribel, meu filho.

MARIBEL

Muito prazer.

RENATO

(DEPOIS DE PAUSA) Ué, Roberto, que é isso? Você perdeu a língua? Diga alguma coisa para a senina. Mostre que é um rapaz educado, que diabo!

ROBERTO

(Inseguro) Eu... muito prazer, Roberto.

M ARIBEL

O prazer é meu em conhecer mais um dos meus gentis irmãos. Não sei qual dos dois é mais simpático.

RENATO

Eu, mas não se compare.

MARIBEL

(RINDO) Convencido.

RENATO

Tudo o mundo acha, você não pode deixar de achar também.

MARIBEL

(BRINCANDO) Ah, não isso é que não. Eu posso ter o gosto diferente de todo o mundo, não posso?

RENATO

Pode, mas não tem.

O/REGRA

PASSOS DESCENDO ESCADA E DEPOIS SE APROXIMAM

ELISABETH

Pois a, meu ver aí vem agora o mais simpático de todos os meus filhos.

RENATO

O "Velhinho" GUA, mãe, francamente! Que falta de gosto a sua. Falta de gosto coisa nenhuma. Você é que tem essa mania de querer ser sempre o primeiro em tudo.

ELISABETH

(2º Plano) Bãa noite)

RAUL

(2º Plano) Bãa noite)

MARIBEL

Bãa noite.

RAUL

Dêmorei muito!

ROBERTO

Um pouquinho, sim. Já estamos à sua espera lá na boa pedação.

RAUL

Peço que desculpem, então....

ELISABETH

Essa é a mãe mais velho, Maribel.

RAUL

Raul... em conhecê-la.

ELISABETH

Essa...

- RENATO Foi porque você chegou porque pode ser que assim o Roberto saia a boca. Ele não tem parade de falar.
- RAUL Ele não tem muito de se habitar. Que é que está acontecendo então?
- ROBERTO Debagem de Renato. Ele está me confundindo porque eu que assim não falei.
- RENATO Quasi não falei, não. Você não falou. Por, muito vezes gaguejou só um "na... muito prazer" e nada mais.
- RAUL (SORRINDO) O Roberto é como aqueles meninos que para dizerem alguma coisa a gente tem que perguntar si e rote toda a língua. (Ri)
- RENATO E ainda assim, para mostrar que não, ele se mostra a língua pra gente e continua a não falar. (Ri)
- MARIBEL (GRACIOSA, RINDO) Coitados de Roberto! Garante que você não fala porque eles não lhe dão tempo; não é isto?
- ROBERTO Exatamente.
- RENATO Qual o qual? Ele quando se embasaca com alguma coisa perde logo a voz e fica assim.
- ELISABETH Bem, deixem de tratar o seu irmão e vamos tratar de jantar que estamos todos com fome.
- RAUL Si estamos, eu já sinto o estomago gelado nas costas.
- ELISABETH Vamos, então.
- OPERAÇÃO CORTINA MUSICAL
- ELISABETH Você comeu pouco, Maribel.
- MARIBEL De maneira nenhuma, dona Elisabeth. Comi até muito bom. Si a senhora visse o que eu comi.....
- ELISABETH Pois justamente por saber que você quasi não comeu no almoço foi que achei que deveria ter comido mais agora, mas o que aconteceu é que o cansaço do viagem também às vezes nos tira a disposição. Pode ser que amanhã, quando já esteja mais relaxada, você sinta mais apetite.
- RAUL O Roberto também comeu pouquíssimo; a senhora reparou, não?
- ELISABETH Com toda a certeza, por ter saído do seu horário habitual. Isso se também aconteceu.
- ROBERTO Não, não.
- MARIBEL A culpa foi minha, então.
- ROBERTO (ATRAPALHADO) Não, não... eu não quis dizer isso... eu...
- RENATO (RINDO) Oh!... como ele se atrapalhou todo!....
- ELISABETH Renato não brinque assim. (TOM) Que horas você tomou o almoço? Aquele almoço está certo?
- RAUL Que... tem des para a des.
- ELISABETH Então telefonar ao Miguel ANTES que ele se deite. Você



no de licença um momento, sim?

MARIBEL  
O/REGRA  
MARIBEL Pois não dona Elisabete. Não se preocupe por minha causa. PASSOS DE MULHER QUE SE AFASTAM E SE PERDEM  
Vocês também não se constranjam pela minha presença. Vamos no-  
rar juntos de agora em diante, portanto não poderão fazer veri-  
ficações. Se quiserem sair não se prendam por mim. Você não ia  
ao cinema, Renato?

RENATO É não. Eu nunca saio de noite, não haveria de ser hoje, que  
você está aqui, que escolheria para sair.

MARIBEL É você, Raul? Não tem nenhum compromisso na rua? Não costu-  
ma ir ao Clube todas as noites ou ao Cinema?

RAUL É não. Todas as noites, não. Eu saio de vez em quando, mas  
a maior parte das noites fico em casa. Não sou muito de rua.

RENATO Então qual é dos três que todas as noites sai para o cinema  
ou para o clube nem que seja para dar uma volta? É você, Re-  
nato?

ROBERTO (MUNDO B BRINCANDO) Pois então vamos que passar um cartão na  
dona Elisabete porque ela se faltou mesmo com a verdade. M  
MARIBEL Como assim?

RAUL Que foi que ela disse?

RENATO Que todos os três gostavam de sair a noite e nunca ficavam  
em casa depois de jantar. Ou iam ao Clube, ou iam ao Cinema  
ou então saiam para dar simplesmente uma volta, mas não deixa-  
vam de sair. Vamos o ver, agora: Quem foi que disse a verda-  
de?

RENATO (DEPOIS DE PAUSA) Bem, já que ninguém se acusa, me acuse eu. A  
maneira é que disse a verdade. Todas as noites nós saímos mesmo  
E hoje não saímos só por sua causa. É uma vez que a situação já  
já está esclarecida, vamos tratar de fazer um programa para es-  
te resto de noite. Você não gosta de música?

MARIBEL Adoro!

RENATO Pois então vamos para a sala de espelhos fazer um programa de  
eletro.

OPERADOR CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE DO MEIO

OPERADOR CORTINA MUSICAL

MIGUEL É então? Como vai a minha cara amigo?

ELISABETE Bem, felicemente! Bente-se.

MIGUEL Obrigado (ela e) Ah que esta parte sempre tem que se fazer lei  
brar...  
Vel... de bobagens. Você até que está ótima pe-  
ra a... ten.

MIGUEL

Não digo que não e também não me quero, mas a contradição já não funciona lá muito bem, não. (RIM) Mas e então? Qual foi a sua impressão de, porque? Eu estava longe para conversar pessoalmente com você. Faltava então, mas pela telefone e gente não pode se expandir tanto.

ELISABETH

Sei sempre as maneiras de linha e torna-se perigoso. E claro. E depois eu também desejava que você observasse a menina para me dar a sua impressão primeira. Quero ver se concorda com a minha.

MIGUEL

Eu estou ansiosa para conhecê-la.

ELISABETH

Dagui a-nomente mandarei convidá-la. Primeira desejo conversar um pouco com você.

MIGUEL

Diga-me, então, como foi que os rapazes o receberam?

ELISABETH

BRA, como toda a festa recebe uma moça bonita. Estavam satisfeitos, satisfeitos... Bapte disse a você que nenhuma das três quis sair depois de jantar.

MIGUEL

Não diga!.....

ELISABETH

Viraram olhos na volta dela.

MIGUEL

Não diga?....

ELISABETH

Faram ouvir música na gelada e brigaram todo o tempo pelo lugar mais próximo dela.

MIGUEL

Não diga!.....

ELISABETH

Danzaram.....

MIGUEL

O Raul também?

ELISABETH

Está claro. Era o mais entusiasmado de todos.

MIGUEL

Não diga?....

ELISABETH

O Renato toca violão... cantou... Dançou e tal de Huck and Raul

.....

MIGUEL

Não diga!....

~~ELISABETH~~

~~O Renato toca violão... cantou... Dançou e tal de Huck and Raul~~

~~.....~~

~~MIGUEL~~

~~Não diga!~~

ELISABETH

Se voude sem se arráda.

MIGUEL

É dele que eu tento mais saber, você sabe?

ELISABETH

Pois eu não. Ele é o que menos me preocupa.

MIGUEL

Você tem medo de Raul?

XX

ELISABETH

Também não. Raul é um rapaz perfeitamente equilibrado. Basta saber que não deve fazer um certo partido para ele. Eu estou com medo de Roberto.

MIGUEL

Não diga!

ELISABETH

Diga-me, então, em que estado!

MIGUEL

Hoje a noite... não sei... ele não foi a

primeiro a jurar e a dar a sua palavra de honra de que só procuraria ver na menina uma irmã?

Elisabeth

Foi. E eu não tenho duvida alguma de que ele vai cumprir a sua promessa.

MIGUEL

Mas então, qual a razão de seu medo?

ELISABETH

De que ele venha a sofrer por causa dele e por força do juramento que fez.

MIGUEL

Sim... e juramento não seria, afinal, uma coisa assim tão sagrada... que não houvesse um meio de fugir a ele. Bastaria que você o dispensasse e pronto.

ELISABETH

Mas eu não o dispensarei.

MIGUEL

Não diga!

ELISABETH

Não o dispensarei, repito. Você sabe perfeitamente que eu não posso aceitar uma filha dela como esposa de um dos meus filhos.

MIGUEL

Dem, quer dizer, eu sei que você tem razão em não querer, mas também sei que esse de um grande paixão, digamos... você não haveria de fazer o seu filho infeliz.

ELISABETH

Faria.

MIGUEL

Não diga!...

ELISABETH

Faria, repito. E faria para não permitir que ele o visesse.

MIGUEL

Sim, mas... afinal o que foi que você viu no Roberto, com relação à pequena, que lhe deixou preocupada?

ELISABETH

Ele teve uma emoção tão grande diante da sua beleza que perdeu a voz.

MIGUEL

Não diga!

ELISABETH

E o pior é que não foi uma coisa passageira e que lhe permitiu se depois, reacquirir a serenidade, não. Ele ficou sob aquela impressão e sereno inteiro.

MIGUEL

Não diga.

ELISABETH

Os irmãos chegavam a razer com ele, perguntando-lhe se havia perdido a língua.

MIGUEL

Nessa mãoi... Mas então é conveniente procurar affectá-los por algum tempo, você não acha?

ELISABETH

Por enquanto... parece-me um pouco precipitada essa ideia. Pense que devemos observá-los um pouco mais. Dois dias... Tres dias, quem sabe? E se a coisa continuar no mesmo pé sabe de que me lembrei?

MIGUEL

Diga.

ELISABETH

De você falar com o doutor Agener para que lhe arranje uma fiscalização de serviço que o pronda fora por uns vinte dias. Você acha uma boa ideia?

MIGUEL

Sim, mas voltar com as mesmas ideias, aí você não terá outra opção, resignar-se a uma transferência. Mas isso você não quer.

- ELISABETH Peis af é que você se engana. Para salvar os meus filhos eu faço qualquer sacrificio.
- MIGUEL Isso, minha amiga, isso. Assim é que eu gosto de ver, uma mulher com coragem pelo corpo todo. (RI) Bem, mas vamos ver... mande vir a menina que eu estou exilissimo para conhece-la.
- ELISABETH Sim, Você espere um momento que eu vou dizer a ela que desça.
- OPERADOR CORTINA MUSICAL
- MIGUEL Pô, quem eu, menina, sou uma especie de segunda pai para esses tres rapazes que lhe adotaram ontem como irmão.
- MARIBEL Muito bom. Espere que o seja também para mim, já que não conheci tive a felicidade de conhecer e que foi meu pai, em realidade.
- MIGUEL A minha especialidade é dar conselhos, sabe? Nesta casa, para tudo me eu ven e pedem a minha opinião.
- MARIBEL Ah, sim?
- MIGUEL E tem outra coisa, ainda: sou de inteira e absoluta confiança. e que você me contar confidencialmente... pode ter certeza que eu narro sem dizer.
- MARIBEL E mesmo? (BRINCANDO) O senhor já morreu alguma vez?
- MIGUEL Definitivamente, não, mas... cada dia que passa, a gente morre um pouco.
- MARIBEL E mesmo?!
- MIGUEL Bem... Isso... quando se chegou à idade que eu tenho. Quando se está no crepúsculo da vida.
- ELISABETH Ele fala na velhice de fucire, sabe?
- MARIBEL Era o que eu estava pensando; a senhora acredita?
- ELISABETH E si você soubesse a idade dele, si é que você ficaria verdadeiramente admirada.
- MIGUEL Mas você não vai dizer a minha idade, vai?
- ELISABETH Não, pode estar descansado que eu não digo.
- MARIBEL Mas nem é necessário que ninguém saiba. O senhor está étimo, no seu aspecto de cinquenta ou cinquenta e dois anos, no máximo.
- ELISABETH E o que eu sempre digo a ele e ele me chama de Lisângara. (TOM) Mas você não faça cerimônia com o Miguel que ele é de casa. Vá continuar a arrumar as suas roupas, vá.
- MARIBEL Si o senhor me permite.....
- MIGUEL Como não. Esteja inteiramente à vontade. Não se constranja por minha causa. E não se esqueça de que eu lhe disse, hein?
- MARIBEL O senhor me disse tantas coisas....
- MIGUEL Que eu sou pessoa de inteira confiança e sempre pronto a dar conselhos a quem me pede.
- MARIBEL Não, não pode estar descansado. Muito prazer em conhecê-lo....
- MIGUEL Igualmente a senhora.

MARIBEL: E com licença, não?

MIGUEL: Tem toda. Vá com Deus.

O/REGRA: PASSOS DE MOÇA QUE SE AFASTAM, SOBEM ESCADA E BOMBE.

ELISABETH: (BAIXA, Q. TOU) Qual foi a sua impressão?

MIGUEL: A pior... e a melhor possível.

ELISABETH: Como assim? Não lhe entendo.

MIGUEL: É uma menina verdadeiramente encantadora e gostosa mesmo de-  
 xando-se com a pior impressão possível a respeito dos nossos tor-  
 mentos.

ELISABETH: Você sabe, Miguel, que eu tenho a impressão de que esse sanduí-  
 nho não me dá nenhuma idéia verdadeira?

MIGUEL: Não me pareceu, Elisabeth.

ELISABETH: Bem, Deus-perdita que você é que esteja com a razão, mas a  
 minha impressão sobre a menina é que me tira sempre de pé. Não  
 é, e você não deve pensar assim, porque as exceções existem  
 por aí, nos pontos, desmoronando as regras.

ELISABETH: E, mas você quer que eu lhe diga uma coisa, Miguel? Quando  
 eu estava, quando você se foi Jacinto que me entregasse sua  
 filha, tinha um plano qualquer contra mim.

MIGUEL: Elisabeth,... Na hora de correr?

ELISABETH: Na hora de correr, Miguel. Aquela mulher tinha o coração todo  
 feito de vidro. E você pode estar certo de que não é o ar-  
 rependimento, que despertou nele o seu ideal materialista de  
 manter sua filha para dentro de suas portas!

OPERADOR CARACTERÍSTICA MUSICAL DE INSTRUMENTO

10 OBJETOS VARI

Original de ERICO GRAMER

Capitulo (3º)

RENATO  
M/AURÉLIO.

-----

CONTROLE TEMA FORTE E BAIXA

LOCUTOR Elisabeth Argentan, viuva e mãe de tres filhas homens, recolhe à sua casa, por imposição do destino, uma moça muito graciosa e bonita que ficara subitamente ao desamparo. A menina faz uma grande revolução no espirito dos três rapazes que se mostram encantadíssimos com a sua nova e inesperada irmã. Renato, o filho mais moço de Elisabeth, apesar da promessa que fizera à mãe de olhar a menina apenas como irmã, já no dia seguinte estava esquecido dela e procurando, ardorosamente conquistá-la. Vejamos.

RENATO Pensei que você tivesse saído. Bati no seu quarto você não me atendeu.  
MARIABEL Eu estava lá em baixo com sua mãe, venho chegando agora.

RENATO Estavam de conferência?

MARIABEL Não. Ela pediu que eu descesse para me apresentar a um amigo da família.

RENATO Ah já sei, é o seu Miguel.

MARIABEL Exatamente. Eu gostei tanto dele! Achei-o uma simpatia!

RENATO É uma grande alma, sem duvida. Um pouco chato com as manias de aconselhar a gente, mas no fundo é um excelente conselho.

MARIABEL Ela já me disse que quando eu tiver qualquer assunto que não saiba e quem confiar que posso procurá-lo que ele me dará todos os conselhos necessários, além de que guardará absoluto segredo de que eu lhe contar.

RENATO Ah não, Essa não, Ofélia.

MARIABEL Por que? Você acha que ele conta?

RENATO Acho, não. Tenho certeza absoluta. É só você contar a ele, e momentos depois a velha está sabendo.

MARIABEL (RINDO MUITO) É bôa essa!... Mas então em vez de conselheiro ele vira e espião.

RENATO Claro. Pois é este o papel dele aqui em casa. O seu Miguel tem sido sempre um espião que e não tem junto a nós. Ele vem se insinuando com as conversas dele, vai pescando uma palavrinha aqui, outra acolá, vai juntando as palavras, tirando conclusões e no fim, pinha! Vai contar tudo para a velha.

MARIABEL (DÁ UMA RISADA GOSTOSA E CRISTALINA) Essa é fantástica! Conselheiro e espião!... (DÁ NOVA RISADA)

RENATO (MUDA O TOM PARA GAIAS DEPOIS QUE ELA PARA DE RIR) Mariabel, você sabe que fica maravilhosamente linda, quando exprime os seus olhinhos para rir?

MARIABEL (COQUETE) Você acha?

RENATO Meu Deus! Vai acabar enlouquecendo a todos nós com a sua beleza!  
MARIABEL E você vai me convencer que eu sou o cupido entre a beleza sobre a

RENATO E é mesmo, mas para os meus olhos, você é a beleza ideal.

MARIBEL

Liasongeiro. A quantas você terá dito a mesmo?

RENATO

Pelo contrario, Eu nunca elogiei garota alguma e estou elogiando você nem sei porque. Eu não gosto de fazer elogios. Acho que as garotas ficam muito cheias, e começam logo a fazer pose.

MARIBEL

Nunca fiz isso e acho que nem saber a fazer, mesmo que quizesse.

RENATO

Espero que nunca saiba. É ~~inextinguível~~ horrível uma garota fazendo pose. Mesmo que seja bonita. Eu acho que perde tu do. // Para mim ~~não há~~ não há como a naturalidade, essa naturalidade que você tem. Conquista a gente, Fascina, Enlouquece. // Dá vontade de gente agarrar você, e apertar...apertar...

MARIBEL

(RINDO E BRINCANDO) Que horror!... Você assim me assusta, rapas. E foi bom que me confessasse essas vontades porque, de agora em diante, eu tomarei cuidado para não ficar a sós com você.

RENATO

O que? Será que você vai começar a fugir de mim?

MARIBEL

A fugir, propriamente, não, mas... a me acautelar.

RENATO

Nada disto. Não há necessidade de ter receios comigo, porque eu sou muito obediente. Quer ver? Eu pego a sua mão, e você diz ligeiro...

MARIBEL

(PEQUENO SUSTO) Solte a minha mão.

RENATO

E eu já soltei, viu?

MARIBEL

O que você está me parecendo é um grande escolado.

RENATO

Não, Maribel, não me faça essa injustiça de duvidar de mim. Eu não lhe disse uma só palavra que não fosse sentida. // Eu ~~fiquei~~ fiquei completamente maravilhado com a sua presença.

MARIBEL

(RINDO) Não diga!

RENATO

Desde ontem, que eu não consigo pensar noutra coisa que não seja em você. // Recolhi-me com você no pensamento. // Dormi com você nos meus sonhos. Sai levando você no coração, e duas vezes fui advertido em aula porque não conseguia que as teoremas ou as equações se interpusessem entre nós. // Era você, só você, e sempre você.

MARIBEL

Mas eu não desejo, de maneira alguma, ser um transtorno na sua vida, Renato.

RENATO

Mas quem disse que você é isso?

MARIBEL

Eu que estou sentindo pelo que você me conta.

RENATO

Você é a luz, Maribel, a luz que, desde ontem, ilumina as horas todas da minha vida. // Você tomou de assalto o meu coração, maninha.

MARIBEL

Juro-lhe que não tive essa intenção e por isso espero que me perdoe, sim?

MARIBEL

Não seja tolinha. Perdô-lo de que? Da alegria que você me proporciona com o seu sorriso divino? Da emoção que me sacode todo, quando você me fita com esses olhos que parecem de veludo? (APAIXOADO) Maribel!

MARIBEL

(DELICADA) Nada disso. Solte a minha mão.

RENATO

Que mal tem em que eu a retenha entre as minhas?

MARIBEL

(DELICADA) Solte a minha mão, já disse. Você disse há pouco que era obediente.

RENATO

Pronto, (CHATEADO)

MARIBEL

Agora sim, vamos nos entender perfeitamente à distancia. Não vejo nenhuma necessidade de maiores aproximações.

RENATO

E porque você não gosta de mim, do contrario sentiria a su'alma vibrar inteira, ao contato da minha mão. Quando a gente gosta, quer estar sempre agarradinho.

MARIBEL

Eu gosto de você da mesma maneira como gosto de seus irmãos.

RENATO

Ah, mas eu não quero que você goste de mim assim.

MARIBEL

Mas que é que eu vou fazer? Eu sinto as coisas como sinto.

RENATO

Mas eu hei de fazer com que você sinta diferente. Tanto hei de mostrar que gosto de você, que você há de acabar por se render à evidência dos fatos.

MARIBEL

Quem sabe? Tudo é possível debaixo do céu que nos cobre. (T) Bem, e agora eu peço que você me dê licença que daqui a pouco teremos que descer para o almoço e eu quero mudar de roupa.

RENATO

Você está tão linda assim? Para que mudar?

MARIBEL

Estarei ainda mais linda com o vestido que ... (T/SEVERA) Solte a minha mão, Renato.

RENATO

Pronto, solte. (SAINDO) Até já.

C/RUGRA

PORTA QUE FECHA

MARIBEL

Que horror, o Renato me atrozou tanto com essa conversa que eu nem vou poder terminar a minha arrumação agora. Vou é tratar de mudar o vestido para o almoço.

C/REGRA

BATIDAS MUITO DISCRETAS NA PORTA

MARIBEL

Pronto, aí está ele, outra vez. Eu vou ter que acabar dando uma corrida nesse rapaz.

C/REGRA

TREZ PASSOS DE MOÇA E PORTA QUE ABRE

MARIBEL

(AO TEMPO QUE A PORTA SE ABRE) Que é que você quer outra vez? Não chega... (PAUSA E TRANSIÇÃO) Ah, desculpe. Eu pensei que fosse o Renato. Você...você queria alguma coisa?

ROBERTO

Sim, Maribel, eu...eu queria muito falar com você..

MARIBEL

Pois não, mas... esse conversa...teria que ser agora?

ROBERTO

Si você não estivesse, muita ~~ma~~ ocupada...

MARIBEL

Gostaria de mudar meu vestido para o almoço...Essa conversa não poderia ficar para depois, à noite?

ROBERTO

Seria muito difícil. Estaríamos todos juntos...

MARIBEL

E o que quer me dizer não pode dizer na frente deles?

ROBERTO

(DEPOIS DE PAUSA, BAIXANDO A VOZ ENVERGUEHANDO) Não.

MARIBEL

Pois então falaremos às seis horas. Está bem?

ROBERTO

Onde?

MARIBEL

Pode ser aqui mesmo. Você bate na porta que eu atendo.

ROBERTO

Está bem. Desculpe, então.

MARIBEL

Ora essa, por que me pede desculpas?

ROBERTO

De roubar o seu tempo. Você...você já poderia estar com o seu vestido mudado..

MARIBEL

Eu farei isso em momento. Com licença, então.

ROBERTO

Pois não.

C/REGRA

PORTA QUE ABRE TRÊS PASSOS DE HOMEM QUE VEM DE LONGE

RAUL

Ué, rapaz, que você está fazendo aí parado?



- ROBERTO (COMO QUEM DESPERTA) Han? (ATRAPALHANDO-SE) Não, não, é que eu... eu vinha dizer à Maribel que estávamos quase na hora do almoço, mas...
- RAUL (DEPOIS DE PAUSA) Mas o que?
- ROBERTO Bem... é que... é que não há necessidade de dizer-lhe nada porque a mãe não ainda nem chamou...
- RAUL Pois ~~então~~ venha comigo. De repente a menina abre a porta do quarto e dá com você aí parado. Será capex, até de levar um susto.
- ROBERTO É, sim, vamos.
- RAUL Venha até ao meu quarto, que assim enquanto eu me arrumo nós batemos um papo.
- CONTROLA CORTINA MUSICAL
- RAUL Que é que você tem, Roberto? Eu lhe acho tão diferente?
- ROBERTO Ora essa! Diferente por que?
- RAUL Não sei. É justamente o que eu estou lhe perguntando.
- ROBERTO Não, não é isto. O que é que você acha em mim que eu lhe pareço diferente?
- RAUL Não sei... está assim muito estranho... parece sonâmbulo...
- ROBERTO (CONTENDO-SE) Você não vai pretender que eu tenha ficado assim depois que essa menina veio para a nossa casa, não é?
- RAUL Não sei, Roberto, você sabe que eu não sou nada observador, mas mesmo assim a sua mudança foi tão acentuada que eu consegui notar.
- ROBERTO Eu tenho andado um pouco preocupado com o meu trabalho. Pode ser isso.
- RAUL Pode, mas o que é que há com o seu trabalho. Ele não está correndo bem?
- ROBERTO Muito bem, mas justamente por isso é que me preocupa porque eu tenho trabalho demais.
- RAUL É a ponte que você estava projetando, conseguiu terminar?
- ROBERTO Consegui. O doutor Agenor aprovou inteiramente o meu projeto. Não introduziu a menor modificação.
- RAUL Ótimo. Também eu ando numa aragem de sorte com os meus negócios, sabe. Outro dia pensei que ia ter um prejuízo muito grande com uma mercadoria que importei e que, depois de paga, começou a aparecer na praça por preços muito inferiores aos que nós pagamos. Pois você sabe que quando foi de repente o próprio representante da mercadoria foi me oferecer a compra de todo o meu estoque com uma boa margem de lucro?
- (PAUSA/ BRAMANDO) Roberto...
- ROBERTO (SUSTO) Han? Que foi?
- RAUL Que é isso, rapaz? Eu não estou dizendo que você não anda bem? Estou conversando com você e de repente você se ausenta sem pedir licença, sem nada...
- ROBERTO Desculpe, Raul. É que...
- RAUL Eu sei. É que você falou na ponte e sem querer se transportou para lá, não foi?
- ROBERTO Exatamente.
- ELISABETH (à o PLANO) desçam para o almoço.
- C/REGRA CAMPAINA JÁ EM BAIXO
- RAUL Olhe, a mãe está nos chamando para o almoço.

ROBERTO (ALVOROÇO) Agora eu posso avisar Maribel; não posso ?  
 RAUL Ache que pode, mas de qualquer forma ele deve ter ouvido o sinal. Vamos descer. De passagem você bate na porta dela .

CONTROLE CORTINA MUSICAL

PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ELISABETH Luiza, os repeses já saíram?  
 LUIZA (PRETA VELHA) Acho que saíro, sim, sinhá.  
 ELISABETH Todos?  
 LUIZA Pois isso é que eu não sei. O Kelli e o Renato, eu vi sair, sinhá, o Roberto é que eu não tenho a certeza, não.  
 ELISABETH E Maribel onde está?  
 LUIZA A sinházinha acabou pra cima num faz muito. Disse que ia arrumar as roupas dela que não teve tempo de arrumar inhamte do almoço.  
 ELISABETH Bem, então eu vou levar o Miguel para a saleta de musica e você nos serve lá o nosso cafésinho.  
 LUIZA Sim sinhá. Não demore muito eu já levo ele.  
 ELISABETH Verifique, também, si o Roberto saiu ou não e me diga lá, quando levar o café.  
 LUIZA Sim, sinhá.  
 ELISABETH Vamos, então para a saleta de musica, Miguel.

CONTROLE CORTINA RAPIDA

LUIZA O café táva bõo, sinhá?  
 ELISABETH Para o meu gosto, sim.  
 LUIZA Eu pergunto porque é uma marca nova, a gente não sabe. O sinhá gostô, seu Miguel?  
 MIGUEL A resposta está ali na bandeja. A xícara vazia e um prato de dois cruzeiros para você. Você ainda junta moedinhas?  
 LUIZA (RINDO) Ajunto, sim sinhá, mas não precisava se incomodar, arriessa.  
 MIGUEL Eu estava com ela guardada para você desde a semana passada.  
 ELISABETH Eu nem sabia que ainda houvessem moedas de prata em circulação.  
 MIGUEL Há nada. Esse caiu nas minhas mãos por acaso e eu nem sei como. As que andam em circulação são de aluminio. Leves como o papel.  
 LUIZA A sinhá precisa de mais alguma coisa?  
 ELISABETH Não, Luiza, pode te retirar.  
 LUIZA Entonce com sua licença e muito obrigado, seu Miguel.  
 MIGUEL De nada, Luiza. De nada.  
 C/REGRA PASSOS DE VELHA QUE SE AFASTAM  
 MIGUEL Boa alma a dessa negra.  
 ELISABETH E como tem servido! Aliás, por mim, ela não estaria mais trabalhando mas quando ela se aposentar-la fica numa tristeza tão grande que eu tenho medo de começar e deixá-la continuar.  
 MIGUEL Coitada! Toda a vida, o dia que lhe tirarem o trabalho ela morre mesmo.

- ELISABETH Bem, mas agora que estamos sós e temos a certeza de que os meninos já saíram todos, vamos conversar sobre o assunto que tanto me preocupa. Qual foi a sua impressão? Que observou durante o saioço?
- MIGUEL Elisabeth, eu vou lhe dizer uma coisa que vai lhe deixar estarecida.
- ELISABETH Homem, você me assusta.
- MIGUEL ~~In~~eligente estou vendo que, mais cedo do que eu supunha, as minhas provisões estão se confirmando.
- ELISABETH Como assim? Que quer dizer?
- MIGUEL Que todos os seus tres rapazes estão interessadíssimos pela menina.
- ELISABETH Os três?
- MIGUEL Os três.
- ELISABETH O Raul também? Você acha?
- MIGUEL É o que sabe disfarçar melhor mas deixou-se prender da mesma forma que os outros.
- ELISABETH Eu tenho a impressão que você viu demais.
- MIGUEL Vamos dar tempo ao tempo e depois você me dirá.
- ELISABETH Creio, homem, vá para longe o agouro.
- MIGUEL Não, Elisabeth, eu não estou agourando e Deus permita que esteja completamente enganado e respeito de todos, quanto mais de um.
- ELISABETH Eu continuo no meu ponto de vista: só tenho medo do Roberto. Acho que ele está até com o ar espalermado.
- MIGUEL Está, sim. Você não falou nada com ele?
- ELISABETH O que tinha que dizer já disse a todos os três, na sua presença. Preciso, agora, é ter uma conversa muito séria com ela.
- MIGUEL Precisa, sim e deve fazer isto o quanto antes para não deixar que as coisas tomem vulto. Mas veja lá, hein? Fale com toda a calma e, se possível, trate-a até com carinho. É muito melhor politica do que procurar impor de seide a sua autoridade.
- ELISABETH É justamente a tática que pretendo empregar.
- MIGUEL Pois que não aproveita agora e não sobe ao quarto dela?
- ELISABETH Porque não há necessidade absoluta de que lhe fale agora, neste momento. Quando você sair eu irei lá e conversarei com ela.
- MIGUEL Eu nem posso me demorar muito mais, porque às três horas, fiquei de passar na Alfândega para spanhar um recibo que eu deixei lá com o Epeminondas e que eu preciso dele para conferir a minha escrita que este mês ~~xxxxx~~ está com uma diferença muito complacida.
- ELISABETH Você sempre com as diferenças nas suas escritas.
- MIGUEL Se não fossem elas, que faria eu das minhas horas livres? Sou aposentado tenho que procurar alguma coisa onde empregar meu tempo.
- ELISABETH Bem, lá isso é verdade.
- MIGUEL Pois então? Então você vai me dar licença que eu vou me pôr a caminho e você aproveita que estão só as duas em casa para subir ao quarto dela e conversarem sobre a linha de conduta que ela deverá obrigar-se a manter de ~~xxxxx~~ da sua casa. Vá, vá e seja feliz. Depois você me conta.
- ELISABETH Espere, ~~xxxxx~~ preciso vou acompanhá-lo até a porta. Que diabo de tanta preocupação se vá lontano.
- CONTROLE CONTINUA

- ELISABETH Estava descansando um pouco?
- MARIBEL Não senhora. Tinha terminado agora mesmo de arrumar o guarda roupa e estava pensando o que iria fazer primeiro: si arrumar a prateleira dos livros ou escrever uma carta para uma amiga.
- ELISABETH Então sente-se e vamos conversar antes de tudo. (PAUSA) Você está satisfeita de estar aqui em casa?
- MARIBEL Muito.
- ELISABETH Está disposta a se adaptar ao ritmo da nossa vida?
- MARIBEL Como não? Estou, sim. Eu tenho até a impressão de que já me adaptei.
- ELISABETH Quer ficar conosco, então, não é assim?
- MARIBEL Quero sim. Isto é...desde que não cause nenhum transtorno à sua vida nem à vida dos seus filhos, está claro.
- ELISABETH O transtorno que você possa causar à minha vida não tem a menor importância, mas à vida dos meus filhos, sim. A vida deles eu não quero que sofra o menor transtorno e a menor contrariedade.
- MARIBEL É claro. Também, eu não desejo isso, absolutamente. São três rapazes tão simpáticos e parecem tão bons...
- ELISABETH Não são bons, são ótimos. São especiais. Meus filhos, meninas, são tres amores que enchem meu coração e por eles eu darei a minha própria vida, si for preciso.
- MARIBEL Também...todos eles parecem adorá-la. A gente nem pode saber qual dos tres lhe dispensa maior atenção.
- ELISABETH Vejo que você já observou bem como eles são consigo e como eu sou com eles, não é verdade?
- MARIBEL Observei, sim.
- ELISABETH Você já disse que não deseja causar nenhum transtorno a vida deles; não disse?
- MARIBEL Disse, sim senhora e repito agora que não desejo.
- ELISABETH Perfeitamente. Vejo então que não será difícil nos entendermos. Obrigada.
- MARIBEL Sim, senhora.
- ELISABETH Eu terei muito prazer que você fique morando conosco para toda a vida e estou disposta a lhe proporcionar tudo que você deseje ou aspire, desde que me prometa total e completa obediência no que diz respeito à sua atitude com relação aos meus filhos. Entendeu?
- MARIBEL Desculpe, dona Elisabeth, mas...eu...eu parece que não entendi muito bem o que a senhora quis dizer...
- ELISABETH Procurarei falar bem claramente.
- MARIBEL E eu lhe prometo toda a atenção para que a senhora não seja obrigada a estar repetindo as coisas que diz.
- ELISABETH Vamos ver. Você diz que está muito satisfeita na minha casa e que gostaria de continuar morando sempre conosco.
- MARIBEL Gostarei, sim senhora.
- ELISABETH Eu também estou muito satisfeita com a sua presença em minha casa e ficarei muito feliz si você puder continuar sempre conosco.
- MARIBEL Muito obrigada.
- ELISABETH Mas para não permitir que você tome uma atitude que não permita a nenhum dos meus filhos alimentar qualquer outra esperança que não seja

- a de tê-la simplesmente como irmã ou amigo. Compreendeu agora?
- MARIBEL Compreendi, sim senhora. A senhora quer que eu vá contando, pela raiz, qualquer esperança que eles possam ter de me conquistar para que eu possa vir a ser esposa de qualquer um deles; não é isso?
- ELISABETH Exatamente. Convém esclarecer, no entanto, que não me leva a tomar essa ~~atitude~~ o fato de achar que você não é digna deles. De maneira nenhuma. É que você tendo que morar na nossa casa, não me parece bem que esteja a namorar um ou outro, sujeitando-se, entre outras coisas, a comentários maldosos dos que possam perceber esses namoros.
- MARIBEL Compreendo.
- ELISABETH E não lhe parece que é justa a minha restrição?
- MARIBEL Inseiramente justa, dona Elisabeth.
- ELISABETH Pois folgo imenso em saber que você compreende e aceita as minhas exigências. Esteja bem certa de que, desse modo, poderemos nos entender às maravilhas e que você terá o meu inteiro apoio para tudo mais que possa desejar.
- MARIBEL Muito obrigada.
- ELISABETH Desejo ainda mais um favor de você.
- MARIBEL Diga.
- ELISABETH A menor coisa que, neste sentido, qualquer um dos três possa dizer a você, trate imediatamente de comunicar-me para que possamos tomar providências que impeçam o crescimento do mal.
- MARIBEL Sim senhora.
- ELISABETH Promete-me proceder dessa forma?
- MARIBEL Prometo, sim senhora.
- ELISABETH Pois então estamos entendidas e creio que nenhuma das duas terá do que se arrepender. Quer dar uma volta de auto esta tarde para conhecer a cidade?
- MARIBEL Quero, sim senhora. A senhora me leva?
- ELISABETH Sem dúvida. Eu não lhe disse que terá tudo enquanto for boazinha?
- MARIBEL Disse, sim senhora.
- ELISABETH Pois então trate de aprontar-se que às quatro a mais sairemos.
- MARIBEL Sim senhora. Com licença, dona Elisabeth.
- C/BEORA PASSOS DE MOÇA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM
- ELISABETH (T/SURDO) Eu serei boazinha, enquanto tu fores boazinha e dócil aos meus ensinamentos, mas no dia em que saires na senhora de me fazer frente...nossa dia tá verás com quem te estesi...

CONTROLE TEMA DA NOVELA ENCENRA

12 copias

Iolanda.



*1958*  
*Maria Rosa*

-o-

OPERADOR                    CARACTERISTICA DE ABERTURA

RENATO                    A mãe saiu, Luiza?

LUIZA                    Saiu, meu fio, e Pais tempo, já. //

RENATO                    E a Maribel está lá em cima?

LUIZA                    (NEGATIVA) - Hum-hum. //

RENATO                    Onde é que ela está? Na sala de musica?

LUIZA                    Que sala de musica, nada. Pois ela saiu da sinhá, que bobagem. //

RENATO                    A Maribel saiu com a mãe? E onde é que eles foram, não sabem? -

LUIZA                    Sri lá, só sei que saíro na duas de artonove era cedo ainda. //

RENATO                    De certo a mãe foi leva-la para dar uma volta na cidade. -

   Si eu soubesse que ela iam tinha enforcado a Ultima aula e ti-  
nha vindo mais cedo para ir com elas.

LUIZA                    E com toda a certeza foi por causa disso mesmo que a sua mãe -  
nun lhe disse nada. //

RENATO                    Que guria bacanona, não é Luiza?

LUIZA                    Sei lá si ela é isso que você disse. Eu não sei o que é isso. //

RENATO                    Bacanona, Luiza, a gente diz quando uma guria é assim bonita como  
ela. Simpática, alegre, boa de corpo...

LUIZA                    Ó, ó... vocês inventa cada bobagem que Deus me livre! O não é tu  
te assuegá em vez de tá te arçando pro lado dela. O dona Bete  
nun vai gostá si scubé. //

RENATO                    Tu achas que teria alguma coisa de mal si eu quizesse me casar  
com ela?

LUIZA                    Sei lá! Quem podia achá era a sua mãe, nun só eu. Quem só eu pra  
me admitir nessas coisas? Pra mim, deis que vocês xege filis, o -  
resto tanto faz. //

RENATO                    Dalando serio agora, Luiza: ela é um amor de garota; tu não achas?

LUIZA                    É muito ingraçadinha, sim. //

RENATO                    É o tipo da garota que eu gosto. Mignon, lovesinha... D A vontade  
da gente agarrar no colo e dar uma porção de voltas.

LUIZA                    Ó... ó, já tá dizendo bobagem etra vez. Agora scónde que se viu-se  
garrá as minina no colo a avortá. Vocéis inventa cada coisa. //

G/REGRA  
PASSOS QUE SE APROXIMAM (DE HOMEN)

RENATO                    Ué, rapaz que é isso? Vindo a essa hora pra casa? Que é que vo-  
cês tem? Está doente?

ROBERTO                  Que horas que você pensa que são? Quasi seis.

RENATO                    Mas você nunca vem assim tão cedo para casa. Vai sempre dar uma  
volta no centro.

ROBERTO                  Mas hoje não fui.

RENATO                    Pois é isto, justamente, qe eu estou achando estranho.

ROBERTO                  Não é nada, não. É que eu vou precisar levar uns livros amanhã -  
de manhã para o escritorio, e vim remexer nas estantes porque  
não sei bem onde eles andam.

- LUIZA Qué táhá un copo de leite pra esperá a janta, meu fio? //
- ROBERTO Não, Luísa, obrigado. Eu vou tratar de procurar duma vez esses - livros porque si eles não estiverem em casa eu ainda terei que me lembrar a quem os emprestei.
- C/REGRA PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM
- RENATO Então quer dizer que a namôe foi passear de automovel?
- LUIZA Eu num sei si ela foi passá, ela num me disse nada. Só sei que elas saíró.
- RENATO E estão demorendo a voltar porque já são seis horas.
- LUIZA A janta é quagi às oito, sempre, inhamte das sete ela num vai - vortá. //
- RENATO Então eu v u sair de novo e vou ver si encontro o automovel - por aí.
- LUIZA Vai cum Deusse entonce, meu fio. //
- C/REGRA PASSOS QUE SE APASTAM/PORTA QUE SE ABRE E SE FECHA APASTADA
- LUIZA Esse guri vai dá muito trabalho pra noié pru causa dessa minina. // Pode sé que eu no ingena, E o outro tondem. // Se enganó o cráfico - dele mais a mim ele num me engana. Percurá livro! Pois sim. Só si a nega veia num conhecesse ele. Ele tá que os oito chega e tá vi - drado. Eh faça sene danada esse, raça dehomem! Deus me livre! //
- OPERADOR CORTINA MUSICAL /FUNDE COM AUTONOVE? EM MOVIMENTO QUE FICA EM B
- MARIBEL Já são seis horas, dona Elisabeth. A ora, não acha que seria conve - niente voltarmos para casa?
- ELISABETH Por que? Vocé tem a gum compromisso a essa hora?
- MARIBEL Não senhora... que compromisso poderia eu ter? Simplemente por - que os rapases, ao chegar, hão de gpstar de encontra-la em casa. Eles nunca chegam às seis. Quando vão cedo é lá por volta das - sete. Portanto, temos ainda uma hora inteira para passear. Ou vo - ce não está gostando? Aí então terá diferente.
- MARIBEL Não, não... eu... eu estou gostando até muito, mas é que...
- ELISABETH (DEPOIS DE PAUSA) - diga o que está sentindo, menina..
- MARIBEL É que eu... não posso andar assim muito tempo de automovel que vou ficando com dor de cabeça. É' só por isso.
- ELISABETH Mas então devia ter dito antes, sen na. (PROJETANDO) - Vamos dar - volte pra casa, Rogerio.
- MARIBEL Estamos muito longe?
- ELISABETH Não. Dentro de quinze minutos, no maximo estaremos chegando.
- OPERADOR CORTINA MUSICAL/
- C/REGRA BATIDAS DISCRETAS EM PORTA/MUITO DISCRETAS/MOACYR)
- ROBERTO (CHAMANDO QUASI A MEIA VOZ, COM RECHIO DE SER OUVIDO) - Maribel. (PAUSA) - Maribel. (XINHE(NOVA PAUSA)) - Será que ela não ouviu a - batida?
- S/REGRA NOVAS BATIDAS UM POUCO MAIS ALTAS MAS SEMPRE DISCRETAS
- ROBERTO (UM POUCO MAIS FORTE) - Maribel! Vocé está dormindo?(PAUSA) Maribel, vocé disse que eu voltasse às seis, eu estou aqui.

G/REGRA NOVAS BATIDAS AINDA UM POUCO MAIS PERTES  
ROBERTO Maribel! )PAUSA) - B' impossível que ela não tenha ouvido as batidas. Mesmo que ela estivesse dormindo teria que se acordar. Naturalmente está fingindo que não ouve para esquivar-se de mim. O melhor é deixar. Para que insistir, si ela não quer?

OPERADOR CORTINA MUSICAL RAÍDA

G/REGRA BATIDAS DISCRETAS EM PORTA MAS EM 2º PLANO  
ROBERTO Hum?! Será que é ela? Terá se arrependido por não me abrir a porta?

G/REGRA NOVAS BATIDAS/SEMPRE EM 2º PLANO  
ROBERTO (PROJETANDO) Entre.

G/REGRA PORTA QUE SE ABRE EM SEGUNDO PLANO  
ROBERTO (DECEPÇÃO) - Ah, é voce?... Que é que voce quer? Luiza?

LUIZA (DE SEGUNDO PLANO) - O Rauli num tá aqui com voce, meu tio? ||  
ROBERTO O Rauli?! Mas eu acho que o Rauli ainda nem chegou do serviço.  
LUIZA Como é que hum chega si não intê si falemo. Ele chegou inbante da mee. ||

ROBERTO Antes de mim?! Mas então ele veio muito cedo hoje.  
LUIZA Pôis veio. Eu intê falei isso pre ele. ||

ROBERTO Mas então ele deve estar no quarto.  
LUIZA Num tá, já procurei ele lá, já procurei no quarto do Ringto, e num achei ele em nenhum dos dois ||

ROBERTO E lá em baixo, no gabinete ou na sala de música, não estará?  
LUIZA Ih, lá em baixo eu já campiei por tudo. Eu acho que ele saiu de novo otra vez. ||

ROBERTO B'... si ela não está em parte alguma, só pode ser isto. A não ser que esteja conversando no quarto da... (CORTA, TRANSIÇÃO) - Não, mas isso eu não creio que ele fizesse.  
LUIZA Qui é que ocê tá risungando, aí? ||

ROBERTO Nada, Luiza, nada. De certo é isso mesmo que voce disse. Ele veio em casa e saiu outra vez.  
LUIZA Tá bõ, intão tenho que dá-xá o riado pa diepois. ||

G/REGRA FECHA A PORTA EM SEGUNDO PLANO E FAZ PASSOS SUMINDO POR TRAZ DA PORTA  
ROBERTO (CONJETURA) - si ele veio antes de mim e não se encontra em parte alguma... só pode estar no quarto dela conversando. E foi por isso, com certeza, que ela fingiu não ouvir as minhas batidas. -

OPERADOR CORTINA MUSICAL

PUBLICIDADE

OPERADOR CORTINA MUSICAL

RAUL Uf!... De onde é que vem chegando nessa elegancia toda?  
MARIHEL Foi dar uma volta de automóvel com sua mãe para conhecer a cidade.  
RAUL E gostou?  
MARIHEL Gostei muito. O centro tem muito movimento.



RAUL Onde foi que estiveram?

MARIBEL No Parque...nas lojas da rua principal...na praça do Correio... no Clube...Tomamos chá numa confeitaria muito boa...

RAUL A Gioconda ou a Central?

MARIBEL Não sei,uma muito engraçadinha que o mobiliario é todo verde clarinho.

RAUL É a Gioconda,É a confeitaria mais elegante daqui.

MARIBEL Estava cheia,Tivemos até que esperar u'a mesa.

RAUL Não conheceu nenhum dos rapazes daqui?

MARIBEL Como poderia conhecer si estava na companhia de dona Elisabeth?

RAUL Por isso mesmo.Nós temos tantos amigos,que se dão com a mães. Poderia algum ter se aproximado para cumprimenta-la e a mães, naturalmente,não ia deixar de apresentar-lo a voce.

MARIBEL Mas isso não aconteceu.

RAUL Pois -e.Não aconteceu mas podia ter acontecido.

MARIBEL E voce? Agora que vem chegando?

RAUL Pela segunda vez.

MARIBEL Como pela segunda vez?

RAUL É que eu vim muito cedo.Muito antes das seis horas,mas como não tinha ninguém em casa e eu fiquei sem ter com quem conversar,sohei enjoado e sai de novo.

MARIBEL Pois eu tambem há muito tempo que estava com vontade de voltar para casa,mas sua mãe estava tão feliz em mostrando a cidade que eu não tive coragem de convidá-la.Quando o fiz...já passaven das seis.

RAUL Você...voce deve ter chamado a atenção de todos na confeitaria, não?

MARIBEL Não sei,Nem reparei nisso.Por que?

RAUL Be ,porque...porque não é conhecida na cidade e lugar pequeno - voce sabe como é,aparece uma cara nova,todo o mundo se dá conta Be ,Raul,voce vai me dar licença que eu vou...

MARIBEL O que - há esta querendo despedir-me?Eu com tanta saudade de conversar com voce e voce aflita para se ver livre de mimdepois de cinco minutos de palestra.

MARIBEL Não diga isso,por favor.

RAUL Mas então por que toda essa pressa? Voce vai se preparar para receber alguem?

MARIBEL Que esperança! A quem iria eu receber?Eu simplesmente ia trocar o vestido para o jantar,mais nada.

RAUL Pois então voce tem tempo de sobra.Nós só jantamos às oito e já ainda nem são sete horas...

MARIBEL Está bem,eu fico,então.

RAUL Conte mais alguma coisa do seu passeio.

MARIBEL Eu já lhe contei tudo.

RAUL Não. Você apenas disse por onde andou.

MARIBEL É que mais você quer saber?

RAUL Tudo mais que você fez por aí.

MARIBEL Andei de automóvel, isso já você sabe. Andei nas lojas, isso já -  
você sabe, fui conhecer o mercado...

RAUL Isso você não me tinha dito, vê?

MARIBEL Deixe eu me lembrar mais onde é que estive... no Clube...

RAUL Que tal achou o Clube?

MARIBEL Uma beleza. O salãozinho dos gobelens, então, eu achei um primão.

RAUL É muito bonito, realmente aquele salãozinho. E o salão de fes -  
tas, qual foi a sua impressão?

MARIBEL Magnífica.

RAUL Breve você começará a frequentá-lo e eu quero ter o prazer de -  
dançar lá com você.

MARIBEL (MENTINDO, GRACIOSA) - Eu não sei dançar.

RAUL Depois da demonstração de ontem à noite, você não pode mais di -  
zer isso. Dança muito bem até.

MARIBEL Eu gosto imensamente de dançar. Você também?

RAUL Conforme. Depende muito do par. Com você, por exemplo, eu tenho -  
certeza de que vou gostar imensamente.

MARIBEL Mas então porque não quis experimentar essa sensação ontem de -  
noite na saleta de música?

RAUL Porque ainda estava meio constrangido com você e tive medo de -  
não acertar o passo.

MARIBEL (RINDO) - Que tolice, meu Deus!... Que é que tinha que isso aconte -  
cesse? (CONTINUA RINDO COM VONTADE ATÉ SEGUNDA ORDEM)

O/REGRA PASSOS DE HOMEM SE APROXIMAM E VÃO PASSANDO

ROBERTO (PASSANDO PARA SEGUNDO PLANO) - Boa noite.

MARIBEL (CESSA DE RIR, AUTOMATICAMENTE, COMO QUEM LEVA UM SUSTO) - Roberto..  
Você... você já vai descer?

O/REGRA PARAM OS PASSOS

ROBERTO (SEMPRE EM SEGUNDO PLANO) - Vou. Por que?... Você... você deseja al -  
guma coisa lá de baixo?

MARIBEL Sim, quer dizer...

RAUL Maribel, com licença, quem vai deixá-la agora sem eu. Vou me ar -  
rumar para o jantar. Até já, sim?

MARIBEL Até já, Raul.

O/REGRA PASSOS QUE SE APASTAM

ROBERTO (2º PLANO) - O que é que você queria lá de baixo? Pode dizer? -  
Eu não queria nada. Querida era subir o que você desejava de -  
mim.

ROBERTO (2º PLANO) - Nada.

MARIBEL Nada? Mas você não veio hoje de manhã me procurar para me dizer -  
alguma coisa? Não disse que precisava muito conversar comigo?

ROBERTO (2º PLANO) - Precisava, sim, mas naquela hora. Agora não preciso -  
mais. Com licença, Maribel. Eu preciso descer.

MARIBEL (PROJETANDO) - Roberto, por favor, escute-me.  
ROBERTO (AFASTANDO-SE) Desculpe-me mas não posso agora. Noutra hora qual quer você me fala.  
C/REGRA PASSOS RAPIDOS QUE SE AFASTAM (DE HOMEN)-DEPOIS DESCEN ESCADAS-  
MARIBEL (DEPOIS DE PA SA, TRISTONHA) - Ele está francamente magoado co-  
migo, que pena! Eu não desejava de modo algum magoar Roberto. -  
OPERADOR CORTINA MUSICAL -  
P U B L I C I D A D E ?  
OPERADOR CORTINA MUSICAL  
MARIBEL Eu não desejava de modo algum magoar Roberto mas ele também não tinha o direito de proceder assim comigo. Deveria ouvir as minhas justificações. Afinal eu nao tive culpa de nada. Não podia dizer a mãe dela: - vamos de uma vez para casa que o Roberto está me esperando. Ela ia subir pelas paredes.  
RENATO (DE 3º PLANO/VINDO) - que é isso, Maribel? Está aí parada e fa-  
lendo sosinha? O que é que ha,  
C/REGRA PASSOS DE HOMEN QUE SE APROXIMAM  
MARIBEL Estava aqui pensando que vestido botaria para o jantar,  
RENATO Mas você está esplendida com esse. Para que fazer-se mais linda?  
Quer elouquecer a todos?  
MARIBEL Não gosto de jantar com o mesmo vestido com que andei na ma-  
a tarde toda. Não é uma questão de vaidade, é uma questão de hi-  
giene, está compreendendo?  
RENATO Estou. Mas antes que você troque o vestido eu desejo que você -  
conceda dez minutis de atenção. Bode ser?  
MARIBEL O que é que você quer?  
RENATO Quero aproveitar que estamos sós para lhe dizer uma coisa muito importante.  
MARIBEL E o que é que você tem de tão importante para me dizer?  
RENATO Que você está linda!  
MARIBEL Isso você já me disse.  
RENATO Que este vestido assenta maravilhosamente em você.  
MARIBEL Isso também você está repetindo porque eu já ouvi.  
RENATO E que eu desejo que você me leve serio, porque eu estou seria-  
mente apaixonado por você.  
MARIBEL Como é que você quer que eu leve a serio, Renato, palavras que eu  
estou sentindo que saem apenas dos labios?  
RENATO Como é que você pode afirmar uma coisa dessas, menina?  
MARIBEL Você pensa que eu não conheço? Você me vê assim pequenina, com  
cara de ingenua e crê que por ter apenas dezesseis anos nada  
conheço da vida? Pois engana-se, ouviu? A vida nos maltratou tam-  
to - a mim e à minha mãe - que ela, para que eu pudesse me defen-  
der da maldade dos homens, ensinou-me a maneira de prende-los -  
sem tornar-me escrava deles. Hoje, meu caro, esta quasi criança -  
conhece tanto da vida e dos homens como qualquer mulher madu-  
ra que muito tenha sofrido nas mãos de carrascos horriveis. -

- RENATO (SINCERAMENTE ABOBAIHADO) - Maribel!...Voce me surpreende!  
MARIBEL Vocês é o primeiro.Os outros irão surpreender-se,tambem,comi -  
go.  
RENATO Você deve,realmente,ter sofrido bastante.  
MARIBEL Não tanto por mim,mas por minha mãe,muitissimo.  
RENATO Foi pena,As mulheres bonitas não deviam sofrer.Deviam reinar,  
soberanas,sobre todos os homens.  
MARIBEL Mas já se foi o tempo em que os homens se escravizavam à be -  
lesa da mulher,e restejavam ais seus pés.Hoje este estão mui -  
to astutos e já não se prendem por qualquer palminho de cara.  
A mulher hoje,para prender um homem tem que usar outras armas  
C/REGRA CAMPAINHA DE CHAMADA EM 3º PLANO - LÁ EM BAIXO/MOACYR  
ELISABETH (3º PLANO) - Raul,Renato,Maribel,deçam para o jantar vaizer -  
servido.  
MARIBEL Está ai,viu? Voc e não me dá ixon mudar o vestido,agora não -  
posso fazer sua mãe esperar.  
RENATO Você está maravilhosa assim,não faz mal.Vamos dançar?  
MARIBEL Juntos,não.Deixa voce primeiro,enquanto eu passo um pente -  
nos meus cabelos.  
OPER/DOR CORTINA MUSICAL RAPIDA/FUNDE COM MUSICA DE DANSA QUE FICA EM -  
3º PLANO  
ELISABETH Você tem alguma coisa,meu filho?  
ROBERTO Não,mamãe,não tenho nada,por que?  
ELISABETH Não comeu quasi nada,pode-se mesmo dizer que mal beliscou -  
a comida e agora,enquanto os seus irmãos brincam e se diver -  
tem lá na sala de musica,deixa-se ficar na mesa,com o olhar -  
perdido,como se estivesse sonhando acordado.  
ROBERTO Eu ando um pouco cansado,mamãe.Tenho trabalhado muito,é isto.  
ELISABETH Meu filho,a mim você não engana.Eu lhe conheço tão bem como -  
a mim mesma.E' verdade que você tem trabalhado muito,eu sei,  
mas o trabalho,para voce,jamais seria motivo de depressão. -  
Pelo contrario,voce se anima quando tem muito que andar e que  
fazer.Seu pai era assim,tal qual.E tal como ele,qualquer ar -  
rãozinho de leve na alna,já lhe deixa completamente deprimido  
Vocé não quer me dizer a verdade?  
ROBERTO Não posso,mamãe,porque...  
ELISABETH (DEPOIS DE PAUSA)...porque não tem confiança na sua mãe.  
ROBERTO (VIVO) - Nãoo,mamãe,nao é por isso,juro-lhe.  
ELISABETH Pelo que pode ser então?  
ROBERTO Simplesmente porque...porque eu mesmo desconheço a verdade e -  
ra causa do meu atual estado de alma.  
ELISABETH Você...você des onhece,realmente,eu não quer confessar a si -  
proprio?  
ROBERTO (INDECISÃO) - Desconheço,mamãe.  
ELISABETH Procure analisar calmamente o seu coração e veja si esse tur-

bilhão de sentimentos em que ele se debate não teve origem desde o momento em que Maribel entrou para esta casa.

ROBERTO

A senhora... a senhora está desconfiada que eu tenha me apaixonado por essa menina?

ELISABETH

Não seria a primeira vez que sua rapaz se apaixonada por u'a moça.

ROBERTO

Mas aconteceu, mamãe, que eu lhe dei a minha palavra de honra que jamais olharia essa menina de outra maneira, a não ser como irmã.

ELISABETH

Eu sei. E confio inteiramente na sua palavra de honra. Na sua muito mais que na dos seus irmãos, mas eu lhe pergunto se não teria essa promessa que você me fez sido traida pelos seus sentimentos, meu filho? Isso poderia ter acontecido perfeitamente, independente da sua força e da sua vontade. E neste caso...

ROBERTO

(DEPOIS DE PAUSA) - Nesse caso... que aconteceria?

ELISABETH

Eu trataria de separá-los imediatamente para que o mal não crescesse até ao ponto de se tornar irremediável.

ROBERTO

Não, mamãe. Não há necessidade de separar-nos.

ELISABETH

Você tem certeza absoluta, seu filho?

ROBERTO

Pelo menos, por ora, sim.

ELISABETH

E se você estiver enganado e as minhas suspeitas se confirmarem?

ROBERTO

Eu serei o primeiro a lhe pedir as providências da separação.

ELISABETH

Exatamente?

ROBERTO

Juro, mamãe.

ELISABETH

Muito bem, pois então estamos entendidos. E agora levante-se daí e vá lá para a saleta distrair-se com a música e com a palestra dos seus irmãos.

ROBERTO

Não, mamãe, eu prefiro ir para o meu quarto.

ELISABETH

Você tem a certeza de que não está fugindo, meu filho?

ROBERTO

Tenho, mamãe.

ELISABETH

Por que não vai, então, procurar distrair-se?

ROBERTO

Simplesmente porque entendo que quando a gente está com a alma taciturna, não tem o direito de perturbar a alegria dos outros. Só por isso prefiro recolher-me ao meu quarto.

ELISABETH

Está bem, seu filho, vá então. Faça como melhor lhe aprouver.

ROBERTO

Com licença, então, mamãe. Boa noite.

ELISABETH

(FILHO) - Boa noite, meu filho. Durma bem. Tenha bons sonhos.

ROBERTO

(AFASTANDO) - Obrigado. Igualmente à senhora.

Q/NEGRA

PASSOS QUE SE AFASTAM E SE PERDEM

ELISABETH

Pobre filho! Era este, justamente, o que, de todos, mais me preocupava e justamente ele foi o primeiro a se prender. Vais ter muito que sofrer, meu querido, muito, porque a mamãe jamais poderá permitir que tu acabes nas garras da filha dela!...

OPERADOR

SUBSTITUIÇÃO PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO

*MR CR Moacci*

*fls 3  
Cartei publica  
dado*

OPERADOR CARACTERISTICA DE ABERTURA GAI PARA REG FUNDE COM MUSICA DE

DNBSA

**RAUL** Vamos dançar, Maribel ?

**RENATO** (PROTESTANDO) Mas como ? Que é isto ? Agora sou eu.

**RAUL** Mas foi voce quem dançou o último fêx, mas Renato ?

**RENATO** De ?!... Não sei, Raul, quem dançou foi voce, não fui eu.

**RAUL** Mas como, Renato ?! Você está sofrendo de amnésia. Você acabou de dançar com Maribel agora mesmo. Será que não se lembra mais ?

**RENATO** Não, valhinha, voce não está bom do miêlo. Precisa tomar cafeto para fortalecer essa memoria, está completamente esquecido.

**RAUL** Esquecido, coisa nenhuma. Você é que está querendo me levar na conversa mas eu não sou bob, ouviu ?

**RENATO** E eu é que sou ?

**RAUL** Sei lá o que é que voce é. (T) Vamos dançar, Maribel .

**RENATO** (FORTE) Não sephor, ela vai dançar é comigo.

**RAUL** (FORTE) Comigo.

**RENATO** Maribel, voce vai dançar é comigo, está ouvindo ?

**MARIBEL** Estou ouvindo, sim, Renato, mas não vou dançar com voce.

**RAUL** Bom feito. É comigo que voce vai dançar, não é ?

**MARIBEL** Tambem não. Para acabar com esse discussão toda entre os dois, eu não vou dançar com nenhum, pronto. Fêx estou com vontade de dançar agora. Devo dançar só porque voces querem ? Não mesmo.

**RAUL** De maneira algum. Si voce não quer dançar... Bem mesmo Redemose continuar conversando.

**MARIBEL** Conversando... eu discutindo ?

**RAUL** Você tem razão, realmente. Enquanto o Renato parte não se pode conversar. Ele ~~um tanto mais~~ contraria ~~mais~~ mais tudo e a conversa acaba em discussão.

**RENATO** Ah, sou eu que contrario, é ? Si voce tem uma ideia e eu tenho outra, eu sou obrigado a me curvar ao seu ponto de vista? Não se curvo.

**RAUL** Mas não é disto que se trata. A questão é que voce humilha logo o assunto. Não sabe falar com calma.

**RENATO** Não é nada disto. A questão é que só voce é que quer falar para parecer p. tal aos olhos de Maribel e como eu contrario a sua opinião e tenho bastante libéris para exxstar a garota para o meu lado, voce logo se queima o dia que sou eu que tumultuo a reunião. "Hahaha" Valhinha " voce tem que se convencer que para me ganhar uma precisa suar muito a camisa. Tá ?

**RAUL** Eu não pretendo lhe ganhar nenhuma, Renato. O que pretendo é exigir é que voce não deixe conversar, que diabo ! Você parece que só acha graça em discutir, seu irmão ? Tem o prazer mórbido de derubar os outros com os seus argumentos, ou por outra, não é bom com os seus argumentos que voce deruba, é procurando falar mais alto para abafar os a vos do interlocutor.

RENATO Si eu derrubo os meus interlocutores é uma prova cabal de que eu tenho mais força do que eles. Mais crânio, tá bem ?

RAUL Nada disto. O que voce tem é mais vaidade. Quer tirar os outros da arena por qualquer preço e quando não pode tirar pelo argumento tiro pelo grito.

RENATO (MAIS ALTO) Ora não seja bôbo, velhinho.

RAUL Voce viu, Maribel ? Eu disse uma verdade para a qual ele não tinha contestação e então já começou a gritar.

RENATO (MAIS ALTO AINDA) Que gritar, coisa nenhuma, quem está gritando é voce, deixe de ser bôbo.

RAUL (NOZ NORMAL) Ah, não, meu eu que estou gritando ?

RENATO (FORTE) É voce, sim. Alô voce tem esse costume de fazer as coisas e achar que os outros é que estão fazendo. Mas, amigo, não, ouviu ?

MARIBEL (DEBATA A RIR COM VERDADE E SEGUE RINDO)

RAUL Voce viu ? Até a pequena está achando graça de voce.

RENATO (FORTE) De mim ?

RAUL (NORMAL SEMPRE) De voce, sim. É de voce que ela está rindo.

MARIBEL (FURIOSO) De mim uma historia. Ela está rindo de voce, não seja bôbo.

ELISABETH (EM 1º PLANO) Mas o que é isto ? Que discussão tão violenta é essa ?

RENATO (AINDA FURIOSO E ALTO MAS UM POUCO MAIS CONTROLADO) É o Raul que não tem o que fazer e então fica atusando os outros para se fazer divertir. Pissando os outros do palheiro !

ELISABETH (COMO QUEM CONHECE MUITO BEM OS FILHOS) É o Raul, não é meu filho ? Eu sei que é ele. Alô ora só a voz dele que eu ouvi lá de dentro.

RENATO (QUE NAO COMPREENDEU) Está aí, viu ? E depois ele vem dizer que quem estava gritando era eu.

ELISABETH Não, que esperança ! Eu não ouvi nem uma vez a sua voz.

MARIBEL (DEBATA BR A RIR FOCAMENTE, COM VERDADE)

ELISABETH O que voce precisa é deixar de ser tão impetuoso, sabe meu filho ?

RENATO Quem ? Eu ?

ELISABETH Voce, sim. Eu estava sentado aí no salta ao lado e ouvi todo o assunto de voces.

RENATO Mas não, não fui eu !... Foi o Raul que...

ELISABETH Bem, bem, não vamos continuar discutindo que não vale a pena. Voce está muito exaltado e não vai aceitar nada do que eu lhe disser. Amanhã nós vamos conversar sobre este assunto.

RAUL O Roberto saiu, não é ?

ELISABETH Não. Está sentado lá na sala de jantar lendo um prospecto, parece.

RAUL Por que ele não vem para cá, conosco ?

ELISABETH Ele está um pouco de dor de cabeça. Talvez por isso.

MARIBEL Ah, si ele está com dor de cabeça deve ficar lá mesmo. O ambiente aqui está um tanto quanto carregado e ele com toda a certeza ficará pior..

ROBERTO O Roberto é um fiteiro. Garanto que ele não tem nada. Não vai só

de para ser original. Pre não fazer o que todos estão fazendo. Eu vou lá, digo um negócio pra ele e garanto que ele vem ligezinho; vocês querem ver ?

ELISABETH

Não vá, nada. Deixe o outro lá socogado.

MARIBEL

Vocês me dão licença um momentinho, eu vou lá no meu quarto spanh har um lenço que eu esqueci de trazer quando desci.

RENATO

Si voce quer eu tenho um limpinho aqui.

MARIBEL

Não, obrigada, eu vou buscar o meu.

RENATO

Mas pode usar sem cerimonia, é.

ELISABETH

Meu filho, deixe que ela vá buscar o dela.

MARIBEL

Com licença, sim ? Eu volto lá.

C|REGRA

~~PASSOS QUE SE AFASTAM (DE MULHER MOÇIR)~~

ELISABETH

Meu filho, quando uma moço pede licença para afastar um pouco, a gente não insiste para rete-la. O tempo pode ter sido um pretexto. Vamos dizer que ela esteja com sede e não quero incomodar ninguém...

RENATO

Compreendi, mamãe. Não precisa dizer mais nada.

ELISABETH

Pois. (P/ TOM) Eu vou aproveitar este momento em que ele não está para censurá-los pela discussão que eu estava ouvindo de longe. (AFASTANDO-SE ACS POUCOS) Não é possível que um homem de vinte e sete anos e um rapaz de vinte não compreendam o ridículo que fazem, disputando como duas crianças, na frente de uma menina que se diverte...

OPERADOR

CURTINA RÁPIDA/SEM RÁPIDA

MARIBEL

Dá licença, Roberto ?

ROBERTO

(SECO MAS POLCIDO) Pois não.

MARIBEL

Você...você melhorou ?

ROBERTO

Eu não tenho nada.

MARIBEL

A sua mãe disse que voce estava com muita dor de cabeça.

ROBERTO

Foi a desculpa que dei a ela para que se deixasse aqui neste socogo a não se obrigasse a ir lá para a sala de música.

MARIBEL

Por que ? Você não gosta dos ambientes alegres ?

ROBERTO

Não gosto é de fazer papel ridículo.

MARIBEL

Não estou entendendo o que voce quer dizer.

ROBERTO

Não está mesmo entendendo eu não quero entender ?

MARIBEL

Juro-lhe que não sei o que voce quis dizer.

ROBERTO

Beq, voce vai se dar licença que eu estou na hora de me recolher.

MARIBEL

Ocup, Roberto...

C|REGRA

~~PASSOS DE HOMEN QUE SE AFASTAM E HOMEN~~

MARIBEL

(GRANANDO, MELO AFILTA) Roberto...! Roberto... (P/T) Ah, Senhora! Eu já estou ficando com raiva dessa situação. Ele não me deixa explicar.

~~OPERADOR~~

~~CURTINA RÁPIDA~~

~~OPERADOR~~

~~PASSOS DE MELO~~

OPERADOR

CURTINA MUSICAL

ELISABETH

Vocês hoje não xagã pretendem dormir ? Sabem que horas são ?



RAUL Imagine ! Vinte para a meia noite! Como as horas passaram rápidas!...

MARIBEL Bem, já que a senhora deu o grito, eu vou me recolher. Boa noite.

ELISABETH Essa noite, Durma, bem.

MARIBEL (BEIJO) Obrigada. (T) Raul, Renato... Boa noite pra a vocês.

RENATO Eu vou subir, também.

ELISABETH (RAP DA) Não vai, não. Eu estou com sede e você vai me buscar um o copo d'agua, primeiro.

RENATO (QUE COMPREENDEU) Está bom, em mãe. Eu vou.

MARIBEL Bem, então todos bons sonhos, todos.

ELISABETH Obrigada, você também.

~~PASSOS DE MOÇA QUE SE AFASTAM E SOMEM~~

RAUL Obrigada, boa noite para você, Maribel. (P/T) Mãe, a mamãe pediu que você lhe alcançasse um copo d'agua e você não foi buscá-la ?

RENATO A mamãe não quer agua nenhuma. Ela fez aqui pra eu não subir com a Maribel.

ELISABETH Foi. Eu não quero essas coisa de vocês, a toda hora juntos e subindo juntos, descendo juntos, saindo juntos... Não, não, não, nada disto. A vida aqui em casa tem que continuar da mesma forma que antes. A presença d'essa menina não deve alterar em nada os nossos hábitos anteriores. Si o fizer... a coisa já não está correndo como eu desejo.

RAUL E a senhora sabe que ela tenha fe to qualquer modificação na nossa vida, mamãe ?

ELISABETH Meu Deus ! Na vida de vocês, principalmente.

RENATO Na minha também ?

ELISABETH Na de todos, sem qualquer exceção. Basta dizer que você não saia mais de noite! Acho que depois disto, eu não preciso dizer mais nada.

RAUL Mas mamãe, si isso lhe desagrade, eu, pelo menos...

ELISABETH (CORTE) Meu filho, você me conhece muito bem e sabe que a menor coisa que me desagrade eu chego para vocês e digo logo. Na época que a vida já não está correndo como eu desejo porque já está me parecendo um pouco exagerado esse interesse de vocês por Maribel, eu tenho certeza absoluta - porque conheço muito bem os meus filhos - que basta eles sabermos que as coisas precisam tomar rumo diferente, para que eu não lhes precise dizer mais nada. Está muito bom que vocês conversem e brinquem com eles, como natural. Está muito bom que uns ou outros noite prefiram a companhia dela do que trocar por uns na rua; também é natural. Agora, o que eu não desejo é que isso se torne excessivo, porque então a coisa vai ficar ruim e eu vou ter que tomar uma atitude drástica. E vocês me conhecem bem e sabem perfeitamente que eu costumo fazer o que digo. Não sou capaz de ameaçar para fazer medo e deixar as coisas do mesmo jeito. Sendo necessário eu não tenho dúvidas. Quem vai pagar é a menina porque vai logo de pensionista para um collegio de freiras,

RAUL  
RENATO

Côitada, Você viu, Renato? Ela é que vai pagar.  
Vé engraçado! É pra mim que voce vem dizer? Eu não tenho nada com  
isso. (JA SE ENFEZANDO E FALANDO MAIS ALTO) Eu acho muito

ELISABETH

graça que o Raul vem logo querendo empurrar pra mim as coisas...  
(CORTANDO) Calma, meu filho, calma. Você precisa aprender a conver-  
sar os assuntos e não discuti-los. Pelo minima coisa flico logo to-  
do vermelha a fisionomia já se altera toda e a voz cresce como se  
voce escrevesse numa tribuna fazendo um discurso.

RENATO

(BAIXO) (O POE MAS AINDA EXL ENFEZADO) Não, mãe, é que o Raul tem  
um costume muito engraçado de querer empurrar para os outros a cul-  
pa do que ele fez.

ELISABETH

Está bem, meu filho, está bem. Vá dormir, vá. Você já queria subir a  
tento tempo... pube agora.

RENATO

Está bem, mãe. Boa noite. (BEIJO)

ELISABETH

Bom noite, meu filho. Durma bem.

REGRA

PASSOS DE HOMEN QUE SE APASTAM UM POUCO E PA... AO CHAMADO,

ELISABETH

que é isto, Renato? Você não se vai se despedir do seu irmão?

RAUL

Deixe, mãe, eu não levo a mal.

ELISABETH

Mas eu não quero isto. Deus há de permitir que até a minha morte  
eu possa cantar, dentro desta casa, a mesma harmonia que sempre a  
raísa entre vocês. E si um dia vocês tiverem que se separar por  
qualquer discussão, que ele me leve antes desse dia. (T) Volta, lene-  
to. Peça desculpas ao seu irmão e vá boa noite a ele.

REGRA

ATENDIDO I ... ESPERA UM POUCO ANTES DE VOLTAR SOBRE OS PASSOS

RENATO

(DEPOIS QUE OS PASSOS VOLTARAM) Desculpe, "velhinho".

RAUL

(SORRINDO) Está desculpada, gurizão.

RENATO

Boa noite para voce.

RAUL

Obrigado. Para voce tambem. Tenha bons sonhos.

RENATO

Com licença, mãe.

ELISABETH

Pode ir.

OPERADOR

CORTINA MUSICAL

LOCUTOR

PUBLICIDADE

OPERADOR

CORTINA MUSICAL

DIRETOR

(MARCA DO INICIO DA 2ª PARTE DA PENULTIMA FALA DE ELISABETH)

RAUL

Côitada. Eu não queria que ele pedisse desculpas.

ELISABETH

Eu sei. Conheço de sobra o seu coração, meu filho. Mas era preci-  
so que ele pedisse. Os rapazes, na idade em que ele está, julgam-se  
donos do mundo. Não querem ouvir a menor coisa que lhes contrari-  
e, mas escutam-se com o direito de dizer o que bem entendem e que  
lhes bem lhes parece, de maneiras que, de vez em quando, é necessário  
que se lhes corte as pontas das asas para que eles não voem tão  
alto. Foi o que eu fiz agora.

RAUL

(SOMU/T/T) diga-me, mãe, a senhora está está realmente preocupa-  
da por não não termos ouvido de casa estas duas noites?

ELISABETH

Bem, quer dizer... preocupada, propriamente, eu ainda não estou. Só  
estou achando um pouco exagerado esse interesse de todos vocês em  
estar perto dessa menina.

RAUL

Nas isso é natural, mamãe. A senhora sabe que o home gosta de novidade. Ontem, hoje, amanhã ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ e depois - ou melhor, enquanto ela ainda for novidade - nós teremos esse interesse e procuraremos estar perto dele, mas a senhora vai ver como dentro de uma semana, si tanto, já nós estamos, todos, saindo outra vez todas as noites, como antes da sua vinda.

ELISABETH

Eu espero que sim e por isso mesmo é que não tenho feito a menor objeção, porque me ocorre que quantas mais oportunidades voces tiverem de estarem juntos, mais depressa de se esquecerão.

RAUL

Aborrecer não é bom o termo. Mais depressa nos habituaremos.

ELISABETH

Ou isso. Vem a dar quasi na mesma coisa.

RAUL

E o Renato - que proera se embarcar a menina de todas as formas - vai ser o primeiro a se afastar dela, a senhora vai ver.

ELISABETH

Mas isso eu sei perfeitamente. Nem se preocupe com ele. Procuro apenas controlar os seus excessos...

RAUL

...dando-lhe uma apertadinha nas asas para que não vôle muito alto.

ELISABETH

Isso.

RAUL

Eu tambem não lhe cause apreensão, não é verdade ?

ELISABETH

Lógico. Teria muita graça que depois dos vinte sete anos, voce andasse aí a fazer o papel ridiculo de um gury de desesseis. Voco foi sempre um homem perfeitamente equilibrado, não havia de ser agora que deixaria de ser. (PAUSA GRANDE) O Roberto é que está me preocupando.

RAUL

Ele parece diferente mesmo ; Não é mãe ?

ELISABETH

Restante.

RAUL

Eu tambem notei.

ELISABETH

Eu não tenho o menor receio pelo que ele possa fazer, porque o conheço muito bem e sei que será capaz de morrer antes de falhar á palavra empenhada, mas tenho medo - e muito - pelo que ele possa sentir.

RAUL

A senhora já convereceu com ele ?

ELISABETH

Já.

RAUL

Ele confessou alguma coisa ?

ELISABETH

Não. Jurou-me que não sabe o que tem e prometeu-me que assim que identifique a verdadeira razão do seu estado de espirito que se dará pressa em comunicar-me.

RAUL

Bea, então não há i que temer. Si ele prometeu ele cumpre.

ELISABETH

E... Deus permita que sim. Bem, meu filho, vá dormir, vá. É tarde e voce tem que levantar cedo amanhã.

RAUL

A senhora não vai tambem ?

ELISABETH

Jaqui a pouco mais. Vloq sabe que sempre gostei de ficar meditando no silencio da noite. É o que vou fazer ainda, antes de dormir.

RAUL

Bom, mamãe, então boa noite. (BEIJO)

ELISABETH

Boa noite, meu filho. Durma bem.

RAUL

(AFASTANDO) Obrigado. A senhora tambem.

C|REGRA

PASSOS QUE SE APASTAM E SOMEM ( DE HOMENS)

ELISABETH

(DEPOIS DE PAUSA, PARA SI MESMA, NUM SUSPIRO) É bobagem! Os filhos nos dão preocupação em todas as idades. E quando estudam, é quando crescem, é quando vão as festas e custam a chegar, é quando namoram quando ficam noivas, quando se casam e se tornam pais... Sempre, sempre em todas as ocasiões e em todas as idades, a mãe está suspenso pelo seu proprio coração, suscultando, pedindo, desejando, sofrendo, transigindo e renunciando. O velho Neto é que deixou, registralmente, a personalidade das mães com estas palavras admiráveis: /-Ser mãe é padecer num paraíso. Mãe é ter um mundo e não ter nada!...

LUIZA

(SERGUEIRO PLANO/VOZ DE QUEM NAO QUER ACORDAR (DE QUEM)) Sinhá... tá druzindo sentada?

ELISABETH

Luiza: Você ainda está acordada a estas horas, mãe, criatura!

C|REGRA

PASSOS DE CHINTELOS, ARRASTADOS QUE SE APOIAM

LUIZA

(SUSPIRO) Eu já tive deitada muito tempo, mas não pude dormir me alimentei de nove cêra veis.

ELISABETH

Não pode dormir por que? Você está sentindo alguma coisa?

LUIZA

Não sei, sinhá, eu acho que não tenho nada de doença, não, e o que é que a gente fica pensando tanta bobagem que trazia afugentando o sono.

ELISABETH

Já compreendi tudo, Luiza. Tá também está preocupada, não é?

LUIZA

(COMO QUEM CONSPICUA UMA CULPA) Muito, sinhá, muito.

ELISABETH

Tá viete alguma coisa que não tenha te agradado?

LUIZA

Vi nada, não, sinhá. Não é esse caso. É o caso deles tá tudo durmiado lá em cima e nós aqui em baixo. Não acho isso bom, sinhá, dá culpa. Um dia o diabo atenta e dá a perseguição tá ruim.

ELISABETH

Tá sem razão, Luiza, eu também não gosto disso, mas não estamos dormindo em baixo porque o médico não nos quer nas escadas e aqui no térreo não temos mais nenhum pedaço que pudesse transformar em quarto para eles. E depois, além do quarto, eles precisaria também um banheiro. Não é fácil esquecer.

LUIZA

Mas a sinhora sabe o que vê que eu se lembrei? Eu podia passar a dormir lá em cima, na repouso, que fica mais do lado do quarto deles. Já já não podia dormir mais desconhecida.

ELISABETH

Mas o que as escadas? E as varizes das suas pernas?

LUIZA

Subi umas veis de noite e desci outra veis de manhã, agarrando que não ia fazer tanto mal como dizem de dormir todas as noites por saber que eles tão morto lá em cima.

ELISABETH

Dea, isso é verdade, mas esse ponto tá não deixa de ser a tua razão. Fui lá então, se a sinhora quiser, hoje como eu já leve as minhas suberbas lá em cima e estando lá a qualis o que tem na repouso.

ELISABETH

Está bem, posso fazer isto, mas não ela não os repouso devem saber que estes dormindo lá.

LUIZA

Mas precisa tá modo que a vóia num conta não.

ELISABETH

Está bem, então vai.

OPERADOR

OCORTINA MUSICAL

O|REGRA

BATIDAS DISCRETÍSSIMAS (MOACYR) NUMA PORTA. É TARDE DA NOITE, TÃO  
PARA NOVAS BATIDAS PORTA QUE SE ABRE MUITO DISCRETAMENTE

ROBERTO

(NEM A VOZ) QUEM É ? (TODA ESTA CHEIA DEVE SER FEITA A NEM A VOZ E  
EM TOM NEURODO)

MARIBEL

Sou eu, Roberto, Maribel.

ROBERTO

Você ?... A estas horas da noite ? Que deseja ?

MARIBEL

Eu não queria vir, mas... eu não posso dormir sabendo que você está  
abandonado comigo...

ROBERTO

Eu não lhe disse isto.

MARIBEL

Não disse, mas deixei-me compreender com a sua atitude.

ROBERTO

Você está enganada.

MARIBEL

Roberto, deixe-me explicar o que aconteceu para que não porrnega  
essa situação entre nós. Ele me flige tanto

ROBERTO

Você não precisa explicar. Eu sei de tudo.

MARIBEL

E a obra que eu tive culpa ? Responda.

O|REGRA

EM SEU SALVO ARRABATA SICHHELOS APROXIMANDO

MARIBEL

(SUSCIP SENSUOSO) como que eu... (SUSCIP SENSUOSO) que horror ! Ah venha  
gente.

ROBERTO

Entre depressa. Você não vai ter tempo de voltar para o seu quar-  
to e tempo de não se ser visto.

MARIBEL

Mas Roberto...

ROBERTO

(COMO QUEM FURA) Entre, esteja lhe dizendo. Não há tempo a perder.

O|REGRA

FORÇA A PORTA COM CUIDADO

OPERADOR

OCORTINA MUSICAL PARA O FINAL DO CAPÍTULO

6º CAPÍTULO.

*Sai meu*

TECNICA = CARACTERISTICA DE ABERTURA =

- MARIBEL = Roberto, deixa-me explicar o que aconteceu, para que não permaneça esta situação entre nós. Ele me aflige tanto!
- ROBERTO = Não, Maribel, você não precisa explicar nada porque eu sei de tudo.
- MARIBEL = Mas, si sabe, tem que saber também que eu não tive a culpa; não é verdade?
- C.REGRA = 3º PLANO ARRASTA CHINELOS VINDO =
- MARIBEL = (BREVE PAUSA) Responde, Roberto. Você acha que eu... (TRANSIÇÃO-SUSTO TREMENDO) Que horrer!... Ai vem gente.
- ROBERTO = Entre depressa. Você não vai ter tempo de ver para o seu quarto a tempo de não ser visto.
- MARIBEL = Mas Roberto...
- ROBERTO = (COMO QUE PUXANDO A MENINA) Entre, estou lhe dizendo. Não ha tempo a perder.
- C.REGRA = FECHA A PORTA COM CUIDADO =
- MARIBEL = Que horrer! Si alguém nos visse nesta situação, que pensaria?
- ROBERTO = Pier seria que se encontrassem conversando à porta de meu quarto nesta hora da noite.
- MARIBEL = Sim...sim...ninguém compreenderia...
- C.REGRA = BATIDAS LEVES NA PORTA A DOIS PASSOS DO MICRO =
- MARIBEL = (SUSTO TREMENDO) Meu Deus!... E agora?...
- ROBERTO = Que é que eu faço?
- MARIBEL = Você não pede abrir. Vai ficar horrível para mim!
- ROBERTO = Se tornarem a bater, talvez seja conveniente que eu atenda, não lhe parece?
- MARIBEL = Não sei Roberto, eu estou tão nervosa!
- ROBERTO = Vámas, acalme-se. O nervosismo só pode lhe prejudicar.
- C.REGRA = NOVAS BATIDAS COMO ANTERIORMENTE =
- MARIBEL = (QUASE GORANDO) E agora? Que faremos, Roberto?
- ROBERTO = Entre para o fundo do quarto e esconda-se no canto de lá, entre a janela e o guarda roupa.
- C.REGRA = NOVAS BATIDAS IDEM =
- ROBERTO = Vámas, não perca tempo. Eu não posso demorar mais em abrir a porta.
- MARIBEL = (2º PLANO) Aqui?
- ROBERTO = Isso. Fique si até que eu lhe mande sair.
- C.REGRA = PORTA QUE ABRE SEM ALGABARRA, NATURALMENTE =
- ROBERTO = Han? Que é que você quer?
- RENATO = Estou com vontade de fumar e não tenho cigarros. Você pede me ceder um dos seus?
- ROBERTO = Eu não tenho, Renato. Casualmente também fiquei sem cigarros.
- RENATO = Isso é um buraco. Eu vou acabar por não dormir toda a noite.

- ROBERTO = Se houvesse um bar aqui por parte onde nós pudéssemos ir nunca-lem.
- RENATO = Você teria coragem de sair a esta hora para ir procurar cigarros?
- ROBERTO = Sezinhe acharia enjoado, mas se fôssemos eu deixo a gente se distraia com a conversa e nem se dava conta.
- RENATO = Prefere conversar aqui com você. Pôsse entrar?
- ROBERTO = Como?... Você... você pretende entrar para ficar conversando aqui no meu quarto?
- RENATO = Só um becaide, para distrair a ideia de cigarro. Lege em seguida eu irei dormir.
- ROBERTO = Não, Renato, desculpe mas eu estou com muito sono e se começa a conversar com você acaba não dormindo. Com licença, sim?
- RENATO = Espere aí, Roberto, que é isso? Então você vai fechar a porta na minha cara, antes que eu tenha me despedido de você?
- ROBERTO = Ora, Renato, não sabe. Eu já disse que estou com sono, não vou estar fazendo cerimônias com você.
- RENATO = Você está se furtando a me deixar entrar...?
- LUIZA = (2º PLANO VOZ ABAFADA BEM AUDIVEL) Que é isso?
- RENATO = (SUSC) Ué! É você, Luiza? Que susto!
- LUIZA = (VINDO) Que é que tá acontecendo aqui que os meu fio tão tudo acordado a essa hora da noite?
- RENATO = Nada, Luiza, é que eu fiquei sem cigarros e vim pedir um ao Roberto.
- LUIZA = Adonde que se viu tá fumando a essa hora? Vai drumi que é mió. Amãnhã sunceis tem que alivantá cedo pro trabalho, anda.
- ROBERTO = Era justamente o que eu estava dizendo a ele. É, vou dormir, sim, que já é tarde.
- LUIZA = Fecha a porta, meu fio, fecha.
- C. REGRA = PORTA QUE FECHA DISCRETAMENTE = RUIDO DE CHAVES =
- LUIZA = E tú vem drumi, Renato, anda, sinã aminhá eu vê disê pra tua mãe que tu andava que nem arma penada no meio da casa no escuro da nuit
- RENATO = Está bem, Luiz, não precisa brigar que eu já vou dormir, mas antes eu quero te fazer uma pergunta. Estás encarregado de peliciar o quarto agora, é?
- LUIZA = Tô. Pru quê? Pur nesse num gestô?
- RENATO = Não, pra mim tante faz, mas o que te recomendo é que abra bem as alhas para que não te sabulhem.
- LUIZA = Hum-hum. Venceis percias nascê de novo eitra vez, mádo pudê me inganá, tá euvinde? Quando venceis veio eu já tava aqui. E anda dum veis, vai drumi e dexe de conveles fiada.
- RENATO = Está bem, eu vou, mas ei o comandante da guarda noturna precisar de refôrço é só apitar que eu atende.
- LUIZA = Sái, sái... Vai tratá de drumi, é o que é.
- C. REGRA = PASSOS LEVES QUE SE AFASTAM = PORTA LONGE ABRE E FECHA =
- LUIZA = Óis que esse minino dá trabalho pra gente! Virge H. Benhará! Disê que veio procurá cigarro. Veio nada. Eles anda é rondando a porta da etra. Hemo é biche munte dislavado. Deus que me perdêe

- LUIZA = (CONTINUANDO) Tá bom, deixa eu ir drumi também que amanhã é dia de serviço e eu preciso adiscansá um buçado, sinão...
- C. REGRA = CHINELLOS AFASTANDO-SE DISCRETAMENTE E SOMEM =
- OPERADOR = TECNICA CORTINA BEM RAPIDA =
- ROBERTO = (TOM SEGREDO MEIA VOZ) Ela já foi embora, mas convem que você não sáia ainda.
- MARIBEL = Também acho. O recurso é ~~esperar~~ o tempo que fôr preciso para sair sem que ninguém me veja.
- ROBERTO = Você acha que o Renato desconfiou de alguma coisa?
- MARIBEL = Parece-lhe?
- ROBERTO = Não sei si é impressão minha, mas a verdade é que achei muito extranha aquela insistencia dele em entrar no quarto, a esta hora da noite. Ele nunca fez isso...
- MARIBEL = Se ele nos viu, com toda a certeza irá contar á sua mãe, amanhã?
- ROBERTO = Isso eu não acredito que ele faça, mas si tal aconteceu, estou certo de que ele irá aborrecer hastante você.
- MARIBEL = Desde que ele não conte nada á sua mãe, com ele eu tenho certeza que me entenderei.
- ROBERTO = Acredite piamente. Já percebi que você, apesar da sua pouca idade, sabe manobrar muito bem com os homens e amansá-los.
- MARIBEL = Os homens não aprendem luta livre, capoeira e outras coisas para se defender? Pois nós mulheres aprendemos a nos defender dos homens com as armas que temos.
- ROBERTO = Armas que - diga-se de passagem - não primam lá muito pela lealdade.
- MARIBEL = Bem, não vamos discutir agora o que não interessa. Vamos aproveitar o tempo em que eu sou obrigada a permanecer aqui, para acabar com esse mal entendido entre nós.
- ROBERTO = Qual o interesse que você tem nisso, afinal?
- MARIBEL = (GATINHA MELOSA) Você ainda não compreendeu? Ainda não sentiu que eu gosto de você, Roberto?
- ROBERTO = Não acredito.
- MARIBEL = Porque você não me olha, porque deevia os seus olhos dos meus? Você ficou ~~engado~~ porque combinou de conversar comigo ás mais horas e eu não pude estar aqui na hora aprasada, mas posso jurar a você, Roberto, que eu estava aflitissima, mas que eu se tratam-



- MARIBEL = (CONTINUANDO) do da sua mãe eu não podia fazer nada.
- ROBERTO = Não foi isso o que me aborreceu.
- MARIBEL = O que foi então? Diga?
- ROBERTO = Você jura que...(TRANSIÇÃO)...não, não. Não vamos falar neste assunto.
- MARIBEL = Vamos falar sim, Roberto, não faço questão. Qual é a dúvida que você tem a meus respeito? Diga?
- ROBERTO = Não, Maribel. O melhor é eu não dizer.
- MARIBEL = Mas eu quero que você diga.
- ROBERTO = Responda apenas uma coisa: depois que você saiu da rua, que fez?
- MARIBEL = Nada. Alias, não tive tempo de fazer nada. Não tive tempo de mudar o vestido. Primeiro foi Raul e depois Renato que se pararam à porta do meu quarto conversando até que você passou e não me quis ouvir, lembra-se?
- ROBERTO = Mas..então...você não estava no seu quarto antes?
- MARIBEL = Absolutamente. Nós chegamos da rua às seis e meia passadas. (PAUSA-TOM) Mas por que você me pergunta tudo isto?
- ROBERTO = Quer mesmo saber?
- MARIBEL = Se estou lhe perguntando...
- ROBERTO = Porque sinto ciúmes de você.
- MARIBEL = (ENCANTADA) E mesmo, Roberto?... Você sente ciúmes de mim?...
- ROBERTO = Sinto.
- MARIBEL = Mas então...você gosta de mim de verdade?
- ROBERTO = Gosto sim, mas...desgraçadamente...
- MARIBEL = Desgraçadamente...
- ROBERTO = ...minha mãe não concordará com o nosso amor.
- MARIBEL = Que importa? Enquanto for possível nós esconderemos dela e de todos... Depois...
- ROBERTO = Depois...
- MARIBEL = Lutaremos com todas as armas para salva-lo.
- ROBERTO = Vejo que você é valorosa e não se intimida diante dos obstáculos da vida.
- MARIBEL = É o meu amor por você que me dá essa força, querida.
- ROBERTO = Meu amor...minha gatinha...(PAUSA LONGA DE BEIJO-ARFAR CORAÇÕES)

- MARIBEL = Deixe-me ir agora.
- ROBERTO = Espere. Deixe-me beijá-la uma vez mais. (NOVA PASSA-NOVO BEIJO)
- MARIBEL = Querido!
- ROBERTO = Pronto. ~~Agora vá-se.~~
- MARIBEL = Adeus, meu amor, boa noite e sonhe comigo.
- ROBERTO = Espere, deixe-me espiar se está tudo em ordem lá fora.
- C. RINGHA = RUÍDO DE PORTA QUE ABRE = COM VAGAR E OLHANDO = CHAVES =
- ROBERTO = (SEGREDANDO) Pode sair. Se escutar qualquer ruído corra ao banheiro.
- MARIBEL = (IDEM) Boa noite, amor.
- TECHIGA = CORTINA MUSICAL =
- ELIZAB = Olá, Miguel! Quem é vivo sempre aparece! Parece até mentira que você passa uma semana inteira sem aparecer e não procurar se a gente está viva ou está morta.
- MIGUEL = Eu sabia que estava tudo bem.
- ELIZAB = Sabia, como? Se não apareceu e nem telefonou?
- MIGUEL = Você não mandou me chamar, era o sinal mais certo de que tudo estava andando bem.
- ELIZAB = Ou pelo menos aparentemente bem, não é assim?
- MIGUEL = Por que você diz isso? Será que no fundo as coisas não estão boas como parece?
- ELIZAB = Bom, quer dizer...as águas estão bem claras...bem transparentes...mas eu tenho a impressão de que há muita poeira acumulada no fundo e que se jogarmos coisa dentro da água ela ficará completamente toldada.
- MIGUEL = Isso é má, minha amiga. Obriga-nos a uma expectativa que muitas vezes nos angustia.
- ELIZAB = Quando será que as mães deixam de viver angustiadas por causa dos filhos? Nem mesmo nas horas de maior alegria elas podem pensar no amanhã com o coração decaído. Há sempre no futuro, para todas as mães, uma alvorada de sombra e de incerteza. É o temor consequente de um amor sem limites.
- MIGUEL = Isso é mesmo verdade. Já minha velha mãe, pobresinha, dizia a mesma coisa. Sempre me lembro que nos dias aborrecidos quando ela ficava acordada até tarde à nossa espera. Reclamávamos que

- MIGUEL = (CONTINUANDO) ela nos tolhia a liberdade daquela maneira e ela então retrucava: " Que vou fazer? Não posso d'itar a fecho os olhos para dormir, -sinão depois que fecho a porta sabendo q. e todos os meus filhos estão dentro de casa". + Resultado: quando tínhamos alguma ~~feira~~, vínhamos cedo par: casa, deitavamos e depois que ela estava dormindo novamente fugíamos para a rua. (RI) Bons tempos aqueles, dona Elizabeth! Bons tempos aqueles!... (T) Mas, afinal, como é que não se portande as repases?
- ELIZABETH = Tal como eu já lhe disse: aparentemente bem, mas a impressão que eu tenho é que estão todos ~~então~~ ~~idos~~ por Maribel.
- MIGUEL = E ela? Como vai se portande?
- ELIZABETH = Diante de mim, muito bem, agora...quando está ausente, não sei.
- MIGUEL = Não será a sua velha prevenção contra a mãe que está se refletindo na filha?
- ELIZABETH = Póde ser...eu não digo que não...mas o que lhe afianço é que tenho procurado ser muito justa e trata-la da mesma maneira que trato os meus filhos. Não com o mesmo carinho, está claro, mas afianço-lhe que com a maior urbanidade.
- MIGUEL = Ela me pareceu simpática e boazinha. Gostei dela de verdade, não você sabe?
- ELIZABETH = Eu também gosto, póde acreditar.
- MIGUEL = Tem uns olhos muito candidos...muito puras...
- ELIZABETH = E Deus permita que eles sejam mesm de verdade: A outra...parecia tudo isto e você viu o que foi.
- MIGUEL = Ela não está aí? Gostaria de conversar um pouco com ela.
- ELIZABETH = Ele saiu para visitar a primeira amiga que lhe arranjamos. Você se lembra da Martinha Ferrantes, filha da Hermengarda, aquela manha amiga de infancia?
- MIGUEL = Lembra-me, sim, como não? É aquela menina de olhos claros que gosta do Roberto, não é isto?
- ELIZABETH = Exatamente. Pois eu pedi á Martinha que a convidasse, justamente para apresenta-la a outras moças e repases afim de que ela não fique só convivendo com os meus em casa.
- MIGUEL = É bom...é bom...

- ELIZABETH = Pode ser que tenhamos a sorte dela se agradar de algum lá fora e aí tudo será mais fácil para nós.
- MIGUEL = Vamos a ver o que nos contará, quando voltar.
- ELIZABETH = Com certeza ela só virá para o jantar, mas você fica para jantar conosco. Não é verdade?
- MIGUEL = Se você me convidar...
- ELIZABETH = E o que é que eu estou fazendo?
- MIGUEL = Você está me perguntando se eu fico.
- ELIZABETH = E não é a mesma coisa?
- MIGUEL = Não senhora.
- ELIZABETH = Ora, não seja bôbo.
- MIGUEL = Não é a mesma coisa, não senhora. Perguntar si eu fico é uma coisa e convidar é outra muito diferente.
- ELIZABETH = Mas si eu lhe pergunto é porque estou querendo que você fique.
- MIGUEL = Mas eu não posso adivinhar.
- ELIZABETH = Você está se fazendo de rogado, sabe?
- MIGUEL = Nada disso. Você é que não está querendo dar o braço a torcer.
- ELIZABETH = Que mulhersinha orgulhosa. Nessa Senhora!...
- ELIZABETH = Eu vou mandar imprimir um cartão de pergaminho com letras douradas, convidando o nobre fidalgo senhor dos Miguel para jantar em nossa casa, hoje. Será que ele aceita?
- MIGUEL = Se não constar de seu carnet nenhum outro compromisso mais importante eu acredito que ele aceite.
- ELIZABETH = Palavra de honra que si não fossem as suas "voltinhas", Miguel, você seria um homem completo. Essas bobagensinhas sem importância é que lhe prejudicam às vezes.
- MIGUEL = Que é que eu vou fazer, minha amiga? Sou assim. Nasci assim com essas voltinhas, não há de ser agora, depois de velho que possa pensar em perdê-las. As qualidades e os defeitos que me acompanharam até agora, irão para a tumba comigo, si Deus quiser.
- ELIZABETH = É... você não deixa de ter suas razões. Cada qual como Deus fez e após compete aceitar as criaturas como elas são e não como desejariamos que fossem. Quer dizer então que estamos entendidos? Você fica para jantar conosco?
- MIGUEL = Você me convidou, afinal?

ELIZABETH = Claro que convidei, não amole.  
MIGUEL = Pois então pronto, não se fala mais no assunto. Si você convidou eu fico.  
ELIZABETH = E eu vou avisar á Luisa para que faça as panquecas de banana que você tanto gosta.  
MIGUEL = Ótimo! Ótimo!... Assia é que eu gosto. Convide-me, mas me trate bem.

TECHICA = CORTINA MUSICAL =

= FELICIDADE =

TECHICA = CORTINA MUSICAL =

C. REGINA = DISCRETÍSSIMOS PUIDOS DE APOS JANTAR.  
ELIZABETH = Assita mais um cafetinho, Miguel?  
MIGUEL = Não, não. Obrigado. Eu jantei regiamen.  
ELIZABETH = E você, Maribel; não quer mais nada?  
MARIBEL = Não senhora, obrigada!  
ERNATO = Você já não pôde dizer como o seu Miguel que jantou regiamen porque não comeu quasi nada.  
MARIBEL = Tomei chá muito tarde e, além disso, comi duas vezes torta de morangos com nata batida, que eu adoro...  
MIGUEL = E como se foi de reunião? Conte alguma coisa para a gente. Você só diz "bem" "bem" "bem" e não conta nada, a gente não fica sabendo.  
MARIBEL = A reunião esteve ótima.  
ELIZABETH = E sobre os rapazes e as moças que lá estavam, quais foram as suas impressões?  
MARIBEL = Ótimas. Achei todos muito simpáticos.  
ROBERTO = Quais os rapazes que estavam?  
MARIBEL = Poucos. Um moreno alto, chamado Dilermando.  
ERNATO = Eu conheço o Dilermando. É um pilantra!  
ELIZABETH = (CENSURA) Renato!  
ERNATO = É é um pilantra mesmo, mamãe! Si eu digo é porque conheço!  
ELIZABETH = Cale a boca! Deixe a Maribel falar. Quem mais estava? Diga.  
MARIBEL = Estava também um lourinho, muito simpático, muito conversador.  
RAUL = Já sei. O Hóbraga.  
MARIBEL = Exatamente. Eu estava querendo me lembrar do nome dele. É esse mesmo.  
RAUL = Esse quem conhece sou eu.  
MARIBEL = Porque? Não é bom rapaz?  
RAUL = Mais ou menos. Não vale grande coisa como caracter.  
MARIBEL = Na simpático ele o é bastante.  
PAUL = Não disse, mas isso é outra coisa.  
MIGUEL = E, quem mais estava, minha filha? Diga?  
MARIBEL = Tinha também um acadêmico de medicina Volney ou Rolney...  
ROBERTO = Chá... Que bom biscoito foram arranjar para lhe apresentar. Logo Volney!  
MARIBEL = Quer dizer que, nenhum dos rapazes que estavam lá vale grande

- MARIBEL = coisa?
- ELIZABETH = Porque?
- MARIBEL = Sim, porque um é pilantra, o outro é fraco de caracter e o terceiro é uma biscoa...
- ELIZABETH = Isso na opinião dos meus filhos, mas você não faça caso porque elas são muito exigentes.
- RAUL = Não é que sejam exigentes, mãe <sup>é que</sup> a gente conhece o outro lado da vida dessas rapasas <sup>que elas não conhecem</sup>. E em geral pelo outro lado é que elas se <sup>revelam</sup> e não pelo que deixam em sociedade.
- MIGUEL = Bem, lá isso é verdade.
- RENATO = E as garotas que estavam lá, quais eram?
- MARIBEL = Poucas, também. A Martinha, eu e mais <sup>uma</sup> chamada Corina e outra Janice.
- RENATO = A Martinha não perguntou pelo Roberto?
- ELIZABETH = (CENSURA) Renato!
- RENATO = Ué, mãe! Que tem isso de mal?
- ROBERTO = Você, até <sup>agora</sup> está se revelando agora, não é Mano?
- RENATO = Que bobagem! Qual o mal que você viu na minha pergunta?
- ROBERTO = (SERIO) Você sabe. Não é preciso que <sup>ela</sup> diga.
- RAUL = Vocês não querem fazer o favor de deixar a Maribel contar <sup>ela</sup> a festinha que foi?
- MARIBEL = Mas eu não tenho muita coisa para contar. Apenas que achei os rapasas muito simpáticos, as moças também, que comi muita coisa boa e achei uma reunião muito agradável, nada mais.
- RAUL = Essa Janice que você falou que estava lá, não é uma menina morena de cabelos escuros e todo puxado para trás?
- MARIBEL = Exatamente. Por sinal que ela também me falou em você e eu estou achando muito estranho essa coincidência.
- RAUL = Não tem nada de mal. Ela me conhece lá mesmo da casa da Martinha.
- RENATO = Por mim eu garanto que ninguém perguntou, não foi? <sup>ela!</sup>
- MARIBEL = É. Casualmente não mesmo.
- RENATO = Também eu nunca dei bola pra aquela turma. Não vou com nenhuma daquelas garotas.
- ELIZABETH = Nem com a Martinha, meu filho? O que foi que ela fez a você?
- RENATO = A Martinha eu não gosto nem desgosto mas as outras duas eu acho simplesmente indigestas. Todas metidas a dar lição de moral na gente. Também dei uma esbrachada nelas.
- MIGUEL = O que foi que ela disse que deu nas moças?
- RENATO = Uma esbrachada.
- MIGUEL = Esbrachada? O que é que quer dizer isso? Tredusa.
- RENATO = Esbrachada quer dizer que eu acabei com a alegria delas. Reduzi as duas a pó de cacóca, entende?
- MIGUEL = Quer dizer... eu acho que estou querendo entender. Mas eu nunca ouvi dizer essa expressão. Para mim ela é completamente desconhecida.

- ELIZABETH = A maioria dos termos que a sociedade de hoje emprega, a gente não entende mesmo. Outro dia o repasinho da Farmácia me perguntou assim: "A senhora morou no assunto?" Imagine você: "Morou no assunto". Eu fiquei olhando para ele com cara mais idiota do que quando ele concluiu que eu não tinha morado e então explicou: "Morou no assunto é o mesmo que perguntar - a senhora entrou ou não?" - Veja você.
- MIGUEL = É, são modernismos da linguagem. A gente não quer admitir, mas precisa aprender, porque senão acaba "vendo" como eles também dizem quando não entendem as coisas.
- ELIZABETH = Deus me livre! Bem, vamos passar para a sessão de música que com toda a certeza vocês vão querer ouvir os dias e noites novas de hoje.
- RENATO = Ótimo.
- ELIZABETH = Vamos, então.
- TECNICA = CORTINA MUSICAL =
- ELIZABETH = Já subiram todos?
- LUIZA = Já, sinhá, farta só eu, mas eu num posso subir inbante que todos se deitam, não é eles não descobri que eu drumo lá emriba.
- ELIZABETH = Isso é que eu acho ruim, porque você levanta cedo e deve se deitar cedo também. Porque você não se deita antes e se deita primeiro que todos em vez de ser a última?
- LUIZA = Fruque eu num tenho sono, sinhá. A gente quando mais vicia fica, menos ireme. A nêga vicia minha mãe também foi assim iguar que eu. A mãe de sono sempre auxiliava com ela pro causa disso. (T) Mas como é que tá as coisas, sinhá?
- ELIZABETH = Daquele mesmo jeito que ha oito dias atrás. Não muito mal e nem tampouco como a gente desejava que fosse.
- LUIZA = Mas os mininos me parece tudo mais carno, mais acomodado, já não andam tão ararife como eles andava nos primeiros dias.
- ELIZABETH = É, parece que já estão querendo se acomodar com ela. O que ainda me parece meio chumbando é o Roberto, mas mesmo assim já está bem melhor do que antes. Agora, pelo menos, já conversa e ri.
- LUIZA = Pois é, mas esse nós temo que tá de Dio nêlo, sinhá.
- ELIZABETH = (NUM SAIBO) Porque? Tá viste alguma coisa ou descobriste?
- LUIZA = Não, não, sinhá. Vi coisa nenhuma nem descobri, babage. É puro gênio dele que eu digo. Ele sente as coisa e fica calado, a gente é quem que procuré descobrir.
- ELIZABETH = Ah, pois é. É o gênio do pai, igualzinho, quando ele tinha qualquer coisa eu tinha que tatear, tatear, até descobrir. Dizer alguma coisa espontaneamente as coisas, ele não dizia. E não era porque ele desejasse aprender não. Como não tinha jeito para chegar a descobrir estavam calado. Muitas vezes eu levava dias para descobrir o que ele estava sentindo.
- LUIZA = Sacrifica muito as mió um ganho assim. Deus que me pague! Ela, sinhá, por isso o nêgo Tibulço. Com ele tinha num tinha

"\_ \_ \_ \_ \_"

Handwritten initials: MR and CR

CONTROLE      TEMA DA NOVELA

LUIZA      Uá, rapair que é que tá anda fazendo a essas hora da noite, aliviando, aqui no corredô?

RENATO      Fui ao banheiro, tá que?

LUIZA      Mas tá num tem o otro banheiro que tá lá perto do teu quarto? Porcoisava vim nesse aqui que tá mais lonjo?

RENATO      O outro estava ocupado, "seu guarda noturno" o Raul estava escovado os dentes lá e eu vim fazer o mesmo aqui. Tá satisfeita com a explicação ou ficou ainda qualquer dúvida no espírito?

LUIZA      Num sei, não. A gente num pode querê tá muito curiosa. Suas são tão istucioso... O otro, traís ontente, era a hora da minha disse que num podia drumi e tava fumando lá no quarto.

RENATO      (CURIOSO) O outro quem?

LUIZA      Num sei. Num tem nada que sabê. Já que sabê pra fazer curvelsa, é? Num digo.

RENATO      Diz, Luiza, eu não vou fazer conversa nenhuma. É só pra saber. Era o Raul ou o Roberto?

LUIZA      Num digo. Eu já disse que num digo e tá acabado. Que é que tá tem que sabê? Tu num tem nada que sabê.

RENATO      Está bem, Luiza, não queres me dizer não diz, mas tome nota duma coisa que esta sou eu que vou te dizer: quando tá te perguntares a seja lá o que for, tá podes me pedir até de joelhos si eu vou tirar a minha forra e também nao te digo.

LUIZA      Era o Roberto, pronto. Agora vai dinê bem digero prole que eu te disse, vai.

RENATO      Eu já te disse que não se interessa nada dizer pra ninguém, que bagem é esta? Eu só queria saber para o meu controle.

LUIZA      Tá bem, mas agora doxa de curvelsa e vai drumi duma vez que é muito taldo, anda.

RENATO      Está bem, Luiza, eu vou. Até amanhã.

LUIZA      Inté minhã, si "meu Hossô Sinhô quisé.

CONTROLE      CORTINA MUSICAL

C/REGRA      TRÊS BATALHAS DE RELOGIO ESPACADAS EM 34 PLANO

RENATO      São três horas da manhã. Justamente a hora que a Luiza me disse que ele estava na porta do quarto fumando. Devo ser a hora em que ela e o outro conversam. Vou ver se consigo me esgueirar até a porta do banheiro de lá para ficar de stalnia aguardando os acontecimentos.

CONTROLE      CORTINA MUSICAL

RENATO      Eu tenho a impressão de que hoje perdi meu tempo. Já faz uns quinze minutos que estou aqui e tudo continua em absoluto silêncio. Naturalmente eles não se encontram todos os dias para não se arriscarem tanto. Não faz mal. Eu vou esperar mais uns dez minutos e depois volto para o meu quarto, mas amanhã, estarei outra vez aqui a esta mesma hora. Tanto hei de espionar que... (TRANSIÇÃO) Esperem.



Ela acendeu a luz do quarto. Quem sabe si não estará se preparando? Agora já não saio mais daqui sem que a coisa se resolva. Eu preciso estar bem seguro de tudo para depois saber como agir. Pronto. Tornou a apagar a luz. Convém que eu esteja bem atento, agora. Esperem... parece que ele está saindo do quarto... Sim, há um vulto esgueirando-se pelo corredor. Vem se aproximando... (PAUSA LONGA) (MESMO TOM CALMO) Onde vai?

MARIBEL (GRITO DE SUSTO/ABAFADO) (TODA A CENA SEGUIENTE EM TOM DE BASTIA VOZ)

RENATO Assustou-se?

MARIBEL Quem... quem é?

RENATO Está tão nervosa assim que não reconhece a minha voz?

MARIBEL Renato.

RENATO Sim, sou eu. Que fazia no escuro andando pelos corredores?

MARIBEL Vinha...vinha aqui ao banheiro escovar os dentes.

RENATO Como, si você já havia passado da porta?

MARIBEL Bem, é que...no escuro, compreende?...eu...eu fiquei um pouco desorientada..

RENATO É por que n.ão fez a luz do corredor?

MARIBEL Porque não me lembrei, só por isso.

RENATO Você está dizendo mentiras, Maribel...

MARIBEL Renato, veja bem que você me ofende.

RENATO Você está dizendo mentiras, repito. Eu sei de tudo, ouviu?

CONTROLE PORTADA MUSICAL SEM CORTAR A CENA

MARIBEL Sabe...de tudo...o que?!...

RENATO Ora não se faça de ingênua. Você sabe muito bem o que é que eu sei.

MARIBEL (DESPISTANDO) Bem, Renato, isso não são horas de estarmos aqui a discutir.

RENATO Claro. E nem o corredor é lugar próprio para estarmos a falar de certos assuntos. Venha comigo ao meu quarto. Conversaremos lá.

MARIBEL (SUSTO) Você está louco, Renato?

RENATO Por que? Quem foi ao quarto do Roberto pode ir ao meu, perfeitamente.

MARIBEL (REAGINDO) Você está louco, repito.

RENATO Está bem. Louco ou certo o que acontece é que vou lhe dar dois minutos para pensar. Ou você vai ao meu quarto ouvir o que eu tenho para lhe dizer, ou então eu faço um escândalo danado agora mesmo, acrédo todo o mundo e sento para a família toda que você ia ao quarto de Roberto para se encontrar com êle. (PAUSA) Resolva. (PAUSA) Dou-lhe dois minutos para que você resolva essa parada.

MARIBEL Dois minutos? Mas nem é preciso esperara tanto tempo.

RENATO Por que? Já resolveu?

MARIBEL Já.

RENATO Pois então diga. Que vai fazer?

MARIBEL Vou ao meu quarto para conversar com você.

RAU. (2º PLANO NO MESMO TOM DOS OUTROS) Não vai, não.

CONTROLE ACORDE AGUDO EM FUNDO SEM CORTAR A CENA

RENATO E

MARIBEL (LEVAM UM SUSTO DISCRETO OU ABAFADO)

RAUL (CALMO E IRONICO) Será possível, meu irmão, que você agora tenha de-  
do para fazer chantagens?

RENATO (REAGINDO/ZANGADO MAS SEM PERDER O TOM DE SEGREDO) Você não se meta  
nos meus assuntos, ouviu Raul?

RAUL Não é nos seus que eu estou me metendo, é nos de Maribel.

RENATO Mas eu tenho a impressão de que ela também não lhe recomendou sermão  
algum.

RAUL Quem pensa você de eu haverme intrometido no assunto, Maribel?

MARIBEL Que posso pensar, Raul? Só agradecer a sua boa intenção.

RAUL Você está vendo, Renato? Está vendo? Ela pode não ter se incomodado  
nenhum sermão, mas a verdade é que está agradecendo a minha ~~intromissão~~  
interferência.

RENATO (AMEAÇA) Talvez que amanhã ela já não pense assim de mim.

RAUL Renato, nós é que vamos conversar os dois no seu quarto. Maribel,  
pode ir dormir descansada.

MARIBEL Eu conversarei com você amanhã, Renato. Tenha paciência de esperar  
ate lá, sim?

RENATO (DE MÁ VONTADE) Está bem.

RAUL Agora vamos nós ao seu quarto que precisamos muito conversar.

RENATO Eu não tenho nada que dizer a você.

RAUL Mas eu tenho muito e não deixarei de dizer-lhe. Vamos.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

RAUL Agora que você deve estar mais calmo, não se envergonhe do papel que  
ia fazer!

RENATO Que papel? Você sabe lá que é que eu ia fazer?

RAUL São é difícil adivinhar, meu maluco.

RENATO Você está criando coisas,

RAUL Para que você havia de querer levar a menina ao seu quarto? Diga.

RENATO Para o mesmo que Roberto levou.

CONTROLE ACORDE BOTUÍNO EM DÓ/SEM CORTAR A SENA

RAUL Hein?!... O que foi que você disse?

RENATO O que você ouviu! para o mesmo que o Roberto levou.

RAUL Não pode ser. Você está dizendo coisas sem nexo.

RENATO Coisas sem nexo, é? Pois aperte com ele e verá se ele vai ter cora-  
gem de negar. Ela entrou no quarto dele que eu vi e só saiu de lá  
duas horas mais tarde. Eu batí para pedir um cigarro, ele disfar-  
çou, disfarçou e não se deixou entrar.

RAUL Mas então essa menina é muito diferente do que eu estou pensando?

RENATO Do que você está pensando, não. Do que todos nós pensamos. É garant  
que o Roberto também está completamente enganado com ela. Por isso  
que eu queria que ela fôsse ao meu quarto, para tomar bem o pulso  
dela afim de se encontrar em condições de defender a nosso irmão  
contra as artimanhas dela. Você veio estragar todo o meu plano.

RAUL Bem, eu não sabia de nada e a minha intenção foi defender não só vo-  
ce mas também a ela.

RENATO Ela não precisa que ninguém a defenda, pode estar bem certo.  
 RAUL Eu estou perplexo com tudo isto, Renato. Si não fôsse você que me contasse, quando que eu poderia acreditar?  
 RENATO Eu tenho muito medo que o Roberto, na sua eterna boa fé, deixe-se iludir por essa aventureira, porque essa senina é uma aventureira, você pode estar certo.  
 RAUL Si você não está enganado nas suas deduções Renato, temo que fazer tudo para defender nosso irmão.  
 RENATO Eu já pensei em ir falar com ele, mas, sem provas, ele não vai acreditar em nada que eu disser.  
 RAUL Eu falarei com ele amanhã e procurarei convencê-lo. Deixe isso comigo.  
 RENATO Eu não creio que você vá adiantar muita coisa, em todo o caso ele sempre acreditará mais em você do que em mim.  
 RAUL Muito bem. Amanhã, p. que for acordá. Vamos dormir agora.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ROBERTO Esperei você quasi toda a noite e fui dormir sem seu beijo.  
 MARIBEL Eu não pude levá-lo à porta do seu quarto. Seu irmão me ataca no caminho e eu tive que dar volta.  
 ROBERTO Qual deles?  
 MARIBEL Renato. Você sabe que ele me viu entrar e sair do seu quarto naquela noite?

CONTROLE RAJADA EM FUNDO SEM CORTAR

ROBERTO (ASSUSTADO) Não, Maribel.  
 MARIBEL Estou lhe dizendo que viu.  
 ROBERTO Preciso falar com ele, então e explicar-lhe as razões pelas quais você foi obrigada a entrar.  
 MARIBEL Acho bom. E si puder fale o mesmo a Raul. É melhor que as duas já fiquem sabendo de tudo.  
 ROBERTO Está bem, querida, eu falarei com eles. Não vai deixar para se acompanhar ao café?  
 MARIBEL Vou, sim, mas de aqui a um pouquinho mais para que não dê tanto na vista.  
 ROBERTO Está bem, querida, até já.  
 MARIBEL Até já, meu amor.

CONTROLE CORTINA

PUBLICIDADE

CONTROLE MUSICA

MARIBEL Ah é você, Martha? Que agradável surpresa! Quando a empregada foi me avisar que tinha uma noça se procurando, eu não imaginei que pudesse ser você.  
 MARTHA E você nem sabe o que eu vim fazer a ui.  
 MARIBEL Diga que eu já estou curiosa.  
 MARTHA Você não imagina coisa alguma?  
 MARIBEL Juro-lhe que não.  
 MARTHA (BAIXA A VOZ) Vim entregar-lhe um bilhete.

- MARIBEL Para mim?...
- MARTHA Para você, sim. E não calcula de quem?
- MARIBEL Como posso calcular, criatura?
- MARTHA Do Hóbraga. Aqui está, ó. Escenda-o para ler depois, no seu quarto. Aqui seria perigoso. Dona Elisabeth poderia aparecer na sala de um momento para o outro.
- MARIBEL Martha, eu não sei se devo receber este bilhete.
- MARTHA Receba, sim. Que é que tem? Olhe: se depois ele não agradecer a você, você m'o devolda que eu direi a êle que você não o recebeu. Está bem assim? (PAUSA) Desse modo você poderá impedir-me do meu conteúdo e terá tempo para resolver. O Hóbraga é um ótimo rapaz, você sabe?
- MARIBEL Não sei, não. Apenas ontem o conheci.
- MARTHA Ah, mas eu posso lhe dizer, com certeza, porque o conheci há muito tempo. E depois tem outra coisa a favor da filha do bom gênio e ser muito educado, ainda leva a grande vantagem de ser rico.
- MARIBEL É rico, ele? Pois não dá essa impressão.
- MARTHA Porque é um rapaz admiravelmente simples. Mas é rico, sim, muito rico até. O Pai dele é concessionário da maior empresa de ônibus da cidade e ele é sócio do pai.
- MARIBEL Que engraçado! Apenas conversou comigo ontem e hoje já me manda um bilhete?
- MARTHA É uma prova de que ficou completamente apaixonado por você. E eu vou lhe dizer uma coisa como amiga, Maribel. Faça força para gostar dele, porque é dos melhores casamentos da cidade. Posso lhe garantir que qualquer moça da ui é quem êle fizesse a corte, o receberia de braços abertos. Você percebeu como êle é inteligente e espirituoso?
- MARIBEL Para ser muito franca com você, Martha .... eu não me fixei muito, e em nenhum das outras rapazes que estavam ontem lá.
- MARTHA Por que? Posso lhe garantir que todos os três são muito bons rapazes.
- MARIBEL Mas eu não tenho nenhuma dúvida nesse sentido, a questão é que...
- MARTHA (DEPOIS DE ESPERAR) Qual é a questão?
- MARIBEL Bem... Você é moça, como eu, e deve compreender. Há ocasiões em que a gente está indecisa ou então já resolvida por um determinado rapaz e não adianta nada quererem meter qualquer outro pelos olhos da gente. Nenhum nos convence.
- MARTHA E você está indecisa... ou resolvida?
- MARIBEL Não sei, Martha, não sei...
- MARTHA Não sabe, mesmo? Ou não quer dizer?
- MARIBEL Não sei mesmo. Parece mentira como o destino da gente é caprichoso, não é mesmo?
- MARTHA Por que?
- MARIBEL Eu vim para cá, com uma ideia prefixada e absolutamente convencida de que não me afastaria dela. Cheguei e em pouco mais de uma semana estou sentindo que vou ser derrotada.

- MARTHA: Você não quer trocar isso em alusão, "aribely" Su não entendi nada do que você disse.
- MARIBEL: Não, não, é que... quer dizer... a gente às vezes pensa que não deve namorar determinado rapaz por um motivo qualquer ou então vem especialmente recomendada e convicta de não namorá-lo e com tudo isto chega à frente dele e se curva, inapelavelmente, sob o fascínio de um sorriso ou de um olhar.
- MARTHA: Ah bom, isso é verdade. Parece que a recomendação ou a proibição - sei lá - aguçam o desejo de se fazer o que se não deve.
- MARIBEL: Parece que a vida se compras, a cada momento, e nos faz ver que não somos donos da nossa vontade, isso é o que é.
- MARTHA: Bem, mas afinal você fez um rodeio em torno do Renato, mas não disse nada sobre ele, ou melhor: não respondeu à pergunta que eu lhe fiz se está ~~ambígua~~ indecisa ou resolvida.
- MARIBEL: Respondi, como não? E respondi com a verdade - disse-lhe que não sei porque não sei efetivamente. Só o que sei é que não posso pensar em outros rapazes lá fora porque...
- MARTHA: (DEPOIS DE ESPERAR) Diga porque. Você parece que está assia com um certo receio de mim? Não precisa tê-lo. Olhe, eu me gabo de ser confiante de todas as minhas amigas. E sabe por que? Porque sou incapaz de trai-las na menor coisa. O que me conta fica comigo e nem o meu confessor seria capaz de arrancar de mim uma só palavra a respeito. (T) Pôde e falar. Fale sem medo. Eu quero ser sua amiga e você verá que nada terá a perder com a minha amizade.
- MARIBEL: Bem... eu não posso pensar nos rapazes de fora porque o meu pensamento está constantemente preso nos rapazes de casa, entendeu?
- MARTHA: Perfeitamente. E vou lhe dizer mais: eu esperava isso mesmo. Acho que isso era inevitável.
- MARIBEL: Por que?
- MARTHA: Porque você é um amor de garota, um encanto mesmo.
- MARIBEL: (SORRINDO CONSTRANGIDA) Ora, Martha...
- MARTHA: Não, não, é verdade, sim. Nós temos que ser bem francas uma com a outra se desejamos ser boas amigas. (T) Mas voltando ao assunto, você é isso que eu já lhe disse: um amor, uma graça, uma tentação. Eles são - todos os três - rapazes excepcionais. Bem, quer dizer... todos os três não. Eles são todos muito simpáticos, muito bonitos, muito educados, têm todos esses atributos para agradar às moças, mas contra um deles eu devo e preciso preveni-la para que você não venha a sofrer mais tarde.
- MARTHA: Eu já sei qual é. Também já observei isso.
- MARIBEL: Diga, vamos vêr.
- MARIBEL: O Renato.
- MARTHA: Eu tinha certeza que você ia me dizer o nome dele, mas não é.
- MARIBEL: Não é?
- MARTHA: Não.
- MARIBEL: Então é o Raul.

MARTHA (DE CÍIS DE PAUSA) Guga, Maribel, você deve preveni-la - e muito - contra o Roberto, ouviu?

CONTROIJE ACORDE AGUDO DE B3/SEM CORTAR A CENA

MARTHA É contra ele que eu desejo preveni-la, para que você não se torne uma presa fácil nas suas mãos.

MARIBEL (SEYO ATURDIDA) Roberto?!... Justamente ele?!... Justamente o mais tímido e o mais sensível dos três?!...

MARTHA O mais tímido e o mais sensível? Mas você? Nem uma coisa nem outra. A timidez é a arma de que ele se vale para despertar o interesse da gente. Toda aquela coisa de estar sempre sozinho, sempre separado dos outros, fugindo aos grupos e escondido nas sombras, é um ardil para que nós mulheres - sempre prontas a sentir pena - nos aproximemos do seu encontro. Você espere que ele nunca está sozinho...  
Efetivamente.

MARIBEL Mas também não está em lugar onde não possa ser visto. Está sempre mais ou menos próximo para não ser esquecido e poder apunhar qualquer particular que se tenha separado do núcleo. É uma tática muito inteligente, você sabe? A gente vai mantendo contato com ele e vai procurando se aproximar para estrit-lo ao núcleo e acaba isolada com ele. Cuidado com ele, Maribel, é só o que eu lhe digo como amiga.

MARIBEL Você fala com tanta segurança que até parece já ter sido apunhada nas malhas da armadilha dele.

MARTHA É foi mesmo.

MARIBEL Pois!!...

MARTHA Foi e sofreu o que você não quer nem imaginar.

MARIBEL (SINCERA) Coitada!

MARTHA É porque sofreu como poucas coisas sofrido é que não desejo que mulher alguma **SORVA** o amargo fel da taça que eu bebi. É para evitar isto, Maribel, eu não revelarei a verdade apenas a você mas a tantas quantas sejam necessárias, desde que estejam a ponto de evitar humilhação por ele de maneira como eu o fui. (pausa e tom) Roberto não é um homem, Maribel... é um chato. (NOVA PAUSA E TOM) Eu lamento profundamente, o pesar que estou causando a você, querida, porque estou lendo na sua fincência, a sua recepção e o seu desejo de saber, mas também quero deixar de dizer-lhe mais coisas verdadeiras em um momento em que você se encontra em condições de ser enganado por um lobo, saber que ele ia nos enganar e não sabendo um gesto para salvá-lo. (PAUSA LONGA/BAIXA O TOM) Você me perdê, não é verdade? Perdê-la? Mas perdê-la de que? Eu só tenho motivos para agradecer a você. Foi só com você que todo isto aconteceu agora enquanto eu ainda não sinto muito das definições de seus sentimentos, mas tarde, com toda a certeza, eu iria sofrer bastante. ao passo que hoje há tempo - e muito - para que me afaste dele e expulso do meu coração a sua lembrança.

MARTHA

MARTHA

Isso. Faça por afastá-la, mas definitivamente. E quando eu tiver a certeza de que você conseguiu se libertar completamente de qualquer influência desse quasi-amor que você sente pelo Roberto, eu vou lhe contar uma coisa que vai lhe deixar perplexa.

MARIBEL

Como?!... Mas ainda tem mais?

MARTHA

Você não imagina, nem de longe, do quanto aquele senno é capaz.

MARIBEL

Que horror, meu Deus!... Quanta desilusão!... Por isso minha mãe me dizia sempre tantas coisas amargas contra os homens. Muitas vezes, comigo mesma, eu ficava a pensar que tinha de haver exagero nos seus conceitos porque não era possível que ela fosse assim tão ruins. Hoje... vejo que ela me dizia aquelas coisas porque conhecia muito bem os homens!

CONTROLECORTINA MUSICAL

ROBERTO

Maribel, eu... eu podia falar com você?

MARIBEL

(FINGE NATURALIDADE, MAS DEIXANDO TRAIR UM AMAR) Claro. Por que você não ha de poder falar comigo?

ROBERTO

Bem é que... faz dois dias...

MARIBEL

Dois dias que eu não falo com você? Mas si ainda ontem falei, antes-  
ontem também...

ROBERTO

Não, não... não é isso... Faz dois dias que a espero inutilmente...

MARIBEL

Ah, sim, agora compreendi. Dois dias que não vou ao encontro do seu beijo; não era isso que você queria dizer?

ROBERTO

(DEPOIS DE PAUSA/BAIXANDO A VOZ) Sim.

MARIBEL

Roberto, eu pensei melhor e achei que nós estavamos procedendo muito mal.

ROBERTO

Você... você acha mal... um beijo de amor?

MARIBEL

Não é isso. Acho mal a deslealdade para com sua mãe. Não é do meu feitio fingir, compreende? Eu sou muito franca, muito espontânea, muito sincera. (FRISA) Não sei enganar ninguém. E continuando a proceder como estavamos procedendo eu estarei enganando dona Elizabeth que me acolheu em sua casa e me trata com tanto carinho. Está satisfeito agora com a minha explicação?

ROBERTO

Não, Maribel, você... você me desculpa, mas... a razão... deve ser outra.

MARIBEL

A razão é simplesmente esta, mas si você não quiser aceita-la eu também nada farei para convencê-lo.

ROBERTO

Você está tão estranha hoje, Maribel! Está amarga... agressiva...

MARIBEL

Agora é que eu estou como realmente sou, Roberto. Antes, aquela sandura toda e aquela inocência eram as roupagens novas com que a gente se veste para receber as pessoas de cerimônia.

ROBERTO

Mas então, você soube fingir muito bem.

MARIBEL

E qual a mulher que não finge? E sabe porque que elas fingem? (BUR) Para se defendem da falsidade dos homens.

C/REGA

PASSOS FIRMEZ DE MULHER/QUE SE AFASTAM SEMEN

ROBERTO

Maribel! (CHAMANDO AFLITO) Escute, Maribel, Ouça, Maribel! (PAUSA, T

Qual! Ela nem quis ouvir o meu chamado. Mas por que terá procedido assim? Que estar a acatando com ela?!

CONTROLE

ENCERRA

- Yolanda

10 cópias.

MOA

Manuscrito original de Fria Cruz.

CAPITULO No 22

TECNICA = CARACTERISTICA MUSICAL =

- RAUL = (2º PLANO) Roberto, você está muito ocupado agora?
- ROBERTO = (1º PLANO) Por que? O que é que você quer?
- RAUL = (2º PLANO) Eu desejava conversar um quinze minutos com você, pôde ser?
- ROBERTO = (1º PLANO) Pôde sim, Por que não? Entre,
- C/AMORA = ~~PRIMA FORMA DO 2º PLANO = APROXIMA PASSOS DE CIMA =~~
- ROBERTO = Por questão de sentir na poltrona ou posso ir para cima?
- RAUL = Não, Eu sento nos pés da cama... é a mesma coisa. (PAUSA) Pronto, Estou intimamente aqui.
- ROBERTO = Que é que você deseja de mim, Raul?
- RAUL = Roberto... não sei como é que você vai receber e que eu vou lhe dizer, mas, de qualquer forma, quer lhe causen agrado ou não as minhas palavras, como seu irmão mais velho, sinto-me no dever de adverti-la contra qualquer cilada em que você possa estar prestes a cair, vítima de sua boa fé.
- ROBERTO = Raul... Não é necessário que você faça tantos rodeios para chegar onde quer. diga logo o que é que você tem contra Haribel.
- RAUL = (DESCONCERTO) Bem... quer dizer... contra ela mesmo eu não tenho nada. Ache-a uma menina encantadora, uma companhia agradávelíssima e eu mesmo me divirto bastante com a sua elegância e seu bom humor constantes. Mas, acontece que você já está ilhando Haribel de uma maneira diferente e isso é um perigo muito grande e a que você está se expondo.
- ROBERTO = (DE ATRAS) Por que?
- RAUL = Bem, porque... porque você pôde vir a se apaixonar por ela e isso seria muito desagradavel, sabe.
- ROBERTO = Você acha que eu poderia me apaixonar por ela?
- RAUL = Ah não. Tenho certeza absoluta que se você não tiver bastante cautela combará, fatalmente, por se apaixonar.



- ROBERTO = E isso seria desagradável "para todos", não é assim?
- RAUL = Claro. Mas para mim, principalmente.
- ROBERTO = E se eu lhe dissesse que o seu avião chegou muito atrasado e que eu já estou apaixonado por ela?
- RAUL = Eu lamentaria sinceramente a sua sorte.
- ROBERTO = Lamentaria porque? Por faltar à palavra empenhada à essa não e causar-lhe sofrimento? Mesmo nessa ocasião preciso e abrir mão do meu compromisso quando tivesse chance de verificar que eu só poderia ser feliz ao lado dele. ~~XXXX~~
- RAUL = Quando eu disse que lamentaria a sua sorte não estava pensando em mim, e apenas em você.
- ROBERTO = Bem, mas então explique-se. Você deve ter alguma motivo forte para se lamentar.
- RAUL = E tenho, Roberto. Acredite.
- ROBERTO = Pois então, fale.
- RAUL = Você promete que compreenderá a minha intenção e que manterá a sua calma, seu irmão?
- ROBERTO = É claro que promete, éra isso. Eu sou um homem, não sou um bicho.
- RAUL = Pois bem, Roberto, você precisa se cuidar de qualquer cálculo desta pequena porque ela não merece a confiança de nenhum de nós.
- ROBERTO = (CONTENDO-SE E ELEVANDO UM POUCO A VOZ) Porque você diz isto? Você tem provas?
- RAUL = (INTIMIDANDO-SE) Bem, é que...você compreende...
- ROBERTO = Eu não compreendo uma coisa que não se comença a ninguém sem provas. (QUERENDO) E você tem essas provas? (PAUSA) Responda! Você tem essas provas?
- RAUL = (INDEBILITADO) Pois bem, eu...eu tenho essas provas.
- ROBERTO = Como? Que provas? Apresente-as, vamos?
- RAUL = Espero, Roberto, deixe-me falar. Eu quero dizer a você que da mesma maneira que Maribel esteve no meu quarto...estava também no de Renato e no meu.
- ROBERTO = (FORTE) Mentira!
- RAUL = (MAIS PROURO) Esteve, Roberto. Você pergunta ao Renato que lhe dê a confirmação.

- ROBERTO = Eu não quero perguntar, eu quero ver.
- RAUL = Bem, conserve-se então em silêncio, não falar deste assunto a ninguém e espere que eu lhe avisarei o momento em que você deve espioná-lo.
- ROBERTO = Está bem. Só assim eu poderei convencer-me dessa amarga verdade. E ainda se confirmar, Raul, juro-lhe que não deprenderei completamente de qualquer sentimento de afeto por Haribol.
- TECNICA = CORTINA MUSICAL =
- RENATO = Qual foi a reação dele?
- RAUL = Exigiu provas e eu, no desejo de salvá-lo, cometi uma falta que está me pesando na consciência, Renato.
- RENATO = Que falta foi?
- RAUL = Enti-lhe que ela costumava ir também no seu quarto e no meu.
- RENATO = Foi muito tolo. Eu já estava mais ou menos de posse da ficha dos seus guri e posso lhe afirmar que ela é das Arábias. Então você disse a ela que ela costumava ir também no seu quarto e no meu? Ele não deu pulos?
- RAUL = Primeiro gritou que era mentira, mas felizmente não exigiu que eu repetisse a confissão porque ainda eu iria acabar entregando os pontos e confessando-lhe que era mentira mesmo.
- RENATO = Mas que bobalhão!
- RAUL = Eu não tenho temperamento para mentir, Renato.
- RENATO = Mas aí não é o caso de mentir por mentir, simplesmente. É o caso de mentir para salvar Roberto. Então, não vale o sacrifício?
- RAUL = Bem... não fosse essa convicção e eu já teria desfeito a trama toda. (T) Mas espere aí, deixe eu lhe contar. Ele quer ver ela entrar no seu quarto ou no meu?
- RENATO = No meu é a coisa mais feia deste mundo. E só eu dizer que precisei muito conversar com ela e morrer a hora.
- RAUL = E você acredita que ele vá?
- RENATO = Se não for por vontade própria, irá por coação.
- RAUL = Como assim?
- RENATO = Eu fizeti a ameaça de contar à mamãe que ela estava no quarto de Roberto e você vai ver como ele vai.

- RAUL = E dessa maneira, será que é uma prova lícita, Renato?
- RENATO = Não interessa. O que interessa é fazer o Roberto acreditar na biscoa que éle é.
- RAUL = Que nós supomos que éle seja, vamos ser, pelo menos conosco, verdadeiros.
- RENATO = Mas eu não estou dizendo que você é um bobalhão mesmo? Você pô- de estar tranquilo porque eu não erro dia nenhum. A prática aqui é-mate, bichão.
- RAUL = Bem, seja como for, agora que metemos nesse tapalhão vamos sair dele de qualquer maneira. E que Deus nos ajude pela inten- ção que é boa.
- TECNOLOGIA = CORRINA MUSICAL =
- RAUL = Você está mesmo disposto a se certificar da verdade?
- ROBERTO = Estou.
- RAUL = E está certo de que exercerá inteiro domínio sobre os seus ner- vos, e ponto de não tomar nenhuma atitude violenta?
- ROBERTO = Absolutamente certo. Mesmo porque, se eu chegar a verificar essa tremenda verdade, Maribel não merecerá de mim coisa o meu completa- to desprezo.
- RAUL = Ele não quer ir mais ao quarto de Renato porque teme ser consi- derado por você, mas concorda em que Renato vá procurá-lo no seu quarto. ENTENDE?
- ROBERTO = Tanto faz. O peado é o mesmo.
- RAUL = De forma que você verá Renato bater, ele abrir a porta e nosso irmão entrar e permanecer por muito tempo lá dentro. Venha con-igo, então. Ficamos bem no fundo do corredor, onde poderemos assistir tudo sem sermos vistos.
- TECNOLOGIA = CORRINA MUSICAL = RAMINA =
- GREGA = NAUSÉAS DISCRETAS EM PORTA PAUSA = NOVA BAZIDA / NOVA BAUBA / NOVA BAZIDA MAIS LONGA UM POCO E UM POCO MAIS LONGA =
- RENATO = (PARA GR) Será que éle não vai mesmo abrir?
- GREGA = PORTA QUE SE ABRE DISCRETAMENTE =
- RENATO = Ah... Resolveu-se afinal.
- MARIBEL = (NEMIA VOZ) Por que você telefonou, Renato? Eu lhe pedi tanto que

- MARIBEL = (CONTINUANDO) não viesse!
- RENATO = Mas eu precisava falar com você. Eu não podia adiar mais estas entrevistas; não era possível. Deixe-me entrar, MARIBEL.
- MARIBEL = Não, Renato. Você não compreende que me comprometa?
- RENATO = Muito pior será se me deixar aqui e alguém nos surpreender. Ao menos, com a porta fechada, estaremos muito mais seguros.
- MARIBEL = Você não pode me dizer mesmo aqui mesmo o que deseja de mim?
- RENATO = Não sei falar muito tempo assim baixo como estamos falando. Lá dentro, com a porta fechada, eu poderei falar um pouco mais alto, pelo menos.
- MARIBEL = Eu vou lhe deixar entrar, Renato, porque já sei que você é daqueles que não se deixa convencer facilmente e quando quer uma coisa insiste até alcançá-la. Entre, vamos.
- G/INGRA = DOIS OU TRES PASSOS = PORTA QUE SE FECHA DISCRETAMENTE =
- TEJUGA = ARREJO RAPIDO =
- RAUL = Via bem?
- ROBERTO = (INER = ABATIDO) Vá. NÃO
- RAUL = E foi pena que tivessemos ficado tão longe e não pudéssemos ouvir o diálogo.
- ROBERTO = Para que?
- RAUL = Para você se convencer melhor.
- ROBERTO = O que vi foi mais que suficiente para me convencer.
- RAUL = Quer continuar aqui para aguardar a saída dele?
- ROBERTO = Não é preciso. Agora... pouco está se interessando que ele demore mais ou menos. E se ficar no quarto a noite toda, para mim é o mesmo. NÃO
- RAUL = Quer ficar lá no meu quarto ou prefere voltar ao seu?
- ROBERTO = É indiferente para mim.
- RAUL = Então vá pra lá comigo. Eu sei que também não vai dividir o mesmo tamanho companhia um ao outro.
- TEJUGA = OCORRÊNCIA MUNDICAZ =
- MARIBEL = Afinal, Renato, o que é que você deseja de mim, depois de me ter dito todas aquelas coisas, quando me surpreendeu sozinho do quarto de Roberto? NÃO

- RENATO = Deojo, justamente, dizer a você, que disse aquelas coisas num momento de alucinação pelo vinho.
- MARIBEL = Oíhne? Você, Renato?
- RENATO = Eu, sim. Por que? Por acaso eu não sou capaz como os outros uma creature de carne e osso e que tem um coração dentro do peito? Por acaso o meu coração não tem o direito de sentir e de pulsar por amor? Que ha de extraordinário em que eu tenha sentido oíhne de você? É uma prova de que a amo sinceramente. E era isto que eu desejava dizer-lhe, tranquilamente, no silêncio do meu quarto. Eu amo, Maribel! Foi você a creature ideal que o meu coração elegu para reinar sobre a minha vida. Eu quero que você se case comigo. Quero que você seja minha.
- MARIBEL = Não pôde, Renato.
- RENATO = Não pôde, porque? Acaso não me cre digno do seu amor?
- MARIBEL = Oh, não por favor! Não se trata disso. É-que nunca podemos dispor do nosso coração ao saber da nossa conveniência ou da nossa vontade. Quem escolhe e elega é São. Assim como o seu coração escolheu e elegu a mim para reinar sobre São, o meu escolheu tambem uma outra creature, embora saiba, desde já, que essa creature não o deseja sinão para divertir-se e jogá-lo, depois, a um canto, como um objeto qualquer sem utilidade.
- RENATO = Mas si você sabe que a intenção da creature é isso; cada está o seu coração livre de mulher?
- MARIBEL = Não sei. Isso prova a você o quanto o coração é soberano sobre as nossas vontades.
- RENATO = Mas você deve fazer força para não se encruvizar até esse ponto.
- MARIBEL = Devo, eu sei e pretendo lutar pela libertação, mas até que possa chegar ao ponto de alcançá-la... nenhum outro homem encontrou livre acesso ao meu coração.
- RENATO = (DEPOIS DE PAUSA-TRISTE) Como este mundo é espihoso! Por que havendo tres repaas dentro desta casa, você havia de se inclinar justamente pelo lado que não dá livre?
- MARIBEL = Como assim? Roberto não é livre, porque?
- RENATO = Bem...bem...eu vou dizer a você, mas por favor nunca se comprometa.

MARIBEL = Pôde estar descomendo.

RENATO = Roberto não é livre porque deve casamento e uma noiva da nossa sociedade.

TECNICA = ACORDE TRAGICO SEM DESLIGAR MICRO =

MARIBEL = (APOS LONGA PAUSA) Roberto parecia ser um rapaz digno.

RENATO = As aparências enganam, muitas vezes, Maribel. Foi por esse motivo que eu quis forçá-la a ir ao meu quarto quando lhe surpreendi saindo do quarto dele; lembra-se? Naquela noite eu ia lhe revelar toda a verdade, quando Raul nos impediu.

MARIBEL = Foi pena, mas não fez mal. A verdade ainda chegou ao tempo de me salvar e estou certa de que tirei um grande proveito desta amarga lição! (PAUSA E TCM) Ele há de ver quem sou eu!!!

TECNICA = CORTINA MUSICAL =

= PUBLICIDADE =

TECNICA = CORTINA MUSICAL =

MARIBEL = (DEPOIS DE PAUSA-CHEGADA) Roberto parecia ser um rapaz digno.

RENATO = As aparências enganam, muitas vezes, Maribel. E foi por esse motivo que eu quis forçá-la a ir ao meu quarto, quando o surpreendi saindo do quarto dele; lembra-se?

MARIBEL = Sim, mas por que?

RENATO = Naquela noite eu ia lhe revelar toda a verdade quando Raul nos impediu.

MARIBEL = Foi pena realmente. Mas, não fez mal. A verdade ainda chegou ao tempo de me salvar e eu estou certa de que tirei um grande proveito desta amarga lição. (PAUSA E TCM RANGOR) Ele há de ver quem sou eu. Ele há de aprender que não se brinca com o coração de uma mulher como eu. Eu o amo, Renato, está ouvindo?

RENATO = Eu sei. Eu lio o amor nos seus olhos.

MARIBEL = Eu o amo, sim, mas de mesma forma que o amo com o meu puro e elevado amor, há de desprezá-lo e odiá-lo como se despreza a um verme e se odeia a um inseto. E com mais:

RENATO = O que?

MARIBEL = Eu sou vingativa. Aprenda com minha mãe que devemos trazer a justiça

- MARIBEL = (CONTINUANDO) por exoner, infâmia por infâmia, lágrimas por lágrimas. Eu talvez chore esta noite, quando esteja sozinho, mas póbre dele! Ele não sabe o quanto lhe custará cada uma das lágrimas que me fizer chorar!
- RENATO = (DOCE. DEPOIS DE PAUSA) Maribel, não faço assim. Fico tão mal caso dóio e essa revolta - um restinho de expressão tão suavia, tão doce, tão angélico como o que você tem...
- MARIBEL = (MAGOADA) Você não pôde saber o que é, para uma mulher que sabe constatar a inutilidade do seu afeto; verificar que desmoronou toda a beleza da sua ternura sobre uma planta de folhas escuras e aspecto magnífico e que essa ternura ocorreu, inteiro, para o estorço que lhe sustinha a haste. Isso é por demais doloroso e revoltante, Renato.
- RENATO = De mesma forma que é para o homem que dedica a uma mulher a parte melhor e mais pura do seu afeto, ver-se despedido por outro que não está na altura de merecê-lo. (PAUSA E TOM) Não é só você quem sofre, Maribel. Eu sofro também... e muito.
- MARIBEL = Desculpe, Renato, eu não gosto de saber que lhe faço sofrer porque você tem sido um excelente amigo.
- RENATO = Justamente o que eu não desejava ser.
- MARIBEL = Vamos esperar. Quem sabe?
- RENATO = Você sabe que ainda um dia poderá vir a gostar de mim de outra forma, ou dia less apenas para me consolar, sabendo que também estou sofrendo?
- MARIBEL = Renato, a gente nunca é capaz de saber ao certo de que coisas é capaz na coração, principalmente quando o agitam os ventos do descontentamento. Pôde muito bem ser que a sua dedicação e o seu carinho acabou por realitar o prodigioso milagre de se atirar em meus braços.
- RENATO = Eu seria um homem muito mais feliz e mais venturoso de quantos pudessem existir debaixo desse céu azul que nos cobre. Contar-te-ia com as sigaretas e os passeios, um hino de amor em cada entredisco, Volúpia. teu nome, depois de te haver curado de palpitações, beijando-as docemente, bem devagarinho; seria um ascesso dos seus

- RENATO = (CONTINUANDO) desceja, curvando-me, obediente a todas as tuas vontades. Fazia tudo para compensar-te as amarguras e decepções sofridas.
- MARIBEL = Eu gostaria de saber por que razão as coisas devem andar sempre sem ruído e as existências eternamente desconhecidas. Os amores, sempre que intensos e sinceros deveriam provocar a reciprocidade, ou então, pelo menos, quando não correspondidas, deveriam sufocar-se num período de poucas horas, a fim de que não provocassem maiores danos nem deixassem o estigma das cicatrizes.
- RENATO = Dizem os poetas e todos aqueles que foram grandes amadores, que os sofrimentos de amor foram inventados por Deus, para que a corrupção dos homens se purificassem através do fluxo maravilhoso das lágrimas vertidas em silêncio.
- MARIBEL = Eu não sou das que creem que o sofrimento purifique as corações. Prefiro acreditar que são os corações e o coração da gente, de tal maneira, que acaba por torna-lo insensível à dor alheia e até mesmo insensibiliza-lo para os momentos românticos e agradáveis que um novo amor nos pretenda proporcionar no futuro. A meu ver a gente nunca mais crê na sinceridade de ninguém, e essa terrível certeza rouba todo o encanto que nos possa causar e sentir de uma ilusão.
- RENATO = Não, Maribel, não pense assim com tamanho exagero no âmbito da vida. A gente não pode se deixar abater pelo primeiro reves e não permitir que ele nos roube, na sua primeira investida, toda a alegria dos grandes momentos que todos aspiramos. Devemos pensar que se uma estrela aparece no céu da nossa vida, outra estrela aparece, brilhando, muitas vezes, com maior intensidade. A maioria das estrelas se tira com o próprio amor; não é isto?
- MARIBEL = Disse... não sei.
- RENATO = Pois o mal de amor com o próprio amor se cura.
- MARIBEL = Não creio Renato. Já lhe disse que não posso crer. Talvez eu esteja sendo exagerada e o tempo venha a me fazer ver que se o ser humano para as grandes dores, não está que se procura com alguma coisa inteira dentro de si, eu continuarei a pensar e não a partir do ponto de vista de que a decepção do primeiro amor não é corrupção



- MARIBEL - (CONTINUANDO) da gente para futuros amores.
- RENATO = É pena que você se obstine a pensar dessa forma. Levará muito mais tempo a se consolar e a cura do seu coração, jamais chegará a ser completa. Você o terá sempre preso a essa lembrança amarga.
- MARIBEL = Que fazer? Eu talvez esteja errada nas atitudes que o tempo passa e modifique a minha maneira de pensar, eu não poderei, apenas por força ou milagre da vontade, pensar de forma diferente e extrair do meu coração esse espinho que o fêz e o fez sangrar. A gente sente as coisas por que sente, Renato e não porque deseja senti-las.
- RENATO = Eu sei. Você tem razão nessa particular. Mas por outro lado o sentir mais, ou menos, as coisas, depende e muito da razão da gente.
- MARIBEL = Não posso acreditar, Renato, não posso...
- RENATO = Pois então entregue-se ao seu sofrimento por... três dias, digamos, e depois viva outros três dias reagindo e buscando, pelo trabalho ou pelas diversões, esquecer o mal que lhe dilacera o coração. Feita a experiência, diga-me, depois, quais foram os dias de maior tortura. Aposto com você como será a primeira a reconhecer que a fase mais dolorosa foi aquela em que se entregou de corpo e alma à sua mágoa e ao seu desalento. Quer tentar a experiência? Afirmo-lhe que não terá prejuízo nenhum com ela.
- MARIBEL = Não, Renato, de momento eu não desejo outra coisa senão castigar a mim própria pela minha tão ingenuidade e sofrer. Sofrer bastante para ficar bem marcada e não esquecer, nunca mais, que a gente não pode confiar cegamente. Eu desejo gravar no meu coração com letras de sangue, três palavras amargas: Felicidade... ódio... e vingança!... Essas palavras não de traçar o rumo que se propõe a seguir daqui para diante.
- RENATO = Maribel, eu já pedi a você que não fale assim e já lhe fiz ver que esses sentimentos tão duros não se enquadram et sua personalidade frágil e sua expressão etérea.
- MARIBEL = Está bem, Renato. Desculpe.
- RENATO = Eu tenho certeza que hei de curá-la com a constância de um amor.

- MARIBEL = Vamos ver. Só nos resta, agora, esperar. Dizen, você repete, que não ha nada para fazer<sup>se</sup> florir os corações que murcharem como deixar o tempo escorrer pela ampulheta das horas. Ao fim de algumas semanas eu já saberei si ele, escorrendo, levou consigo o amargor deste instante ou si o deixou intacto para me assegurar que o coração que morre nunca mais ressuscita. (PAUSA) Bem, e agora vá para o seu quarto descansar que eu também preciso fazer o mesmo.
- RENATO = Vou sim. É tarde e amanhã eu preciso ir a Faculdade muito cedo. Boa noite, Maribel.
- MARIBEL = Boa noite, Renato.
- RENATO = Que você possa ter uma noite ~~quase~~ tranquila.
- MARIBEL = Não creio, em todo o caso... dormirei como padre.
- G/REGRA = POUCOS PASSOS = PORTA ABRE COM GUIDADO = PASSOS = FICHA =
- MARIBEL = (DEPOIS DE PAUSA COM ODIO SURDO) Tá has de me pagar, Roberto. E has de me pagar bem caro. Hoj de fazer com que ainda um dia te apaixones por mim perdidamente para desprezar-te e lousilhar-te aos olhos de todos. Hoj de te mostrar de quanto sou capaz. Eu me vingarei, Roberto, estejas certo. Seja lá de que modo for, eu ju-ro que me vingarei!...

TECNICA = CARACTERISTICA PARA ENCERRAMENTO CAPITULO =

MB/Abh.

TECNICA = CARACTERISTICA DE ABERTURA =

- MIGUEL = E então, minha amiga, como andam as coisas por aqui? Tenho a impressão de de que tudo vai correndo a contento, não é assim?
- ELIZAB = Olhe, Miguel, para ser bem sincera com você, eu devo lhe dizer que as coisas não andam de todo mal.
- MIGUEL = Quando eu cheguei e olhei para você, senti logo isso.
- ELIZAB = Ora esse! Por que? Será que eu ando de costas na toalha?
- MIGUEL = É quase isso. É o seu semblante o termômetro que registra, fielmente, se há paz ou agitação dentro de sua casa, Elizabeth. E sabe de uma particularidade interessante? A sua testa, principalmente.
- ELIZABETH = Pois então é o que eu disse, ando de costas na toalha.
- MIGUEL = Quando ela está lisa, sem rugas nem repetidas, é sinal que há ventos de paz, mas quando ele se encurva, justamente por cima da sobrancelha direita, já se sabe que os ventos são de tempestade. (RI)
- ELIZABETH = 1. Agora, felizmente, depois de mais de dois meses de andanças, várias, parece que as coisas se encaminharam para marchar normalmente. Pelo menos eles já não se apresentam naquele ritmo acalorado que a gente não podia provar como é quando iris pior.
- MIGUEL = É bom sinal. Quando os corredores começam a afrouxar o ritmo de sua carreira, é sinal de que estão começando a cansar.
- ELIZAB = Felizmente é a impressão que eu tenho. Eles já não andam mais naquela sufreguidão e naquele desespero em torno dela. Convivem, brincam, riam, são anáveis com ela, mas a gente sente que já não há mais, da parte deles, aquela stração irresistível que no principio era visível aos olhos de qualquer um. Assim é que as coisas parecem que tendem a se normalizar, quem está custando um pouco mais é o Roberto.
- MIGUEL = Pois justamente eu ia lhe perguntar agora a respeito dele. Já está com esse taciturno?
- ELIZAB = Quando na presença dele, não. A mesma fisicalidade e o mesmo naturalismo, mas dizem os irmãos - não sei se para se consolar - que na rua e no Clube ele voltou a ser o mesmo de antes. Diz que conversa, discute, brinca e até ri das anedotas que os amigos lhe contam. Se isto é realmente como eles contam, a melhora é evidente.
- MIGUEL = Está claro. É o caso de não deixar que ele pára muito tempo em casa. Tood-le sempre para a rua a custa de qualquer pretexto.
- ELIZAB = Mas, e ele não pára mesmo, você pensa? É uma hora, uma hora e meia no máximo para almoçar, outro tanto para jantar e depois quando entre para dormir já é sempre tão tarde que ninguém mais o vê.
- MIGUEL = Isso é sinal de que a amizade dele com Northa surtiu o efeito que você tanto desejava, não?

- ELIZABETH = Pense que via, Alde Marthã tem se auxiliado de maneira espantosa, cumprindo com absoluta fidelidade o plano que juntos traçamos. E si não conseguia, até agora, fazer com que ela se prendesse e outras rapazes, já fez uma grande coisa afastando-a dos meus olhos.
- MIGUEL = Como teria ela conseguido isso? Você não sabe?
- ELIZABETH = Claro que sei, ora essa! Pois si quem imaginou o plano fui eu, si ela apenas o executou... Você às vezes faz umas perguntas tão ingênuas, Miguel.
- MIGUEL = Ingênuas não é bem o seu pensamento. Você quer dizer que eu faço perguntas tôlas, não é isso?
- ELIZABETH = Bem, quer dizer... a ingenuidade, no século atual, não deixa de ser uma tolice, mas quando eu disse ingênuas era na sua ingenuidade mesmo que eu pensava. Porque você é muito ingênuo, Miguel. Um homem velho, de cabeça branca, vivido e revivido, e com a ingenuidade de um menino de dezesseis anos. Praticamente. Então você acreditou que a Marthã tivesse cabeça para realisar um plano assim tão cusado? Tinha que ver, de principio, que o plano era meu. Tanto mais que você já se conhece e sabe de que eu sou capaz.
- MIGUEL = Si sei. Penseas criaturas serão capazes de ter a coragem que você tem. Mas, vamos. Conte-me o seu plano.
- ELIZABETH = Não lhe conte porque sei que você não vai aprova-lo.
- MIGUEL = O que equivale dizer que há coisas que não estão muito certas e você tem consciencia disto.
- ELIZABETH = Claro que tenho, mas para salvar meus filhos de um casamento com essa menina, eu farei qualquer jogo, Miguel. Juro a você que serei capaz de coisas muito piores do que as que foram feitas até agora, está ouvindo? Você sabe o que eu já fiz, mas não sabe o que serei capaz de fazer.
- MIGUEL = Bem...isso é lá com você.
- ELIZABETH = Então você acha que eu devaria cruzar os braços, presentindo a desgraça que estava por se abater sobre a minha casa?
- MIGUEL = Não, isso não. Você sabe que o meu ponto de vista é este. Eu acho que temos todo o direito de nos defender de uma coisa que nos pareça ruim, mas esse direito de defesa, a meu ver, é limitado. Há certas armas que não temos o direito de empregar.
- ELIZABETH = Eu tinha a certeza que ia ouvir isso de você.
- MIGUEL = E eu tinha a certeza de que você não havia procedido com a costumeira liureza.
- ELIZABETH = Porque?
- MIGUEL = Só o fato de não se pedir qualquer opinião, desde uns quarenta dias para cá, é prova mais que suficiente de que você justamente não estava querendo a minha opinião.
- ELIZABETH = É que você é muito antigo, Miguel e muito aferrado a certos

- ELIZAB = (CONTINUANDO) princípios que já foram mais do que derrubados pelo homem de agora.
- MIGUEL = Homem que não tem a metade do valor de um dia de seu tempo, essa é que é a verdade. No meu tempo havia vergonha, havia palavra e honestidade. Hoje um indivíduo que seja honesto é proclamado nos quatro ventos, como se a honestidade não fosse um dever de todos os outros homens. Não faz mal que eu seja antigo, ou não? Não pense você que eu me ofendo, pelo contrário. Fico até muito desanimado de você não se confundir com esse mundo que não faz mais os homens melhores.
- ELIZAB = Miguel, você está sendo hoje, ou já vi.
- MIGUEL = Não estava. Sei de casa que está muito bem disposto. Se ficou assim foi você que me deixou.
- ELIZAB = Foi eu, sim, eu sei. Fui eu porque lhe confessei ter trapeado um plano para salvar meus filhos e você não foi exatamente consultado nem avisado. As coisas se precipitaram justamente naquele momento em que você esteve gripado e não havia possibilidade de se poder superer. Era necessário agir com prontidão e foi o que fiz.
- MIGUEL = Essa é uma parte do motivo, mas não o motivo inteiro.
- ELIZAB = A outra parte eu já lhe disse: você não ia concordar com tudo que eu fiz e até que eu lhe convencesse eu você e mim, desperdiçamos um tempo precioso que não era possível perder. Você vê que tudo marcha a passos largos para a normalidade e o plano foi posto em execução e pouco mais de nós e mais.
- MIGUEL = Está bom, Elizabeth, está muito bom. Não vale a pena estabelecer agora e discutir por coisas que estão feitas e que não se pode mais desfazer. É a menina, como tem se portado?
- ELIZAB = Para grande surpresa minha, muito melhor do que eu poderia imaginar. Continua delinquente, obediente, ágil e por vezes até curiosa. Você sabe que eu já começo a querer bem a ela?
- MIGUEL = Queira Deus não venha a ser esse o seu castigo.
- ELIZAB = (QUERIMADA-ALTO E RÁPIDA) Dale essa boca, velho agourento. Está querendo me rogar praça, é?
- MIGUEL = Deus me livre! Nunca fiz isso para as pessoas que não gostava, haveria de fazê-lo exatamente para você? A questão é que, pelas minhas convicções religiosas, tudo que fazemos de mal aos outros volta direitinho para nós. Deus é tão justo que sabe lá se não fará você se arrependar um dia de não ter deixado essa menina ao cair com seu filho.
- ELIZAB = Miguel, eu não quero brigar com você, por isso quero mudar de assunto. Está bom?
- MIGUEL = Como você quiser. Não há de ser por eu não falar que as coisas deixarão de acontecer.
- ELIZAB = (QUERIMADA) Você vai continuar, Miguel?

MIGUEL = Y'ê, Já vou mudar de assunto.

ELIZAB = Acho bom, então vou ser obrigada e chamar a Luísa para lhe fazer  
chá e me retirar da sua presença.

MIGUEL = Ah, por falar na Luísa, mande mesmo chama-la que eu hoje vou al-  
moçar com vocês e quero comer as suas esplêndidas panquecas de  
banana que eu tanto gosto.

ELIZAB = Ei gente! Você pensa que eu não sei que você vem almoçar aqui  
por causa delas e não por nós?

MIGUEL = Bem, apesar de lá! Também não é tanto assim, que diabo! Não cito e  
nem cito. Eu gosto muito das panquecas, é verdade, quer dizer,  
das panquecas de Luísa, porque as que eu tenho comido por aí não  
tem sem semelhança com as que ela faz. Mas como eu já disse, eu  
gosto muito das panquecas, mas a verdade é que comidas em compa-  
nhia de vocês elas adquiriram um sabor e um grão todo especial.

ELIZAB = Linguagem. Não sei que você está dizendo isso só para fazer as  
pessoas esdriço.

MIGUEL = Fazer as pessoas, por que? Eu não briguei com você, Elizabeth.

ELIZAB = Sim, eu sei que você não briguei, mas foi o que você quis para que eu  
briguei com você. Chegou e me rogar pragas horríveis.

MIGUEL = Por favor, Elizabeth! Por favor diga semelhante coisa. Eu apenas exter-  
nei a você um receio que eu tenho, é que eu tenho muito medo das  
determinações de Alto, você sabe; as vezes tenho ímpetos de fazer  
qualquer coisa contra alguma mas no mesmo momento me lembro que  
posso desagradar a Deus e não gosto e deixo que a justiça se fa-  
ça por intermédio d'Ele e não pelas minhas mãos. Você já é dife-  
rente, é suda, desatenta... tem outro temperamento que eu não  
tenho.

ELIZAB = Pois é, mas se eu fosse por você e pelas suas teorias, não teria  
salvo meu irmão das garras daquela mulher abominável.

MIGUEL = Bem, quer dizer... você acha que o salvou?

ELIZAB = Acho sim. Continue a achar até hoje, apesar de que tanto você  
como Luísa nunca se discutiram francamente, mas já varias vezes  
pretenderam se fazer entender que não estiveram de acordo com a  
minha maneira de proceder.

MIGUEL = Elizabeth, você dessa forma está me acusando de deslealdade e a sua  
acusação é injusta, porque eu sempre disse a você, francamente,  
tudo o que pensava e respeito aquele caso. Quer dizer... tudo eu  
nunca pude dizer, porque você não deixava. Recusava-se a ouvir as  
coisas que não lhe agradavam e então não me restava outra coisa  
senão calar. Mas é que você me deixou eu dizer disse, sempre, com  
a mais pura sinceridade muitas vezes.

ELIZABETH = Está bem, vou deixar de discussões que elas pouco adiantam,  
principalmente depois que os fatos já foram consumados e não tem  
mais remédio possível.

- MIGUEL** = É isso mesmo, mas, agora, por favor. Não esqueça as panquecas para mim.
- MIRIAM** = Enganado. Você merecia, hoje, era umas panquecas de planta melaguetta com mostarda, para que lhe ardesse bem a lingua por dizer desaforo aos seus amigos velhos, ouviu?
- TECHICA** = GORTINA MUSICAL =  
 = P U B L I C I D A D E =
- TECHICA** = GORTINA MUSICAL =
- LUIZA** = Minha fia, venha cá. A nêga vêia que falei contigo, um bocadinho. Te assente a-i prá ouvir tudo o que nêga vai dizer.
- MARIBEL** = Está bem. (PAUSA) Pronto, o que é que você quer, Luíza?
- LUIZA** = Suncos num vai ficar burricida das coisas que a nêga vêia vai dizer?
- MARIBEL** = Como é que eu posso saber se você ainda não disse? (RINDO) Primeira temo que ouvir para depois ficar sabendo si vou ficar eberricida ou não. Mas eu creio que não ficarei, não, Luíza. Eu gosto muito de você.
- LUIZA** = Brigada, minha fia. A nêga vêia também gosta muito de suncos e por isso é que éia que falei com suncos uma coisa.
- MARIBEL** = Pois então, fale, vamos ver.
- LUIZA** = A nêga vêia é muito setida, sabe minha fia? Tudo éia tá furungando, tudo éia tá mexendo, tudo éia tá enxergando, tudo éia tá dando papito.
- MARIBEL** = Mas então é por isso que o Renato lhe chama de guarda noturno do quinteirão? (ISSO RINDO)
- LUIZA** = Chama, sim, o marrochado. Eu sei. Uma criança que a gente dá um pé nas frestas deles, depois que cresce num arrespeita a gente. Mas eia, minha fia, a nêga vêia num procura vê se come pro seli, sabe? Ela procura vê prá judá as peccas que porcia, é por isso. A nêga vêia tem pena, num gosta de vê ninguém sofrer.
- MARIBEL** = É um sentimento muito nobre de sua parte, Luíza.
- LUIZA** = Não que disse... eu também num sei si é isso que suncos disse, mas o caso é que a nêga pudendo judá arguem ela juda. Por isso pe que a nêga vêia quis conversar com suncos pra lhe oferecer um auxílio, porque a nêga já hindilhetó tudo e sabe que suncos tá sofrendo, minha fia.
- MARIBEL** = (RINDO GRANDE ADMIRAÇÃO) Quem, Luíza, eu? Eu sofrendo?... Mas, que esperança, Luíza! Absolutamente! Você está completamente enganada, Luíza. (RINDO) Completamente enganada!... (GARGALHADA)...
- LUIZA** = Hum... Hum... Suncos pensa que me convence com esse gorgalhão? Não não. Um gorgalhão que a gente tá vendo que é só de boca. Sic, fia, a nêga vai lhe dizer uma coisa muito curta; mas a nêga e nem os rapais tão se dando conta do sofrimento de suncos, mas a nêga vêia tá.

- MARIBEL = Que esperança, Luísa! Você está completamente enganada!
- LUÍSA = Enganada, nada. Até as gargalhadas que suneó deu aí num fais muito, era como aquelas gargalhadas dos paisão de circo que a gente sabe que num tem vontade nenhuma de se ri-se. (TRINCOÇA) Suneó tá sofrendo e não tá engano!
- MARIBEL = Pois olha, então eu vou te dizer uma coisa que tá vai ficar muito admirada de ouvir; desde que cheguei nesta casa nunca me senti tão bem como me sinto agora. Por que motivo haveria eu de estar triste, Luísa. Diz?
- LUÍSA = Ora, minha fia, na sua idade, qual é o unico motivo que deixa uma moço triste? Os namorado. Elas nem cuida de outras coisas nesse tempo. É só dos rapazis.
- MARIBEL = Pois então eu vou te dizer que estás com o teu diagnóstico completamente errado.
- LUÍSA = (EXTRAINDO) Tu tá cum que qui suneó disse?
- MARIBEL = Está com teu diagnóstico completamente errado.
- LUÍSA = Que é isso de diagnóstico? A nega num sabe, num dienti suneó falá.
- MARIBEL = Tu quere dizer que tu estás pensando uma coisa completamente errada a meu respeito porque julgas que eu esteja triste por causa de namoro quando nem namorado eu tenho, pronto.
- LUÍSA = Num ven, eu sei.
- MARIBEL = Pois então?
- LUÍSA = Mas num tem praque o que suneó dejeja num pode namora suneó.
- MARIBEL = Está enganada, Luísa.
- LUÍSA = Num te, eu sei que num tá.
- MARIBEL = Jáhe, tu estás vendo fantasmas de meio dia. Tá pensando no seu caso apaixonado pelo Roberto, não é?
- LUÍSA = Viu como suneó sabe o que eu tá pensando?
- MARIBEL = Mas estás redondamente enganada. Ele foi realmente, no principio, o que maior interesse me despertou, mas depois que eu ouvi sabendo de umas coisas que me contaram... tratei de afastá-lo de meu coração e posso te garantir que em menos de quinze dias ele já não exercia a menor influencia no meu espirito. Hoje, então... já me lembro dele quando o vejo ou quando se fala no seu nome mas não estamos falando agora.
- LUÍSA = Pois, óia, minha fia, deixa então e não vá dizê uma coisa pro suneó; Pois primeira vez na vida dele, as antena de nega falou. Eu era espais de jurá que suneó chorava todas as noites no seu trambassero inebente de druzá.
- MARIBEL = Que esperança!... (COM OMBULHO) Pois sim! Ele só é que faltava! Ainda está pare nascer o homem que me fará chorar duas vezes. Luísa!
- LUÍSA = Num diga mais, minha fia. Num pronto. Das vezes o Bentancá; anda por perto e intenta de encontrá que quando ele que fazê as coisas que ele fais.



- MARIBEL = Eu não tenho medo, Luísa. Repito que não acredito que haja um homem capaz de se fazer chorar duas vezes. Uma, vê lá, nas duas... não mesmo.
- LUIZA = Tá bô, minha fia, então discorde de nêga vóia te querido metê a cuíd torto na tua vida, sim? As tenção dele era bô.
- MARIBEL = Tu sei, Luísa e te agradeço bastante. Por óra eu não estou precisando de poito amigo para chorar as minhas mágoas. Um dia, quem sabe?... pôde ser que eu venha a necessitar de algum a quem abrir o meu coração e se isso acontecer eu não me esquecerei que pusesse a tua vontade ao teu carinho ao meu inteiro dispor.
- LUIZA = Tá, minha fia, tá. Sunô pode chand a nêga vóia quando perciais que ôla tá sempre aqui pro salvá sunô do goito que sunô quisô.
- MARIBEL = Muito obrigada, Luísa.
- LUIZA = Tá bô, entôco eu vô...
- MARIBEL = (CORTE) Espere, Luísa, eu quero te fazer uma pergunta.
- LUIZA = Sim, minha fia, fais.
- MARIBEL = Tu achas que existe algum homem no mundo que seja capaz de merecer a dedicação de uma mulher? Responde com sinceridade.
- LUIZA = Jennis de minh'aras! Sincô pergunta si hay lus? Hay muitos, minha fia. Muitos meno, num é um. A quistô é a gente percurá dezoitinho e achá modo que eles andam por aí entreverado com os pante e num leva letreiro na teste. Pica difívil de gente deforangô. Mas que hay muito home bô por esse mundo de Cristo, hay.
- MARIBEL = Pois tu penso completamente diferente de ti, Luísa. Tu penso justamente o contrário.
- LUIZA = Sunô inda é mundo novinha, minha fia. Inda nem não conhece doroto e vida pra juizê podê falá. Lê esse bobage nos livre, acha isso muito e depois fica aí arrepetindo bobage que num tem sentido.
- MARIBEL = Pois si é que você se engana, Luísa. Eu não lê nada disso nos livros, não. Infelizmente aprendi na vida real, si está.
- LUIZA = Aprendeu de que goito, minina? Que bobage é essa? Nem num fais muito tempo que sunô saiu dos caôro, agora vem querê me dáô que aprendeu que os home num presta praquê via na vida real. Via nada. Que home que sunô lidô intô hoje? Pala?
- MARIBEL = Eu vi, Luísa, e rosário de lágrima que o minha mãe desfiou por causa de um home. Eu testemunhei, em silêncio, os seus angustias, os seus desalentos, a sua revolta e o seu desespero. Foi humilhação, vencida e capotada por amor. É esta foi a lição amarga que a vida me ensinou sobre os homens. Você acha que depois disto eu ainda posso ter ilusões com eles? Não posso, não as tenho e nem de hoje te-las. Entre mim e os homens existem os olhos pisados da minha mãe, Luísa.
- LUIZA = Poire de minha fia!... Que pena que eu tenho de sunô!... Sunô perciais encontrá um home bô que apagasse esse lembrança das suas indaías. Um home que fizesse sunô acreditar na vida e no amor.

- LUIZA = (CONTINUANDO) Suncô já veio pro mundo com o coração seco e a arma vazia, minha fia!
- MARIBEL = E só vagio tenho encontrado em tôrno de mim, Luiza, Vazio e... infâmia.
- LUIZA = Ô... tá vindo? A nega vêia teve a razão quando disse pra suncô que Suncô teve a culpa, Suncô disse que não, ela num quis tomá.
- MARIBEL = Eu sofro sempre, quando recordo minha mãe, Luiza. E não tolero os homens pelas coisas todas que ela me disse a respeito deles. Todas as vezes que falo em minha mãe, inunda-me o coração um enxergar tão grande que o desejo que me assalta é o de sufocar e cuspir na cara de todos os homens da terra. Sinto-lhe seco e ódio a um só tempo.
- LUIZA = Crede em Cruz! Virge Maria!... Num diz essas coisas, minha fia! Suncô, was minha bunita, com uma boquinha mimosa que parece um anjo, dizendo essas coisas feias! Tem essente na sua boca, minha fia, ôis, deixa os xingados pras bocas vêias, feias e adoidada que nem a minha. A sua deve dizer coisas subrins, Suncô num sabe rezá?
- MARIBEL = Sei, mas não reso.
- LUIZA = Praga, minha fia? É tão bô!
- MARIBEL = Eu não acredito nisso.
- LUIZA = Pelu anjô de Deus, minha minina! Deus Nosso Sinhô perde suncô e num lo castigue pro culpa disso, que suncô num sabe o que tá dizendo, fia! A nega vêia pode agarrar pra suncô que só por meio das rezas é que a gente pôde obter a indulgência do Criado e no culpa que a gente mais deseja. Tire das rezas num ganje nada.
- MARIBEL = Pois então eu nunca conseguirei nada, porque rezar eu não rezarei.
- LUIZA = Experimente uma vez, minha fia. Num custa.
- MARIBEL = Eu já disse que não. Primeiro porque eu não creio em nada dessas coisas e segundo porque eu acho que um pai não tem o direito de exigir que os filhos se humilhem e supliquem as coisas quando desejem possuí-las. E eu sou muito orgulhosa para suplicar qualquer coisa. Si querem me dar, muito bem mas se não querem eu não peço. Imagine, rezar! Eu rezar. Não, Luiza, porca essa esperança porque eu não rezarei jamais.
- LUIZA = Num fais mal. A nega vêia resou por suncô. Ele vai jái pro Nosso Sinhô dos Passos e São Dinizitu mole guê suncô na vida, arrumando um nego bem bô pra suncô si casá com ôle.
- MARIBEL = Acho muito difícil que isso aconteça, Luiza. Impossível. quôô.
- LUIZA = Oricosa minha fia! Impossível pra quê?
- MARIBEL = Porque o homem bon... nasceu morto! (GARGALHADA SARCÁSTICA.)
- LUIZA = Esse foi o miô de tolar, mas suncô tá muito ingenua, ele num nasceu morto, não, minha fia. Ele deixô os matá no oxalá, não sarvê nós tudo. E é pra ele que a nega vai jái pra tirar essa indôcia ruim da cabeça de minha fia.

- MARIBEL = (RINDO) Eu tenho a cabeça tão dura, Luísa! Acho muito difícil alguém tirar ou deixar qualquer coisa nela.
- LUIZA = Num país né, a vontade d'Ele pode muito mais que a dureza da cabeça de sucos, malquinha.
- MARIBEL = (RINDO E APASTANDO-SE) Está bem, Luísa, está lógico!
- G/REGRA = PASSOS DE NOÇA QUE SE APASTAM E SOMEM =
- MARIBEL = (JA EM 2º PLANO, RINDO) Vamos ver se tá consegue lembrar a Ele que eu existe e que moro aqui junto com vocês.
- LUIZA = (TRABALHANDO) Tô conseguindo sim, tá vai tá! (PAUSA E TOM) Depois que te perde a cabeça, tá bunitinha e os indaias tá, logo de frente de cabeça, orôdo (NOVA PAUSA E TOM) Deuse tenha pena dele, pobri-  
ninha! Deuse serve e seu coraçãozinho de cá na fogueira do inferno!
- TECNICA = CARACTERISTICA FINAL DO CAPITULO =

MB/ahi

TECNICA = CARACTERISTICA ABERTURA =

- MARTHA = Maribel! Que surpresa me causas!... Eu não te esperava sinão ás cinco da tarde. Que antecipação foi esta?
- MARIBEL = Mas então tu me escreves um bilhete ás oito horas da manhã, annunciando-me uma tremenda novidade para as cinco da tarde e tens a ingenuidade que eu vá esperar até logo para tomar conhecimento do assunto? Mas nem era possível esperar tanto tempo. A curiosidade cebaria, fatalmente, por me enlouquecer. Não tive dúvidas. Vesti-me imediatamente, arranjei um pretexto qualquer para sair e aqui me tens. Vamos, vamos, dis logo o que tens a dizer que eu já não posso esperar mais.
- MARTHA = Tã nem sequer desconfia dessa novidade que te annuncio?
- MARIBEL = Si desconfiasse não estaria nessa tremenda curiosidade que estou. Fala, anda, eu estou aflita.
- MARTHA = Dê um palpite qualquer, vamos vêr.
- MARIBEL = Ora, Martha, tã tens a coragem de me esmiuçar no mansinho? Que palpite eu posso dar si não tenho a menor ideia de que possa ser? É coisa que me interessa directamente?
- MARTHA = Mas é claro! De outro modo nem se justificaria que eu te mandasse um bilhete ás oito e meia da manhã; não te parece?
- MARIBEL = Bem, então eu já estou sabendo mais ou menos o que tu passa ser. Garanto como se trata de assunto referente ao Nóbrega? não é verdade?
- MARTHA = Acertas-te em cheio, Maribel.
- MARIBEL = Eu logo vi.
- MARTHA = Ele me incumbiu de ter uma conversa muito séria contigo, a respeito dele, sabe?
- MARIBEL = Não vais me dizer que ele te encarregou de me pedires a minha mão em casamento.
- MARTHA = Não é bem isto, mas quasi que vem a ser.
- MARIBEL = Como assim? Não te entendo. Explicas-te melhor.
- MARTHA = Ele me pediu para conversar contigo, fim de saber de que maneira seria recebido por ti um pedido nestas condições.
- MARIBEL = Com uma negativa formal, está claro.
- MARTHA = Não é possível, Maribel!
- MARIBEL = Não é possível, o que?
- MARTHA = Que tu recebas desse modo um pedido de um rapaz como o Nóbrega.
- MARIBEL = O que não é possível é que seja recebido de outra maneira, uma vez que eu não gosto dele.
- MARTHA = Mas tu já pensaste bem no que vais jogar fóra?
- MARIBEL = Nem é preciso que me dê ao trabalho de pensar. Sempre placei e continuo pensando que a gente só se deve entregar a um homem quando o ama ou do contrário só por despeito e qualquer um outro, mas eu, felizmente, não estou neste caso.

- MARTHA = Maribel, o Wóbrega é um rapaz que tem tudo para fazer feliz a uma  
mexa mulher. Pede, ao menos, antes de desiludi-lo, que ele te de  
um prazo de tres meses para que te habitues à ideia.
- MARIBEL = Não, não. Eu tenho certeza absoluta de que a minha opinião, daqui  
a tres meses, será igual á que te estou dando agora.
- MARTHA = Mas eu não posso me conformar que tu não queiras nem ao menos con-  
siderar a situação, criatura! Pensa bem.
- MARIBEL = Ouve, Martha. Si em vez do Wóbrega ter feito a mim o pedido, ti-  
vesses feito a ti, tú concordarias em tratar casamento, mesmo que  
não fôsse ele o eleito dos teus sonhos?
- MARTHA = Si eu tivesse me desiludido do meu eleito, juro-te que o agarrova  
com unhas e dentes.
- MARIBEL = Ah, bem! Si tu tivesse te desiludido do teu eleito, mas em caso  
contrário não considerarias ocias alguma porque nada mais, além  
do teu amor, seria capaz de interessar-te. Tu julgas que eu me  
tenho desiludido, pelas ocias que tu me conteste à respeito do  
Roberto? Desiludida, efetivamente, com o homem, porque fizera um  
outro juizo a seu respeito, mas isso não quer dizer que tenha so-  
frido uma desilusão enorme porque para isso seria necessário que  
eu amasse Roberto e eu, afinal, em cheguei a sentir um interesse  
mais profundo por ele, quanto mais ama-lo. (T) Não, não Martha, eu  
te peço, por tudo, que tires da cabeça dele essa ideia, para que  
eu não seja obrigada a dizer-lhe diretamente o "não". Podes dizer  
que o aprecie muito, acho-o um amor como camarada, mas que enquan-  
to alimentar a esperança de me tornar esposa de um homem a quem  
amo, jamais poderei unir-me a um outro que se apresente como um  
casamento de conveniencia. Ele que me perdoe mas não é possível.
- MARTHA = É... a vida é mesmo engraçada, o que é que se vai fazer? Enquanto  
mais de uma dezena de garotas suspiram e se desesperam pela prefe-  
rência do Wóbrega, tú não queres nem te avistar com ele para não  
ouvir palavras de amor. (T) Dona Elisabeth será capaz de morrer de  
paixão, quando chegar a saber disto.
- MARIBEL <sup>Essa</sup> Não ha necessidade de que ela venha a saber.
- MARTHA = Bem, por mim ela nunca saberá, mas ele mesmo ha de contar aos ami-  
gos que tentou casar contigo e que tu não quiseste. Além ele é  
assim muito franco. Não costuma esconder nada de ninguém.
- MARIBEL = Bem, si ela souber, paciencia. O que eu não farei, por preço ne-  
hum será casar com um homem sem gostar, Martha. (T) E agora, dei-  
xando o Wóbrega de parte para falarmos um pouco de ti, tu me disses-  
te, ha pouco, que "se tivesses te desiludido do teu eleito" seria  
capaz de acito-lo. Isso quer dizer que, apesar das tuas constan-  
tes negativas, tu tens um eleito e nunca m'o quiseste revelar.
- MARTHA = Que esperança, Maribel! Absolutamente! O que aconteceu é que eu me  
expressei mal. Deveria ter dito assim: Si eu tivesse um eleito e  
me desiludisse dele...

- MARIBEL = Mas segundo você me contou, há dois meses atrás, você teve uma desilusão muito grande com o Roberto e até me disse mais que sofreu muito por causa dele.
- MARTHA = E foi verdade. E si naquela ocasião o Bóbraga ou qualquer outro rapaz distinto como ele tivesse chegado para mim, pretendendo casar-se comigo, você pode estar certa de que eu o teria aceito.
- MARIBEL = E você pode garantir que hoje não estaria amargamente arrependida?
- MARTHA = Bem, isso é difícil da gente saber. Em materia de amor e de casamento, nunca se pôde garantir coisa alguma. São sem conta os casamentos de amor que se sabem defeitos, não é verdade?
- MARIBEL = Mas, meu Deus! E todos os dias vão aparecendo novos.
- MARTHA = Da mesma maneira que são inúmeros os casamentos sem amor, cujos interessados vivem, até hoje, numa constante lua de mel.
- MARIBEL = Sim, eu sei. Nesse ponto você tem toda a razão. Nunca se sabe o que o coração da gente será capaz de sentir no dia de amanhã. Ele tanto tem de irrequieto como de insensível.
- MARTHA = Ah, pois é. Por isso é que devemos ter sempre muito cuidado, muita cautela e não resolver nada que lhe diga respeito sem primeiro susculta-lo bem e ver as reacções que ele será capaz de experimentar.
- MARIBEL = Escute, Martha, mudando de assunto, você ficou de me contar uma outra coisa de estarrecer a respeito do Roberto e afinal nunca me contou. Por que não aproveita hoje?
- MARTHA = Eu disse que só lhe contaria no dia em que tivesse a certeza absoluta de que você já não sentia mais nada por ele.
- MARIBEL = Pois então está justamente na hora de me contar.
- MARTHA = Você pensa que está, mas eu não acho que você já o tenha esquecido.
- MARIBEL = Não acho? Posso lhe garantir que sim...
- MARTHA = Que esperança! Você faz tudo para esquece-lo e eu tenho certeza de que irá consegui-lo um dia, mas por ora ainda não. Por ora você ainda tem qualquer coisinha bem lá no fundo do seu coração. O dia que eu tiver a certeza de que você não sente absolutamente nada pelo Roberto, nesse dia então eu não precisarei que você me peça ora lhe contar nada. Chege a você e diga: (T) E já que estamos falando neste assunto, você quer saber o que eu acho que está lhe faltando para você conseguir completamente esquece-lo?
- MARIBEL = Vamos ver, diga.
- MARTHA = Arranjar um novo amor.
- MARIBEL = Não é preciso isto. Eu posso muito bem desligar-me totalmente dele sem que haja necessidade de prender meu pensamento a outro homem. Para isso eu tenho amor próprio e dignidade.
- MARTHA = Bem sei, mas no dia em que você arranjar um novo amor e se dedicar a ele por completo, você verá como o primeiro irá ficando e se extinguirá sem que você perceba.

- MARIBEL = Acredito que ajude sim, não duvido. Mas se a gente pode se livrar de uma complicação sem se meter em outra, parece-me que é sempre muito melhor, não é verdade?
- MARTHA = As complicações amorosas, Maribel, para falar bem a verdade, até quebram a monotonia da vida da gente. Experimente fazer o que lhe digo e depois me conte o resultado. Tenho certeza absoluta que você vai me dar razão.
- MARIBEL = Pois eu vou tentar fazer esse experiencia, só para lhe ser agradável.
- MARTHA = Você vai ser agradável a mim e útil a você mesma, verá. Quando pensa começar?
- MARIBEL = Não sei, mas é possível que hoje mesmo.
- MARTHA = Propondo ao Nobrega um prazo de tres meses para experiencia?
- MARIBEL = Não. O Nobrega não entra na minha brincadeira.
- MARTHA = Que vai fazer, então?
- MARIBEL = Aceitar hoje mesmo a oferta de um outro rapaz que me pediu ha muito tempo.
- MARTHA = É? Você nunca me contou nada a esse respeito.
- MARIBEL = Por que nunca liguei importância ao fato. Só por isso.
- MARTHA = (PODEIS DE PAUSA) Diga-me uma coisa, Maribel: eu conheço esse rapaz?
- MARIBEL = Bem...eu...eu não tenho certeza si você o conhece.
- MARTHA = O nome dele qual é?
- MARIBEL = O nome dele?...Olhe, você talvez ache estranho, mas para lhe dizer a verdade, nem o nome dele eu procurei saber até agora. Não me interessava mesmo, de formas que nunca perguntei.
- MARTHA = Mas nesse caso eu acho que seria muito mais interessante para você fazer a experiencia com o Nobrega que pelo menos você sabe quem é.
- MARIBEL = Mas eu simpatizo mais com o outro; aí é que está.
- MARTHA = Bem, isso é uma questão sua. Só a você, que é a interessada, sabe resolver.
- MARIBEL = Bem, Martha, agora você vai me dar licença que eu já vou andando.
- MARTHA = Pois não,
- MARIBEL = Mas antes eu queria lhe pedir ainda um grande favor.
- MARTHA = Já sei qual é. Pode deixar que eu falarei com o Nobrega e lhe direi que não fale nada a você porque o seu coração não quer, por enquanto, saber de assuntos de amor. Está bem assim?
- MARIBEL = Não, não diga assim porque ele será bem capaz de esperar mais algum tempo e voltar novamente á carga. Acabe logo com a alegria dele. Diga que eu não gosto dele para casar e pronto.
- MARTHA = Você não tem pena de dizer assim, Maribel?
- MARIBEL = Pena? Nunca ninguém teve pena de mim, que bobagem?
- MARTHA = Está bem, então si você quer que seja assim, eu procurarei as palavras mais suaves para lhe dizer uma verdade tão amarga.

TECNICA = CORTINA MUSICAL =

PUBLICIDADE

TECNICA = CORTINA MUSICAL =

- LUIZA = Ué, gente! Qui é que tá pra acontecer, suncê vindo a essa hora pra casa? Tá sintindo alguma dor?
- RENATO = Essa é muito boa. Então porque eu venho mais cedo um dia, tenho que estar sintindo alguma coisa, Luiza? Você é uma novidade.
- LUIZA = Pois suncê nunca veio a essa hora, a gente tem que insistir lá atrás. Que horas que deve ser? Aguento que num são nem cinco.
- RENATO = Cinco horas, sim senhora. Cinco horas e dez minutos.
- LUIZA = Pois então? Suncê sempre chega depois da sete... Num tem nada que achá gracia da gente perguntá si suncê tem alguma coisa.
- RENATO = Não tenho nada, pode estar descansada. Está muito calor na rua e eu resolvi vir para casa e por-me a vontade. A mãe está?
- LUIZA = Tá nada. Foi no cemitério levá uma flor que hoje era o dia do aniversário do sinhô si ele tesse vivo.
- RENATO = Ah, é verdade. Hoje era o aniversário do papai, sim. Maribel foi com ela?
- LUIZA = Foi, não, meu fio. Ela foi numa amiga dela que mandô um bilhete chamando ela mais já vortô. Num demorô muito tempo. Deve tá lá em ribe no qualto dela.
- RENATO = Não tem mais ninguém aí, tem?
- LUIZA = (SIGNIFICATIVA E DISPOSTA) Tem, sim. Tenho eu. Tu num pensa que vanceis dois só sosinho praque eu tô também aqui de ôio bem vivo e pé ligêro, tá ouvindo?
- RENATO = Ué!... Que alegrias são essas pro meu lado?
- LUIZA = Alegria, num é? Só que eu num conhecesse suncê, nas ôie, suncê prá me enganá tem que nasceô otêra veis, ouviu? Que eu mudei muitas fraldas em suncê.
- RENATO = Para, Luiza, que é isso? Você hoje está com o espirito de porco para o meu lado? Deixa disso.
- LUIZA = Num deixo não que suncê num é desse mundo. Suncê até parece exão do tnhoso de tanta coisa que inventa.
- RENATO = Não, tu é que estás inventando coisas.
- LUIZA = Tá bom. Suncê pense que eu só e sua mãe que nunca enganou ela com duas palavras? Pois sim. Essa nega aqui tem outra jur drento. Suncêis pensa que leva ele nas costas. Ela só não vê as coisas que ela num vê. O que éia que ela vê sempre.
- RENATO = Pois então me diz o que é que tá estás vendo demais ou eu ter vindo de mais cedo hoje para casa?
- LUIZA = Tu vendo que agora o Rebelto largô a menina de mão e suncê anda se ingrãçando com ela. Isso é que eu te vendo.
- RENATO = Está boa essa! (RI) Palavra que esta eu achei boazinha. (R.)
- XXXXX =



- LUIZA = Num diante querê fingi que suncoê num me engana. Mais ôia: uma coi  
sa eu vô dizê pra suncoê; tu num invente coisa pra incomodá a sua  
mãe que recem tá querendo drumi mais discensada, viu?
- RENATO = Não tem perigo, Luísa, pôdes ficar tranquila. E teheu que eu vou  
subir para me pôr a vontade.
- C/REGRA = PASSOS AFASTAM E SOBEM ESCADA C/ASSOBIO =
- LUIZA = Tô vendo, ô, tá vendo? Esses assobio já é prá lá siná pra ela que  
ele tá chegando. Isso são uns demônio. Tudo eles inventa. Eu vou  
ê seccá esses côpo ligero e me botá lá pra riba mais ante que eles  
invente coisa. Adonde tá um rapais e uma moça... santanais tá sem-  
pre junto. A gente tem que inspentá ele.
- TECNICA = CORTINA MUSICAL =
- C/REGRA = EM 3º PLANO ASSOBIO QUALQUER MUSICA CONHECIDA =
- MARIBEL = Martha me disse <sup>que</sup> para esquecer um amor não ha nada como a gente  
se agogar nas caricias de um outro amor. Pois bem, eu vou experi-  
mentar essa receita, mas não com o Fôbrege a quem nã desejava  
empurrar pelos meus olhos, mas com Renato que é irmão dele e me  
proporciona, assia, uma dupês vingança. Ele está astobiando para  
me aviear que já chegou. Veio cêdo hoje. Bem, vou descer ao jar-  
dim que ele não demorará a seguir-me.
- TECNICA = CORTINA MUSICAL = EMBUDA PASSAROS EM BG =
- RENATO = Que foi isto? Resolveu enfeitar o jardim?
- MARIBEL = Resolvi misturar-me á quietude da tarde. E você?
- RENATO = Avistei-a da janela do meu quarto e corri a gosar da sua compa-  
nhia, si não e aborreço, é claro.
- MARIBEL = Aborrecer-me, você, Renato? Não lhe dou nem o direito de pensar  
tamanho absurdo, quando mais disser.
- RENATO = É que as mulheres, em geral, são extranhas e caprichosas; e a gen-  
te numos pode ter certeza si se está agradando ou não.
- MARIBEL = (MALICIOSA) Você não está querendo insinuar que somos falsas, pois  
não?
- RENATO = Absolutamente. Ser caprichosa é uma coisa, ser falsa é outra coi-  
sa muito diferente.
- MARIBEL = Pois olha, eu não sou nem uma coisa nem outra. O que sou é sincé-  
ra demais. O que sinto, sinto e si não digo, mostro. E esse é que  
é o meu grande mal. Eu deveria ter aprendido a fingir como o fan-  
ta maioria das mulheres. Teria tirado muito mais proveito da vida.
- RENATO = Eu não estou de acordo com você, porque acho que justamente o seu  
maior encanto está nessa maneira franca de ser e de agir.
- MARIBEL = Bem, é uma das poucas coisas de que me posso orgulhar, realmente.
- RENATO = Como assim? É a sua beleza, onde fica?
- MARIBEL = Você me acha realmente muito bonita, Renato?
- RENATO = Bonita, não. Lindíssima! De uma beleza peregrina e estonteante.
- MARIBEL = (SERRI) Engregado. Você me diz exatamente o que me disse o Howe-  
gra.

- RENATO = (ZANGADO) Por favor, Maribel, quando você estiver comigo não me fale de outros rapazes porque me desagrada profundamente, sabe?
- MARIBEL = Que interessante! Mas que tem de mal que eu lhe fale no Nobrega?
- RENATO = Não gosto dele.
- MARIBEL = Porque? Ele lhe fez alguma coisa?
- RENATO = Foi.
- MARIBEL = Diga o que foi. Quero saber.
- RENATO = Uma coisa pela qual jamais poderei perdoá-lo.
- MARIBEL = Meu Deus, que será?
- RENATO = Desde o primeiro dia em que lhe viu, tentou conquistar você.
- MARIBEL = (DOBRA O BICO COM VONTADE) Ora, coitado! E só por isso você não gosta dele? Não é motivo.
- RENATO = Como não é motivo?...Mas então um rapaz que gosta sinceramente de uma moça pode lá admitir a outro que pretende arrebatá-la?
- MARIBEL = Ouça, Renato; você brinca comigo quando fala assim ou você está dizendo coisas que você sente na realidade?
- RENATO = Si você conhecesse a linguagem dos olhos não precisaria perguntar isso. Já teria lido neles, há muito tempo, a paixão que me inspirou.
- MARIBEL = Sabe o que é que aconteceu, Renato? Você tem assim <sup>um</sup> goito engraçado e a gente nunca sabe si você está brincando ou falando sério.
- RENATO = É a minha ~~ênfase~~ tática para encobrir os meus pensamentos e os meus fracassos, Maribel. Como sou orgulhoso, procedo desta maneira para não ter que repelir a comiseração alheia. Si eu me entregasse ao pesar...nunca mais teria sorriso, desde o momento em que você deu preferência ao...
- MARIBEL = (CORTA RAPIDA) Não fale nisto, por favor!
- RENATO = (TRISTE) Vê? Você ainda gosta tanto dele que nem deseja que eu lhe recorde o nome.
- MARIBEL = E si eu lhe disser que você está completamente enganado? Que eu não desejo que se fale no assunto para não recordar uma tolice inexplicável.
- RENATO = Seria uma esperança tão grande para o meu coração que eu teria receio de sufocá-lo com tamanha alegria.
- MARIBEL = Solte a minha mão. Sua mão pôde chegar de um momento para o outro e se nos surpreendesse de mãos dadas você sabe muito bem o que nos custaria; uma separação total e imediata.
- RENATO = Maribel, você se anima a descer furtivamente ao jardim logo à noite para conversarmos mais longamente, envolvidos pela cumplicidade da treva?
- MARIBEL = Não sei. Você é muito afoito e eu tenho receio.
- RENATO = Prometo que hei de portar-me como um verdadeiro cavalheiro. Nam assim você se anima?
- MARIBEL = Não sei. Vamos ver. Si na hora eu tiver coragem, virei encontrá-la com você.

- RENATO = Eu estarei aqui, neste mesmo banco, à sua espera, querida,
- MARIBEL = Bem, agora, ou você sobe ou subirei eu.
- RENATO = E por que não subirmos juntos?
- MARIBEL = Veja se eu não tenho razão em dizer que você é afcito. Afcito e imprudente. Você pensa que a Luísa não observa tudo e não conta tudo a sua mãe?
- RENATO = Mas eu sei disso, perfeitamente. Há pouco já ela veio indagar de mim a razão porque vim mais cedo para casa hoje.
- MARIBEL = E nem assim você toma precauções? Dessa maneira você vai acabar me convencendo que não está ligando num um pouquinho se for obrigado a separar-se de mim.
- RENATO = Não diga isso nem brincando, por favor.
- MARIBEL = Pois então trata de moderar-se e fingir completa indiferença por mim, quando houver outra qualquer pessoa na nossa presença.
- RENATO = Procurarei seguir à risca os seus conselhos. E para começar vou subir sozinho. Mas não se esqueça, hein? Logo à noite, quando tudo for silêncio em torno de nós, meu coração estará aqui, neste mesmo lugar, batendo por você. Faça o possível de não faltar, sim?
- MARIBEL = Eu não disse a você que viria. Disse que ia ver se teria coragem para vir. Não é a mesma coisa, lembre-se bem.
- RENATO = Mas eu guardarei comigo a lembrança de que você se animou e veio.
- MARIBEL = Não sei. Guarde a esperança, mas não guarde a certeza para não se decepcionar.
- RENATO = Está bem. Até logo, então, minha vida.
- MARIBEL = Até logo, rapaz.
- C/REGRA = PASSOS HOMEM DE APASTAM EM AREIA =
- MARIBEL = (PAUSA=PRA SI MESMO) Será que o Renato está mesmo apaixonado por mim, ou estará apenas pretendendo desempenhar o mesmo papel de canalha que o irmão desempenhou com a outra? Não sei. A verdade, também, --e que não está me interessando muito se ele gosta ou não gosta de mim. No fundo, bem no fundo, o que eu estou mesmo fazendo não é uma tentativa para esquecer o outro e sim um simulacro de romance para torturá-la, porque ainda que ele não goste de mim e eu tenha pretendido apenas iludir-me, há de sentir-se ferido no seu suor próprio por eu ter dado preferência ao seu irmão que, na verdade, tanto intelectual como fisicamente, é muito inferior a ele. É uma maneira de me vingar dele e de canalhice que pretendeu fazer comigo. E ele nem suspeita que sou mulher capaz de chegar ao extremo de me entregar a outro, se isto se fizer necessário para completar a minha vingança. Ele não me conhece. Ele não sabe quem é Maribel!
- TRUFEIRA = CHARACTERÍSTICA FINAL DO CAPÍTULO =

Capitulo (11º)

*Mofurêlio*

CONTROLE TEMA MUSICAL SOBRE E COSTA

RAUL Que é que você tem hoje, que até parece que os olhos derramam felicidade?

RENATO Eu estou mesmo feliz hoje, sabe "velhinho"?

RAUL Eu vi logo. Nem precisava que você dissesse.

RENATO Você sabe o que possa ser um raio grande de esperança para quem vivia perdido na treva da descrença?

RAUL É, is, is, is, is, is!... Isso aí é volte de amor.

RENATO De amor, não, "velhinho", de paixão. Eu estou completamente apaixonado.

RAUL Você? Apaixonado? Contra quem?

RENATO Ué, contra quem? Contra quem por que? Por acaso eu não sou um bom rapaz?

RAUL Às vezes é, outras vezes é horrível. Depende do vento. A verdade é que nunca se pode saber quando você está falando sério ou está brincando.

RENATO Eu vou dizer a você o mesmo que disse a ela hoje; é uma forma de encobrir os meus fracassos e o que eu sofro por causa deles.

RAUL Eu acredito que você tenha impressionado a coitadinha com essa frase, mas a mim eu lhe afirmo que você não impressiona porque eu já lhe conheço de sobre e portanto continuo com a mesma ideia anterior.

RENATO Bem, velhinho, eu estou sendo sincero e nem sei que interesse poderia ter em fingir para você um sentimento que não estivesse experimentando em realidade, mas a verdade é que para mim tanto faz que você acredite ou não no que eu digo porque a sua opinião não me interessa mesmo. Desde que ela acredite... o resto tanto faz como tanto faz.

RAUL E ela acredita?

RENATO Finge que não está muito certa do que eu digo, mas no fundo bem que ela está achando que tudo é verdade.

RAUL Coitada! Quanto eu a lamento.

RENATO Coitada por que? Por que você a lamenta?

RAUL Porque está sendo enganado, ora essa! Você não acha que é motivo suficiente para que ela seja digna de pena?

RENATO Raul, diga-me uma coisa: você está fingindo que não me acredita para me atacar, ou você, em realidade, me considera assim tão fingido?

RAUL Não, Renato, eu não acho que você seja fingido. Acho que você sente realmente, as coisas que diz, mas a questão é que você, pelo seu temperamento, ou sei lá porque, não tem capacidade para sentir muito tempo uma mesma emoção. As coisas, ou melhor, os sentimentos se renovam em você com uma facilidade de passar. Hoje você morre de amor por uma determinada coisa, amanhã você já está entediado dela e depois de amanhã esquecido, totalmente. Talvez isso seja um bem para você, não duvido, mas para as pessoas que você diz vibrar ao ritmo desenfreado de sua paixão de poucas horas, deve ser uma tristeza e uma infelicidade,

deixarem-se prender nas suas teias para logo depois sentirem-se perdidas na noite negra da descrença e do abandono. Esta é a verdadeira razão de eu lhe haver perguntado "contra quem" você se apaixonou. E por falar nisto você não chegou a responder a minha pergunta. Ou chegou?

RENATO

Que pergunta?

RAUL

Eu lhe perguntei quem era a pequena por quem você se apaixonou e acho que você não me disse.

RENATO

Não disse, não e nem pretendo dizer-lhe. Imagine só se resolve dizer a ela todas as coisas que acabou de me dizer a respeito da minha incapacidade de amar muitas horas a mesma coisa? Você bota toda a minha carreira a perder,

RAUL

Ben, para ser muito franco a você, eu prefiro mesmo ignorar a garota de sua paixão para não ter que lamentá-la.

RENATO

O tempo há de mostrar ~~isso~~ a você que as suas conclusões a respeito do meu temperamento amoroso foram completamente falhas; está bem?

RAUL

Não pense você-que eu ficarei aborrecido por isto, meu irmão. Pelo contrario, ficarei até muito satisfeito porque só assim você estará em condições de encontrar a felicidade ao lado de uma mulher.

RENATO

Ben, eu vou dar umas voltas para fazer horas e depois encontrar-me com a minha bem amada. Boa noite, Raul.

RAUL

Boa noite, Renato. Felicidades para você.

RENATO

Obrigado, "velhinho"!

CONTROLE

CORTINA MUSICAL

ELISABETH

Sinhá, inbente que suncê v-a drumi eu quero dizê uma coisa pra suncê. Está bem, Luiza, podes falar.

LUIZA

É do Renato, que eu quero le falá. Eu hoje adescobri que ele tá otra vez de novo fazendo rodinhas em volta da Maribéli.

ELISABETH

Mae quando foi que ele deixou de fazer rodinhas pra ela, Luiza?

LUIZA

Suncê já sabia?

ELISABETH

Desde o dia que esse menino entrou aqui em casa.

LUIZA

Uei, que ingregado o suncê que ficou tão burricida do Roberto ficou do jeito que ele ficou, mas tá burricida de vê as bravete desse menino agora?

ELISABETH

Não, Luiza e por dois motivos perfeitamente compreensíveis.. Primeiro: O Renato não tem capacidade para gostar por muito tempo de ninguém e no momento que ele desse confiança a ela, dois dias depois estava desprezado. Segundo: ela encara o Renato como uma criança e vê-se, perfeitamente que não o leva a sério. Logo... essas escaramuças que ele possa andar fazendo nem se preocupam porque eu sei que não passa de chuva de verão. Caem fortes mas param logo.

LUIZA

Tá bõo, intonce se suncê num tem arrecolo eu fico mais satisfeito.

ELISABETH

E agora parece que o rapaz aquele que simpertou com ele, no ché de casa da Martha, está querendo levar o namoro a sério e tratar casamento. Disse-lhe a Martha que ele não está querendo muito mas que sabe que com um trabalhinho bem feito, como o que ela está fazendo, que Maribel con-

berá se rendendo.

**LUIZA** Suncê num ache ruim uma pessada casá sem gostá, só por in fruência dos ôtro? Eu acho. Póde cuntê de da pessada depois num se agita e dá a porcaria feita. Vai cada um pro seu lado, pra depois ená fazendo essas casamento que a gente vê todo o dia pela Prôra Mediciná.

**ELISABETH** (RINDO) Você às vezes tem umas ideias engragadas, Luiza.

**LUIZA** Póde sê ingragada, eu num digo que num xege, mas verdadara elas são tombem, ai que tá.

**ELISABETH** Ouça, Luiza, você ainda vai continuar dormindo lá em cima?

**LUIZA** Pru qué, sinhá?

**ELISABETH** Porque eu acho que não há mais necessidade e além disto eu fico muito aflitada ver você, todas as noites, subindo essa enorme escadaria, com travesseiro, lençol, cobertor, tudo debaixo do braço. Você já não está mais em idade para estar fazendo essas extravagâncias.

**LUIZA** Oie, suncê qué que eu le digue uma cousa? Logo nos proximo dia eu ficava cas oernassunto duida de subi pra cima, mas hoje eu já tô tão imbituada que nem num sinto mais nada. Assubê e adeage e torno a subi e torno a descê e num tô sintindo cousa nenhuma.

**ELISABETH** Mas de qualquer maneira não pode lhe fazer bem. O melhor é que você volte a dormir aqui em baixo, como antes.

**LUIZA** A sinhora é que sabe mais pra dizê mesmo a vradade intê que nem me custa.

**ELISABETH** Agora vamos fazer exatamente o contrario do que fizemos no principio: antes você dormia lá na rouperia sem que eles subessem de coisa alguma, agora você vai voltar a dormir aqui em baixo mas diremos a todos eles que você está dormindo na rouperia. Assim, pelo menos, eles sempre terão um pouco de respeito.

**LUIZA** Isso é bôo, memo de gente fazê, Num custa. Tá bôo, entonce ai eu não vô mais drumi lá em riba vô trstá de i mimora lá pra dentro e me recoiê pro meu quarto. Suncê qué argusa cousa ainda, sinhá?

**ELISABETH** Não, Luiza. obrigada. Eu não quero mais nada por hoje.

**LUIZA** Tá bôo, entonce Deuse le dê uma bôa noite, Sinhá.

**ELISABETH** Obrigada, Luiza e para você tambem.

CONTROLE MORTINA MUSICAL

**ROBERTO** Ué, rapazi! Onde você vai a este hora da noite, assim todo penteado e perfumado?

**RENATO** Tenho uma entrevista marcada com uma pequena maravilhosa.

**ROBERTO** Você não podia marcar essa entrevista um pouquinho mais cedo? Já é assim mais noite.

**RENATO** Ela não pode sair antes. Precisa esperar que todos durmam em casa.

**ROBERTO** Cuidado, menino, veja lá o que você vai fazer, hein? Não se deixe prender em alguma armadilha.

**RENATO** Quem?!...Quê?!...Ora não mole! Você pensa que eu sou criança?

**ROBERTO** Para essas questões de correção os homens são eternas crianças.

RENATO Não se assuste que eu sei muito bem me conduzir. E você o que faz também a este hora acordado?

ROBERTO Venho chegando da rua.

RENATO Estava no Clube? A turma estava lá?

ROBERTO Todinho, como sempre. Extremaram a sua ausência, sabe? Vieram me perguntar o motivo.

RENATO E você que lhe disse?

ROBERTO Que lhes podia dizer se eu não o sabia?

RENATO Se eles soubessem que fiquei me prontando para ir ver uma namorada vão me dar um baile que não vai ter tamanho.

ROBERTO Pois eu acho que não porque nenhum deles vai acreditar.

RENATO Ora, esse, e por que? Eu, por acaso, não tenho o direito de namorar?

ROBERTO Tem, é claro, mas a questão é que ninguém acredita que você tenha a capacidade de ficar parado numa esquina à espera que a menina apareça na janela e quando ela aparecer ficar depois uma ou duas horas a fazer assunto com ela.

RENATO Mas namoro assim eu nem faço, mesmo. Eu gosto é de passar o braço na cintura da dona e me ajuizar no escuro.

ROBERTO Está bem, então vá fazer o seu romance que eu estou louco para me atirar no berço. Estou morrendo de sono. (BOCEJA)

RENATO Até amanhã então, mano.

ROBERTO Até amanhã. E felicidades para você, hein?

RENATO (EM SEGUNDO PLANO) Obrigado.

CONTROLE CORTINA RÁPIDA

(MONOLOGO A METO TOM) Que coisa estranha! Eu vinha para casa cansadão de de sono não faz muito. Por-me a conversar com o Renato no meio da escada e a co verba dele, não sei porque, deixou na minh'alma uma intranquilidade que não se justifica e que me roubou completamente o sono. Teria o meu sub-consciente sido acordado por qualquer suspeita? Não sei. O caso é que rolei na cama por mais de meia hora e agora estou aqui de pé, no meio do quarto, sem saber o que fazer. Talvez fôsse interessante descer ao jardim onde a aragem de brisa talvez me traga uma mensagem de paz. A noite está tão bela... tão estrelada... (PAUSA) Sim, é isto o que vou fazer. Descer ao Jardim e sentar-me num banco à espera de que o sono volte.

CONTROLE CORTINA RÁPIDA

C/REJIRA PORTA QUE SE ABRE MUITO DISCRETA

ROBERTO (BAIXO) Hei? Que é isso? Aproxima-se um vulto pelo corredor? Vai passar pela minha porta; esperarei para surpreender a quem for. (PAUSA) Vou de vagar e sem fazer o menor ruído. Parece que está descalço... (PAUSA) Mais quatro ou cinco passos e estará passando pela minha porta. (PAUSA - MEIA VOZ MAS UM POUCO MAIS FORTE) Onde vai?

MARIBEL (GRITO DE SUSTO ABAFADO) Oh Roberto, que susto você me deu!

ROBERTO Desculpe, eu não percebi que era você, simão não teria lhe incomodado.

- MARIBEL Você não me incomodou, apenas me deu um susto. E que faz a esta hora de atalaia à porta do seu quarto?
- ROBERTO Estava sem sono, rolando de um lado para outro na cama e então resolvi levantar-me e descer ao jardim para gozar a beleza da noite.
- MARIBEL Interessante...o mesmo que eu ia fazer.
- ROBERTO V é então, Eu não lhe atrapalho.
- MARIBEL Podemos descer juntos, si você quizer.
- ROBERTO De maneira alguma.
- MARIBEL Ora essa e por que? Causo-lhe assim tal horror?
- ROBERTO Não se trata disto. É que eu não gosto de atrapalhar ninguém.
- MARIBEL Mas você não me atrapalharia, pelo contrario. Até poderia servir-me de companhia.
- ROBERTO Você já tem lá em baixo uma companhia à sua espera.
- MARIBEL Quem lhe dissesse semelhante coisa?
- ROBERTO Ninguém. O que acontece é que você finge muito mal.
- MARIBEL É pena, gostaria de saber fingir tanto quanto você. Nunca vi ninguém fingir melhor.
- ROBERTO Ah, sim? Pois eu desconhecia esta excelente qualidade em mim.
- MARIBEL E você considera o saber fingir uma qualidade? Eu sempre acreditei que fôsse uma baixeza.
- ROBERTO Não. É uma arte.
- MARIBEL Na qual você é exímio.
- ROBERTO Talvez não tanto quanto gostaria de ser para lidar com certas criaturas sem escrupulo, que se divertem procurando lançar a discórdia entre irmãos que a vida inteira foram unidos e amigos.
- MARIBEL Roberto, você sabe bem a sensação que está me fazendo? Você mediu bem a gravidade das suas palavras? Fosse um pouco a retirar e que dissesse.
- ROBERTO Eu não costumo voltar atrás, das minhas decisões nem das coisas que digo.
- MARIBEL Está bem. Você me acusou, injustamente, de uma maldade que até hoje não havia passado pela minha esboça. Eu lhe pedi que refletisse no que havia dito, e retirasse a sua acusação. Você se negou a fazê-lo. Pois bem, eu jamais ganhei fama sem proveito, entenda? Nunca, até hoje, tinha feito um só gesto ou pronunciado uma palavra que fôsse que pudesse causar tumulto entre vocês três. Esta noite mesmo hei de fazer juízo à sua acusação. Darei início à tarefa que o seu despolimento sugeria, incitando o ânimo de Renato contra você. Ele está lá em baixo à minha espera e eu vou <sup>ir</sup>stirar nos braços dele.

CONTROLE CORTINA MUSICAL ACITADA

PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

RENATO Maribel, querida! Eu já estava desanimado. Fosse que você não viesse mais. Por que tardou tanto?

MARIBEL Roberto não me queria deixar vir ao seu encontro.



- RENATO Roberto? Mas como? Que tem ele a ver com você?
- MARIBEL Nada. Como tem consciência de que me impressionou à primeira vista pense que eu sou dessas garotas tolinhas e inocentes a quem se pode enganar com facilidade. Não queria por nada que eu descesse.
- RENATO Mas como você falou com ele? Onde o encontrou?
- MARIBEL No corredor. Penso que desconfiou de alguma coisa e estava à minha espera.
- RENATO Deve ter sido isto. Ele havia falado comigo uma hora antes e eu lhe disse que ia ao encontro da minha felicidade.
- MARIBEL E você fez alguma referência ao meu nome?
- RENATO Absolutamente. A vontade que eu tinha era de gritar, a todos e aos quatro ventos, que vinha ao jardim para esperar pela sua possível aparição. Eu me sentia como a criança em véspera de Natal, dizendo a todos o que pediu a Papai Noel e contando, minuto por minuto, as horas que faltavam para o momento tão desejado, mas receando que a minha indiscreção pudesse vir a prejudicar os meus planos. Foi que fiz o tremor de sacrifício de omitir o seu nome. O resto eu tive que contar.
- MARIBEL Foi pena, vê? Ele desconfiou, postou-se de guarda no corredor, deu-me um susto tremendo e depois fez-me todas as propostas para que eu descesse com ele e deixasse você de mão.
- RENATO Sujeito, sujo, decaê!
- MARIBEL E você nem sabe a energia que eu precisei empregar para livrar-me dele. Parecia alucinado. Por fim empregou a tática de desferir em você tudo que dava.
- RENATO (ENFEZADO) Que foi que ele disse de mim?
- MARIBEL Que eu haveria de me arrepender amargamente por desprezá-lo e dar preferência a você, que eu em poucos dias teria podido constatar o meu erro e então seria tarde de mais para voltar atrás. Que você não gosta de ninguém, sinão de você mesmo, que... (CORTA)
- RENATO É isto que ele pensa de mim.
- MARIBEL ...que você é quasi um criança, um irresponsavel, que assume um compromisso hoje para esquecê-lo amanhã...enfim, disse tantas coisas, tantas, que si eu não fosse uma criatura firme nas minhas decisões, nunca mais olharia para você.
- RENATO Isso tudo você sabe o que é; não sabe?
- MARIBEL Claro que sei. Despeito purinho por ter sido preferido por você. Nada mais.
- RENATO Eu amanhã vou falar seriamente com ele, você vai saber.
- MARIBEL E si você soubesse, então, as consequências terríveis que ele fez a mim!
- RENATO Como? ...Ele acusou você de que?!
- MARIBEL De coisas que eu nem gosto de repetir, coisas que eu mesmo nunca me imaginei capaz. E as ofensas que se dirigiu?
- RENATO (SEM QUEBRADO) O que? Ofensas? Ah, não, mas isso não fica assim. Vou subir agora mesmo para dizer-lhe tudo que estou pensando.
- MARIBEL Não, Renato, você não vai transformar uma noite que poderá ser tão agradável para nós numa noite de represálias. É tempo amanhã. Amanhã você conversa com ele, si desejar, e diz-lhe o que achar que deve dizer.

- RENATO Mas ele não tinha nenhum direito de ofendê-la, Maribel.
- MARIBEL Sei disso perfeitamente, mas ele, no seu despeito, quis atirar sobre mim a culpa do seu fracasso.
- RENATO Que sujeitinho mais ordinário me saiu esse meu irmão! Você sabe que eu nunca seria capaz de esperar dele uma coisa dessas?
- MARIBEL Como?! Admira-me muito que você diga uma coisa dessas. Não foi você mesmo que me contou que ele deve casamento a uma moça da sociedade?
- RENATO Sim, sim, fui eu, sim, mas...
- MARIBEL Não foi você quem me disse que debaixo da sua aparência de homem se esconde um abutre?
- RENATO Éu... eu disse isso? Bem...
- MARIBEL Você não me disse, Renato, tantas coisas do seu irmão, naquela noite em que me fez ir ao seu quarto?
- RENATO Disse, sim, eu sei.
- MARIBEL Mas então como é que agora está indeciso, quando eu lhe rapito as coisas que você mesmo me disse?
- RENATO Bem, é que as expressões usadas por mim, na ocasião, eu não me recordo quais foram. Só o que eu sei é que lhe disse puramente verdades.
- MARIBEL Foi então não se compreende que você se surpreenda hoje por ele fazer, mais uma vez, o que está tão acostumado.
- RENATO Bem, mas é que... você compreende... um irmão é sempre um irmão e em se tratando de mim eu nunca poderia imaginar que ele iria usar tais armas compreende?
- MARIBEL O que se vê, em tudo isto, é que você é ainda muito ingenuo, rapaz. Um homem apaixonado é capaz de todas as infâmias e todas as baixezas para conquistar a mulher amada, ainda mesmo quando essa mulher seja na verdade noiva ou até esposa de um seu irmão.
- RENATO Um homem que não seja digno e que não se pressa, porque para descer até este ponto é preciso que ele seja destituído de qualquer reserva moral.
- MARIBEL Qualquer homem faz isto, em qualquer ocasião, pode crer. A não ser que possua uma fibra e uma energia fantásticas como é difícil de se apreciar no sexo. A mulher, sim, a mulher, mesmo sendo considerada mais fraca tem muito maior capacidade de se dominar e de reagir contra as imposições do coração. É muito mais capaz de um resgo de altruísmo ou... (BALÇA O TÓM E FALA SIGNIFICATIVAMENTE) de um gesto de "vingança".
- RENATO (DEPOIS DE PAUSA) Você sabe o que é que eu estou me lembrando? Você falou em vingança e eu fiquei pensando em Roberto, na sua baixez, não será capaz de ir ao quarto de minha mãe denunciá-la.
- MARIBEL (SUSTO) Renato, pelo amor de Deus! Você tem razão. Como foi que não pensei nisso? Talvez até que a esta hora estejamos sendo observados por ela.
- RENATO (PREOCUPADO) Quem sabe?
- MARIBEL É o caso de voltarmos imediatamente, porque se essa oportunidade já foi suficiente para tirar-nos todo o sabor da noite, amanhã nos encontramos em qualquer outro lugar que você queira.

RENATO - Você irá ao meu encontro em qualquer lugar que eu queira, você disse?

MARIBEL - Irei.

RENATO - Pois bem, eu tenho um amigo que possui um estúdio onde nós poderemos conversar tranquilamente, sem o susto e o pânico de estarmos sendo vigiados. Falarei com ele amanhã na Faculdade e caso ele esteja de acordo em ceder-me o seu pequeno pernisso, depois de amanhã eu lhe darei, num bilhetezinho, o endereço e a hora em que nos encontraremos. Está bem?

MARIBEL - Combinado. Vou subir, então e só daqui a pouco mais você deverá fazer a mesma. Eu deixarei a porta encostada.

RENATO - Não é necessário, pode fechá-la. A janela do meu quarto ficou aberta e momentaneamente subirei pela trapadela. É fácil.

MARIBEL - Você não se arriscará a levar um tombo?

RENATO - Que diferença. Estou treinadíssimo a fazer este exercício desde o tempo do ginásio quando a mãe controlava a hora de minha chegada.

MARIBEL - Voltada de dona Elisabeth! Os tempos passaram... e ela continua sendo enganada pelos filhos...

RENATO - Du então continue a enganar os filhos fingindo que acredita neles. Isso é que a gente não sabe bem.

MARIBEL - Na minha opinião, Renato, ela continua a enganando-se a si própria.

RENATO - Você sabe?

MARIBEL - Meu Deus! Basta ver o alheamento dela e todas as coisas más que você possa fazer. Ela não quer saber delas. Não quer tomar conhecimento para poder repetir, como o faz constantemente, que os filhos são tres amores, três anjos fugidos do céu, quando todo mundo sabe que eles são três filhotes de Satana.

RENATO - Oh querida, também sabia não! Você está sendo severa demais da maneira de nos julgar.

MARIBEL - Eu já os conheço muito bem e todos, ouviu? A todos. Por isso posso falar. (T) Bem, isso agora não é hora de estarmos aqui a discutir as qualidades e os defeitos de vocês. Vamos é tratar de nos resolvermos antes que o Roberto resolva vingar-se de nós, aí é que já não o faz.

RENATO - Vá então, entre e pode fechar a porta da sala para o Jardim porque eu subirei pela trapadela.

MARIBEL - Adeus, então, Renato. Até amanhã.

RENATO - Como? Nem ao menos me dá um beijo de despedida?

MARIBEL - Não. Lembre-se que pedimos estar sendo vigiados.

RENATO - Tem razão. Vá.

MARIBEL - CURTINA BASTIA

MARIBEL - (MUITO ADMIRADA) Como?! Não pe possível!...

C/RECH - RUIDO DE FORÇAR TRINCO NAS DISCRETAMENTE

MARIBEL - A porta ficou encostada e agora está fechada por dentro... Só pode ter sido ele. Com certeza quis nos deixar em mão longa, mas não supôs o truco que lhe preparei. (PAUSA) Que posso fazer agora? (TAUSA) Já sei. Irei junto à janela de Renato espiar-lhe o que está acontecendo, ele decidirá se me abrirá a porta, por dentro, fazendo com um fracasso

o plano do outro. Que ódio que eu estou sentindo hoje desse rapazi!  
Que ódio! Um ódio tão grande, tão entranhado, que seria capaz de fazer  
fazer qualquer coisa, contanto que o fizesse.

CONTROLE      TEMA ENCERRA

10 copias

Isolanda.

Hoje

TECNICA = TEMA MUSICAL =

MARIBEL = (Admirada) Como?... Não é possível!...

C REGRA = FORÇA DISCRETA TRINCO DE PORTA EM 2º PLANO =

MARIBEL = A porta ficou encostada, como agora está fechada por dentro? Só pôde ter sido ele. Com certeza quis nos deixar em mau lençóis, mas nem supõe o troço que lhe preparo. (PAUSA) que possa fazer, agora? (PAUSA) Já Sei. Irei junto à janela do Renato avisar-lhe o que está acontecendo, ele descerá e me abrirá a porta por dentro, fazendo com que fracasse o plano do outro. (T) que ódio que eu estou sentindo hoje desse rapaz! Que ódio!... Um ódio tão grande, tão entranhado, que serei capaz de fazer qualquer coisa, contanto que o fixe. Bem, deixe-me ir avisar ao Renato antes que ele durma.

TECNICA = CORTINA RAPIDA =

MARIBEL = (PROJETANDO EM TOM SEGREDO) Renato! (PAUSA) RENATO! (PAUSA) Renato! Chegue à janela, por favor. Eu ainda estou aqui no jardim.

RENATO = (2º PLANO, MEIA VZ PROJETADA) Ué, Maribel, que aconteceu com você? Porque não subiu?

MARIBEL = (IDEM) Alguém nos fechou por dentro. Desça lá, por favor, e abra a porta para mim.

RENATO = Não convém, Maribel. O melhor é que você suba pela trapadreira e entre também pela janela do meu quarto. Espere que eu vou descer novamente para auxiliar você na subida.

TECNICA = CORTINA RAPIDA =

RENATO = Estamos quasi chegando ao parapeito. É só mais um tirucinho e estaremos em cima.

MARIBEL = Eu já estou começando a me sentir cansada, Renato.

RENATO = Espere aí. Deixe-me enlaça-la pela cintura que ficará mais fácil para ambos. (PAUSA) Assim. Agora vamos, mais um bocadinho e pronto. Estamos no parapeito. (PAUSA) Espere que eu pule para dentro e segure você.

C REGRA = PULO DISCRETO EM SOALHO =

RENATO = Pronto. Venha você agora. (PAUSA E RUÍDO) Está aí, viu? Você estava com medo de uma coisa tão simples.

MARIBEL = É que eu nunca havia escalado uma janela na minha vida. Inda mais assim tão alta.

RENATO = Não tanto. Há outras muito mais altas.

MARIBEL = Se você não tivesse tido a ideia de me amarrar a você com sete lençóis, eu tenho a impressão que não teria coragem para a escalada. (T) Puxa, e você amarrou este nó com tanta força que eu não consigo desmanchá-lo.

RENATO = É assim que eu desejo que nós fiquemos pela vida afora. Unidos por um nó difícil de desmanchar.

MARIBEL = Ajude-me por favor, Renato. Eu não consigo desfazer isto aqui. Não tenho força.

- RENATO = Você não tem força, e eu não tenho vontade...que resultará?
- MARIBEL = Não sei.
- RENATO = Pois eu sei. Ou você me arrastará para o seu quarto preso a você, ou então...permanecerá ao meu lado a noite toda, já que não consegue desprender-se.
- MARIBEL = Você não acha que será loucura?
- RENATO = Talvez seja, não discute, mas o que lhe posso afiançar é que será uma divina loucura.
- MARIBEL = Não, Renato. Desafie este nó e deixe-me ir.
- RENATO = Não quero. Si você puder...desafie-o você.
- MARIBEL = Você sabe que eu já quis desafiar e não pude.
- RENATO = Pois então? Só lhe resta ficar...ou levar-me preso a você.
- MARIBEL = Você sabe a impressão que eu tenho de tudo isto? Que você fez empenho de trazer-me pela janela do seu quarto para me preparar esta cilada. Não foi?
- RENATO = (JÁ DOPADO) Não, querida, não me fala a injustiça de pensar assim. Veja, antes, neste fato de estarmos presos um ao outro por um laço, um símbolo de grande significação. Foi o acaso que nos uniu. Você tinha que ser minha e estamos, neste momento, com a prova diante de nós. (SUPLICA) Fique comigo, querida, não procure desprender-se dos meus braços. Você verá que me tornarei um escravo de sua beleza...sem outro desejo que não seja estar sempre junto de você...sem outra vontade que não seja a sua.erei terno...corinhoso...eternamente enamorado.
- MARIBEL = (A PONTO DE ENTREGAR-SE) Solte-me, por favor! Eu não devo...Você sabe que é uma loucura o que estamos fazendo...
- RENATO = Não, Maribel...loucura é deixarmos fugir este instante de maravilhosu beleza. Loucura é deixarmos de apertar ainda mais o fio que nos une. Loucura é darmos as costas á felicidade quando éis, pelos corrinhos do acaso, veio bater á nossa porta. Isso sim, isto será loucura e não entregarmo-nos um ao outro, quando estamos sentindo que o destino fez o maior empenho em nos aproximar. Deixe-me beijar-te, deixe-me sorver o mel da felicidade pela toça de ouro dos teus lábios quentes!
- MARIBEL = (SEM FORÇAS QUASI) Não, Renato, não...Eu não de... (CERTA A PALAVRA BRUSCAMENTE COMO QUEM FOI BEIJADA SEM ESPERAR E ENTREGU-SE)
- RENATO = (DEPOIS DE PAUSA NUM SUSPIRO DE DESABAFO) Meu amor! Minha vida!...
- MARIBEL = (SUSSURRO) Querido!...
- RENATO = (ALVOROÇO) Repita, Repita o que você disse!
- MARIBEL = (MAIS CALMA) Meu querido!
- RENATO = Agora eu sou feliz, meu amor. Agora eu sei que você também me quer.
- TECHNICO/ = CORTINA MUSICAL
- NIGUEI = Deus guarde a paz desta casa e a saúde de seus moradores.
- LUIZ = Quem assim xegge, seu Niguê. Que bão que o sinhô veio. A sinhã tá afrita. Já mandou chaná eucô daze veis.

- MIGUEL = Eu não estava em casa. Nem estava sabendo que ela andava buscando á minha procura. Vim aqui por acaso. Mas o que é que há? O que é que ela queria comigo? Tá não sabes?
- LUIZA = A coisa num tá boa por aqui, não, seu Migué. O panelão tá fervendo que chega a burbuidá. Se sassemte que eu vô chamá ela num repente. Ela tá lá no quarto.
- MIGUEL = Espera, Luiza, não é necessário chama-la assim tão á desesperada. Tem tempo. Conta-me tu o que está se passando por aqui, e ponto do panelão burbulhar, como tu disseste.
- LUIZA = Óis, seu Migué, pra dizê memo a verdade, eu num fiquei sabendo muito bem o que acunteceu. Só sei que o Renato brigou com o Roberto e feiz já treis ou quatro dias que eles nem se fala.
- MIGUEL = O Renato brigou com o Roberto?
- LUIZA = Brigou, sim senhô.
- MIGUEL = Chi, mas então a Elisabeth deve estar em pânico.
- LUIZA = Ela tá desesperada, sim senhô.
- MIGUEL = Mas por que eles brigaram? Tu não sabes?
- LUIZA = Pois isso é que eu e mais a sinhá num sabemos. A gente só sabe que eles tão brigado praquê eles num se fala e nem se óis um pro cara do otro.
- MIGUEL = Ha tres ou qyatro dias que tu dices que eles estão assim?
- LUIZA = É, sim senhô.
- MIGUEL = Bem, então realmente deve ter havido coisa muito séria entre eles. Foram sempre tão amigos, tão unidos... Você não sabe se Elisabeth falou qualquer coisa a eles a esse respeito?
- LUIZA = Óis, seu Migué, pra dizê memo a verdade eu nem sei si ela falou ou não falou, mas parece que ela disse que falou pra eles e que nenhum dos dois disse nada pro ela. Eu sei que ela tá que intê parece no bra que perdeu o veneno, a coitada. Nem num pôde pará muito tempo quêta num lugar só: o senhô aquerdita? Caminha o que dá o dia por a essa casa! Num para o tempo intêro. Eu intê tô indimidada dela já n num tô aparecido por aqui. Volta e mais ela vem aqui, vai lá na cozinha, depois vai no quarto, dá um mucado já tá na sala de jantar, na saleta, já vorto pro quarto... Misericórdia! Só vendu cumu ela anda, a coitada!
- MIGUEL = Mas ela tem razão de estar nervosa, Luiza. Tem toda a razão.
- LUIZA = Pois tem, eu sei, seu Migué. Ela que é loca por esses fil! Os três amô dela, como els sempre diz.
- MIGUEL = Criou-se sempre unidos e amigos. Deve gosto a gente ver: mansira como se tratavam. Não eram apenas irmãos que se querem, são amigos sincéros. De repente, por qualquer razão que eu ignoro mas que não pode ser uma grande razão, eles ficam assim sem nem olhar um para a cara do outro. É duro, Luiza, é muito duro!...
- LUIZA = Si é! Sunô sabe que a sinhá intê choreu, seu Migué? Ela imconden de mim mas eu vi pulos óis dels que ela tinha choradu. Eles tava

- LUIZA = (CONTINUANDO) virei e inchado tudo pra aqui ansia. Só por isso o sunco pôde imaginá o que essa coitada terá sofrendo, ele que num é miúdo de choro e que nem quando o finado Godofredo intragô a erua dele e Deusse ninguém viu choro nos ôio dela!...
- MIGUEL = É, coitada, ela deve estar realmente muito angustiada. (PAUSA E TOM) Você sabe, Luiza, que quando eu vejo uma coisa assim levanto as mão para o céu e dou graças ao-Pai de não me haver casado?
- LUIZA = Isso não. Sôco pôdis tê se casado sem percoisê tê fio, arriental
- MIGUEL = Mas também podeis ter e o que iris fazer depois? Jogar fóra? Não poia.
- LUIZA = Mas que adiantô sunco num se casô e num tê fio todo dia tê correndo pra casa dos fio dos otros? Sunco num tê aqui agora pra casa dos fio da sinhá? Num diantô nada. Num corre pros seus fio corre pros fio dos otro.
- MIGUEL = Bem, mas também a gente não pode ficar indiferente às aflições dos amigos, que diabo!
- LUIZA = Ah, pois é o caso.
- MIGUEL = Bem, Luiza, então vá avisar Elisabeth que eu estou aqui.
- LUIZA = Vou, sim, sinhô, mas sunco num vá contô na e pra ela que eu já disse prá sunco o que é que ha. Dexe ela contô o caso todo e finge que num sabe, sinho ela pode num gostô de eu tê contôdo.
- MIGUEL = Está certo, pode estar descansada.
- LUIZA = Tá bôo, entonce cum sua licença, seu Miguel.
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- ALISABETH = (FINDANDO A HISTORIA) E para remete de historia, elas agora têm se olham e nem se falam mais. Você, que se conhece de paquitos e sabe o esforço que sempre dispendi para que elas fôsses tres corpos num só alma, poderô, melhor que ninguém, svelier a minha angustia e o meu desespero. Eu estou em pânico, meu amigo. Não sei mais o que posso fazer.
- MIGUEL = Bem, minha amiga, você falou com dois dos seus filhos sem conseguir arrancar deles uma só palavra, fale com o terceiro que é justamente o mais velho e o mais sereno. Si ainda com êste você não conseguir qualquer esclarecimento, aí então entro eu na dança.
- ELISABETH = Você acredita que Raul poderô esclarecer alguma coisa?
- MIGUEL = Bem, eu não sei, mas em todo o caso não vamos tentar outras providencias sem arriscar esse, primeiro. (T) Diga-me uma coisa, você sabe que essa incompatibilidade tenha surgido, entre elas, por causa da Maribeth?
- ELISABETH = A principio eu achei que não, mas depois, observando-a, como eu sempre faço, percebi que também ela e o Roberto nem se olham mais.
- MIGUEL = Bem, mas então si é assim, nem é preciso perguntar mais nada. Eu estou lendo toda a historia nessas entrelinhas, Elisabeth. (T) Diga-me outra coisa: e ela e o Renato como é que estão?



- ELISABETH Muito bem. Conversem naturalmente, como si nada tivesse havido.
- MIGUEL Mas então está tudo claro como água. Roberto brigou com o irmão por causa dela. Ela, com toda a certeza, tomou o partido de Renato e, em consequência, Roberto brigou também com ela. Afiando-lhe que foi isso o que aconteceu. Você nem precisa perguntar mais nada ao Raul. Deixe o assunto por minha conta que eu mesmo já vou tratar dele hoje.
- ELISABETH Será mais um grande serviço que você me presta. Mesmo porque eu estou nervosa demais para guardar serenidade na frente deles.
- MIGUEL Deixe comigo, já lhe disse. Mande preparar as panelas de banana para sobremesa que depois do jantar eu pego o Raul num canto e já entro com o meu jogo.
- CONTROLEO CORTINA MUSICAL
- MIGUEL Quer dizer que você não sabe nada de positivo?
- RAUL Juro-lhe que não, seu Miguel.
- MIGUEL Mas não reparou que seus irmãos estão a ferro e fogo, que nem olham um para o outro?
- RAUL Ontem, pela primeira vez, me apercebi dessa particularidade,
- MIGUEL E não buscou indagar os motivos dessa atitude deles?
- RAUL O motivo, a meu ver, é rabo-de-saia. Só por causa de uma mulher dois homens chegam a esse ponto de nem se olharem.
- MIGUEL Bem, até aí você não me contou nenhuma novidade porque essa suposição é a mesma que eu fiz. Tensei que você, como irmão mais velho, percebendo que os outros estavam brigados, tivesse procurado intervir-se dos motivos da briga para tentar uma reconciliação entre eles. Vejo, agora, que você não deu um passo neste sentido. Nem mesmo para saber a verdadeira origem do desentendimento.
- RAUL É que eu não gosto muito de me meter nas questões íntimas dos outros, sabe? Si me contam, muito bem, eu faço as minhas considerações, dou os meus conselhos, faço as minhas advertências, etc, etc; agora, si não me contam eu me recolho e não dou palpite.
- MIGUEL Mas Raul, sua mãe está aflitíssima com a situação. Está em pânico, pode-se assim dizer. Nós não podemos cruzar os braços indiferentes numa situação como esta. Temos que fazer alguma coisa por ela. Foi por isso que eu me lembrei de vir falar com você e pedir o seu auxílio no caso.
- RAUL O que acha o senhor que poderai fazer?
- MIGUEL Você vai conversar com Renato enquanto eu converso com o Roberto. Nenhum dos dois vai dizer francamente o que houve e procurará fugir à confissão com evasivas, mas você aperte com o seu que eu apertarrei com o meu. Cada um vai deixar escapar qualquer coisa que a gente depois junte para tirar conclusões.
- RAUL Está bem. E o senhor deseja que eu fale com ele ainda hoje?
- MIGUEL Si fosse possível seria melhor.
- RAUL O senhor vai ficar onde?
- MIGUEL Na saleta de jogo.

RAUL Pois bem, dentro de uma hora eu estarei lá.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MARIBEL Si não desejemos que sua mãe venha a saber o que se passa entre nós teremos que modificar a nossa maneira de nos conduzirmos quando estivermos na presença dela.

RENATO Como assim? Mas então, já não basta o que eu faço? Mal me dirijo a você durante as refeições.

MARIBEL Mas não é por você se dirigir a mim que estou dizendo isto. Tanto eu como você precisamos nos modificar com referência ao Roberto. Fica ele de um lado da mesa, nós do outro, sem tocarmos uma palavra ou um olhar que seja, o tempo inteiro da refeição. Isto acabará fatalmente, sendo notado por ela.

RENATO E você acha que eu poderei perdô-lo das coisas horríveis que ele disse de você?

MARIBEL Tudo o que ele disse foi produto do despeito e não devemos, por isso, dar-lhe tanta importância. Ademais, há ocasiões em que a gente é obrigada a fazer das tripas coração. É o caso aqui. Sua mãe não pode saber do que está se passando entre nós por preço nenhuma. Seja este, então, o preço que pagaremos pelo nosso segredo.

RENATO Eu vou lhe dizer, com toda a sinceridade, que não vai ser fácil, para mim, fingir cordialidade com Roberto. As coisas que você me contou que ele disse a você, ainda me queimam os ouvidos. E vou lhe dizer mais: até hoje não me conformo de ter atendido à sua súplica e não ter ido a ele exigir-lhe retratação.

MARIBEL Para que? Si tomando a atitude de reação pacífica que tomamos a coisa está em vésperas de estourar. Imagina si eu deixasse você pedir satisfação ao seu irmão? Já tinham trocado sopapos, e sua mãe já teria descoberto tudo e me mandado para bem longe, que é o que vai acabar acontecendo.

RENATO NUN SALTO) Nunca! Agora, ninguém mais poderá te separar de mim.

MARIBEL Isso é o que você pensa. Sua mãe o fará ao tempo que desejar.

RENATO Nunca, rapito.

MARIBEL Haverá um gesto ou uma palavra dela e todos vocês, todos, curvando as cabeças resignados.

RENATO Enganaste. Eu, pelo menos, si até hoje atendi às determinações de minha mãe, isso foi porque ela nunca quis nada que pudesse causar o desgosto ao meu coração, mas no momento em que ela pretender interferir em assuntos que só ao coração é lícito resolver, eu farei como ela me ordenar, deixando de lado recriminações, lágrimas ou súplicas. (PAUSA) Por que você faz esse ar de quem está duvidando de mim? Você não acredita que eu seja capaz de fazer o que digo?

MARIBEL Desculpe, Renato, mas...parece ser sempre fácil a você, como eu desejo, devo dizer-lhe que não acredito muito.

RENATO Pois você não tardará muito a se convencer do que lhe digo.

- MARIBEL Bu me sentiria, feliz, creia.
- RENATO (CALOR) Meu amor!...Minha querida!...Juro-te que ninguem conseguira seperer-me de ti. (PAUSA PARA BEIJO) Tu me amas, tsaben, como eu te amo?
- MARIBEL (SEM CONVICÇÃO) Sim.
- RENATO Muito em breve estarei com o meu ~~ganhadouro~~ curso terminado, de posse do meu diploma e si então nos casaremos. (PAUSA) Não te sentes feliz com esta perspectiva?
- MARIBEL (SEM NENHUMA CONVICÇÃO) Muito.
- RAUL (DO FUNDO BEM DO FUNDO) Renato! Renato! Onde voç se meteu, rapaz?
- MARIBEL É a voz de Raul, chamando por voç. Vá depressa antes que Ele nos encontre aqui.
- RENATO Sim, querida, até já.
- C/REGRA PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM EM AREIA
- MARIBEL Tudo está correndo de acôrdo com o programa que tracei. E tu, meu, si estás vendo e ouvindo o que se passa em torno de mim...deves estar satisfeita.
- CONTROLE CORTINA MUSICAL
- RAUL (ABAFADO) Renato! Voç está completamente doido, meu irmão.
- RENATO (QUEIMADO) Doido por que? Porque gosto de meninas e pretendo me casar com ela?
- RAUL Voç vai meter a mão de desgosto, rapaz.
- RENATO Isso é tolice,. Ninguem morre de desgosto. Sofra, chora, não dorra, deixa de comer, mas fêça bom. Bem sei que no principio ela vai dar saltos de cabra e levar às mãos à cabeça, mas eu não cederei, porque não pretendo ceder e ela acabará se acostumando com a ideia para terminar por aplaudi-la.
- RAUL Não creio que isto aconteça.
- RENATO Aconteça. Voç vai ver como acontece.
- RAUL Bem, eu só posso desejar que voç é que esteja certo, mas continuo duvidando que não se habitue a essa ideia.-
- RENATO Voce vai ver. O que aconteceu, até hoje, é que nenhum de nós, em tempo algum, discutiu qualquer orden da mãe. Ela dizia as coisas e nós faziamos. Agora ela vai dizer uma coisa e eu vou fazer outra. Vai ser uma experiencia nova para nós e para ela, mas eu voç vai ver como ela não poderá fugir à regra geral, ou melhor, vai ver como ela procederá de mesma maneira que todas as mães contrariadas. No principio não vai querer nem ouvir falar de nós, mas depois ela vai se iré se chegando, aos poucos, para se render totalmente si chegando nos a ser azequidos com o nascimento de um pimpolho. É assim que se todas elas fazem. Não tenha nenhuma ilusão em contrario.
- RAUL É, pode ser que no fundo a razão esteja com voç.
- RENATO E-tá, pode crer. Voce quer que eu lhe diga mais? Quando voce quizer casar com a Corine e ela se opôr si em vez de curvar a cabeça voç

tivesse defendido a sua felicidade com unhas e dentes, e esta altura já ela estaria esquecida de tudo e vivendo num mar de rosas com vocês dois. Você não fez nada... Simplesmente aceitou as alegações dela, sem discutir... Resultado: está até hoje solteiro, nunca mais pode gozar de ninguém e ela está casada com outro. Eu não. Eu vou proceder de maneira diferente. Por enquanto vou levando a coisa assim meio na mão até à minha formatura e depois chego para ela e digo: isto é assim, assim, assim e está acabado. Nada de divagações nem de panos quentes.

RAUL  
RENATO

Quer dizer então que dentro de quatro meses e aí vai estourar? Com toda a violência. E não estoura antes por causa do seu diploma?

RAUL

É, Renato, eu admiro a sua coragem. Talvez se eu tivesse procedido assim... não fosse hoje o solitário que estende os braços em busca de um afeto e os recolhe vazios e gelados. (PAUSA E TOM) Bem, volte para o seu idílio no recanto perfumado do jardim que eu disse e quem lhe procurar que você foi dar um passeio até o Club.

RENATO

Obrigado, "velhinho". Você é um grande prego, sabe disto?

C/RECRA

PASSOS DE HOMEM AFASTAM NA AREIA DO JARDIM

RAUL

(MONOLOGANDO COM ANAFURA) Um grande prego! O que sou é um grande trouxa. Si eu tivesse tido a coragem que você teve... talvez estivesse se gozando, agora, essa felicidade que apenas posso olhar de longe!

CONTROLE

PASSAGEM DRAMÁTICA BONITA/ENCERRA

lo copias

Iolanda.

CONTROLE TEMA FORTE E BAIXA

RAUL E então, seu Miguel? Chegou a falar com o Roberto?

MIGUEL Falei.

RAUL E conseguiu saber alguma coisa deles?

MIGUEL Absolutamente nada. Não houve jeito de arrancar-lhe uma só palavra. É rapaz bem exquisito de temperamento, livra?

RAUL Papai era assim também. Mãe sempre diz que Roberto, de nós, o que mais se parece com ele. O senhor que o conheceu tão bem deve se lembrar bem; não se lembra?

MIGUEL Lambro-me, sim, como não? Há, ocasiões que eu que parece que a estou vendo no filme, de tal forma ele se torna parecido. (T) Mas e você? Conseguiu alguma coisa com o outro?

RAUL Consegui, felizmente. E não foi preciso muita coisa, não.. Renato despejou tudo.

MIGUEL Era esta a minha esperança. Renato já é mais largado, não tem essa coisa de ficar cozinhando contrariedades. Vai logo dizendo o que sente e o que pensa.

RAUL (SORRINDO) Ou o que pensa que pensa.

MIGUEL Ou isso, mas o caso é que ele fala e não fica aborrecendo a gente. (T) Mas vamos a ver, e que foi que ele disse?

ELISABETH (3º PLANO) Miguel, onde se meteu você, homem?

O/NEGRA APROXIMA PASSOS DE MULHER 1º EM MADRIRA E DEPOIS EM LAGE

MIGUEL (BAIXO) Cuidado, não fale agora que sua mãe vem aí. (ALTO PROJÉTANDO) Estou sentado aqui com o Raul, no avarandado da sala de jantar, gosando a brisa da noite. Está muito agradável, sabe?

ELISAB. (CHEGANDO) Você parece que se esconde da gente. Nunca mais voltei os olhos em cima de você. Cheguei a pensar que você tivesse ido embora sem se despedir de mim.

MIGUEL Ainda não cheguei a me deseducar até a esse ponto. Sente-se. Está muito agradável aqui.

ELISAB. Não, não, eu venho daqui a pouco. Só queria saber onde você estava porque não o encontrava em parte alguma. Tenho que primeiro ir lá dentro dar uma ordem a Luisa. Eu volto já.

MIGUEL. Então vá de uma vez dar as suas ordens e volte daqui uns "dez minutos" para gozar a beleza da noite. Há uma garagem esplêndida aqui nesta fazenda.

ELISABETH. Em volto, sim. Dentro de dez ou quinze minutos estarei aqui.

C/REGRA SAEM PASSOS DE MULHER/EM LAOS DEPOIS EM MADEIRA

MIGUEL. (MEIA VOZ) Ela sabe do que estamos falando, mas como deseja dizer-lhe apenas o que ela deve saber, eu gosto sempre que me sobre tempo para pensar o que não devo dizer-lhe. Vamos a ver. Conte-me o que o seu irmão lhe disse.

CONTROLE CORTINA RAPIDA

MIGUEL. Mas isso é uma barbaridade. Sua mãe vai morrer de desgosto; Você devia advertir-lhe isso.

RAUL. Disse-lhe tudo que poderá acontecer. Ele está completamente alucinado por ela e eu não orso que, no momento, haja força ou conselho que o devolva.

MIGUEL. Deus de Misericórdia! ...E como iremos dizer isso à sua mãe?

RAUL. Eu não sei. Confesso-lhe que nem tenho coragem para começar o assunto.

MIGUEL. Não, não... não podemos dizer-lhe nada por ora. Precisamos, antes, jogar até a última cartada para ver se convencemos aqueles dois saluços.

RAUL. Com ele posso lhe adiantar que o senhor não conseguirá nada.

MIGUEL. Falarei com ela, então.

RAUL. Com ela... pode ser, mas a impressão que eu tenho é que ela é uma menina profundamente caprichosa; o senhor sabe? Talvez seja necessário usar uma tática toda especial para convencê-la a desistir. Acho, por exemplo que o senhor não deve nem tocar na oposição da mãe. Isso seria um estímulo para ela prosseguir na luta.

MIGUEL. Como?! Ela então é assim? Mas não parece.

RAUL. Seu Miguel, é com grande pesar que lhe digo, mas... ela engana muito. Detraz daquela carinha de anjo que a gente vê, toda ternura e docilidade se esconde um demônio de uma força terrível e capaz de destruir-nos a todos.

MIGUEL. Isso não me surpreende tanto e você sabe por que, Raul? A mãe era assim tal qual?

CONTROLE CORTINA MUSICAL

ELISAB. (2º PLANO) Já posso chegar?

MIGUEL Pode já falamos tudo que tínhamos que falar e o Raul até já saiu.

C/REGRA PASSOS DA MULHER APROXIMAM-SE EM LAGE

ELISABETH Eu vi. Estava de longe cuidando. (T) E então? que adiantou ele?

MIGUEL Praticamente nada. Nem tinha se apercebido que os outros não se falavam; você acredita?

ELISABETH Toda a vida ele foi assim distraído.

MIGUEL Ele é de opinião que não poderia ser nada de importância e apenas uma rusga passageira, como tantas outras que eles já tiveram.

ELISABETH Não creio. Uma rusga passageira que já vem durante mais de três dias? E Roberto, não lhe adiantou nada?

MIGUEL Esse você já sabe qual é o seu sistema. Não, mas não fala.

ELISABETH Igualzinho ao pai. Você sabe qual é a verdade que eu estou, para acabar com tudo isto de uma vez?

MIGUEL Não diga.

ELISABETH Esquecer a promessa que fiz ao Padre Jacinto e mandar essa menina para um collegio ou um pensionato, ou qualquer outra coisa, enfim, mas bem longe daqui.

MIGUEL Não, Elisabeth, ainda não. Não se precipite.

ELISABETH Você acha que eu devo esperar o quê? que ela separe todos os meus filhos e a mim também deles?

MIGUEL Não é isso. Eu sou do sistema antigo de que cautela e caldo de galinha não fazem mal a ninguém doente.

ELISABETH Pois olhe, eu estou que já quasi não me aguento para reuni-los todos e dar um ~~estouro~~ estouro daqueles.

MIGUEL A prudencia resolve sempre mais que os estouros.

ELISABETH Até hoje os meus estouros foram todos bem sucedidos, Você deve se lembrar do ultimo que afinal não faz assim tanto tempo; foi quando o Raul tentou me convencer a aceitar como Mãe aquela desmiolada da Corina. Também...ele falou uma vez só. Nunca mais abriu a boca.

MIGUEL Mas agora a questão é com Renato e Renato é muito diferente. Muito mais afôito, muito mais atirado. Renato será capaz de enfrentar o seu estouro, Elisabeth.

ELISABETH (DUVIDANDO/FORTE) Quem é que disse? De onde?! Nem Renato, nem Roberto e nem ninguém nesta casa terá o topete de enfrentar a minha cólera. Eles me conhecem muito bem e sabem que eu sou muito bondosa e complacente...

...até um certo ponto. Depois...depois sou uma mulher venível...

MIGUEL. Você não falou nada a Maribel, até agora?

ELISABETH. Nem uma palavra.

MIGUEL. Pois bem, então você tenha a paciência de esperar até amanhã, quando eu voltarei aqui sob qualquer pretexto e procurarei ter uma conversa com ela.

ELISABETH. Venha de tarde, então. Eu já pretextarei qualquer coisa para sair depois do almoço e pedirei a ela que fique tomando conta da casa. Saio às três, às três e meia você chega. Enquanto isso eu vou ao cemitério

levar umas flores para o meu velho e me retardar por o mais possível.

MIGUEL. Não precisa muito. Uma hora e meia é tempo mais que suficiente para eu vir e dizer o que interessa.

ELISABETH. Pois então estamos combinados. Acuste-a bastante com o meu gênio, ouviu?

MIGUEL. Deixe tudo a meu cargo que eu sei como proceder. Bem, e agora eu vou tratar de dormir que hoje já passei da conta.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MIGUEL. Elisabeth não está?

MARIBEL. Não. Foi ao cemitério e depois ia fazer umas compras. Deixou-me de fora de casa no seu lugar.

MIGUEL. Eu precisava falar com ela sobre uma questão de aluguel das suas casas que eu pensava falar ontem à noite, mas acontece que me perdi na conversa e o que precisava falar não falei. Então aproveitei agora, que vim aqui perto, para tratar desse assunto, Você não sabe si ela vai demorar ou volta logo?

MARIBEL. Isso eu não posso saber por causa das compras. Si ela tivesse ido ao cemitério era fácil calcular que em quarenta e cinco minutos ou uma hora, no máximo, ela poderia estar de volta, mas já com o problema das compras não se pode fazer nenhum cálculo.

MIGUEL. De fato., Você tem razão. A demora estará condicionada ao número de compras que ela tiver a fazer. (PAUSA E TOM) Você não se opõe a que eu a deixe esperar; não é verdade?

MARIBEL. Ora, seu Miguel, o que é isso?! De maneira nenhuma. Pode esperar o tempo que quiser. A sua presença só me dá prazer.

MIGUEL. Obrigado, muito obrigado. Você é uma menina muito amável e também eu experimento um grande prazer em conversar com você. E depois faz tanto tempo que não conversamos os dois sosinhos; não é verdade?

MARIBEL. Pois é. Não temos tido ocasião. O senhor geralmente vem aqui nas ho.



horas de reflexão que é quando estamos todos reunidos.

MIGUEL E eu gosto, de vez em quando, de conversar a sós com uma moça, você sabe. Gosto de saber o que ela pensa...os planos que tem para o futuro... (SIGNIFICATIVO) as inclinações amorosas do seu coração... (T) Eu sou um velho muito bisbilhoteiro, sabe? Mas não é por mal, pode brer. É apenas pelo desejo de saber, para auxiliar, com a minha experiência, os que começam a trilhar caminhos mais sérios e de maior responsabilidade.

MARIBEL (DELICADA) Isso não só desculpa a sua curiosidade, mas dá motivo a que ela seja louvada.

MIGUEL E tem mais; eu possuo, entre os muitos defeitos, uma grande qualidade: o que me contam em segredo...morre comigo. Não sou capaz de abrir a minha boca para contar a outra pessoa.

MARIBEL Uma qualidade muito rara nos homens atuais.

MIGUEL Pois é, mas o mal é da época, sabe? (T) Bem, mas deixemos isso de parte e falemos de nós. Você continua se dando bem aqui na casa de Elisabeth?

CONTROLE CORTINA MUSICAL

PUBLICIDADE

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MARIBEL Muito bem, felicemente.

MIGUEL Ela é uma criatura encantadora; não é verdade?

MARIBEL Sem dúvida.

MIGUEL Desde que você procure amoldar-se, sempre, às vontades dela, não terá dificuldade alguma para viver ao seu lado.

MARIBEL Eu já percebi.

MIGUEL Elisabeth é uma mulher que a gente deve procurar ter sempre como amiga.

MARIBEL Eu já vi, seu Miguel. Eu já vi tudo.

MIGUEL É uma excelente amiga. Não pode ser melhor. Mas agora aqui entre nós, sem que ninguém nos ouça, vou lhe revelar uma grande verdade: (T/DE SEGREDO) É a pior inimiga que possa existir sobre a terra. (T) Por isso eu lhe dou um conselho: queira viver sempre em paz com ela e terá tudo a ganhar.

MARIBEL Eu tenho a impressão que depois de três meses de convivência, como nós já tivemos, não haverá mais o perigo de nos desentendemos. O senhor não acha?

MIGUEL Acredito que sim, mas é sempre necessário muito cuidado.

ARIBEL O pior perigo, que é o da adaptação, está nós já atravessamos tão bem, graças a Deus, que eu não acredito que depois dele possa surgir qualquer dúvida entre nós.

IGUEL Deus permira que não mas...

ARIBEL (DEPOIS DE PAUSA) Mas o que? o senhor tem medo que possa surgir alguma coisa?

IGUEL Bem... você sabe como é essa coisa de uma moça bonita convencendo com os rapazes fortes e arrebatados. Tudo vai muito bem, mas... de um momento para outro as coisas podem mudar de rumo.

ARIBEL É difícil que tal aconteça, principalmente com a disciplina que eu tenho de não incomodar dona Elisabeth por nada deste mundo.

IGUEL Faz muito bem, menina, faz muito bem. Você vai ter tudo dela, verá.

ARIBEL: Eu sei que vou ter. Tenho certeza absoluta disto.

IGUEL E eu tive medo de você; sabe disto?

ARIBEL Por que?

IGUEL Por que imaginei que acabaria gostando de um dos rapazes e que lutaria para casar com ele.

ARIBEL E o senhor acha que eu poderia sair vitoriosa da minha luta?

IGUEL Conforme. Si você se inclinasse pelo Raul ou pelo Roberto não adiantaria nada porque eles não teriam a força suficiente para libertarem-se do jugo da mãe. Agora... já com o Renato a coisa seria diferente. Esse tem outro temperamento e não se submete à vontade dos outros. É parecido com ela.

ARIBEL Também já percebi isto. Mas Renato seria, talvez, o único que não se poderia prender. É uma criança grande e eu não tenho nenhuma tendência para mentora nem conselheira.

IGUEL E no entanto, a impressão que se tem é diferente.

ARIBEL Como assim?

IGUEL Ele parece ser o que merece mais a sua atenção.

ARIBEL É é, realmente, mas o fato tem uma razão perfeitamente explicável. Raul, ou pela sua idade, ou pelo seu temperamento, ou por qualquer outra razão que desconheço, está sempre mais ou menos distante de mim, não me dirige a palavra senão quando há outra pessoa perto. Si estou só, ele passa como um sombo. Roberto, por sua vez, brigou comigo e não só não me fala como nem me olha. Diante disto...

IGUEL Roberto brigou com você? Não diga! que houve entre...

que houve entre vocês a ponto dele tomar uma atitude destas?

MARIBEL: Quiz me conquistar por força. Eu o repeli fazendo-lhe sentir que não podia pagar a escolhida que sua mãe me dera com um gesto de deslealdade. Ele insistiu e eu tornei a repeli-lo. Ele, então, se desmandou em acusações graciosas contra mim, dizendo, inclusive, que eu o desprezava por que eu estava de amores com Renato.

MIGUEL: Terá sido esse, então, o motivo da briga entre os dois irmãos?

MARIBEL: Foi, mas não porque eu tenha dito a menor coisa ao Renato. Pelo contrario Não lhe disse uma palavra do que ouvi do Roberto.

MIGUEL: E como foi, que êle ficou sabendo?

MARIBEL: Pelo proprio Roberto. Ele mesmo foi procurar o irmão para preveni-lo contra as minhas provaveis "artimanhas". Renato explodiu com êle e logo em seguida veio me contar tudo. Eu fiquei com um pezar enorme de ter accedido isso; o senhor sabe? Eu não gostaria, nunca, de ser causa de discórdia entre duas pessoas desta casa.

MIGUEL: E nem sefa muito cômoda para você essa posição. Por isso é que vou lhe dar um conselho; ~~faça~~ faça tudo para que êles voltem as boas o mais depressa possivel e antes que dona Elizabeth possa ter percebido essa animosidade.

MARIBEL: Estou cansada de suplicar isto ao Renato, o senhor acredita? Sabe o que êle me responde? Só se você promete que procurará corresponder o meu amor. O senhor acha que eu posso aceitar qualquer coisa a esse preço?

MIGUEL: Pode. Aceite, inicialmente, para que êles se entendam e depois, com jeito, devagarinho, vá tratando de afastar o Renato.

MARIBEL: O senhor acha que eu posso fazer isso?

MIGUEL: Acho. Por que não?

MARIBEL: Mas e depois se dona Elizabeth descobre que nós estamos de namoro, vai pensar que eu estou traíndo a confiança dela, é claro.

MIGUEL: Não tenha receio. Si isso acontecer, eu me encarrego de dar-lhe um a explicação de tudo, ressaltando o seu gesto de paz que ha de ser tambem entendido por ela. Entendido e apreciado.

MARIBEL: Si o senhor soubesse como eu tenho estado preocupada por causa disto! Já procurei, até, a explicação com Roberto, mas êle nem me atende.

MIGUEL: Por que a julga culpada, mas ao irmão ele ouvirá e acabará atendendo. Logo é ao Renato que você tem que convencer de procurar Roberto e quanto antes e entender-se com ele, de qualquer maneira. Esta situação não pod.



- MIGUEL Bem, menina, e agora eu me vou. Mais tarde volto para procurar Elizabeth e tratar com ela o assunto que me trouxe aqui. Adeus,
- MARIBEL Passe bem, seu Miguel.
- MIGUEL Que Deus lhe faça sempre docil e obediente,
- MARIBEL Obrigada.
- O/RUBINA PASSOS SE HOMEM QUE SE AFASTAM
- MARIBEL Is! vou acompanhá-lo até à porta.
- MIGUEL Acompanhar-me até à porta? Mas para que? Não há necessidade. Eu aqui sou de casa, menina. Você deve ter o que fazer e eu já roubei tanto tempo.
- MARIBEL Não senhor. Absolutamente. Nem diga uma coisa dessas. O senhor deve ter percebido, perfeitamente, o prazer que me causou a sua visita. Isto é... visita por acaso porque não foi a mim que o senhor veio procurar; não é verdade?
- MIGUEL Não foi, realmente, mas tenho que confessar que fiquei muito satisfeita de não ter encontrado Elizabeth para termos a oportunidade que tivemos.
- MARIBEL Menos mal. Eu já me sinto compensada da satisfação que lhe causei.
- MIGUEL Muita, muita mesmo, pode crer. Tanto mais que... eu gosto de você, sabe?
- MARIBEL Obrigada, seu Miguel, eu também gosto muito do senhor.
- MIGUEL Gosto de você e tinha um certo receio ávida que você iria viver dentro desta casa. Receio e preocupação. De formas que depois desta conversa que tivemos, conhecendo a fundo as suas disposições que, - diga-se de passagem - são as mais criteriosas possíveis, eu já saio daqui intimamente aliviado. (PAUSA E TOM) Eu... eu conheci sua mãe, sabe?
- MARIBEL (CHOQUE) O...o senhor conheceu minha mãe?
- MIGUEL Conheci. Era muito bonita a sua mãe. Muito bonita mesmo?
- MARIBEL Mas de nada lhe valeu sua beleza.
- MIGUEL É... São dessas coisas que acontece... a gente nunca sabe porque.
- MARIBEL Si o senhor conheceu minha mãe... deve ter também conhecido... a vida dela não?
- MIGUEL Bem, quer dizer... mais ou menos.. Falei com sua mãe somente duas ou 3 vezes e da vida dela sabia apenas o que ouvi dizer. Nada mais.
- MARIBEL Mesmo assim, eu gostaria de conversar um dia com o senhor a respeito de minha mãe. Outra oportunidade assim como esta de hoje, por exemplo. Quando estivéssemos os dois a sós.
- MIGUEL Perfeitamente, perfeitamente. Outra oportunidade poderemos falar, sim.

Por que não? (T) Bem, mas agora eu vou andando de verdade. Já me despedi uma vez e continuei conversando.

MARIBEL Eu vou com o senhor até à porta.

MIGUEL Mas não é preciso que se incomode.

MARIBEL Absolutamente. Isso não é ~~nenhum~~ incômodo algum para mim, pelo contrário é prazer.

/REGRA PASSOS DOS DOIS SEMPRE A MESMA ALTURA DO MICRO/SEGUE COM A CENA

MIGUEL Quando Elisabeth chegar, você diga a ela que eu estou aqui para resolvermos um assunto dela mas como ela tivesse saído que eu voltarei logo à noite ou talvez amanhã.

MARIBEL Perfeitamente. O senhor pode ficar descansado que eu não me esquecerei de lhe transmitir o seu recado.

/REGRA CESSA OS PASSOS ABRE PORTA

MIGUEL Bem, então até logo ou até amanhã.

MARIBEL Adeusinho, seu Miguel. Passe bem.

/REGRA DOIS OU TRÊS PASSOS DE HOMEM SE AFASTAM/PORTA FECHA

MARIBEL (ENOJADA) Velho bobalhão°. Velho cretino! Sais daqui inteiramente convencido de que me enganaste, mas não estará muito longe o dia em que te convencerás de que o enganado foste tú. Eu estou aqui para cumprir uma missão e hei de cumpri-la. E tú, mãe... tú há de ver que a tua filha soube tornar-se digna de ti!

CONTINUA MUSICA FORTE ENIGMA

3 copias

Iolanda.

*Hoje*  
*M. A. Cezanne*

- \*\*\*\*\*
- TECNICA = CARACTERISTICA ABERTURA =
- ELIZAB = Pronto, Miguel, agora estamos completamente sós. Podemos conversar livremente. Que foi que ela lhe disse?
- MIGUEL = Ela está disposta a fazer tudo para que você não se inocude.
- ELIZAB = Não é isso. Primeiro eu quero saber o que foi que ela contou a -você! A respeito da briga deles, que isso é que está me angustiando mais.
- MIGUEL = O que houve é que o Roberto brigou com ela porque ela não quis correspondê-lo e parece que na briga disse que deu tolice em que demonstrou ciúmes do Renato. O Renato se aborreceu, discutiram e nunca mais se falaram.
- ELIZAB = (PEGANDO) Hum, hum, hum, hum... Essa história não está bem contada. Primeiro, porque conheço muito bem o Roberto e sei que depois que ele me disse que não trataria Maribel de outra forma si não como irmã, ele podia morrer de amores por ela mas não quebraria a promessa feita; e segunda porque ele podia estar de relando de coisas que jamais seria capaz de demonstra-las por um gesto que fosse, quanto mais por palavras. Ela mentiu, Miguel, você pôde estar certo de que ela mentiu.
- MIGUEL = Pois olhe, com toda a experiência que os anos me concederam eu vou dizer a você que a pequena me pareceu franca e muito sincera.
- ELIZAB = Oh, Miguel, que ingenuidade a sua. Você acha possível que floresçam rosas num pé de cardo? Não esqueça a origem dessa pequena.
- MIGUEL = Você me parece muito prevenida, Elisabeth e eu sempre ouvi dizer que também no lodo, às vezes, florescem lírios.
- ELIZAB = Florescem sim, mas não no lodo de verdade. Nos cinemas, nos teatros e na imaginação dos poetas e escritores. Na vida real, não mesmo!
- MIGUEL = Bem, eu estou dizendo a você as impressões que colhi. Ela, pelo menos, me declarou que não está disposta a se afastar um milímetro do terreno da lealdade, para com você.
- ELIZAB = Eu duvido muito, em todo o caso... (T)... Bem, mas vamos adiante. O que está me interessando agora, mais do que tudo, é a reconciliação dos meus filhos.
- MIGUEL = Ah e você o que disse a ela? Que se eles não se reconciliassem e você viesse e perceber a situação atual, - ela pensa que você ainda não percebeu nada - que ela estaria arriscada a que você desconfiasse que era por causa dela e a mandasse embora.
- ELIZAB = Você disse isso?
- MIGUEL = Disse, para assustar, mas disse.
- ELIZAB = Faz bem dizer, porque embora você o tenha feito apenas com a ideia de assustá-la, é o que eu estou disposta realmente a fazer. Sei que você não vai concordar com a minha ideia, sei que os meus filhos vão saber ruim a minha resolução, mas eu estou firme

- ELIZAB = neste pensamento e ninguém me demove dele. Você acha que eu possa assistir impassível a desunião da minha família, sem procurar cortar a causa pela raiz? Não posso.
- MIGUEL = Bem, mas eu tenho a impressão de que você não vai ser obrigada a chegar a tais extremos. Ela está inteiramente disposta a conseguir que o Renato vá procurar o Roberto para acomodar as coisas.
- ELIZAB = Ela disse isso?
- MIGUEL = Disse mais; já que pediu isso ao Renato mas que ela se nega a fazer, a não ser que ela o recompense com sua atenção.
- ELIZAB = E daí?
- MIGUEL = Daí que ela não pode aceitar semelhante coisa porque estaria faltando aos deveres de lealdade para com você. Eu não disse a ela que...
- ELIZAB = Você é um velho muito tonto, Miguel. Você não avança um palmo diante do seu marido!
- MIGUEL = Ora essa! Por que isso comigo, afinal?
- ELIZAB = Porque ela e o Renato já estão de derrição há quasi dois meses e você ainda não percebeu.
- MIGUEL = Não é possível, Elizabeth, é desconfiança sua.
- ELIZAB = Desconfiança coisa nenhuma. Derrição e de bom. Tanto que a Luísa já voltou novamente a dormir lá em cima, na rouparia, para que a gente não seja surpreendida, de uma hora para outra, com qualquer coisa desagradável.
- MIGUEL = Que horror, Elizabeth! Você avança demais nas suas desconfianças! Embora admitindo que ele não tivesse lá muito empenho em respeitar a sua casa, não podemos crer que os seus filhos fizessem o mesmo. Acho que principalmente por eles nós podemos estar inteiramente descansados neste ponto.
- ELIZAB = Eu penso muito diferente de você em se tratando de sexo, Miguel. Sei que os meus filhos são ótimos, excelentes rapazes, muito bem educados, muito respeitadores e com grande noção de que é o dever, mas sei também o perigo que é quando o diabo resolve se colocar entre homens e mulheres jovens. Dá-lhes aquele conhecido sopro de calor nas veias e meu amigo... não há mais quem os segura. Você diz que eu sou muito desconfiada; não, e que eu sou é um caprino prático. Uma mulher que vê as coisas cruas, e a aquele vê o diáfano da fantasia que só serve para encobrir as malandragens da turma. E depois, meu amigo, lógico o Renato que não é gente. Se ainda fosse um dos dois mais velhos...
- MIGUEL = É, você, realmente, tem uma maneira diferente de ver as coisas. Eu creio nas criaturas. Acho que todos são bons e sinceros.
- ELIZAB = Miguel, eu vou lhe dizer o que resolvi: vou esperar mais uma semana para ver o rumo que tomarão os acontecimentos dentro desta casa. Se ao fim desse tempo as coisas persistirem como estão ou se agravarem, você vai ver como eu sei ser drástica quando preciso ser.



- MIGUEL = Você se esquece que eu acompanhei bem de perto, toda aquela questão com a mãe dela e sei perfeitamente toda a força que você dispõe.
- ELIZAB = Você fala de um modo como si eu tivesse procedido mal com ela.
- MIGUEL = Não, não é isso. A sua intenção eu compreendi sempre, e admiti, mas você deve estar lembrada que eu discordei de você e até várias vezes discutimos por causa disto.
- ELIZAB = Eu sei de que você me recrimina. Si eu não tivesse feito o que fiz naquela ocasião, talvez que ele...
- MIGUEL = (CORTA) Não vale a pena revolver coisas mortas. Elizabeth, nada disto vem ao caso, agora. Vamos ver se os dois se acomodam para que você possa ter calma e tranquilidade no seu coração.
- ELIZAB = É. Isso, realmente, é do que eu mais preciso.
- MIGUEL = Bem, eu agora me vou.
- ELIZAB = Como? Você não fica para jantar conosco? Até já tinha dito a Luísa para que fizesse as panquecas de banana para a sobremesa...
- MIGUEL = Ah! Eu não sabia disto. Si tem panquecas de banana, eu fico...
- TECNICA = CORTINA MUBICAL =
- MARIBEL = (MACIA) Renato, você vai falar com o Roberto, não vai?
- RENATO = De maneira nenhuma. Eu já disse a você que não peço qualquer coisa, menos isto.
- MARIBEL = Mas querido, você precisa falar com ele.
- RENATO = Para que? Tudo o que eu tinha que dizer a ele já disse!
- MARIBEL = Mas o que eu quero que você diga, você não disse.
- RENATO = E nem vou dizer. Era só o que faltava eu me humilhar para uma pessoa que nos ofendeu. Sim, porque foi ele que nos ofendeu, não foi? A mim e a você.
- MARIBEL = Ora, eu de minha parte, nem me lembro mais do que aconteceu.
- RENATO = Pois me admire muito. Olhe que não foi pouco o que lhe fez a você. Inclusive tentou beijá-la.
- MARIBEL = E porque não conseguiu, saiu-se com aquelas coisas todas. Tudo isso o que foi? Despeito, nada mais. A gente tem que procurar compreender as coisas para poder desculpa-las, querido.
- RENATO = É, mas eu não desculpo facilmente. Tanto mais que as ofensas foram feitas a você. Si fossem a mim eu já nem estava lembrando mais delas. Por isso é que eu disse a repetidas vezes: enquanto ele não vier pedir desculpas a você, não há conversa que sirva entre nós.
- MARIBEL = Bem, Renato, já que você é cabeça dura e não quer atender o que lhe peço eu vou ter que lhe contar uma coisa que lhe fará mudar de idéia imediatamente.
- RENATO = Que coisa pôde ser esta?
- MARIBEL = Seu Miguel veio falar comigo porque percebeu, ontem, que você e Roberto estão brigados. E o velho é tão esportinho que crachou mais que a briga de vocês foi por minha causa. Por isso ele veio me aconselhar que eu convencesse você a fazer as pazes com seu irmão, antes que sua mãe percebesse a situação e me mandasse embora daqui. (PAUSA) Que diz você a isso, agora?

- RENATO = Que si ela mandar você embora, eu irei junto.
- MARIBEL = Por enquanto você não pôde fazer isso. De que iríamos viver? Nós precisamos dela, Renato. Você precisa se formar primeiro, receber o que é seu e só depois, então, poderemos fazer qualquer fanfarronada. Antes é bobagem.
- RENATO = Não se preocupe. Eu farei a coisa de maneira que nada não perca.
- MARIBEL = É quem nos diz que ela já não tenha percebido? Quem nos diz que seu Miguel não tenha vindo falar contigo e contado dela?
- RENATO = Você acredita isso por que? Você sabe de alguma coisa?
- MARIBEL = Eu estou apenas conjecturando, Renato. Não sei de nada, mas você bem sabe que isso não é uma coisa impossível. Por que é que temos que ser cautelosos, pelo menos nesses quatro meses que faltam para a sua formatura. Depois, então, a gente pôde falar de mais.
- RENATO = Eu acho uma barbaridade eu ter que me humilhar por um camarada que me ofendeu.
- MARIBEL = Nada disso importa, rapaz. O que importa é que se você não fizer isso nós seremos obrigados a nos separar porque a banca vai estourar e nos minhar costas. Você pense que eu também não sofro essa humilhação? Sofro. É muita coisa do que eu sofro você nem fica sabendo porque eu não lhe conto afim de que você não se aborrega mais. Mas também eu estou suportando tudo isso agora, mas no dia que nós dermos o grito da nossa libertação... você vai saber de tudo que me fazem aqui dentro. Não é só o Roberto, não pense você.
- RENATO = Mas eu quero saber tudo que fazem para você, Maribel. Conta-me.
- MARIBEL = Não. Agora, não. Para que? Só para você se indignar e não poder fazer nada? Absolutamente. Quando você tenha o seu diploma e receba a sua parte da herança do seu pai, aí nós saberemos revidar, juntos, o que todos me fizeram.
- RENATO = Todos?
- MARIBEL = Todos...
- RENATO = Até mamãe?
- MARIBEL = Ela, principalmente. Eu tenho sido muito humilhada, muito julgada aqui, Renato. Nem é bom que você saiba. Digo-lhe mais: você nunca saberia se não fosse a situação em que nos encontramos.
- RENATO = Pois bem, Maribel, eu não posso fazer nada, por ora, mas também não irei pedir desculpas ao Roberto. É a maneira de me desrespeitar.
- MARIBEL = Não convém, meu querido. Você sabe o que poderá acontecer, depois.
- RENATO = Não faz mal, deixe que aconteça. Aí você vai ver de que eu sou capaz.
- MARIBEL = É a sua última palavra? Você não irá falar com seu irmão?
- RENATO = Não vou, já disse.
- MARIBEL = Está bem, paciência então. Eu quis evitar que você se aborresse, você não quer me atender... (T) Meu bem, vá embora. Você já está atarefado para sua aula.
- RENATO = Está bem. Dê-me um beijo, de despedida, então.
- MARIBEL = Aqui não. É perigoso. Vá de uma vez, vá.

- RENATO = Está bem, até logo, querida,
- MARIBEL = Até logo.
- C. REGRA = PASSOS SE APASZAM NA AREIA =
- MARIBEL = (PARA SI) Que homens de cabeça dura, nossa mãe! Não houve maneira de convencê-lo. E a situação não pôde continuar como, está. Eu não posso sair desta casa antes que tenha realizado tudo o que desejo. Não sei o que fazer... Só vejo aqui um recurso, ir eu mesma falar com Roberto...mas...como me receberá ele? (LÁZARA) Bem, paciência. Aconteça o que acontecer eu não posso deixar de tentar esta última cartada.
- TECNICA = CORTINA MUSICAL =
- PUBLICIDADE
- TECNICA = CORTINA MUSICAL =
- ROBERTO = Que é isto? Você aqui no meu quarto, a esta hora do dia? Que aconteceu? Que deseja?
- MARIBEL = Falar com você, Roberto.
- ROBERTO = Acho que você não deve ter nada para me dizer.
- MARIBEL = Eu não tivesse não estaria me sujeitando ao risco de me verem entrar ou sair do seu quarto, ou então - o que ainda muito pior - expondo-me a possibilidade de ser maltratada e humilhada por você, como aliás já me aconteceu uma vez.
- ROBERTO = Eu nunca humilhei nem maltratei você, pelo menos que eu me lembre.
- MARIBEL = É sempre assim que acontece, Roberto. Quem dá esquece...quem apressa guarda, para sempre, uma amarga lembrança.
- ROBERTO = Eu sei que sempre dei a você o que você fez por merecer.
- MARIBEL = Quem sabe? Pode ser mesmo. A gente, às vezes, comete coisas que não sabe, depois, como vai explicar.
- ROBERTO = Você prestou bem atenção no que disse? Isso é quasi um reconhecimento de culpa:
- MARIBEL = Todas nós somos sempre culpadas de alguma coisa, Roberto. Até mesmo de amar a quem não nos ama.
- ROBERTO = Discórdia de você. Acho que nós não temos a menor culpa de amar ou não amar algum. Podemos, quando muito, ter a força de sufocar o sentimento de amor em nossa consciência mas não por isso deixamos de amar e de sofrer por causa dele. (T) Bem, mas... quero ver que você não foi para sofismar sobre o amor que você veio até o meu quarto, não é verdade?
- MARIBEL = Não, Roberto, eu vim para fazer as pazes com você. Vim lhe pedir desculpas do que lhe possa ter feito e rogá-lhe, também, que desculpe ao Renato das coisas que ele lhe disse.
- ROBERTO = Você já esqueceu que jurou fazer gás de minhas acusações, prevenendo a discórdia entre mim e Renato? Você não tem por que me pedir desculpas agora, porque está apenas cumprindo com o seu juramento.
- MARIBEL = São as tais coisas que eu disse há pouco a você que a gente esquece sem saber porque. Você me perdona, não é verdade, Roberto?
- ROBERTO = Para que? Para amanhã brigarmos novamente?

- MARIBEL = Não, Roberto, eu não creio que isso volte a acontecer.
- ROBERTO = Acontecerá, sim, e continuará acontecendo até que você se resolva a perder definitivamente um de nós. Enquanto você nos embalar aos dois, um estará sempre desconfiado com o outro e a desconfiança é a força mais poderosa para destruir até mesmo um afeto fraterno.
- MARIBEL = E sua confiança pôde destruir um afeto, a certeza de uma falsidade e que poderá fazer?
- ROBERTO = A certeza de uma falsidade? O que quer dizer com isto?
- MARIBEL = Quando uma mulher ama com sinceridade e dá a certeza de que está sendo miseravelmente enganada pelo homem a quem dedica todo o seu afeto, você já imaginou a destruição que essa infâmia pode causar na correção dessa pobre criatura?
- ROBERTO = Eu ainda não compreendi a intenção com que você está me dizendo essas coisas, Maribel.
- MARIBEL = Você quer que eu diga tudo claramente, não é?
- ROBERTO = Naturalmente que sim.
- MARIBEL = Pois bem. Então eu vou falar sem rodeios. Aqui mesmo, dentro deste quarto, você me jurou, uma noite, que gostava de mim. Foi ou não foi?
- ROBERTO = Foi.
- MARIBEL = Não tardou muito tempo em que eu viesse a saber que espécie de homem era você e do seu mau costume de enganar e tirar proveito das infelizes que se deixavam envolver pela sua língua.
- ROBERTO = Pelo amor de Deus, Maribel! Quem disse a você uma coisa tão disparatada?
- MARIBEL = Não tenho autorização de usar o nome da pessoa que se expressou em me avisar, mas a verdade é que o aviso em vez de ter sido desmentido foi confirmado por alguém dentro da sua própria casa.
- ROBERTO = Não posso crer em nada disso. Você está dizendo essas coisas com o propósito de me aturdir, ou então... está se divertindo à minha custa.
- MARIBEL = Divertindo-me a sua custa, eu? De maneira alguma. Estou apenas a lhe dizer as verdades que se lhe causam estranheza, e não causaram sofrimento.
- ROBERTO = Quem dentro desta casa poderia, de má consciência, acusar-me de crime tão nefando de enganar e tirar proveito de noças indefesas?
- MARIBEL = Uma pessoa de sua própria família.
- ROBERTO = É incrível! Abominável! Você tem inteira certeza do que afirma? Não está confundida?
- MARIBEL = Absolutamente. Lembra-se daquela noite em que você me disse que eu estava estranha... embaraçada... diferente?... Pois bem, naquela tarde eu tinha sabido tudo. (CHORANDO SINCERA) A, Roberto, Roberto! Porque você me deixou descer ao jardim para me encontrar com o Renato? Por que você não procurou impedir que eu me atirasse nos braços dele? Você tinha que compreender que era a você que eu amava e que si o desprezava naquele instante era porque eu estava

MARIBEL = negada, ferida, humilhada pela ideia de que você só desejava possuir-me e nada mais! Disseram-me tantas coisas más de você, tantas que eu, por despeito e vingança, entreguei-me ao seu irmão!...

TECNICA = RAJADA EM DO SEM COSTAR =

ROBERTO = Mas então...então foi Renato que... (TRANSIÇÃO). Quanta baixaria, meu Deus!... Lançar mão de recurso tão ignobil para sagrar-se vencedor num torneio anoroso!... E você ainda vem a mim quarta pedir que perdoe esse infame? Nunca poderei perdô-lo!...

MARIBEL = É preciso, Roberto. É preciso, por sua mãe!

ROBERTO = ~~Está enganada, não sei o que está pensando. Não precisa saber que um dos seus filhos se enforcou nesse nódo no lado da miséria moral!~~

MARIBEL = Pois justamente para ela não saber é que vim explicar-lhe que se dêem as mãos, do contrário...ela acabará desconfiando de.

ROBERTO = Não creio que isso tenha a acontecer. Ela já se acostumou e me vem calado e taciturno.

MARIBEL = É o que você pensa. Não se acostumou e nem se conformou no dia em que ela chegar a saber que eu - ainda que isso tenha sido sem querer - fui a causa da desunião de vocês, toda a sua cólera se voltará contra mim queerei mandada embora desta casa na mesma hora.

ROBERTO = Mas não faria uma coisa dessas, mormente sabendo que você não tem para onde ir.

MARIBEL = Sua mãe feriu isso porque eu até já fui advertida neste sentido.

ROBERTO = Advertida? Por quem?

MARIBEL = Pelo seu Miguel.

ROBERTO = Pelo seu Miguel!...Mas então...se ele já lhe falou alguma coisa...é sinal de que ela realmente já percebeu.

MARIBEL = E então! Está disposto a ajudar-me?

ROBERTO = (PENSA) Não sei se terei forças para tanto. É muito o que você me pede.

MARIBEL = Mas você não compreende que eu preciso de você neste momento, Roberto?

ROBERTO = Só compreendo uma coisa. Que você fugiu dos meus braços, sem razão, para atirar-se nos braços de um homem a quem você não amava e que se valeu da intriga para vencer-me. (REALIZANDO-SE) Sinal! Sinal! Eu já devia ter mandado você embora, desde que tomei conhecimento da baixaria que você praticou.

MARIBEL = (DESESPERO) Mas, Roberto, por favor, compreenda...

ROBERTO = (FORTE ALUCINADO) Não compreendo nada. A única coisa que compreendo e sinto é que você, agora, vale tanto, para mim, como esses vagabundos que se entregam aos homens por dinheiro.

TECNICA = AGULHADA MUSICAL FORTE =

MARIBEL = (OBOQUE TREMENDO) Roberto!...

ROBERTO = Vamos, sério...Não ouviu? Sinal!...

O REGRA = PORTA QUE SE ABRE = PASSOS QUE SE APASTAM =

TECNICA = PASSAGEM MUSICAL =

- ELIZAB " Eu já não posso mais, Luísa. Ou tome imediatamente uma medida drástica ou acabarei sem o coração partido de angústia e desespero.
- LUÍSA " Suncô tem que fazer alguma coisa, a gente sabe, mas veja lá o que é que vai fazer pra não comêto qualquer injustiça. --
- ELIZAB " A injustiça q' estou cometendo é comigo mesma, sentindo essa dor aguda no coração há tãõ longo tempo sem ter feito, até agora, um remédio qualquer para apáscer-la.
- LUÍSA " Eu num posso sabê a razão praque necê num fale com ela intê hoje. Por Deus da Ofa qui eu num posso compredê.
- ELIZAB " Não falei pelô receio de perder a calma diante d'ela e, em consequência, tomar qualquer medida precipitada.
- LUÍSA " Vai, xente! Suncô tem que sabê se assiguré, o pessoal!
- ELIZAB " Bem sei, mas a lembrança da mãe dessa criatura num o extrinhe poder de me fazer perder a calma e as medidas de boa senso. Sinto-me irritada e mal disposta quando o recordo e não posso estar na presença da filha - que aliás é parecidíssima com ela - e a que ela volte da sua sepultura e se poste á minha frente, arrogante e sobranceira, desafiando-me para a luta. Nem sei que ideia foi aquela de mandar pedir ao Padre Jacinto que me entregasse a filha, depois de tudo que houve entre nós.
- LUÍSA " É que ela tinha certeza que suncô ia cuidá bem da menina.
- ELIZAB " Não, Luísa, eu já pensei assim, no principio, mas hoje faço uma ideia muito diferente do seu gesto. Hoje estou convencida que ela mandou a menina para a minha casa com o firme propósito de envenenar a paz da minha vida.
- LUÍSA " Crede, sinhá! Suncô pensa cada coisa! Entonce na hora de morte a mãe ia se alembrá de fazê maravéza? Num arqueditai...
- ELIZAB " Pois eu não duvido. É é por isso que eu as vezes tenho fustos de pega-la e joga-la na rua.
- LUÍSA " Suncô tá muito agitada, sinhá. Desse jeito é má, mesmo, que suncô num fale nada pra ela.
- ELIZAB " Mas eu preciso falar, ou então meu coração estoura. Você pôde lá imaginar o que seja para mim ver dois filhos meus estarem há mais de duas semanas sem nem sequer se olharem, quando antes desse menino vir para a nossa casa eles viviam unidos e alegres?
- LUÍSA " É terrível, eu sei, sinhá. É muito horrível, mas suncô pra fale por cima tá cerna. Óie, toma um chazinho de laranja pra acalmá os nervos e fale depois, quê?
- ELIZAB " É, não é má ideia. Talvez seja melhor. Eu promiso estar realmente mais calma do que me sinto agora, para poder me controlar.
- LUÍSA " Pois entonce a mãe v'ia vai perperá o chazinho agora mesmo pra suncô tomá. Casuamente inda hoje de tarde eu ranquei umas 200 de laranja. Tenho elas lá no cozinho.
- ELIZAB " E depois que eu o tenha tomado, tá irê procura-la, Luísa, para dizer-lhe que eu preciso falar com ela. Presumo que a esta hora ela deve estar no seu quarto, não sei.

- LUIZA = Van lá não, minha.
- ELIZAB = Como é que tu sabes?
- LUIZA = Porque eu vi quando ela adosseu pela escada dos fundos pro jardim e ficou bombando ela lá na janela da cozinha. Ela andô, andô, se andô em volta dos cantos e depois se assentô num banco, aquele que fica perto do jasmimero grande.
- ELIZAB = E ela está só?
- LUIZA = (NEGATIVA) Eua hum! Vô nêmo que o Renato ia vê ela no jardim sozinho e nun ia corré pro se assentô perto dela. Lá lá se deita assentados no banco fais tempo d.
- ELIZAB = Pois então, depois que me tenhas dado o ché, já sabes onde de-verás procura-la. Vai duma vez, Luiza, não dá pre.
- LUIZA = Hum dimore, não sinhá. É pro já.
- O REGRA = PASSOS DA VELHA XNDO =
- ELIZAB = (PAUSA) Eu preciso reunir todas as minhas energias para manter uma calma que preciso aparentar mas que não posso ter a esta altura dos acontecimentos. Eu me sinto tremer toda, não sei se de medo ou de ódio, mas seja lá qual for o sentimento que agite os meus nervos, si eu n'ô conseguir domá-los botarei a carreira a perder. E eu não me conformaria, nunca, de perder qualquer coisa para a filha dela!...
- TECNICA = CARACTERISTICA FINAL =

HB/ach.

\*\*\*\*\*

Original de ERICO GRAMER

Capitulo (15º)

\*\*\*\*\*

CONTROLE TEMA FORTE E BAIKA

- MARIBEL A Luize foi se ev' ser que a senhora queria falar comigo, dona Elisabeth?  
beth? Estou às suas ordens.
- ELISABETH Sentesse, então. Vamos ter muito que conversar.
- MARIBEL Sim senhora. (PAUSA) Estou pronta. Se quiser começar...
- ELISABETH Maribel, nós vamos ter agora uma conversa muito séria e da qual, naturalmente, vai se decidir o seu destino.
- MARIBEL A senhora está me assustando, dona Elisabeth.
- ELISABETH Acredito, sim. E acredito porque também eu estou assustada, Maribel.
- MARIBEL Assustada? A senhora? Por que?
- ELISABETH Por desconfiar que estou na iminência de ter que fazer uma coisa que eu não desejava fazer de modo algum.
- MARIBEL E que vem a ser?
- ELISABETH Espere. Nós chegaremos lá. (T) Você deve estar lembrada, de uma conversa que tivemos, quando você veio morar aqui conosco; não é verdade?
- MARIBEL Uma conversa?... A respeito de que, dona Elisabeth? Nós falamos de tantas coisas...
- ELISABETH A respeito dos meus filhos e da posição que você deveria assumir no meio deles.
- MARIBEL (ASSUSTADA) Ah, sim, sim... agora sei...
- ELISABETH Lembra-se das promessas que me fez naquela ocasião?
- MARIBEL Lembra-me, sim senhora.
- ELISABETH E de todos os compromissos que assumiu comigo a respeito?
- MARIBEL Lembra-me, sim senhora.
- ELISABETH Pois muito bem, então agora chegou a vez de lhe fazer a última pergunta e que é, justamente, a mais importante de todas: você tem cumprido todos os compromissos que assumiu?
- MARIBEL Bem... quer dizer... da minha parte... dentro do possível... sempre me esforcei por não faltar às promessas feitas.
- ELISABETH (SEVERA E FIRME) Eu não quero e nem admito uma resposta daí b'is, entendeu? Estou lhe fazendo uma pergunta muito séria e quero que me responda com segurança. Você tem cumprido os compromissos assumidos ao entrar nesta casa? (PAUSA LONGA) Está sem saber o que dizer, não é? Eu melhor, está sem coragem para dizer a verdade?
- MARIBEL Não, dona Elisabeth, não interprete como tal o meu silêncio.
- ELISABETH E como devo interpretar, então?
- MARIBEL Eu estou examinando todos os meus gestos e atitudes anteriores, para poder chegar à conclusão se sou ou não sou culpada.
- ELISABETH E o que concluiu? Vejamos?
- MARIBEL Não posso concluir nada, assim tão rapidamente. Vou procurar pensar alto para que a senhora vá acompanhando o meu pensamento e ajude-me na conclusão que não interessa apenas à senhora mas também a mim.



ELISABETH  
MARIBEL

Pois bem, comece a pensar, vamos ver.

Eu, quando vim para a sua companhia, prometi à senhora e jurei a mim mesma, que haveria de portar-me da maneira digna dentro de sua casa. Não era fácil cumprir a minha intenção. Não só porque a senhora possuía três filhos jovens, inteligentes e bonitos como porque - e principalmente por isso - senti, desde o primeiro contacto com eles, que todos haviam se mostrado impressionados comigo. Todos, sem exceção. Tive, então, que me munir de uma coragem excepcional, para rechassar com galhardia as cargas recebidas de todos os lados e ainda revestir-me de uma diplomacia toda especial para não feri-los nem magoá-los. Foi uma tarefa duríssima para mim. A senhora não pode imaginar. Eu fazia o que podia para afastá-los, mas a verdade é que eles não desanimavam e persistiam no cerco. Eu pensava comigo: se eu conseguir manter a minha resistência por trinta dias, eles se afastarão e o perigo pior terá passado. Resisti trinta, quarenta, cinquenta, sessenta dias e o cerco, em vez de afrouxar, cada vez se apertava mais em torno de mim. É possível que num ou noutro momento eu tenha fraquejado, faltando, assim, ao juramento que lhe fiz, mas a verdade é que logo em seguida tratei de reagir contra a minha falta, provocando até, uma das minhas reações, a animosidade de um dos seus filhos contra mim. E esta é a razão que eu estou verdadeiramente embaraçada para responder a pergunta que a senhora me fez. De sua consciência, eu não sei se tive ou não tive culpa do que está acontecendo agora.

ELISABETH

Você não é a única culpada e nem foi a única a faltar com a sua palavra. Meus filhos também falteram. E se estou inclinada a perdô-los, deveria também, para ser bem justa, perdô-la a você, mas eu sinto que só poderei fazê-lo se você se comprometer a restabelecer em dois dias, a harmonia que você desfez entre os meus filhos.

MARIBEL

Se a senhora soubesse a luta que tenho tido neste sentido! Os esforços que tenho dispendido! Digo-lhe mais: as humilhações a que tenho se submetido por causa disto!

ELISABETH

Humilhações?! Que espécie de humilhação?

MARIBEL

A senhora não acha humilhante para uma moça que é ofendida brutalmente por um rapaz, chegar-se a esse rapaz e falando-lhe com brandura propor que sejam esquecidas as queixas passadas e que se apertem as mãos em sinal de paz? E não acha que é uma dupla humilhação ser repelida por esse mesmo rapaz e de uma forma que escapa a todas as regras de boa educação? Pois isso aconteceu, dona Elisabeth. E sabe por que aconteceu? Porque desejando restaurar a paz do seu lar em consideração à senhora, eu puz de parte todos os meus escrúpulos, todo o meu amor próprio, todos os meus brios de mulher, para ir ao quarto do Roberto pedir-lhe que não continuasse naquela atitude tão acintosa contra mim e o seu irmão, a fim de que a senhora não viesse a perceber a sua animosidade e sofrer com isto. Ele abriu a porta e expulsou-me com violência. Depois disto, a senhora acha que eu ainda possa fazer qualquer coisa para reconciliá-los? Digo-lhe, sinceramente, que não me acho capaz de tanto.

- ELISABETH Eu sinto bastante, Maribel, mas não posso permitir que essa situação perdure aqui em casa. (T) Mas afinal, por que a situação chegou a esse ponto entre vocês? Quero saber.
- MARIBEL Simplesmente por ciúmes, nada mais. Roberto não podia admitir que eu tratasse ao Renato da mesma maneira delicada e amiga com que buscava tratá-lo. Queria que eu o afastasse de qualquer maneira e eu não tinha razões para fazê-lo.
- ELISABETH Está bem, Maribel, eu vou conversar com Roberto e vou...
- MARIBEL (CORTA ASSUSTADA) Ele vai negar tudo.
- ELISABETH Não negará. Conheço bem o caráter dos meus filhos, menina e afianço-lhe que Roberto não será capaz de se afastar da verdade. Ele poderá falhar numa intenção, às vezes, mas tão depressa como falha já se arrepende e trata de corrigir o que fez errado.
- MARIBEL Não foi essa a impressão que ele deixou no meu espírito.
- ELISABETH Mas é essa a sua maneira de agir, pode estar certo. (PAUSA E TOM) Bem, hoje ainda eu vou ter uma conversa com ele e depois voltaremos nós a uma nova conversa.
- MARIBEL Está muito bem, dona Elisabeth.
- ELISABETH Eu quero ser muito serena no meu julgamento para isso precisa ouvir um lado e outro.
- CONTROLE CURTINA MUSICAL

- ELISABETH ...E agora, meu filho, eu desejo saber o que há de verdade em tudo isto, para não cometer nenhuma injustiça na atitude que possa vir a tomar. Inço-lhe um apê-lo angustioso e invoco a memória de seu pai para que você não se afaste um milímetro da verdade. Vamos, fale.
- ROBERTO Também, eu não desejava ter sido inquirido pela senhora para não ter que lhe fazer uma tremenda revelação que irá, certamente, produzir-lhe um choque muito grande, mas uma vez que os fatos chegaram até este ponto e que eu sou envolvido nêles como um dos grandes culpados, eu quero dizer à senhora que a minha única culpa, em tudo isto, foi ter me apaixonado por Maribel e não ter tido forças suficientes para expulsar do meu coração esse sentimento. Envolvido pela sua beleza, pela sua graça e pela sua aparente candura, deixei-me arrastar, por vezes, e faltei ao compromisso que havia assumido para com a senhora, encoijando-me furtivamente com ela e gozando, envãevado, aqueles fugazes minutos de sua companhia. Foi muito breve a passagem e minha ilusão de felicidade, porque muito mais depressa do que eu poderia imaginar, vim a descobrir que as mesmas concessões que ele me fazia eram feitas também ao Renato. Ceneurei acrocamente a deslealdade dos dois e afastei-me. E fiz muito bem em proceder assim. Libertei-me, antes que tivesse ficado preso por outros compromissos mais sérios, como aconteceu com meu irmão.

- CONTROLE ACORDE TRAGICO EM RG/BEM CORTAR A CENA
- ELISABETH Como assim?!...Que quer você dizer com isto?!...
- ROBERTO Que Renato está seriamente comprometido com Maribel. manêta!...

CONTROLE NOVO ACORDE SEM CORTAR

- ELISABETH (PERDENDO A VOZ/ABAFADA) Mãe meu filho!... Não é possível que isto seja verdade! Não posso acreditar, não posso!...
- ROBERTO Infelizmente essa é a verdade que ela mesma me revelou!
- ELISABETH Mas isso é uma coisa horrível!... Eu nem sei como estou suportando de pé um golpe tão rude, meu filho.
- ROBERTO Eu talvez não devesse lhe dizer nada e a senhora sabe muito bem que se não me perguntasse eu jamais abriria a minha boca para acusar um irmão, mas a verdade é que pelo meu feitão, pelo meu temperamento e pelo meu senso de lealdade eu não poderia esconder da senhora um fato tão grave e que pode ter a mais séria repercussão. Compreenda a minha intenção, mãe e perdoe-me.
- ELISABETH Nada, tenho a lhe perdoar, meu filho. Você cumpriu com o seu dever, simplesmente. Não poderia ser de outra forma. Eu agora quero falar com o Renato.

CONTROLE CORTINA MUSICAL

- ELISABETH Eu preciso conversar com você, meu filho, mas antes de entrarmos no assunto você vai me fazer um juramento, pela alma de seu pai, de que me responderá somente com a verdade. (PAUSA E TOM) Jura?
- RENATO (DEPOIS DE PAUSA) Juro.
- ELISABETH Muito bem. Podemos, então, começar. (PAUSA E TOM) Eu desejo saber o que há entre você e Maribel.

CONTROLE ACORDE SUTURNO EM FUNDO SEM CORTAR

- RENATO O que há...entre mim e Maribel? (FUGINDO) Não estou entendendo a sua pergunta, mãe.
- ELISABETH (DURA) Eu acho que estou falando bem claro, Renato. Que há entre você e Maribel?

CONTROLE CORTINA MUSICAL

## P U B L I C I D A D E

CONTROLE CORTINA MUSICAL

- ELISABETH (DURA) Eu acho que estou falando bem claro, Renato. Que há entre você e Maribel?
- RENATO Mas mãe, explique-se. A senhora deseja saber o que há entre nós em que sentido?
- ELISABETH Em todos os sentidos. Vamos, responda, à minha pergunta e não procure fugir.
- RENATO Eu não estou procurando fugir, mãe. Estou procurando compreender a sua intenção que eu ainda não encontro.
- ELISABETH Quando se pergunta o que há entre um rapaz e uma moça que andam sempre juntos, parece-me que a intenção da pergunta não pode ser mais clara.
- RENATO A senhora está querendo saber se eu e Maribel sempre andamos juntos...

- ELISABETH Estou querendo saber "tudo" a respeito de vocês. "Tudo", ouviu bem? "Tudo".
- RENATO Muito bem, já vou satisfazer a sua curiosidade, mamãe. Entre mim e Maribel o que existe é apenas uma esplendida camaradagem, nada mais.
- ELISABETH Só isso, Renato? Lembra-se que você jurou dizer a verdade, pela memória de seu pai.
- RENATO A senhora viu ou soube de alguma coisa mais, além dessa camaradagem?
- ELISABETH Quem faz as perguntas sou eu, Renato. A você cabe, apenas responder. Então entre você e Maribel existe apenas uma camaradagem?
- RENATO É, eis senhora.
- ELISABETH Você jura que está dizendo a verdade?
- RENATO (BREVE PAUSA/FUGINDO) Eu já jurei, mamãe...
- ELISABETH (DEPOIS DE PAUSA) Que pena, meu filho! Como eu estou triste com você! Nunca pensei que chegasse ao ponto de jurar por seu pai a traír o juramento.
- RENATO (AFOBADO) Mas mamãe, eu...eu não trai...é que...bem, quer dizer...nós já fomos namorados, mas agora, não. Já passou. Presentemente é bem como eu disse à senhora: somos apenas amigos e bons amigos. ..
- ELISABETH Pois olhe, não foi nada disso que me disseram.
- RENATO (QUEIMADO) Pois quem lhe tenha dito mais que isto, mentiu.
- ELISABETH (DURA) Quem me disse não mente, Renato.
- RENATO Eu sei. Quem lhe disse foi Roberto, é evidente. Mas a senhora não pode acreditar piamente nele porque ele está profundamente despeitado consigo imaginando-se preferido por mim.
- ELISABETH Roberto não é nenhum insensato a ponto de afirmar certas coisas sem ver.
- RENATO Mas que poderia ele ter visto? Que às um vezes andamos juntos pelo jardim? Isso é uma coisa muito natural e que não autoriza ninguém a supor outras coisas; não lhe parece?
- ELISABETH Meu filho, acabemos com esse penoso jogo de palavras inúteis. Eu sei de tudo, está ouvindo?
- CONTROLE ACORDE AGUDO EM BG/SEM CORTAR A CENA
- RENATO (CHOQUE) Sabe...sabe de tudo o que?
- ELISABETH Que você se compro steu com essa moça de uma forma muito séria.
- CONTROLE NOVO ACORDE EM BG/SEM CORTAR
- RENATO (DESESPERADO) Mas quem lhe afirmou semelhante coisa, mamãe? Quem?
- ELISABETH Ela mesma.
- CONTROLE NOVO ACORDE EM BG/SEM CORTAR
- RENATO (CHOQUE) Ela...ela mesma?!...Mas não entendo...
- ELISABETH Diga-se agora, Renato; você vai desmenti-la? (PAUSA GRANDE) Responda o que estou lhe perguntando, Renato. Você vai desmenti-la?
- RENATO (DEPOIS DE PAUSA/BATENDO O TÓM COMO QUEM BAIKA A CABEÇA) Não. (NOVA PAUSA E TÓM) Só não compreendo porque ela foi dizer isso à senhora, quando...bem...
- ELISABETH Ela não o disse a mim diretamente, mas a uma outra pessoa que veio me contar.

- RENATO Já sei. (PAUSA) Já comencei a compreender tudo!
- ELISABETH Você já pensou bem, meu filho, nas terríveis consequências que essa seu ato podem acarretar? (PAUSA GRANDE) Responda, meu filho. Você já pensou nas consequências?
- RENATO (DISPANDO-SE) Mãe, ouça o que lhe vou dizer: eu gosto de Maribel e estou disposto a casar-me com ela, tanto mais agora que lhe devo casamento.
- ELISABETH (DURA) Você não sabe o que está dizendo, menino.
- RENATO Como não sei? Então a senhora acha que depois do que aconteceu entre nós, devemos deixar as coisas como estão sem ~~procurar~~ procurar remédios?
- ELISABETH Meu filho, não devemos precipitar os acontecimentos. Vamos dar tempo ao tempo para que as coisas se resolvam com devam ser resolvidas. Você não pode nem pensar em se casar agora, a menos que eu lhe entregue, antes de você se formar, a parte que lhe foi instituída no testamento de seu pai, mas isso eu não farei de jeito algum; portanto... você terá que esperar ainda quatro meses.. Como eu lhe conheço muito bem e sei até que ponto vai a sua inconstância, aposto o que você quiser como no dia em que estiver em condições de se casar já terá esquecido Maribel e estará nos braços de outra.
- RENATO E a senhora acha que depois do que houve entre nós será um procedimento correto esquecê-la por outra?
- ELISABETH Não pretendo discutir com você o que seja correto ou incorreto. O que pretendo é defender a sua felicidade, meu filho.
- RENATO A qualquer preço?
- ELISABETH A qualquer preço, O fim justifica os meios.
- RENATO Mas a minha felicidade só será possível ao lado de Maribel, mãe.
- ELISABETH Por enquanto, até que um novo amor se apossa de seu coração. Ai então você já não poderá mais nem ouvir falar no nome dela.
- RENATO Esperemos os quatro meses que faltam para a minha formatura e a senhora se convencerá do que estava enganada.
- ELISABETH Esperemos. O tempo há de nos mostrar quem cometeu maior engano. Pode ir
- RENATO Um momento só, mãe. Eu desejava saber sobre Maribel.
- ELISABETH Saber o que?
- RENATO Qual será o seu procedimento a respeito dela. Si vai censurá-la...si ela vai continuar nesta casa...si a senhora pretende mandá-la embora...
- ELISABETH Não sei. Vou conversar com ela, tanto vou, mas o que lhe vou dizer...a atitude que vou tomar...isto eu não lhe posso adiantar por que quando o chamei para falar comigo tinha uma intenção muito diversa e que não sei porque deixei de cumprir. Sei eu lá o que vou sentir diante dela e as reações que os meus nervos possam experimentar? O que ~~me~~ sei é que tudo vai depender, e muito, de maneira como ela me falar. Eu sou tal como você, meu filho, às vezes frouxa e outras impulsiva, tudo dependendo, está visto, das circunstâncias do momento. Vá embora agora. Deixe-me sosinha.

- RESIATO            Sim, mamãe...
- C/REGRA            PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM PORTA ABRE E FECHA EM 2º PLANO
- ELISABETH        Eu preciso ter calma e contar a minha indignação para que não bote tudo a perder. A vontade que eu tinha era de lançar-lhe em rosto a sua deslealdade e depois corrê-la como se corre a um cão leproso, mas e este não é ainda a oportunidade para fazê-lo. Meu filho ainda está sob a impressão de que a ama e correira atrás dela. É preciso, antes de tudo, que ele se enfarte das suas carícias e isto não ha de tardar a acontecer. Nessa ocasião, então, ela verá com quem se meteu.
- CONTROLE        CORTINA MUSICAL
- MIGUEL            Não me diga, Elisabeth!... Si não fôsse você quem me afirmasse, eu nunca seria capaz de acreditar em semelhante coisa!...
- ELISABETH        Eu também, ao primeiro contato com a verdade, fui logo assaltada pela duvida. Não podia crer, não queria crer, mas infelizmente o que me diziam era exato e eu não tive remedio senão curvar-me à evidencia dos fatos.
- MIGUEL            Isso é horrível! Horrível!... E o que vai você fazer agora? Ampará-la?
- ELISABETH        (RÁPIDA E FORTE) Nunca, Miguel, nunca! Como pode pensar numa coisa dessas?!...
- MIGUEL            Elisabeth, pense bem na atitude a tomar. Não se precipite.
- ELISABETH        Já pensei de sobre numa noite inteira, de insônia. Ela foi muito bem prevenida por mim, e si se deixou arrear para a deshonra é porque já trazia no sangue aquele germen maldito.
- MIGUEL            Você precisa não esquecer que ela ainda é menor de idade, Elisabeth.
- ELISABETH        Eu sei, mas hei de agir com tamanha astúcia que nem essa circunstância será capaz de lhe valer.
- MIGUEL            Como assim? Que pretende você fazer? Diga.
- ELISABETH        Fingir que aceito a ideia do casamento mas protelá-lo, sempre, até que ela tenha atingido os dezoito anos. Ai, meu filho já estará completamente saturado dela e eu não terei nenhuma dificuldade de meter-lhe pelos olhos uma outra moça que seja digna da sua posição e do seu nome.
- MIGUEL            E você poderá dormir tranquila depois disto, Elisabeth?
- ELISABETH        E por quê? Em se tratando de salvar a felicidade de meu filho, todos os meios me parecem licitos.
- MIGUEL            Eu não creio que você possa pensar desse modo num momento de calma, Elisabeth, Naturalmente está pensando assim agora, em virtude da sua revolta e do seu nervosismo.
- ELISABETH        Como?!... Mas então você não acha que me assiste o direito de defender o futuro e a felicidade de meus filhos?
- MIGUEL            Acho, como não? Mas nunca postergando os direitos de uma jovem que é pouco mais que uma menina.
- ELISABETH        Como postergando os direitos?! Que direitos pode ter uma rapariga a quem eu acolhi por caridade e não soube respeitar a minha casa, Qualquer direito que lhe assistisse, ele o teria perdido, hoje, com a sua atitude.

atitude perversa e a sua conduta desleal.

MIGUEL Atitude perversa foi a de seu filho, Elisabeth. Desculpe, mas éle é que deveria ter mantido o respeito dentro da sua propria casa, antes de prejudicar a menina da forma que prejudicou.

ELISABETH (PERVERSA) E quem nos afirma que tenha sido realmente ele o causador do que aconteceu? Nós não podemos saber de que jeito essa menina veio para a nossa casa. Você sabe, perfeitamente, o meio onde ela vivia. Isso é de grande importância neste momento, Miguel.

MIGUEL Sem...nesse ponto eu não lhe tiro a razão.

ELISABETH Pois então? Você sabe que eu até já pensei que a atitude dela não porem de um golpe para introduzir-se na nossa familia?

MIGUEL Não creio. Seria um plano sórdido demais para um cérebro ainda tão jovem e inexperiente.

ELISABETH Pois eu não duvido de mais nada que nos venha dessa criatura. Estou convencida, agora, que ela é tremendamente perigosa. Por isso é que estou me preparando, desde já, para rechassar as suas investidas.

MIGUEL Faz bem. Ser prudente não prejudica a ninguém, pelo contrario; só pode trazer grandes beneficios.

ELISABETH Você sabe que eu estou com vontade de conversar com ela e entrar diretamente no assunto para ver se consigo vislumbrar as suas dispozições futuras?

MIGUEL Seria interessante, sem duvida. Só que você teria que fazer muito esforço para não se afastar da linha que precisa manter. Você se acha suficientemente forte para tanto?

ELISABETH Sim. Tenho certeza absoluta que sim. Depois que eu ouvi a revelação do meu filho sem levantar a voz eu deixei transparecer qualquer resquicio da minha revolta...já não duvido mais de mim mesma, Miguel. Já não tenho receio de nada que necessite fazer para salvar o meu filho das garras desse pequeno mas perigoso abutre que é Maribel.

CONTROLE ENTRE TEMA FORTE E ENCERRA

9 copias

Iolanda.

*C. Regra*

=====

CONTROLE TEMA FORTE E CURTA

MARIBEL O seu Miguel foi se avisar que a senhora desejava falar comigo?  
ELISABETH É verdade, fecho primeiro a porta e depois senta-se.  
MARIBEL Sim senhora.  
C/REGRA PASSOS PORTA QUE SE FECHA EM 2º PLANO PASSOS VOLTAM  
ELISABETH Você já mais ou menos imagine o que lhe tenho a dizer, não é mesmo?  
MARIBEL Sim. Vai expulsar-me da sua casa, com certeza.  
ELISABETH Não. Acho que talvez ainda possamos nos reconciliar.  
MARIBEL Como?!... Isso -é verdade?! A senhora está falando sério?!  
ELISABETH Você acha que eu poderia brincar com um assunto destes?  
MARIBEL Não, não, é que...custa-me acreditar que a senhora nos perdoe uma falta tão grave como a que cometemos.  
ELISABETH A falta foi muito mais minha que de vocês. Eu jamais deveria ter recebido uma menina na minha casa, tendo três filhos moços e um com tão pouco juízo. Bem, mas deixemos essa consideração de parte e tratemos do que mais interesse. Quais são os seus planos de futuro?  
MARIBEL Bem, eu...eu estou sem saber...Renato prometeu que se casará comigo.

CONTROLE ACORDE AGUDO SEM CORTAR A CENA

ELISABETH (DEPOIS DE PAUSA) E você...gosta dele para se unirem assim por toda a vida?  
MARIBEL Bem, quer dizer...ele é um rapaz muito simpático...muito inteligente... muito vivo...Impressionou-me muito bem, entende?  
ELISABETH Não foi essa a pergunta que eu lhe fiz. Eu perguntei si você gosta dele para se unirem por toda uma vida.  
ELISABETH Mas dona Elisabeth, pense um instante: que posso eu fazer a esta altura dos acontecimentos? Tenho que escolher entre aceitar o que me tocou ou ficar irremediavelmente perdida.  
ELISABETH Isso é o que pode parecer assim à primeira vista, mas você quer saber de uma coisa, menina? Eu não sou de opinião que você seja obrigada a se casar com Renato pelo que aconteceu entre vocês.  
MARIBEL (MUITO ADMIRADA) A senhora não acha?  
ELISABETH Não. Acho que você ainda pode perfeitamente se recuperar e vir a casar com um homem a quem ama verdadeiramente.  
MARIBEL Mas e esse homem...será capaz de casar comigo...mesmo sabendo do que aconteceu?  
ELISABETH Sim, por que não? O homem que ama de verdade, como se deve amar, perdôa sempre à mulher amada até mesmo as faltas mais graves e mais indesculpáveis.  
MARIBEL A senhora acha?  
ELISABETH Tenho certeza absoluta. Diga-me: você gosta é do Roberto; não é verdade? (PAUSA GRANDE) Não pode falar. Nós temos que ser muito francas uma



uma para a outra, afin de podermos nos entender. Vamos, diga: não é se Roberto que você ama?

MARIBEL

(DEPOIS DE PAUSA/BAIXANDO A VOZ COMO QUEM CONFESSA UM CRIME) Sim, mais...de que serve amá-lo se ele nunca me perdoará a fraqueza que cometi? Si há de odiar-me pelo resto da sua vida?

ELISABETH

Quem disse a você que ele não a perdoará? Quem disse que lhe odiará? Você está errada numa e noutra coisa. Roberto não tem temperamento para odiar ninguém e para perdô-la...bastará a minha interferência.

MARIBEL

Mas e Renato? Ele parece que me quer de verdade. Tenho a impressão que irá sofrer muito se isto chegar a acontecer.

ELISABETH

Renato sofrer? (RISINHO AMARGO) Não creia. Renato não possui capacidade para permanecer por muito tempo aprisionado a uma emoção. É só você retardar a realização de desejo dele que em menos de tres meses ele terá cansado de esperar e desistido.

MARIBEL

(EXTRANHA) A senhora acredita que possa ser realmente assim?

ELISABETH

Tenho certeza absoluta. Conheço muito bem os filhos que tenho. Conheço os meus três amores como se próprias palmas das minhas mãos. Renato nunca teve capacidade para lutar pelas coisas difíceis. É preciso que você trate de afastá-lo, Maribel. (T) Você já pensou que o seu casamento com ele ocasionará a infelicidade de quatro pessoas? Já pensou isto?

MARIBEL

Quatro pessoas? Como quatro?

ELISABETH

A sua que não gosta dele, a dele que pensa que gosta de você mas não gosta, a do Roberto que ama a você com profundo desespero e a minha que - embora não entre nos calculos de vocês - não poderei jamais sentir tira-me feliz quando estou vendo e sabendo que meus filhos estão descontentes e infelizes. São ou não são quatro?

MARIBEL

(BAIXA O TOM) Sim, sim senhora.

ELISABETH

Menina, você tem uma boa estrela; sabe disso?

MARIBEL

(ADMIRADISSIMA) Eu?!...A senhora acha?!...

ELISABETH

Mas claro que acho! Outra qualquer, na sua situação, ou seria esborrachada da casa onde foi acolhida e cairia na rua da amargura, ou casaria com o homem sem gostar, expondo-se, sabe Deus, a que perigos futuros. Você não só é amparada pela dona da casa que a abrigou e que você não soube respeitar, como ainda encontra quem esteja pronto a lhe proteger para que você escape dessa segunda desgraça que seria o casamento sem amor. Você tem sorte, sim, menina. Tem muita sorte. Eu quando lhe chamei à minha presença, foi para lhe ordenar que se retirasse imediatamente da minha casa e nunca mais pusesse aqui seus pés, mas se vê-la tão pequena, tão franzina...com esse rosto de anjo derretendo meiguice...tive pena de você e senti como que se uma voz que me vinha de dentro do meu proprio peito, sussurrando baixinho aos meus ouvidos: "Tá não podes desampará-la. Não tens esse direito. Como jogar à cartada uma flôr tão frágil? A primeira enxurrada a levará de roldão para os abismos da miséria e do vicio". (T) E aqui estou eu, fazendo tudo diferente do que pretendia. Procurando, até, salvar-te de um casamento mal

avisado para conduzi-lo aos braços do meu filho melhor. Só o que espero é que tu saibas avaliar bem a extensão do meu benefício, tornando-te digna d'ê-lo e do nosso nome.

MARIBEL (CHORANDO) Dona Elisabeth, como a senhora é boa e como eu fui me pretendendo, por meio da discórdia e da confusão, arrebatando qualquer um dos seus filhos. Mas fui tão castigada e estou arrependida!...

ELISABETH Eu sempre calculei que tivesses um objetivo oculto, quando vieste para a minha casa. Tua mãe tinha odio de mim, não te deixaria aos meus cuidados sem qualquer má intenção preconcebida.

MARIBEL Mas Deus nos castigou, a mim e a ela, porque vendo-me agora nesta situação e recebendo o seu auxilio, apesar de tudo, ela deverá sentir-se, da mesma forma que eu, profundamente humilhada.

ELISABETH Deus nos castigou a todas, Maribel, porque eu acabo de receber essa transformação que se operou em mim como um legitimo castigo pelas minhas disposições anteriores. (T) Bem, mas deixemos de divagações, agora, e tratemos de encerrar a vida pelo lado pratico. Vamos combinar o modo de proceder, afim de que as coisas tomem o rumo que desejamos. Você está inteiramente disposta a seguir os meus conselhos?

MARIBEL Estou. Juro-lhe.

ELISABETH Pois bem, então esteja certa de que haveremos de chegar onde desejamos. Não será hoje nem amanhã, mas dentro de trinta ou quarenta dias, no maximo, já teremos conseguido afastar Renato. Depois então, virá a parte mais difficil que é a reconquista de Roberto. Esse trabalho talvez nos custe um ano ou até dois, mas você pode estar bem certa de que, com a minha ajuda, acabará por sair vencedora.

MARIBEL Hei de lhe agradecer esse bem pelo resto da minha vida, dona Elisabeth

ELISABETH Não me agradeça agora com palavras. Deixe para me agradecer no futuro com atitudes reais e dignas. Mas vamos ao nosso plano.

CORTINA MUSICAL

RENATO Que tal foi mamãe com você, Muito rispida?

MARIBEL Não. Pelo contrario. Foi um amor. Nunca imaginei que ela pudesse ser assim tão compreensiva.

RENATO Não acredite tanto. Mamãe é muito ladina e muito astuciosa.

MANUEL Não posso crer, Renato. Si você visse a sinceridade com que me falou...

RENATO Pode ser, mas eu estou sempre desconfiado com os seus gestos e os seus rangos. Encontro, sempre, tras deles, qualquer intenção oculta.

MARIBEL (CENSURANDO) Renato, você não tem o direito de dizer essas coisas de sua mãe. A criatura a me falar com o coração na boca e você a pretende lançar a desconfiança no meu espirito? Isso é até maldade. Isso não se faz!

RENATO Não, não, está enganada. Não é maldade, não. É prudencia, É precaução.

MARIBEL Quer dizer então que você não acredita que sua mãe seja capaz de um ato ou de um gesto de bondade?

RENATO Bem, quer dizer...conforme as pessoas para quem ela os faz...tenho as minhas reservas.

- MARIBEL Pois então saiba que eu, que também não sou crédula nem tãla, acreditei piamente em tudo que ela me disse.
- RENATO Mas que disse ela, afinal? Concordeu com o nosso casamento?
- MARIBEL Em princípio, sim, mas não um casamento precipitado que possa dar margem a comentários maldosos por parte da sociedade. Ela sabe que depois da sua formatura poderemos tratar casamento por um ano e que nesse tempo ela então tratará do meu enxoval.
- RENATO Ótimo! Mas eu nem esperava isso da velha!
- MARIBEL Agora, impoz uma condição.
- RENATO (CAI) Ah, logo vil! Ela não podia deixar de impor uma condição.
- MARIBEL Mas uma condição muito justa.
- RENATO Qual é?
- MARIBEL Que não tenhamos a desrespeitar esta casa.
- RENA C (ENJOADO) Bem, mas...eu tenho que conversar com a velha para aproveitar mais depressa esse enxoval. (T/) Um ano?! (IMPACIENTE) Não se pode aprontar um enxoval em menos tempo?
- MARIBEL Pode-se, é claro, mas naturalmente sua mãe quer fazer um enxoval em condições.
- RENATO Não vejo necessidade disto.
- MARIBEL Eu também não vejo, mas afinal acho que não custa fazer-lhe a vontade. Ela foi tão bõa, tão compreensiva...
- RENATO Não, mas esse negocio de um ano para fazer enxoval eu não concordo. Depois eu vou conversar com ela direitinho.
- MARIBEL Veja lá o que vai fazer, Renato. Não vá magoar sua mãe.
- RENATO Eu vou apenas dizer o que penso. Não posso? (IMPACIENTE) Acho que é um direito que me assiste.
- MARIBEL Está bem, você converse com ela, mas tenha calma e procure ser compreensivo como ela foi.
- RENATO Ela está cozinha?
- MARIBEL Acho que sim.
- RENATO Vou até lá.
- C/REGRA PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM E PERDEM-SE
- MARIBEL Oh meu Deus, se dona Elisabeth conseguir realmente que Roberto me perdoe a leviandade que cometi, casando-se comigo, eu não terei vida que me chegue para agradecer a Deus e a ela! Bem sei que é um trabalho que vai exigir paciência e tempo, mas desde que ele seja cercado de êxito, eu darei por bem empregado o tempo de espera e de ansiedade. (PAUSA E TOM) Preciso começar agora o trabalho para afastar Renato. Não me parece tão fácil quanto dona Elisabeth acredita. Enfim...estou disposta a fazer tudo para alcançar o meu tudo!
- CONTROLE C GORTINA MUSICAL — *Publicidade* —
- LUIZA Que é isso, meu gis? Que é que nunca tem que anda tão bichornado dum tempo pra cá? Inútil era o seu irmão Roberto que andava assim, agora ele microu mais um pouco, caiu, sunôs. Isso intê parece coisa feita, credê em cruz!
- RAUL (ABATIDO) Isso é natural, Luiza. A gente não pode viver eternamente duvidoso, e contente. Lá vem um dia em que a tristeza pega a gente.

- LUIZA Num gosto de vê os meus fio ansim cambisbaxo. Me dá uma tristeza e uma inguine tã grande.
- RAUL Mas a vida é toda feita assim, Luiza, de altos e baixos. A gente tem que se conformar. Si ela fôsse toda de sol e de alegria, a gente acabaria por não dar mais valor aos momentos realmente bons. É preciso que hajam os maus para estabelecer o equilibrio e fazer realçar os outros.
- LUIZA Sabe o que é que eu acho que é, meu fio? Óio grosso.
- RAUL (RI MUITO DISCRETAMENTE)
- LUIZA Suncê té se rindo? Suncê pensa que num insiste? Tá bôê! Tem gente da vizinhança e até amiga da sinhá que quando vem aqui eu faço cruiz nas costas delas na hora da saída. Gente ruim, meu fio, que vem aqui só pra desejar o malí pro outro. Eu conheço essas peça. Eu butei sintido numa coisa, suncê pensa?
- RAUL O que foi, Luiza?
- LUIZA Quando morreu a fia da dona Supriana, que mora ali na outra quadra, cunfronte a farmacia, suncê se lembra dela?
- RAUL Não sei, não, Luiza. A não ser o farmacêutico e o gerente do bar da esquina eu não conheço mais ninguém da vizinhança.
- LUIZA Suncê conhece, sim. Uma vez, até, eu tava cunversando com ela e suncê perguntô quem era.
- RAUL Pode ser, mas não me lembro.
- LUIZA Uma que se matô-se, tomô tetuzinho.
- RAUL Ah, já sei. Uma moráninha muito engraadinha.
- LUIZA Esse mesmo. Pois quando eu fui no velório dela e que nós tava tudo lá na sala, a dona Supriana oiô pra mim e disse ansim: "É pra suncê vê como é a vida. Eu tinha uma fia só e Deus l evô ela. A sua patrão tem breia marmanjo e os três tã ai bem goldo e bem vivo". Óio, meu fio, me deu uma coisa... me correu um frio aqui por dentro que eu resmunguei até meio arto: Credo em Cruz, tiscunjuro boca mervada, lexa os meus fio, ariessa. Num chegô a hora deles. (T) Pois suncê é de irê que deis desse dia as coisas dimudô aqui em casa?
- RAUL Qual, Luiza, não acredite nisso. Mudaram porque estavam na hora de mudar. Ninguém antecipe nem transfere a sua hora de sofrer. Quando ela bate está acabado.
- LUIZA E num acho. Acho que a dona Supriana butô óio grosso arriba de nós e tã convencida que só depois que eu procurá uma casa de nação pra fazê um trabalho é que vai se acabá as cumpricação na casa da gente.
- RAUL Casa de nação pra fazer trabalho? Que é isso que eu não estou entendendo?
- LUIZA Nem precisa entendê. Dêxa que a nêga véia entende. É só eu amorar das minhas veris que eu possa caminhar mais um mucado, eu vô numa casa que já se insinara. E suncê vai vê como depois as coisas vai dimudá outra vez e a gente vai vivê mió.
- RAUL (INTERESSADO) Luiza, tá adredtãas, mesmo, que se possa fazer um trabalho pra mudar a vida das criaturas?

- LUIZA Pode, meu fio. Eu sei que pode, eu já vi. Já vi até uma moça secá, dum trabálio que a outra fez pra se casa-se com o noivo dela.
- RAUL Pois então eu vou te fazer um pedido. Tá serás capaz de arranjar uma coisa para mim?
- LUIZA Uai, meu fio, bano vê. Que é que sunçê quê?
- RAUL Que uma moça deixe de gostar de outro e venha a gostar de mim. Tá serás capaz de arranjar isso?
- LUIZA Bano vê. A gente manda fazê o trabálio. Mas teu que sabê o nome da moça, não dizê na casa de nação. Da moça e do outro, jombem.
- RAUL Ah não, si tem que dizer os nome então deixa. Assim não quero.
- LUIZA Tá ben, meu fio, tá ben, num percebe. A nêga véia faz sem sabê o nome.
- RAUL E assim pode dar resultado igual?
- LUIZA A gente num sabe, mas num custa fazê. A gente experimenta.
- RAUL Eu quero só ver o resultado desse teu trabalho, Luiza. Mas também eu vou te dizer uma coisa: si êle der ponto... eu me passo com armas e bagagens para essa tua crença. (NUM DESABATO(SUSPIRANDO) Tu bem que preciso de um pouco de paz para o meu coração, Luiza. Tu bem que precisas)...
- LUIZA Pobre do meu fio! Tem sofrido! Primeiro foi aquela moça que a sinhá quiris vê o diabo num quiris vê ela. O meu fio custô a si esquecê dela. Levô ano sofrendo... Quando percebe que tudo tinha passado e tava como de novo outra vez... havia de aparecê esse messarica prá sinhá sunceis tudo e fazê esse confusão toda dentro de casa. Urre, diabo que tem incomodado esse menino, cruz!
- RAUL Ah!... Por isso é que tá não fizeste questão que eu te dissesse o nome da menina nem o do rapaz. Tá já esteves sabendo de tudo.
- LUIZA Hum! Sunceis pensa que a nêga véia é bôba? Que ele num ganhô dois fio de Deus Nosso Sighô pra inchergá as coisas que se passa em roda dela? Óia meu fio, tá quê sabê duas coisa? Quando sunceis nasceu a nêga véia já tava nesse mundo e até judô a pará sunceis. Si ela num havers de ai cunhecê as peça que ela judô a fazê!
- RAUL E tá sabendo de quem se trata, será que vais mesmo fazer alguma coisa pera me ajudar?
- LUIZA Vê sim, meu fio, por duas razão: primeiro porque o Renato num gosta dela. Ele tá fazendo isso tudo di faceço. e Segundo que eu gosto dela sunce sabe? Tenho pena da pobricinha. Parece ansim um passarinho que dexaro no ninho e que ele ainda num sabe avuá sosinho.
- RAUL Mas tá até enganada num ponto, Luiza. O que ela gosta não é o Renato, é o Roberto.
- LUIZA Uai, xente, que bobage é essa? Ela gosta dum e tá noiva do outro? Adônda de que se viu-se semeiante bobage?
- RAUL As razões porque ela está noiva do Renato são outras, Luiza mas de quem ela gosta de verdade é do Roberto, eu te afirmo com certeza.
- LUIZA E o Roberto também gosta dela...Entonces porque que eles num ficaro noivo?

- RAUL Não sei, Luiza, só sei que aconteceu uma coisa qualquer que desacer-  
tou os relógios todos, mas como eu tenho a certeza absoluta de que  
nenhum deles poderá dedicar a ela mais amor do que que, só o que de-  
sejo é que ela venha a gostar de mi para que possamos ser bastante  
felizes.
- LUIZA Óia, meu fio, suncê qué que eu le digue uma cousa? Cum suncê nême é  
que ela ia sê mais filizia do que com os otros dois. Dexe. A nêga veia  
vái curvalés com o Pai Matia, lá no terrero do seu Cueto apatero e  
e que o pai Matia dissé pra ela conta prá vê o que a gente ta que  
fazê, tá bôo?
- RAUL Está bem, Luiza, deixo esse assunto nas tuas mãos.
- LUIZ. (PAUSA GRANDE) Que é que suncê tá pensando, meu fio?
- RAUL Estou pensando que há coisas que parece que são feitas para castigo  
de gente,. Quando essa meninaxxxxx estava para vir para a nossa  
casa, a memê nos reuniu e mostrou sua grande apreensão pelo receio  
de que algum de nós pudesse vir a gostar dela. Tanto era o seu pavor  
que ela nos fez jurar pela memória do papai e por todos os santos do  
céu que jamais olharíamos essa menina de uma outra forma que n'ao  
fôsse como nossa irmã. Todos juramos. Agora eu pergunto por que moti-  
vo todos nós fomos levados a quebrar o juramento que fizemos, apsi-  
xonado-nos perdidamente por Maribé? Deve haver um motivo superior;  
não te parece, Luiza?
- LUIZA E há meu fio. Há um motivo superior que a nêga veia sabe, sim.
- RAUL E qual é ele, Luiza? Diz.
- LUIZA A nêga veia num pode dizê, meu fio. Só o que ela diz é que Deus Nosso  
Sinhô, num gosta de vê ninguém fazê injustiça pros otro.

CONTROLE TEMA FONTE E ENCERRA

10 copias

Iolanda.

" "

<u>CONTROLE</u>	<u>TEMA FORTE E DESSCE</u>
LUIZA	(2º PLANO) Dá licença, seu Augusto?
AUGUSTO	(PROJETA) Olá, dona Luiza, entfe. Como vai a senhora?
C/REGRA	PASSOS DE VELHA SE APROXIMAM LENTOS
LUIZA	(.APROXIMANDO-SE) A gente, véve, seu Augusto, como Deus é servido. Sun- cô tá bñ, não é mêm?
AUGUSTO	Com a graça é o auxílio do Pai. Sente-se, por favor. Com toda a certo, se deve estar cansada.
LUIZA	E tá cansada, mêm. Do bonde inté aqui é um tironço. Pra quem tem as pela ingrada que nem eu...
AUGUSTO	Não melhorou nada das suas varizes?
LUIZA	Dispois da urtima arreceita que sunco tirô pra mim, eu amorei bestante com a graça de Deus, sim sinhô.
AUGUSTO	Veio ordem para a senhora banhar e perna num docimento de balsamo e catunga de mulata; não foi isto?
LUIZA	Isso mêm. Eu fiz isso bem disô quinze dia. Disinchô a perna que foi uma beleza. Agora eu já tô parada fais quasi um mês pruçô no far- tô catunga e eu sempre me esqueço de parerê.
AUGUSTO	Mas deve procurar para continuar fazendo o remedio. Si a senhora fin- zer esse tratamento um mes inteirinho sem faltar nenhum dia, eu lhe garanto que ao fim desse tempo estará completamente bñ.
LUIZA	Ei vô fazê, sim sinhô. Hoje mêm, quando sai daqui, já vô passô num malcadinho que tem essas erva tudo e já vô levá.
AUGUSTO	É. Faça isso. Faça isso uge a senhora não vai se arreponder. (T) Mas afinal ao que devo o prazer da sua visita hoje? Vamos a saber.
LUIZA	Pois eu tô aquimôde pidim pra sunco falá com a Pai Netia que eu tenho um mundo de coisa pra pidim pra ãle. Será que sunco pode me standê?
AUGUSTO	Por mim eu estou sempre à disposição de quem precise, agora a questão é saber se a Aracy pode nos ajudar. Ela é que vai decidir o assunto.
LUIZA/	Pois entones sunco fale com ela, bemo vô.
AUGUSTO	Sim, sim, eu falo, eu falo. (T/PROJETANDO) Aracy, você podia chegar aqui um momento?
ARACY	(DO FUNDO DO ESTUDIO) Já vou, meu velho, espere um momentinho.
AUGUSTO	Ela vem aí agora a gente já vô.
LUIZA	Deus prmita que ela num tege muito ocupada modo standê a gente. Eu tô tão precisada que sunco nem sabe. Dispois, benho de longe... O bun- de treis a gente inté um mucado mas dispois é nas picada que a gente vem.
C/REGRA	PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM
ARACY	O que é que vô... (TRANSIÇÃO) Oh, dona Luiza, como vai a senhora? fais tempo que eu não lhe via. Onde tem andando?
LUIZA	Sempre trabalhando. Ralos vsis é que eu saio. Fur isso é que eu num tenho aparceido, minha fia, Sunco tá bñ?

- ARACY Eu vou vivendo aqui como o Pai é servido. Trabalhando sempre, procurando fazer a caridade para quem precisa...
- LUIZA Isso é bõo, minha fia, isso é bõo. Deus ajuda e dá folga pra gente quando a gente ajuda os otro.
- ARACY Ah, bom, isso é. Si não fõesse isso, não sei.
- LUIZA Pois eu vim aqui falsã com o seu Augusto, mode que eu tã muito precisa-da de falsã com o Pai Matias.
- AUGUSTO E eu disse a ela que ia depender de você. Não sei aí você está muito ocupada agora, eu se pode dispor de quinze ou vinte minutos.
- ARACY Ocupada eu estou sempre, porque a senhora vê, eu não tenho empregada, e feço todo o serviço. Cozinhe, feço o serviço de dentro, vou à feira, levo, engomo os aventais brancos do Augusto e as toalhas do gongá, atendo a prece das seis horas, os trabalhos de noite e ainda saio pra atender os que precisam e não podem vir até aqui. A senhora vê que é muita coisa; não é mesmo?
- LUIZA Misericórdia. Nem sei como é que você arranja tempo e feiço pra isso tudo.
- ARACY É que o Pai ajuda mesmo. Fez o tempo esticar e redobre as forças da gente. Se não fõesse isso... (T) Bem, mas isso não importa. A senhora já está aqui e não vai dar volta sem ser atendida.
- AUGUSTO Pronto, entõ está tudo feito. Vamos passar para a saleta e invocar o pai Matias.
- CONTROLE CORTINA RAPIDA
- AUGUSTO E ARACY (JUNTOS CANTANDO) Ogun olha a sua bandeira, é branca, verde e encarnada - Ogun nos campos de batalha, ele venceu a guerra e não perdeu soldado - Ogun olha a sua bandeira, é branca verde e encarnada, Ogun nos campos de batalha ele venceu a guerra e não perdeu soldado.
- AUGUSTO (PASSA A CANTAR EM 2º PLANO SOSINHO) Ogun olha a sua bandeira, etc.
- ARACY (LOGO QUE AUGUSTO PASSA A 2º PLANO FALANDO A MEIA VOZ EM 1º PLANO) Já baixou o pai Matias. O Augusto vai receber e a senhora pergunta o que deseja. Mas deixe ele chegar bem, primeiro, depois, a senhora fala.
- AUGUSTO (FAZ TODOS OS RUIDOS DE INCORPORAÇÃO) Saravá, meu fio pra anunciar tudo pai Matias chegou.
- ARACY ELIZA (JUNTAS) Saravá, meu pai. Saravá!
- AUGUSTO Nêgo veio tá aqui com a promessa do pai meió, não se stendê anunciar, minhas fia.
- ARACY É esta irmã que deseja falar com o senhor, meu Pai.
- AUGUSTO Nêgo veio tá sabendo de tudo, minha fia. Nem precisa ela falsã. Dêis que ela pensã no nêgo, lá no causã dela, que o nêgo foi lá e já viu tudo. Aquilo tá uma inbruiada, minha fia, uma inbruiada, um macarocã, que vai sã muito difirel desinreddã!
- LUIZA Num diga, pai Matias. A gente precisa tanto.
- AUGUSTO Uei, minha fia, precisa' todas precisa, mas hay coisa que a gente podê de zudã, otras num podê. O pai meió é que manda.
- LUIZA É aquele fio que tá sofrendo, pai?



- AUGUSTO Tá sofrendo praquê quê, minha fia. Ele num é home? Num é forte? Nôde quê ele num alivanta a cabeça e num fais as cousa pula vontade dele en veis de fazê só o que es otro quê?
- LUIZA Ele fais isto de bõo que ele é.
- AUGUSTO Pua, é, mais tá num sabe que quem é munto bõo pros otro é ruim pra ele mêmo? Ele tam é que sacudi o comando de riba dos ombro dele e fezô o que o coração dele pede que ele faça, ariessa.
- LUIZA Ei vê dizê prê ele, pai.
- AUGUSTO Naquale cansô, minha fia, só tem uma cabeça e uma vontade. Isso num pode sê. Deus deu uma cabeça pra cada fio, mode cada fio pensá e de-fecê seus pensamento. Eles pode conversar, trocê as indéia, dimodá elas, vê que as indéia dos ôtro é mais certa e tali e coisa, mas nofocá sempre as vontade pula vontade dos otro, num tá certo, minha fia. Deus num gosta.
- LUIZA A nêga vai dizê pre ôle, mas portegê aquale fio, meu pai. Ele é tão bõo.
- AUGUSTO Nêgo véio vai fazê o que o pai mais dexê. Mais num pode fazê.
- LUIZA E aquela minina, pai Matia, que é que suncê se diz?
- AUGUSTO Aquela minina, minha fia? Aquela minina é que tá sofrendo e resurtado de tanto ódio das duas palte. Suncê sabe de tudo, num precisa eu dizê.
- LUIZA Sei, sim pai Matia, Sei.
- AUGUSTO Mas o que suncê num sabe é as coisas que vai acuntecê pra causa desse ódio. Eles num sabe que as peçoã na terra quê fanê uma cousa e Deus nesse Sinhô, no céu, quê otra deferente. Eles tem que se irredá uns cos otro e cusinhá esse odio intê ele desaparecê. E suncê sabe o que é que Deus Nesse Sinhô fais pra desaparecê o ódio? Ferve ôle com amô, ferve, ferve, ferve, o ódio vai secando, vai secando, vai secando e fica só o amô no carderço. Mas intê que desapareça toda a marquerença as peçoã sofre e passa trabalho. É o que tá acuntecendo naquela can-tô, minha fia.
- LUIZA : num tem geito de invitô, meu Pai?
- AUGUSTO Como vê. Nêgo véio num pode prometê nada, Quem arreserve tudo é o Pai Mãio. Suncê reza pre ôle, minha fia. Reza bastante que o Pai Matia vai tá fazê o que pode. Tá munta messaroca lá, minha fia. Munto enrrredo. Num tá farei, não, num pensa. Bamo vê, em todos os caso. Fode sê que o Pai azude. Vai rezando, fia, vai rezando.
- LUIZA Vê, sim, pai Matia. A nêga véio tá sempre rezando.
- AUGUSTO Tá bõo, intence que o Pai Mãio, sude vanceis tudo, minha fia. Saude prê suncéis, fiãiciedade nos seus cansô.
- LUIZA Que ansim rege, meu pai.
- ARACY Que ansim seja, meu Pai.
- AUGUSTO Saravê, minhas fia, Pai Matia vai aiabôre.
- LUIZA E
- ARACY (JUNTAS) Saravê, meu Pai.
- AUGUSTO (RUIDOS CARACTERISTICOS DE SE DESPRENDER) (NATURAL MAS CANSADO) Lev-vado seja Deus!

- RAUL E então, Luiza, fôste lá pedir aos teus sentos que me protejam para que ela venha a gostar de mim?
- LUIZA Fui, meu fio e sabe o que eles me dissero? Que suncê, pra vencê na vida tem que dexá de pensá pula cabeça dos ôtro e pensá pula sua mãe. Que por inquanto suncê num fizê isso que suncê num vence.
- RAUL Olha, Luiza, tu sabes que eu acho que eles estão com a razão? Às vezes eu penso que se tivesse desobedecido a mãe, casando com aquela menina que ela tanto se opôs, que hoje a mãe já teria nos perdoado e recebido e eu não estaria nesse tremendo vazio em que me encontro.
- LUIZA Pois, é, meu fio, a gente pense, mas sabê mesmo de certeza a gente num sabe
- RAUL Pois eu lhe digo que tenho quasi que absolute certeza.
- LUIZA Num pôde tê, meu fio. Com a sua mãe a gente nunca pôde tê certeza de nada. Das veis a gente pensa que ela tá fazendo as coisa dum jeito e ela tá fazendo de outro. Suncê nem parece que conhece direito a sua mãe.
- RAUL Conheço, sim, Luiza. Você não vê o que ela está fazendo agora? Quem seria capaz de pensar que ela deixaria essa menina ficar na nossa casa? Ninguém. E no entanto a menina ficou e você vê que ela até procure tratá-la muito bem. Ela tem aquela cara de frieza, mas por dentro é um excelente coração.
- LUIZA Meu fio, suncê num adianta os seus pensamentos sem vê como é que essa coisa toda vai triminiá. As coisa aqui tá muito enredada, o pai Matias me disse.
- RAUL E por falar nele, você não chegou a me dizer, afinal, si ele prometeu que me daria a menina ou não.
- LUIZA Dizê de certeza mesmo ele num disse, mas ele mandô dizê pra suncê rezá bastante pra Deus Nosso Sinhô que só Ele é que pode ditriminá as coisa si é sim ou si é não.
- RAUL Então não me adiantaram grande coisa os teus sentos, Luiza.
- LUIZA Cala a boca, minino, deixa de dizê bibago. Fais o que eles disse, primeiro, pra depois dizê si adiantaro ou num adiantaro.
- RAUL Olha, Luiza, qualquer dia tá vais me levar lá que eu quero falar de perto com esse tal de pai Matias.
- LUIZA E suncê pensa que a sua mãe ia dexá suncê se metê nessas coisa?
- RAUL Ele não disse que eu tenho que fazer as coisas pela minha cabeça?
- LUIZA Disse.
- RAUL Pois então? E eu vou começar por ir lá falar com ele sem consultar a mãe nem dizer para ela que vou.
- LUIZA E nem, dizê, tã pãco, que foi a mãe vêia que levô suncê, sinão depois eu já sei adonde que a coisa arrebenta.
- RAUL Não direi nada, podes estar descansada, mas não vás esquecer o que estou te dizendo agora: na primeira oportunidade tens que me levar lá que eu quero falar diretamente com esse tal de pai Matias. Quero ver o que é que Ele me diz.
- LUIZA Tá. Ansim que a mãe vêia possa voltá lá ela leca suncê. Mais já sabe, hein? Bico calado.

RAUL Não tem perigo.  
CONTROLE CORTINA MUSICAL

## P U B L I C I D A D E

CONTROLE CORTINA MUSICAL

MARTHA Dona Elisabeth, que prazer tão grande! A que devo esta honra de en-  
 nhora vir à minha casa? Que a aconteceu?

ELISABETH Preciso muito conversar com você e sobre um assunto muito sério...

MARTHA Ih, a senhora me assusta.

ELISABETH Não, não, também não é caso para tanto.

MARTHA Mas diga, por favor, que eu já estou curiosa.

ELISABETH Eu preciso muito de você para me ajudar a afastar Renato daquela me-  
 nina.

MARTHA Não acredito que possa consegui-lo, dona Elisabeth. Pelo que eu vi...  
 Ele está inteiramente fascinado por ela.

ELISABETH Esteve. Agora já não está tanto. Você já viu o Renato aguentar um namo-  
 ro mais de meses? Pois este já vai para quatro...era para estar ter-  
 minado, portanto.

MARTHA Pois aí a senhora pode ver que esta o prende mais que as outras.

ELISABETH Não, não, que nada! O caso aí é outro muito diferente. Eu tenho certe-  
 za absoluta que dentro de quinze ou vinte dias, tendo alguém que possa  
 interessá-lo, ele a deixará completamente e definitivamente.

MARTHA (EXTRANHADO) E a senhora acha que ele será capaz de se interessar  
 por mim? Eu não creio absolutamente.

ELISABETH Por você, não, que já se conhecem desde pequenos é difícil que a amiz-  
 zade se transforme de uma hora para outra, mas você acabou passando  
 uma tarde dessas com uma pequena que eu ouvi quando ele cometeu com  
 o irmão que era muito engraadinha e muito interessante. Lembre-se  
 quem é?

MARTHA Estou procurando ver se me lem...(TRANSIÇÃO) Ah, já sei. É a Virgíni-  
 a, uma menina de interior que é afilhada de mãe e está aqui na co-  
 se de uma tia-passando uma temporada. Ela veio nos visitar e depois eu  
 fui acompanhá-la em casa.

ELISABETH Pois essa menina é que eu gostaria que você aproximasse do Renato.  
 Será muito difícil conseguir isto?

MARTHA Pela menina, não. Poderá ser difícil por parte do Renato. Não é fácil  
 a gente pegá-lo a jeito...

ELISABETH Não, não, por aí não haveria problema porque era só você me avisar por  
 telefone que ela estava aqui e eu o mandaria em seguida trazer um re-  
 cedo a você. Nessa ocasião você o faria entrar, a menina já estaria  
 esperando e aí que depois a beleza dele e a inocência dele fariam  
 o resto.

MARTHA Pois então, se a senhora deseje isto, eu posso convidá-la amanhã mes-  
 mo. É o que menos me custa.

- ELISABETH Mas você não acha necessário preparar, antes, o espirito dela?
- MARTHA Sim, acho, mas isso em meia hora eu faço. É só marcar quatro horas ou quatro e meia para ela e uma hora depois para ele.
- ELISABETH Otimo! Pois então você fale com ela, acerte tudo direitinho e depois me avise pelo telefone.
- MARTHA Hoje mesmo a senhora receberá o meu aviso.
- ELISABETH E não lhe agradeço porque você já sabe o prêmio que eu lhe reserve.
- MARTHA (TRISTONHA) Esse prêmio eu não tenho qualquer esperança de alcançá-lo
- ELISABETH E por que não?
- MARTHA Porque o vejo cada vez mais desinteressado de mim.
- ELISABETH Isso não quer dizer nada. De repente os ventos mudam. E além disso, você sabe, perfeitamente, a grande influência que eu exerço sobre o espirito dos meus filhos e principalmente "dele". Até agora ainda não fiz nada nesse sentido porque não me parece oportuno, mas a qualquer momento eu entro com o meu jogo e não será com facilidade que me derrotarões. Você me conhece e sabe disso perfeitamente.
- MARTHA Ah sei, sim. Não doua contar com a sua simpatia e já teria desistido desse meu proposito ha muito tempo.
- ELISABETH Eu estou convencida que os homens são uns tontos, minha filha e por isso é que a mulher deve sempre guiá-los. Olhe o seu caso. É um caso típico da parvoice dos homens. Você é uma menina que tem todos, mas então todos os requisitos para prender um homem e fazê-lo feliz. É bõa culta, inteligente, de excelente familia, rica, compreensiva, amorosa, bonita, elegan...
- MARTHA (CORTA) Bonita, eu, dona Elisabeth? Nem diga isso. Eu tenho espelhos em casa e por isso, infelizmente, não posso concordar com a senhora. Eu não sou bonita, dona Elisabeth, e é com pesar que o digo, creia. Digo-lhe mais: trocaria todas as qualidades que em verdade possa ter, pelo prazer de ser bonita e conquistar, com a minha beleza, o coração de homem que amo.
- ELISABETH Não diga bobagens. Admitindo que você fôsse feia, que você não é, todas as demais qualidades que você possui são de muito mais valor e importancia do que a beleza fisica.
- MARTHA Para os homens, não.
- ELISABETH Por que eles são uns parvos, uns tontos, como eu já lhe disse,. Eu tenho uma prova bem evidente do que estou dizendo, dentro da minha propria casa. Tenho lá trez rapazes, muito bom. Você, que eu receberia de braços abertos para qualquer um dos meus filhos, entra e sai e está sempre em convivencia com êles e nenhum reparo nas suas qualidades e se rende a você. Chega lá, de repente, uma mulherzinha insignificante, sem nome, sem familia, sem inteligencia, sem moral e sem dinheiro...
- MARTHA (COM FONTE DE INVENJA) Mas com beleza bastante...
- ELISABETH (QUEBRADA) Nem tanta. (PROSSUCUINDO) ...e todos os meus filhos apaixonam e começam a andar atras dela como cachorrinhos. Ah Martha, si eu pudesse fazer entrar na cabeça de cada um deles a diferenca que há

entre você e aquela aventureira? Não posso fazer isto. Eles não aceitam... ~~ninguém~~ O que me vale é a autoridade que exerço sobre eles e a astúcia que emprego quando vejo que começo a perder terreno. Si não fosse isso...nem sei de que jeito andariam as coisas lá em casa. Si já não esteço bem, estando eu sim como um cão de caga, defendendo, palmo a palmo, a integridade do meu nome, imagine si eu deixasse as coisas correrem para o lado que elas se inclinam.

MARTIN

Sabe o que eu acho, dona Elisabeth? Que toda e as coisas têm a sua razão de ser e que nada acontece inutilmente na nossa vida. As coisas ou vêm até nós como um castigo por faltas cometidas, ou então como profundas lições das quais só mais tarde vamos notar os proveitos. Eu fui procurada por muitos rapazes, a senhora sabe?

ELISABETH

Pois então não sei?

MARTHA

Eu analisava os meus pretendentes e sempre achava uma coisa que não servia. Um era baixo, outro era gordo, outro não me parecia suficiente, culto, outro era feio e a maioria deles foi posta de lado porque as famílias eram mais modestas e eu não me considerava na altura da minha. Desprezei-os, todos, de maneira altiva e até quasi arrogante. Dei-me, depois, de coração, ao Roberto. Ele não via ou fingia não ver o meu interesse por êle. Comecei então a procurá-lo abertamente e êle a fugir de mim.

ELISABETH

Bobalhão. Idiota.

MARTIN

Tanto o procurei, de tantas maneiras lhe fiz sentir o meu interesse que um dia êle resolveu ter uma explicação comigo. Disse-me que me queria muito bem, que me admirava enormemente, que eu tinha tais e tais qualidades mas que infelizmente nada disso bastava ao coração e que o coração dele só podia ver em mim uma amiga muito querida, mas apenas uma amiga. Eu senti uma humilhação tão grande que tive vontade de morrer. Hoje eu sei porque passei tamanha vexame. Foi a repressália que eu precisava receber em troca das humilhações todas a que sujeitei os rapazes que gostaram de mim. A gente paga tudo nesta vida, dona Elisabeth, tudo!

ELISABETH

Nem tudo. E depois o que não se faz com má intenção não há razão de se pagar. E quando a gente faz um bem e recebe um mal? Como é que se explica isso? (PAUSA E TOM) Ah! Martha, si eu pudesse chegar na manivela do tempo e tocar seis meses para trás!...

CONTROLECORTINA MUSICAL

ELISABETH

Dá licença, meu filho?

RENATO

Ué, mãe, que aconteceu? A senhora aqui no meu quarto?

ELISABETH

Vim dar-me uma boa notícia.

RENATO

Qual? Vamos ver.

ELISABETH

Que será que você considera uma boa notícia, meu filho? Vamos ver.

RENATO

Ah, mãe, não sei. Muita coisa pode ser boa.

ELISABETH

Diga umas três ou quatro coisas aí, vamos ver.

RENATO

A senhora vai comentar a minha noivada?

ELISABETH

Não. A que você tem é mais que suficiente até para as suas loucuras. Diga outra coisa, vamos ver.

- RENATO A senhora resolveu me dar um automovel conversivel.
- ELISABETH Tambem não. Você já sabe o que é que eu penso a respeito de rapas que estuda e tem automovel.
- RENATO Então não sei, mamãe. Diga logo e deixe de estar fazendo guerra de nervos.
- ELISABETH Você não se lembrou, por exemplo, que eu poderia ter resolvido deixar você se casar com Maribel?
- RENATO Não me lembrei, mesmo, a senhora sabe?
- ELISABETH E sabe por que não se lembrou?
- RENATO (RINDO) Porque não me lembrei, ora essa!
- ELISABETH Porque já não está mais tão interessado nela, como antes.
- RENATO Não, acho que não é por isso.
- ELISABETH Mas eu lhe afianço que é, meu filho. Eu conheço mais a vida do que você.
- RENATO Tambem eu vou lhe dizer uma coisa, mamãe: se isso está acontecendo, a culpa cabe a ela, em grande parte.
- ELISABETH Eu sei. Não estou querendo culpar apenas você. Sei que ele tambem tem a sua parcela de culpa e grande.
- RENATO Bem, mas afinal qual era a boa noticia que a senhora tinha para mim?
- ELISABETH Você se lembra de uma pequena muito interessante que você viu na rua em companhia da Martha e comentou com o seu irmão?
- RENATO Lembra-me, sim. Eu já vi duas vezes essa garota. É muito interessante, realmente.
- ELISABETH Pois você vai ficar admirado quando souber que ela está empenhadissima em conhecer você.
- RENATO (ACHANDO OTIMO) Não pode ser!
- ELISABETH Não pode ser por que?
- RENATO A garota nem me conhece.
- ELISABETH Não lhe conhece pessoalmente, mas através da Martha sabe de tudo a seu respeito.
- RENATO (ADMIRADO) De tudo, mesmo?!
- ELISABETH Bem, quer dizer...de tudo que uma moça pode saber a respeito de um rapaz.
- RENATO Mas e daí...
- ELISABETH É daí que ela quer ser apresentada a você.
- RENATO (ANCIOSO) Quando? Onde?
- ELISABETH Espere, rapaz, não se afie. Deixe eu contar as coisas direito. A Martha vai oferecer um chá para ela amanhã de tarde e então se lembrou de lhe fazer uma surpresa. Depois que ela tenha chegado e esteja lá vamos dizer...uma hora, você aparece como que por acaso, levando um recado para Martha. Ela convida você para entrar e "por acaso" vocês se encontram! (PAUSA E TOM) Interesse-lhe a aventura?
- RENATO Mas claro, mamãe. Ora si eu vou regatear um pênico de lá que me botam na altura da boca! A que horas é o encontro?
- ELISABETH Ele me telefonará avisando a hora que você deve estar lá.
- RENATO Ótimo.

- ELISABETH  
RENATO Mas você deve ter cuidado para que Maribel não perceba onde você vai. Não se preocupe que ela não está se interessando muito por mim, não. De quem Maribel gosta, mãe, mas gosta mesmo, é de Roberto. Não fosse isso e a senhora pode estar certa de que ela não deixaria fugir a oportunidade de casar-se comigo, depois do que houve entre nós.
- ELISABETH Pois olha, meu filho, tu nem sabes como eu fico satisfeita de te ver assim despreendido dela. Eu tinha muito receio de perder esta batalha, que não tinha outra intenção senão a de salvar a tua felicidade. Felizmente vejo que tu mesmo compreendeste o teu erro antes que fosse irremediavelmente tarde. E o que desejo de ti, agora, é o seguinte: que me ajudes a salvar teu irmão dessa abcessão que o tortura.
- RENATO Mas de que forma poderei ajudá-la, mãe?
- ELISABETH Continuando a fingir o mesmo interesse por Maribel, afim de que ele não se aproxime dela até que se apague também, no seu coração, essa ideia tola e sem nenhuma fundamentação.
- RENATO Si é só isso que deseja de mim... não me custará fingir um interesse maior.
- LUIZA (GRITANDO EM 3º PLANO) Renato! Renato! Está chamando alguém no telefone, menino.
- RENATO (PROJETA) Já vou, Luiza. (T) Eu já volto, mãe, com licença.
- C/REGRA PASSOS RAPIDOS DE HOMEM QUE SE AFASTA
- ELISABETH Graças a Deus que as coisas estão tomando um rumo melhor e mais rápido do que eu esperava. A primeira fase da batalha está ganha para mim (ODIO PROFUNDO) Eu hei de te derrotar, Carolina Lancaster. Hei de impedir o casamento de tua filha, da mesma maneira como impedi o teu casamento. Tu hás de ver, si não estás nas profundezas do inferno, quem é Elisabeth Agripina Vasquez Argemani!...

CONTROE FORTE TEMA DRAMATICO E ENCERRA

12 copias

Iolanda.

18º Capítulo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

Luiza - Suncê tá preocupada, sinhá.

Elisabeth - Estou, sim, Luiza. Estou muito preocupada, até.

Luiza - Eu cunheço suncê de longe. Quando eu ciei pra sua testa logo vi que alguma coisa tava acontecendo que suncê num tava mastifeita. Inda que mar prigunte, a nêga véia num pode fazê nada pra judá suncê?

Elisabeth - Talvez possa, sim, Luiza, mas vamos esperar mais um pouco. Esta tarde o Doutor Flavio virá aqui em casa e do que ele disser vai depender o que nós teremos a fazer.

Luiza - O dotô vai vim aqui, sinhá?! Pôu que?! Suncê tá duenta ou argumpos mi nino? //

Elisabeth - Não. Nem eu nem os rapazes, mas quem eu desconfio quê está necessitando dos cuidados dele é Maribel.

OPERADOR - ACONDE EM FUNDO, SEM CORTAR.

Luiza - Uai, xente, que é que essa minina tem?!... //

Elisabeth - Tú ainda não desconfiaste? Pois eu, desgraçadamente, quesi que te nho certeza.

Luiza - Num tô intendendo nada, sinhá. Suncê me prigunta si eu num tô adiscunfiada de que? De que é que eu posso tá adiscunfiada? //

Elisabeth - As vertigens de Maribel... esses enjoos de estômago... esse desfiguramento em que ela anda... ainda não são suficientes para que tú penses no que está para acontecer, Luiza? Nem pareces uma mulher velha e com prática da vida.

Luiza - Sinhá, eu num sei se suncê tá querendo dizê uma coisa que eu tô pensando... //

Elisabeth - Tú não te lembras que eu tambem fiquei exatamente assim quando fi..

Luiza - (acorda) Sinhá!... Santa Maria dos Anjo, sinhásinhã!... Será mêmo puz sive que o causo é esse?!... //

Elisabeth - Infelizmente eu quasi que te posso garantir que sim, em todo o caso... quem vai dar a palavra final é o doutor Flávio, esta tarde. Mas não digas a ela que eu mandei chamá-lo. Ela não sabe de nada.

Luiza - A nega véia num fala nada, não sinhá, pode ficá adescunsada. //

Elisabeth - Quando o doutor chegar, manda-o entrar para a saleta lilas e vai me avisar. Depois que tenhamos conversado, aí mandarei chamá-la e a pegaremos de surpresa.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Elisabeth - Essa, doutor, é a impressão que eu tenho a respeito dela e por isto queria conversar com o senhor, antes do exame, para que o senhor não dissesse a ela o seu verdadeiro estado, antes que tenhamos conversado, entende?

Flavio - Entendi tudo, dona Elisabeth. A senhora não quer que ela venha a saber do seu estado antes da senhora; não é isto?



Elisabeth - Doutor... não é bem isto. O que eu não quero é que ela saiba do seu estado em tempo algum. Nem antes e nem depois de mim.

Flávio - Mas é difícil entender-se uma coisa assim, dona Elisabeth. Uma vez que as suas desconfianças se confirmem, não vejo maneira de se poder esconder dela própria o que o tempo fatalmente lhe mostrará.

Elisabeth - Pois justamente o que eu espero, doutor, é poder deter a ação do tempo.

Flávio - Mas como?! A senhora pretende...

Elisabeth - (depois de pausa, emenda) ... impedir o nascimento dessa criança de qualquer forma, doutor.

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Flávio - Perdôe-me, dona Elisabeth, mas isso é uma coisa que não está...

Elisabeth - (corta) Doutor Flávio, não vamos discutir se o meu procedimento é justo ou descabido. Eu sei porque faço as coisas. Faça o exame que eu lhe pedi e depois diga somente a mim o resultado. Estamos entendidos?

Flávio - Está bem, dona Elisabeth. Suas ordens serão cumpridas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Elisabeth - O que foi que o doutor Flávio lhe disse?

Maribel - Justamente o que eu previa. É tudo fígado.

Elisabeth - Bem, mas de qualquer maneira você tinha alguma coisa que precisava tratar, não é? Assim foi muito bom que ele tivesse vindo porque eu fico mais tranquila.

Maribel - Ele me receitou um fortificante e umas gotas para auxiliar a digestão, parece. Está aqui a receita.

Elisabeth - Deixe-a comigo. E agora saia que é a minha vez de ser examinada.

Maribel - Sim senhora, com licença.

OPERADOR - CORTINA RÁPIDA.

Elisabeth - E então, doutor?

Flávio - O que a senhora previa... é o que está para acontecer.

OPERADOR - PONTADA AGUDA, SEM CORTAR A CENA.

Elisabeth - (depois de pausa) Quer dizer então que esta receita...

Flávio - São os remédios que ela necessita, no estado em que está.

Elisabeth - (fria) Eu preciso de remédios que a atropalhem e não que a auxiliem. Entendeu, doutor?

Flávio - Entendi, sim senhora, mas não posso fazer o que a senhora deseja.

Elisabeth - Por que?

Flávio - Porque é contra os meus princípios proceder assim.

Elisabeth - Mas nós ainda nem combinamos o preço, doutor...

Flávio - Nem poderemos combinar, dona Elisabeth. Não há preço que pague a tranquilidade da minha consciência. Não posso admitir que um homem seja dotado por Deus da faculdade de estudar e se forme e preste juramento de fidelidade aos princípios e doutrinas instituídos pela carreira que abraçou, para depois valer-se daquilo que aprendeu pela magnanimidade e complacência divinas, para utilizá-lo justamente contra os mais sagrados desígnios do céu.

Elisabeth - Mas quem nos pode afirmar que o que está acontecendo aqui em casa seja por determinação de Deus? Afianço-lhe que muito mais parece obra do demônio.

Flávio - Mas ainda assim, só poderemos combatê-lo com as armas autorizadas por Deus. Do contrário, não.

Elisabeth - Quer dizer, então, que não posso contar com o seu auxílio?

Flávio - Não, dona Elisabeth. Infelizmente, desta vez, não poderei servi-la.

Elisabeth - (altiva) Está muito bem. Vamos então passar ao meu gabinete, para saldarmos a nossa conta.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Elisabeth - Luiza, o que eu previa é justamente o que está para acontecer.

Luiza - Vilge Nossa Senhora!... E agora, Sinhá? //

Elisabeth - Agora eu preciso de você para me ajudar a evitar que tudo isso aconteça.

Luiza - Invité, Sinhá?! Mas de que jeito, pulo amô de Deus?!... //

Elisabeth - Não interessa o jeito. O essencial é levar essa menina a alguém que se encarregue de dar sumiço nessa coisa o mais depressa possível.

Luiza - E suncô acha que ela vai querê fazê isso? Num querdito, sinhá. //

Elisabeth - Ela ainda não sabe o que tem. O doutor Flávio lhe disse que era tudo ocasionado pelo fígado e ela acreditou piamente. Portanto, Luiza, precisamos agir o quanto antes. Você vai procurar uma dessas tantas mulheres que existem por aí, trata com ela o trabalho e sob o pretexto de levá-la numa cartomante ou coisa parecida, leva Maribel à casa dela.

Luiza - E si ela num quizê i?, sinhá? //

Elisabeth - Você traz a mulher aqui sob o mesmo pretexto. Não tem problema nenhum. Nesse dia, "casualmente", eu saio de casa para fazer compras ou visitar uma amiga qualquer.

Luiza - Mas isquite, sinhá uma coisa, inda que mar prigunte! suncô acha que é direito se fazê uma coisa dessas? //

Elisabeth - Eu não sei si é direito ou si é torto e uma vez que não estou cogitando deste particular, não há de ser você quem vai cogitar, entendeu? Você trate de fazer o que eu lhe ordeno e não procure discutir minhas ordens.

Luiza - Eu sempre fiz anseim, sinhá, mas o cause agora é deferente. Isso que suncô qué fazê intê pecado é. Deus Nosso Sinhô num... //

Elisabeth - (corta) Basta, Luiza. Eu já disse a você que obedeça minhas ordens e não discute. Terei que dizer outra vez?

Luiza - (depois de pausa) Tá bem, sinhá, suncô tá mandando eu feço, mas Deuse que me perdõe praquê eu tô sabendo que isso num tá direito. //

Elisabeth - (forte) Luiza, cale-se, ouviu?

Luiza - Eu tô calada, sinhá. Tô só dizendo que suncô num divia... //

Elisabeth - (auge da irritação) Eu já disse a você que se cale, não foi?

Luiza - Disse, sinhá, disse. E eu tô calada, ariessa. Tô só dizendo... //

Elisabeth - Você não está calada coisa nenhuma. Está teizando e está me exasperando. Daqui a pouco eu perco as estribeiras e depois você vai se quei

- zar. Saia da minha presença, vamos.

CONTRA REGRA - PASSOS ARRASTADOS QUE SE AFASTAM.

Elisabeth - (projetando) E trate de fazer o que eu lhe ordenei entre amanhã e depois, ouviu? (Pausa. TOM) Óra já se viu?! Primeiro foi o doutor... agora é a Luiza. Mas estão enganados se pensam que me demoverão.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Luiza - Meu pai, eu preciso que suncê me dê de consêio o que é que eu devo de fazê nesse caso. A sinhá qué que eu leve a menina, mode fazê uma coisa que eu num acho direito, mas ela... //

Augusto - (tomado) (fazendo Pai Matias) E num é direito nêmo, minha fia. Adon de que se viu-se, agora, um ente que Deus Nosso Sinhô qué butá neste mundo, pru causa de mardade e de vingância, mandá o inucente pra otro mundo? Num sinhora, num pode fazê isso. Num tá direito. Pai Matia num qué que suncê faça, pronto.

Luiza - E eu tombem num quero fazê, pai Matia, mas suncê sabe como é a sinhá. Quando ela qué as coisa... //

Augusto - Pois bamo vê si ela pode mais que os enviado de Deuse Nosso Sinhô.

Luiza - E o que é que eu devo de fazê, Pai Matia? //

Augusto - Suncê tem que judá a minina. Isso é que suncê tem que fazê. Ela tor cisa de arguem que jude ela, a pobrisinha. Tá sosinha no mundo. Sôrva. Bandonada. Parece uma fôia que desgarrô da arve e que o vento vai tg cando, ora mais arto, ora mais baixo e ela vai andando impurrada pulo vento até que ele pare e ela caia drento da agua xuja da xargêta. Suncê vai cunsinti isso? Todos samos ermão neste mundo, minha fia e uma temo que dá as mão pros otro mode os otro num caí. Juda os mais fraco que tú tombem será judada pulo pai Maió.

Luiza - Eu quero judá, sim, pai Matia, eu tenho vontade de judá ela, suncê sabe. Das veiz eu num ajudo pra num sê fingida ca sinhá. Ela cunfeia na gente, eu num posso chegá pra mininá e dizê as coisa que eu uvi em cunfi ança, num é mêmo? Fica máli. Ou bem a gente é amiga ou bem é farsa. //

Augusto - Quando as coisa sê pra mardade, fia, tú num precisa contê, mas si tú pudé invitá a mardade tú invita pruquê nesse caso tú num tá fazendo bem só pra minina, tá fazendo pra tua sinhá tombem, sem ela sabê. (2) Óia, eu vô te dizê o caso como é, minha fia, pra tí sabê dereitinho: si tú qué fazê uma mardade tú fica devendo pra Deus pulo teu pensamen to rúin, mas si tú num chega a fazê ela, tú fica devendo mundo meno do que se tú faiz. Tú entendeu bem como é, minha fia?

Luiza - Intindi, sim, pai Matia. Si eu só penso, eu devo uma veiz. Si eu penso e faço devo duas veiz. //

Augusto - É isso memo, minha fia. Tú entendeu dereitinho o que o nêgo véio quis te dizê. Tú invitando que a tua sinhá faça as mardade que ela pensa, tú diminõe o que ela vai devê. Por isso em veiz de levá a minina adonde que ela qué que tú leve, tú leva ela numa pessôa que possa judá ela, dando remédio pra ela tomá, mode o anjinho nasoê rebusto e direito. Tá, minha fia?

Luiza - Tá, pai Matia. A nega véia vai fazê dereitinho o que suncê tá dizendo.

Tudo que ela pudé fasê pra dá um oxílio pra aquela coitada ela vai fasê, sim sinhô.

Augusto - Tá bão, meus fio, entonces saravá pra sunceis tudo. E que o páis de Deuse Nosso Sinhô fique no cansô e no coração dos meus fio. Saravá, meus fio!

Luiza - Saravá, meu pai! Gardicida pra sunceô que me primite saí daqui ca arma munto mais aliviada, agora.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

LOCUTOR - PUBLICIDADE

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Luiza - Minha fia, sunceô se alembra quando uma veis a nêga véia falô pra sunceô que quando sunceô percisasse de alguma coisa que pudia contá ca nega?

Maribel - Lembro-me, sim, Luiza. Por sinal que o seu oferecimento fez muito bem à minh'alma porque eu senti que ele era sincero e que eu não estava só sinhô.

Luiza - A nêga véia gostô de sunceô, minha fia, aquerdite.

Maribel - Ex sei, Luiza, eu senti. E foi pena que eu não tivesse tido, desde o começo, a confiança que hoje tenho na tua bondade e no teu bem querer. Teria evitado muitas coisas que eu fis, pensando no mal dos outros e que redundaram no meu próprio mal.

Luiza - Mas a vida é ansim, minha fia. Deuse Nosso Sinhô num gosta que a gente faça mali pros otro. O máli, minha fia, é a mêma coisa que uma bola de berracha que a gente ajoga ela na parede. Ela bate e vorta na gente.

Maribel - Luiza, eu tenho aprendido tantas coisas nestes poucos vezes, aqui nesta casa, que você nem sabe! Aprendi, inclusive, que o amor não é a ilusão transitória que minha mãe tantas vezes me afirmou ser. O amor existe, Luiza. O amor existe.

Luiza - Mas quem é que num sabe que ele ingiste, minha fia? Que bobage é essa?

Maribel - Minha mãe não se cansava de me afirmar o contrário todos os dias e em quasi todas as suas horas.

Luiza - Ela num se dava conta que a réiva que ela tinha dentro do coração era pru causa do amô. (TOM) Coitada, ela sofreu munto, minha fia, a gente percisa cumprê.

Maribel - Eu sei, Luiza, eu sei muito bem o que ela sofreu. O que eu não cheguei a ver ela me contou.

Luiza - Bão, minha fia, mas bamo dexá esse assunto que não foi pra falá disso que a nêga véia percurô sunceô. Sunceô tá duenta, num tá?

Maribel - Doente? Bem, quer dizer... doença, doença mesmo, não é. O que eu te nho, Luiza...

Luiza - (depois de pausa) ... a nêga véia sabe. E por isso que ela veio falá com sunceô. Sunceô percisa de se tratá, modo ficá bem forte e o anjinho nascê bem rebusto.

Maribel - Será esta a vontade de dona Elisabeth?

Luiza - Num sei, minha fia. Nem sei si ela sabe de alguma coisa.

Maribel - Sabe, sim, Luiza. Tenho certeza absoluta que sabe.

Luiza - E pra quê suncê tem certeza? //

Maribel- Quando ela chamou o doutor Flávio para me examinar, eu já não tive mais dúvidas. E depois tú sabes, Luiza... o exame que ele me fez... Digo-te mais: ela deve ter recomendado a ele que não me dissesse a verdade porque ele não disse. Mas não era preciso que alguém me dissesse nada. Eu sabia o que sentia. O que eu não sei e nem consegui saber, até agora, é o que dona Elisabeth pensa fazer.

Luiza - A nêga véia tombem num sabe, mais xege o que xege, suncê pode confia ni mim que nós bamo fazê o que fô perciso nas calada. Nada de fazê coisa que Deus num qué, tá uvindo? A nêga véia vai levá suncê em gente que ajuda, num é em gente que faz porquera. //

Maribel- Estábem, Luiza, eu confio em você. Irei onde você quiser me levar por que eu nada mais desejo, agora, sinão um bêbê rosedinho que eu possa apertar contra o peito e dizer com os olhos no céu: o amor existe, sim. O amor existe! E esta, embora não seja sinão um filho da vingança, transformou-se, por obra de Deus ou divino castigo, no receptáculo da minha ternura e no ponto de partida das minhas esperanças!...

Luiza - (seo mêmô, minha fia.) Quando pro céu e percurando cumprê as coisa que Deus Nosso Sinhô amostra prá gente, a cada minuto, a gente pode sigui pra frente que tá no caminho direito. //

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Elisabeth - Maribel, o assunto que lhe vou falar agora, embora nunca tivesse nos tocado nele, é um assunto que, de três meses para cá, tanto eu como você temos pleno conhecimento dele. Você é já está sabendo ao que me refiro; não é verdade?

Maribel- (Pausa - tom quasi baixo) Sim.

Elisabeth - Muito bem. Primeiro que tudo, eu quero que você me diga por que não me falou sobre êle, quando teve certeza da verdade?

Maribel - Porque tinha certeza que a senhora já sabia e não podia atinar com a razão do seu silêncio.

Elisabeth - Nada falei a você porque me pareceu que a você é que competia me por a par do que estava acontecendo.

Maribel - E eu silencieei porque como a senhora nunca me propiciou oportunidade de tocar no assunto, imaginei que não desejasse falar nele.

Elisabeth - Bem, discutirmos esse pequeno detalhe, agora, parece-me perder tempo e eu tenho a impressão de que não devemos e nem podemos perdê-lo. (TOM) O que é que você pensa sobre esse assunto?

Maribel - Como assim, dona Elisabeth? Eu confesso que não entendi bem a sua pergunta.

Elisabeth - Eu lhe perguntei o que é que você pretende fazer com referencia no seu estado. Terei sido mais clara, agora?

Maribel - Sim. Entendi. A senhora deseja saber o que eu penso fazer com a criança, não é isto? O que todas as mães normalmente fazem.

Elisabeth - Agora chegou a minha vez de não entender. Quer ser mais explícita, por favor? Que pretende você, no estado em que está?

Maribel - Sofrer as consequências da minha loucura.

Elisabeth - É uma loucura maior.

Maribel - Não creio. Antes penso que seja uma forma de me redimir da falta praticada, dando ao meu filho toda a ternura que deveria ter guardado para o homem a quem amei e que hoje, infelizmente, está completamente perdido para mim.

Elisabeth - Quem lhe meteu na cabeça semelhante bobagem, menina?

Maribel - O que é que a senhora considera bobagem? Deixar nascer o meu filho ou considerar perdido o homem que amo?

Elisabeth - As duas coisas.

Maribel - As duas coisas?!... Mas então... deixar vingar uma vida parece-lhe uma bobagem, dona Elisabeth?

Elisabeth - Nas circunstâncias em que ela vingará não me parece que haja outra classificação.

Maribel - Sejam quais forem as circunstâncias, não me parece que nos assista o direito de pretender desviar as determinações de Deus, dona Elisabeth.

Elisabeth - Deus se mete e determina as coisas direitas, menina. As coisas erradas são sugeridas pelo demônio, portanto não vejo mal em que se pretenda contrariá-lo.

Maribel - O erro eu admito que seja sugerido por Satanás, aproveitando-se das criaturas fracas e que se deixam influenciar pela sua força maléfica, mas o produto do erro, esse eu já não creio que seja obra dele e antes um castigo de Deus por não termos sabido resistir às tentações do Diabo.

Elisabeth - Menina, você é uma criança e eu sou uma velha. Além de muito mais vivida e experimentada, sei perfeitamente o que lhe convém nesta ocasião. Deixe-se guiar por mim e verá que tudo lhe correrá bem.

Maribel - Eu sinto muito ter que contrariá-la, dona Elisabeth, mas eu não desejo fazer absolutamente nada que me possa privar do meu filho.

Elisabeth - Você é uma criança tota. Deixar nascer um filho sem pai para que ele próprio se insurja contra você quando chegar a ter conhecimento da sua verdadeira condição? Sim, porque não pense que o seu filho será igual às outras crianças que andam por aí. Logo nos primeiros anos de sua vida nem você e nem ele sentirão muito as consequências das circunstâncias que rodearam o seu nascimento. Mas ele se torne rapaz, no entanto, quando já tenha raciocínio e ouça os colegas falarem dos pais, começará a sentir-se em plano de inferioridade porque ele não tem e não conhece seu pai. Você poderá mentir-lhe, poderá dizer-lhe: seu pai morreu quando você era ainda muito pequeno, mas não tardará em que aparecer um colega malvado que lhe afirme o contrário e que lhe repita o que ouviu e não comentar em casa. Depois vem a fase em que o rapaz deseja ter a sua namorada e começa a procurar uma determinada moça que lhe agradou. Ela, ao princípio, dá-lhe confiança, mas depois, inexplicavelmente, sem que tenha havido nada entre os dois, começa a fugir dele e a negar-lhe explicações. Ele insiste em procu

rá-la e por fim, quando ela não pode mais fugir e argumento algum o convence, um "amigo" diz-lhe a verdade: "A família dela proibiu o namoro por causa da tua origem." Você já pensou no desalento e na revolta que hão de viver no coração do seu filho quando chegar esse momento que você não terá forças para evitar? (Pausa e tom) E além disso, menina, você precisa pensar ainda noutra coisa. Você deseja o Roberto e sabe que com a minha ajuda poderá vir ainda a casar-se com êle; não é verdade?

Maribel - Sim, quer dizer... às vezes alimento uma vaga esperança.

Elisabeth - Pois eu lhe prometi que isso aconteceria e estou disposta: provar-lhe que não empenho em vão a minha palavra. Você sabe perfeitamente a influencia que exerço no espírito de Roberto, não sabe?

Maribel - Sei, sim senhora.

Elisabeth - Pois então admira-me que tendo a minha promessa neste sentido, você seja capaz de dizer que alimenta uma vaga esperança. Como vaga esperança? Se Roberto fôsse um rapaz que tivesse a coragem de contrariar uma só das minhas determinações, então sim, você poderia ter o direito de uma recusa por parte dele, mas conhecendo-o como o conhece, você não devia alimentar esperanças e sim ter certeza absoluta. Agora, uma coisa eu digo a você: Roberto precisa esquecer o que sucedeu entre você e Renato e antes que êle tenha esquecido eu nem tentarei convencê-lo. E agora eu lhe pergunto: você acha que com o seu filho nos braços será fácil a ele esquecer o que houve? Não creio. E depois, menina, um homem é um homem e tem o seu orgulho, o seu amor próprio como nós mulheres. Quando não haja a prova de um crime, nunca haverá também a certeza do crime e nessas condições ele ainda poderá transigir e ceder às imposições do coração. Havendo uma prova visível a todos, palpável a todos, é preciso que um homem ponha de parte todo o seu brio e a sua vergonha para poder aceitar uma mulher que leva, no filho, um cartaz escrito em letras de fogo: "eu já fui de um outro homem". Ora, você acha que Roberto será capaz de aceitar tanta humilhação? Não pode achar. Portanto, menina, si você quer perdê-lo, além de se sujeitar a tudo que eu já lhe disse sobre os filhos sem pai, deixe nascer o seu. Si quiser casar com o homem a quem ama, e oriar, mais tarde, o filho que será dos dois... já sabe a atitude que deve tomar agora. E já, hein? Sem perda de tempo. Antes que ele chegue a perceber qualquer coisa, está entendendo? (Pausa e tom) E então? Que é que você me responde?

Maribel - (quasi sem voz, sofrendo muito) Dona Elisabeth, eu... eu estou disposta a fazer o que a senhora deseja.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPITULO.

19º Capítulo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

Miguel - Onde é que anda a Elisabeth, Luiza?

Luiza - Sei ou a Maribela. Por um num sei donde.

Miguel - Os rapazes também não estão; não é verdade?

Luiza - A essa hora do dia? Dois tão trabalhando o outro tá na faculdade.

Miguel - Pois muito bem, então eu vou aproveitar que estamos os dois sósinhos, para conversar contigo a respeito de toda esta gente. Andam todos tão estranhos... tão exqu岸itos... Não te parece?

Luiza - Sei lá, seu Miguel. O sinhô pensa que eu tenho tempo de tá arreparando essas coisa? Tumara eu tempo pra fazê as coisa que eu perciso fazê lá na cozinha, vô pudê andá aqui por drente de casa bisbiotando? Eu não.

Miguel - Luiza, até tú estás diferente.

Luiza - Óra credo, seu Miguel, me dexá. Sai de mim, home.

Miguel - Até tú estás diferente, sim, estou te dizendo. Eu não sei o que há nessa casa, mas presinto que alguma coisa de muito grave aconteceu ou está para acontecer. Eu não devia me interessar, uma vez que me abandonaram completamente e não só não escutam mais a minha opinião para coisa alguma, como até escondem de mim o que acontece, mas a verdade é que fui sempre um grande amigo de todos e quem entrou ~~num~~ no meu coração difícilmente consegue sair. Sou um tólo, um grande tólo, mas si Deus me fez assim, de nada adianta lutar para ser diferente. Agora uma coisa eu te digo, Luiza: que é uma ingratidão o que estão me fazendo aqui.

Luiza - (desculpando) Não, seu Miguel, num é por ingratidão que eles fais, não. É praquê eles fica com pena de falá pra suncô coisa que eles tão sabendo que vão le incomodá. A sinhá otro dia ainda tava aí dizendo que suncô num tá mais na idade.

Miguel - Como não estou mais na idade?! Até parece que sou muito mais velho do que ela, quando a diferença entre nós é de tres ou quatro anos, apenas. E si ela ainda está em idade de se incomodar, por que não posso eu, como amigo fiel, acompanhá-la? É porque eu não mereço mais a confiança da turma e então, como desculpa, vem essa conversa de que devo ser poupado dos incômodos.

Luiza - Suncô qué que eu le digue a vriedade? Num é por bobajada de confiança coisa nenhuma, sabe? É pelas coisa mar feita que a sinhá sabe que suncô num tá concolde e então fica queta.

Miguel - Ah, bem!... Essa é outra conversa. Então quer dizer que as coisas aqui não estão correndo muito direitinho sôbre os trilhos; não é verdade?

Luiza - Óie seu Miguel, eu num quero que suncô vá dissê nada pra sinhá que fui eu que andei falando nesse assuntí, mas eu vô le contá tudo que tá acontecendo aqui, mode que talvez xege intê Deus que tenha mandado suncô pra ajudá nós a convencê a sinhá que ela tá enrrada.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL RÁPIDA.



- Luiza - ... e agora todos dia ela sai ca minina, mode levá ela num sei donde.
- Miguel - (abafado) Mas Elisabeth, agora, depois de velha, deu para perder o juizo?!... Isso é coisa que se faça, Luiza?!
- Luiza - A nêga se cansô-se de falsá pre ela, mas o que é que eu posso fasê? Eu sô nêga... sô burra... num sei as cousa direito... Num sei agora, que anda tudo de cabeça virada, praquêx no tempo bão, quando as pas sãa tinha cunduta direita, a nega bem que sabia o que tava certo e o que num tava. Agora, quando eu besservo as cousa pre eles, eles me arresponde ansim: sai daí, Luiza, tú é do tempo que se anarrava muihu cachorro cum linguça. Hoje já ninguem mais tá ligando pra isso. (E) Cumo é que num tá ligando? Tem que ligá, ariessa! Antão eles qué me convencê que as cousa que era enrrada no meu tempo, agora é direita? Não mêmô. O que tá dimudada num é as coisa, é a vregonha das oristura, é o pensá. Hoje tudo pensa cumo loco...
- Miguel - É uma pena tudo que está acontecendo aqui, Luiza! E eu cada vez me convenco mais que Deus não esteve de acôrdo com o procedimento de Elisabeth naquela questão passada.
- Luiza - Mas nem podia tá, seu Migué. E num fartô quem abrisse os ôio dela pras mardade que ela tava fazendo, pensando que tava fazendo direito.
- Miguel - Eu tenho que arranjar uma maneira de falar neste assunto com Elisabeth para advertí-la contra o perigo a que ela está se expondo. Isso é um crime que ela está cometendo, Luiza. Um crime. Tú já pensaste bem?
- Luiza - Já pensei, já falei pre ela, ela já brigô cumigo e num dianta mais nada eu se metê. A única cousa que eu ainda tô fazendo é rezá pra Deus Nosso Sinhô alumia as indeia dela e num dexá ela cometê esses pecado tão feio.
- Miguel - É, mas eu vou falar com ela. Não sei de que geito vou entrar no assunto, mas de qualquer geito eu vou falar com ela.
- Luiza - Dêis que suncê num me meta eu nos assado...
- Miguel - Não, Luiza, podes estar descansada.
- Luiza - Suncê vai ficá pra janta ou vai simborá e dispois vorta?
- Miguel - Vou ficar, Luiza. Já que estou aqui... espero mais um pouco e liquido êste assunto. Mesmo que ela não me atenda, eu ficarei com a minha mm consciencia tranquila por ter cumprido com o meu dever de amizade.
- Luiza - Tá bão, intonce se suncê vai ficá, eu já vô aperpará as panqueca de banana masi ante que a sinhá mande.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

- Raul - Ué! O senhor por aqui? Há quanto tempo não aparecia?!
- Miguel - É que eu andei muito resfriado e então resolvi não me expor muito ao tempo. Agora que estou quasi bom, vim saber se estão todos vivos na ta casa.
- Raul - Estão, sim. (sorrí) Mas o senhor está só por que? Mãe não está?
- Miguel - Não tem ninguem em casa. Você é o primeiro que chega, mas não se cone tranja por minha causa. Si quer subir para tomar o ssu banho e trocar a sua roupa, não faça cerimônia porque você sabe que eu sou de casa.

- Raul - Não, eu não tenho pressa, seu Miguel. Ficarei conversando com o senhor com o maior prazer.
- Miguel - Obrigado, Raul. Você é muito amável. (TOM) Mas então? Como é que vão as coisas por aqui? Tudo bem?
- Raul - Aparentemente, sim, no entanto... parece que no coração de cada um, dentro desta casa, vai um temporal desfeito, desprendendo coriscos e trovões a cada dia que passa.
- Miguel - Meu Deus! E haverá causa para uma situação dessa natureza?
- Raul - Como?!... Pois então o senhor não sabe o que aconteceu aqui, por culpa do Renato? Não sabe o que ele fez?
- Miguel - Claro que sei. Sua mãe me contou tudo. Foi realmente uma coisa profundamente desagradável e lamentável, mesmo, mas eu pensei que, passados quatro meses e tanto, essa impressão já tivesse se apagado no espírito de todos vocês.
- Raul - No espírito dele, que foi o causador de tudo, parece que realmente não há mais nenhum vestígio do fato, da mesma maneira que o seu coração parece não abrigar qualquer parcela do único sentimento que poderia servir de desculpa para a sua tremenda falta.
- Miguel - Como assim? Não entendi bem o que você quis dizer. Explique-se melhor, por favor. Eu sou um velho meio trapalhão e se as coisas não estão bem claras, fico numa confusão tremenda.
- Raul - Eu disse que o Renato que foi o causador dessa coisa horrível que houve aqui em casa e que nos abalou a todos...
- Miguel - Sei.
- Raul - ... é o único para quem tudo já passou, até mesmo o amor que ele pensava sentir por Maribel e que era a única coisa que podia servir de desculpa para a sua tremenda falta.
- Miguel - Verdade? Você tem absoluta certeza do que está dizendo?
- Raul - Mas o procedimento dele nem admite outra suposição.
- Miguel - Não sei o procedimento dele. Eu tenho estado afastado...
- Raul - Pois ele já não está de namoro forte com uma outra pequena?
- Miguel - Não sabia! Mas então sua mãe deve estar muito satisfeita?
- Raul - Não me parece. Pelo contrário. Acho-a muitíssimo preocupada, de uns tempos a esta parte.
- Miguel - Mas quem sabe será por outra coisa qualquer. Pode ser até por uma questão de negócios, quem sabe?
- Raul - Não, seu Miguel, não acredite. Se fôsse qualquer coisa de negócios ela já teria me falado. Aliás parece que é a única coisa que ela ainda combina conosco. O mais, resolve sempre sozinha ou com o seu auxílio.
- Miguel - Resolvia com o meu auxílio, hoje já não resolve mais. E assim mesmo essa coisa de se dizer "resolvia" é muito vaga porque muita coisa que ela entendia de fazer e eu não concordava, ela fazia igual. Como no seu caso, por exemplo.
- Raul - (seco) Não falemos mais nisto, seu Miguel.
- Miguel - Falemos, sim, Raul. Acho, até, que chegou o momento próprio de falar nos neste assunto. Você pensa que eu não notei que você mudou completa

tamente comigo, depois daquele seu namoro? Eu notei, Raul. Notei e senti, porque você foi sempre, dos filhos de Elisabeth, o que eu mais estimei e admirei. E você, naturalmente, imaginou que eu tivesse dado à sua mãe a minha opinião contrária ao seu casamento com Corina, não é?

Raul - Pelas coisas que o senhor me disse, eu não podia pensar outra coisa, meu Miguel. Se o senhor ainda se lembra delas...

Miguel - Lembro-me, sim. Eu não tenho a memória muito viva, mas lembro-me. O que eu lhe disse foram as coisas que sua mãe me pediu que dissesse e que eram coisas verdadeiras, mas aconteceu que para ela eu dei a minha opinião sincera de que não me pareciam motivos para impedir o seu casamento.

Raul - E por que não esclareceu tudo isso, quando me falou?

Miguel - Porque não podia esclarecer, Raul. Pois se sua mãe me pede auxílio para desover você de um casamento que a apavora, eu podia chegar a você e dizer: sua mãe me pediu para lhe dizer isto, isto e isto, mas a minha opinião é esta, esta e esta? Não podia. Eu defendi o ponto de vista de sua mãe, argumentando com a verdade, mas escondendo o meu ponto de vista que era justamente oposto ao dela. Nunca quis tocar neste assunto a você, mas penso que hoje chegou o momento de fazê-lo para que você remova essa névoa de ressentimentos que colocou entre nós e que eu suportei, todos esses anos, com bastante tristeza no meu coração. Por isso que eu lhe disse, ao princípio da nossa conversa, que não era tudo que sua mãe resolvia com o meu auxílio. Muita coisa eu dei opinião contrária e ela fez como quis.

Raul - Eu não quero pensar que mamãe tenha agido de má fé nessa questão do Renate Maribel, mas muitas vezes, a sós no meu quarto, perdido entre os meus pensamentos, eu me surpreendo censurando-a intimamente, por atitude e gestos que não posso admitir nascidos de minha mãe; entende?

Miguel - Entendo, Raul. Entendo perfeitamente.

Raul - Bem sei que procedo mal porque afinal ela é minha mãe e não me cabe o direito, como filho, de estar a examinar os seus atos e julgá-los. Parece-me até um desrespeito, uma heresia, uma profanação, mas afinal... é a tal coisa... eu sou um homem feito, não sou mais uma criança e ainda que eu considere e leve em conta todo o respeito e obediência que devo à minha mãe, não posso deixar de sentir o sentimento de desapreço que ela às vezes me provoca. É uma coisa mais forte do que a minha vontade e que eu não consigo deter. Não sei o que o senhor estará pensando da crueza da minha sinceridade, mas de toda a forma eu não poderia continuar escondendo o que sinto.

Miguel - Não deve mesmo esconder. Não há como a gente sentir as coisas e dizer, para que elas não fiquem a torturar o coração da gente. E você quer que eu lhe diga mais? Acho que você exagera essa noção de obediência e respeito à sua mãe. Ela tem um limite que você não lhe apõe. É claro que você lhe deve obediência e respeito, mas até certo ponto. Quando a coisa ultrapassar a esse ponto, você também tem os seus direitos e deve defendê-los.

Raul - Por que não me disse isso há cinco anos passados?

Miguel - Porque nunca imaginei que a sua obediência e o seu respeito fossem ao ponto de abafar em seu peito os ímpetos amorosos de um rapaz de vinte dois anos. Confesso-lhe que disse tudo aquilo que sua mãe me pediu, absolutamente convencido de que estava pregando no deserto. E confesso-lhe mais: quando vi que você aceitou a minha argumentação... senti pena de você... e tive remorsos.

CONTR: REGRA - ABRE PORTA EM TERCEIRO PLANO.

Miguel - Está chegando alguém. Vamos terminar a nossa palestra por aqui.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Roberto - Seu Miguel, o senhor sózinho aqui?!

Miguel - Não, o seu irmão Raul esteve comigo até a pouco. Neste momento ele au  
biu.

Roberto - E mãe?

Miguel - Ainda não chegou mas não deve tardar.

Roberto - Mas então? Como é que vai o senhor?

Miguel - Vai se vivendo aqui, como velho.

Roberto - Velho, nada. O senhor ainda está em perfeita forma.

Miguel - Eu sei. Estou em forma de me botarem dentro de um envelope e na despa  
charem, com frete a pagar, para a cidade dos pés juntos.

Roberto - Nada disso! O senhor ainda está ótimo. (TOM) Mas o que foi que houve, que passou tanto tempo sem aparecer?

Miguel - Não fui eu que passei sem aparecer, foi sua mãe que passou sem me cha  
mar.

Roberto - Mãe? Bem... mãe parece que tem andado meio perturbada...

Miguel - Eu acho que todos vocês têm andado "muito" perturbados. Estão todos ex  
quisitos... todos reticentes... parece que andam com medo de pisar em terreno falso...

Roberto - (sorri, sem graça) Até... até eu, seu Miguel?

Miguel - Você? Você é o pior de todos.

Roberto - Mas eu sempre fui retraído, sempre fui diferente dos meus irmãos.

Miguel - Eu sei que foi. Para isso ajudei a criá-lo. Se não o conhecesse... Vo  
ocê sempre foi retraído, é verdade, mas nunca foi reticente nem fugiu a uma pergunta que se lhe fizesse.

Roberto - E hoje... fujo?

Miguel - Foge. Quer ver? (Pausa) Você ainda gosta de Maribel?

OPERADOR - PONTADA AGUDA SEM CORTAR A CENA.

Miguel - (depois de pausa) Vê? Você não respondeu à minha pergunta.

Roberto - Mas não foi por querer fugir. É que ela foi tão inesperada que eu fi  
quei aturdido. Agora mesmo, já um pouco mais refeito e querendo res  
ponder à sua pergunta, eu não sei o que lhe responder.

Miguel - Não sabe ou não deseja responder?

Roberto - Desejo, sim, juro-lhe. Acontece que para responder com segurança eu precisaria analisar a mim mesmo, coisa que nunca mais fiz, desde que me propus a esquecê-la.

- Miguel - Pois eu me alegro muito com a sua resposta e vou lhe dizer porque: primeiro porque vejo que você está agindo convenientemente procurando esquecê-la; segundo porque já principio a notar serenidade na maneira de você falar num assunto que tanto lhe perturbou e finalmente porque sinto - e essa é a razão maior da minha alegria - que você ainda confia neste velho amigo e titubeou em responder por querer ser sincero e não desejar esconder dele o que realmente sentia.
- Roberto - Hoje o senhor me merece mais confiança por uma simples razão, seu Miguel: está mais afastado de mãe, mais desligado dela é, em consequência, mais chegado a nós. Hoje nós temos certeza de que se lhe contarmos uma coisa que o senhor saberá guardá-la, mas houve tempo em que isso não era possível, não é verdade?
- Miguel - Bem, realmente, mas... acredite que não era por minha culpa. Sua mãe tinha uma maneira de arrancar as coisas da gente que era inútil tentar esconder. Ela começava: "E que mais? E que mais? Você não contou tudo, vamos. Fale." e tanto atucava a gente, tanto insistia nos ouvidos da gente que a gente acabava mesmo despejando tudo.
- Roberto - Conheço também ela usava o mesmo método, mas nós acabamos por aprender a nos defender, cada qual a seu modo. O senhor deve estar surpreso de me ouvir falar assim de nossa mãe; não é verdade? Deve estar a me censurar intimamente.
- Miguel - Não, não, que esperança! Acho muito natural essa sua reação. Sou dos que ainda pensam que um filho deve sempre obediência aos pais, mas a verdade também é que aos pais cabe o dever de estabelecer o limite dessa obediência. Quando eles não fazem isso e se excedem...
- Roberto - ... acontece o fenômeno que está se dando aqui em casa. Todos se recolhem e se escondem com receio de uma desaprovação que lhes possa perturbar a serenidade. Quer dizer... todos não. Renato não esconde nem mesmo as suas mais absurdas loucuras e a reação de nossa mãe tem sido surpreendentemente fraca.
- Miguel - O que acontece com sua mãe, Roberto, é que ela ficou sozinha com vocês todos pequenos e se habituou a dirigi-los por muitos anos a fio. Quando vocês se fizeram homens ela não se deu conta.
- Roberto - E nós, por outro lado, nunca tentamos fazer valer as nossas vontades, contribuindo, assim, para que ela persistisse no seu erro de ver todas as nossas questões apenas pelo seu ponto de vista.
- Miguel - É isso mesmo. Quando você ou o Raul teimarem, como o Renato, vão ver como ela acabará cedendo. É meu filho, tudo tem um limite na vida. Em nada a gente se deve exceder, mas principalmente no mando. O abuso de autoridade tem sempre amargos efeitos. Veja o caso de sua mãe. (TCH) Você sabe que no fundo eu tenho pena dela? Pobre Elisabeth!... O que ela fez para preservá-los do sofrimento foi uma coisa que só poderia fazer uma mulher do seu valor e da sua coragem. Amparou-os sempre, em todos os momentos difíceis. Esteve sempre ao lado de vocês corajosa, resolvida e destemida. Mas de tanto defendê-los e de tanto

desejar para vocês o máximo, acabou por cansá-los e prejudicar-se. Quando ela chegar a se dar conta que com o seu modo de proceder afetou seus três filhos, será capaz de morrer de desgosto. Enfim... como dizem que Deus sabe o que faz... deixemos as coisas tal como Ele quer que estejam.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Elisabeth - Quando cheguei e lhe encontrei aqui, imaginei logo que você deveria ter coisa muito grave para me contar. Agora estamos sós, você pode falar livremente. Diga o que há, Miguel.

Miguel - Pois você está enganada, minha amiga. Não vim aqui para outra coisa si não rever a família que fazia já muito tempo que eu não botava os olhos em cima.

Elisabeth - Não, Miguel, você não sabe mentir. Você veio aqui para outra coisa. Eu leio nos seus olhos que você tem algo para me dizer.

Miguel - Não é bem para lhe dizer, Elisabeth, é para lhe perguntar.

Elisabeth - Ou isso, mas que você tem, tem.

Miguel - Mas você não acha natural que depois de tantos dias de ausência da sua casa, eu chegue aqui e deseje saber como vão as coisas que não iam lá muito bem quando eu estive aqui pela última vez?

Elisabeth - Pois si é apenas isso o que você tem a perguntar, o que lhe posso responder é que vai tudo mais ou menos na mesma, como você deixou.

Miguel - Não é verdade. Você não está sendo sincera, Elisabeth. Agora sou eu que lhe digo que você não sabe mentir.

Elisabeth - Por que você me diz isso?

Miguel - Porque já estive sabendo, lá fora, dos novos amores do Renato e não posso orer que esse fato não lhe tenha trazido uma certa alegria.

Elisabeth - Bem, isso é verdade que está acontecendo, mas por outro lado não deixa de me preocupar. Guardo o receio de qualquer outra loucura e essa outra pequena não é como a que está na minha casa que não tem ninguém por ela.

Miguel - É verdade, Elisabeth, agora você disse uma grande verdade. Maribel não tem ninguém por ela.

Elisabeth - Bem, quer dizer... isso é maneira de se falar...

Miguel - Não, Elisabeth, não é maneira de se falar. Ela não tem, realmente ninguém por ela.

Elisabeth - (pé atrás) Por que você diz isso, Miguel?

Miguel - Porque basta olhar-se essa moça para ver-se o estado em que ela se encontra. E deixá-la assim, sem tomar-se nenhuma providência para poupá-la da vergonha e da humilhação que a aguardam... só mesmo uma pessoa que não tenha ninguém a quem recorrer.

Elisabeth - (já se queimando) Mas quem lhe disse que eu não estou tomando providências para poupá-la?

Miguel - Que providências? Posso saber?

Elisabeth - As únicas possíveis no caso, Miguel.

Miguel - Mas si eu não sei quais sejam...

Elisabeth - Estou a uma semana a procura de alguém que possa livrá-la dessa tra

menda carga.

OPERADOR - PONTADA PORTE, SEM CORTAR A CENA.

Miguel - (choque brutal) Han?!... Que foi que você disse?!...

Elisabeth - (fria) O que você ouviu, Miguel. Para que me forçar a repetir?

Miguel - (pausa, caindo) Elisabeth... eu não posso orer que você esteja falando do sério. Não possoê...

Elisabeth - Ah, não pode? E por que, se me faz o favor?

Miguel - Porque essa ideia não pode caber no cérebro de uma pessoa sensata.

Elisabeth - Você acha? Mas então de que maneira esperava você que eu a livrasse da humilhação e da vergonha? (irônica) Casando-a com meu filho? Mas si ele nem está mais se importando com ela...

Miguel - E... ele sabe que ela está nesse estado?

Elisabeth - (sobe) Não sabe e nem deverá saber, está entendendo?

Miguel - Estou entendendo, sim. Não deverá saber porque será capaz de se sentir dominado pela ternura e querer legalizar a situação, o que você não deseja; não é isto?

Elisabeth - É isto, sim. E não só não desejo como não consinto. Você sabe, melhor do que ninguém, as inúmeras razões que me assistem para detestar um casamento de qualquer dos meus filhos com essa menina, portanto,... não lhe dou o direito de se mostrar tão admirada pelo que estou pretendendo fazer agora. Estou apenas defendendo o meu nome e a felicidade do meu filho.

Miguel - Mas desse modo não me parece que seja lícito.

Elisabeth - Eu já disse a você uma vez e repito agora: tratando-se da felicidade de qualquer dos meus filhos, eu não olho os meios para atingir o fim.

Miguel - Elisabeth, vamos mudar o tom da nossa conversa, para ver se conseguimos nos entender. Você tem que pensar muito no que está procurando fazer, minha amiga. Você não tem o direito de sacrificar uma vida para salvaguardar um nome, pertença ele à linhagem que pertencer. Uma vida é uma vida. É um sopro divino que se agita e que traz um destino traçado. Como podemos nós alterar ou cortar essa vida, simplesmente porque achamos que ela vem arrancar a nossa dignidade ou ferir a altivez dos nossos princípios? A vida de um ser não pode ser afastada com a mesma frieza e indiferença com que se espanta... um cachorro, digamos, que está atropalhando o nosso caminho. É preciso que você pense muito e reflita bastante, antes de cometer um crime desse jaes.

Elisabeth - Termáncou? Como você está antiquado, meu pobre amigo!... Você encara o assunto com a mesma rigidez de cincuenta anos passados, quando hoje isso é tido e havido como a coisa mais simples e natural.

Miguel - Tão simples e natural que faz uma semana que você procura alguém que lhe faça esse serviço e não consegue encontrar.

Elisabeth - Ora não diga tolices, Miguel. Para trabalhos dessa natureza existem criaturas aos montes, por sí. A questão é que eu não desejo entregar a tarefa a qualquer uma e por isso estou procurando. Hoje procurei o doutor Chaves, que eu conheci quando moça e ele me deu o endereço

ço de um outro médico que se dedica exclusivamente a isso. Amanhã iremos procurá-lo.

Miguel - Não faça isso, Elisabeth, eu lhe suplico. Por que incorrer em tão grande pecado? Olhe, eu vou lhe fazer uma proposta no sentido de evitar que você leve a menina a cometer tamanha loucura: deixe nascer a criança e entregue-a a mim que eu me encarregarei de criá-la, pronto.

Elisabeth - (rindo com vontade) Como é?... Como foi que você disse?!... Você quer criar a menina? (ri mais) Está tem muita graça. (ri mais) Só esta me feria rir com tanta vontade, no estado de espírito em que eu me encontro. (começa a gargalhar) Imagine!... Você, Miguel, criando uma criança recém-nascida. (mais gargalhadas) Daqui a pouco você vai dizer que seria capaz até de amamentá-la. (novas gargalhadas) Como piada, esta é maravilhosa, Miguel! Maravilhosa!... Há muito tempo que eu não ouvia outra igual me ris com tanta vontade!... (TOM) Olhe meu amigo, desista de procurar impedir o que eu quero fazer porque você me conhece muito bem e sabe que eu não sou mulher de voltar atrás nas minhas resoluções. Portanto... fim para o assunto.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAR O CAPÍTULO.



20 CapítuloOPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

- Luiza - (meia voz) Cunsiguiu alguma coisa co sinhá, seu Miguele?
- Miguel - (idem) Consegui exasperar-me, apenas. Nada mais do que isto. Ela es tá inflexível e não atende a nenhuma poderação.
- Luiza - Pois eu inté acho que a sinhá anda co miôlo dromento. Nunca vi ela ansim.
- Miguel - É a obsessão de não querer que os filhos se casem, Luiza.
- Luiza - Dei uma coisa nela contra a coitada da minina que eu nunca vi!
- Miguel - Não é contra a menina, não, Luiza, poder estar certa. É contra o ca samento dos filhos. Seja qual for a moça que qualquer um deles pre tenda, ela sempre achará defeitos e far~~a~~ oposição.
- Luiza - 'ra já se viu-se que bobage da sinhá?!
- Miguel - Mas tudo isso a gente admite e desculpa, Luiza, menos o que ela pre tende fazer agora. Eu estou desesperado, Luiza, desesperado!
- Luiza - E eu tombem sunô pensa que num tô? Eu chego a nem não puê drumi de noute de tão pirocupada que eu ando. Fico pensando... pensando... pen sando... procurando um geito de invitá o que ela qué fazê e num acho. A esperança que eu tinha era que suncê convencesse ela, mas si suncê num arrumô nada, o remédio é dexá.
- Miguel - Não, Luiza, que esperança! Eu deixar não deixo. Hei de lutar até o fim, até queimar o último cartucho. (TOM) Você sabe qual foi a ideia que me ocorreu agora? Falar com o rapas e contar tudo a ele.
- Luiza - Com o Roberto?
- Miguel - Não, com o Renato. Pois éele o causador de tudo...
- Luiza - Mas com esse num diante nada suncê falá. Ele agora anda pra otrav banda, nem num vai ligá as coisa que suncê dissé.
- Miguel - Quem sabe? Pode ser... A ternura paterna pode gritar dentro dele, a saber a verdade. Você quer me auxiliar nesta tarefa, Luiza?
- Luiza - Puis então, seu Migué?! Pois si eu tô afrita pra invitá tudo isso.
- Miguel - Pois então você diga a ele que me procure lá em casa que eu preciso falar muito com ele e em assunto do seu próprio interesse.
- Luiza - Tá bem, seu Migué, eu digo, sim. Manhãêmo eu jáfalo com ele e digo.
- Miguel - Mas não esqueças de dizer que o interesse é todo dele. (lembra-se) Ah, e recomenda-lhe que não fale nada aqui dentro, hein?
- Luiza - Tá, sim sinhô. Eu digo tudo pre ele.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- Renato - A Luiza me falou que o senhor desejava conversar comigo?
- Miguel - É verdade, sim, meu filho e como a sua mãe não pode saber desta nos sa conversa, foi que lhe dei o trabalho de vir à minha casa, do con trário eu mesmo teria ido lá.
- Renato - Não tem importancia, não. Está muito bem assim. Que é que o senhor queria?

- Miguel - Pois eu queria conversar com você a respeito da Maribel.
- Renato - (extranha) De Maribel? Mas nem existe mais nada entre nós, o senhor não sabia?
- Miguel - Existe, sim, meu filho. Existe um laço que a cada dia que passa, mais se vai estreitando sem que você saiba.
- Renato - Não estou entendendo nada do que o senhor está me dizendo.
- Miguel - Vamos por partes. Você já se esqueceu completamente da pequena? Não sente mais nada por ela?
- Renato - Absolutamente nada, seu Miguel.
- Miguel - E si você soubesse que ela estava para receber a visita da cegonha e que você seria pai, que sentiria?

OPERADOR - ACORDE AGUDO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

- Renato - Como foi que o senhor disse que eu não entendi bem?
- Miguel - E si você soubesse que ela ia dar a luz a um bebesinho, que pensaria? Não ficaria emocionado? Não sentiria vontade de afagar o seu filho?
- Renato - Não brinque, seu Miguel. Se isso fôsse verdade seria um buraco para mim.
- Miguel - Se isso fôsse verdade, não, menino. Isso é verdade.
- Renato - Não pode ser.
- Miguel - Como não pode ser?! Eu estou lhe garantindo que é. Você acha que eu seria homem capaz de uma mentira desta natureza?
- Renato - Não, isso não. O senhor eu não digo, mas... ela.
- Miguel - Como?! Você acredita que ela possa ter inventado isso?
- Renato - Inventado também não digo, mas... como é que se pode saber que sou eu o responsável pela vida dessa criança?
- Miguel - Renato, não use de meios tão baixos para inocentar-se. Se você não deseja assumir a responsabilidade da falta que praticou, muito bem; mas não injurie a menina com uma dúvida que você não tem. Isso é feio, isso é baixo. Só os canalhas procedem assim e eu não quero crer que você seja um canalha. Você vem de um ramo bom. Um pouco ago ista por parte de sua mãe, é verdade, mas de qualquer forma um ramo bom. Não proceda, agora, como essa gente sem berço e sem dignidade que se vale de meios sórdidos para livrar-se de certas responsabilidades. Proceda como homem digno, encarando a sua falta de cabeça levantada e confessando-se culpado, embora não deseje reparar a sua culpa, mas sem injuriar a pequena para inocentar-se. Seja o homem que errou e não o vilão.
- Renato - O senhor acha que eu posso ter certeza da minha culpa?
- Miguel - Pode. Mas não creia eu que hei de convencê-lo, uma vez que você se recusa a reconhecê-la. Pensei que lhe dando a notícia do próximo nascimento de seu filho que você fôsse capaz de enternecer-se até ao ponto de procurar reparar o seu erro para que o pobre inocente não ficasse aí ao lado como o cão sem dono. Você teve uma reação diferente. Uma reação exatamente contrária à que eu imaginei que pudesse ter. Não temos mais o que conversar, portanto. Só o que lhe

peço, ainda, é que você guarde segredo do que conversamos.

Renato - Por causa disso o senhor não precisa se preocupar. Mesmo porque se a velha soubesse desse fato que o senhor me contou, não iria gostar nem um pouco.

Miguel - Ela sabe de tudo, Renato.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA!

Renato - O que?!... O senhor diz que a mãe sabe?!... Mas então não compreendo porque não me teria falado no assunto.

Miguel - Com receio de que acontecesse o que eu tive esperança que pudesse acontecer.

Renato - Isso prova que a mãe não deseja, de modo algum, a minha interferência no assunto.

Miguel - É claro que não deseja. E o que seria de admirar era que desejasse. Sua mãe é muito parecida com você, Renato, ou melhor, você é que saiu parecidíssimo com ela. O que aconteceu ontem já passou... e deve ser esquecido. Isso... quando convem esquecer, é claro. Outras coisas que deveriam ser esquecidas, ardem a vida toda na fogueira do ódio, desencadeando vinganças torpes e mesquinhas. (TON) Ah como eu me de esprero com essa maneira de ser de sua mãe, menino! (TON) Bem, mas eu não lhe chamei aqui para falar mal dela. Já conversamos o que vinhamos a conversar, não nos entendemos, vamos esquecer o que falamos esta noite... e fica o dito por não dito.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Luiza - Em'once como é que foi a conversa com o Renato, seu Miguel?

Miguel - Mal, Luiza, muito mal.

Luiza - Eu disse pra você. Eu já tava sabendo. Aquela menina tem farelo dentro da cabeça, seu Miguel. Ele nem pensa as coisas.

Miguel - É uma pena, realmente. Falei mais de meia hora, sem lograr obter o menor resultado. Por fim, desisti.

Luiza - E a outra saiu de novo outra vez, levando a menina de arrasto. Eu nem quero me lembrar o que é que pode acontecer.

Miguel - Bem, Luiza, agora você precisa dar um jeito de fazer essa menina ir à minha casa, ou então de me telefonar quando ela estiver sózinha aqui, para que eu possa vir conversar com ela.

Luiza - Você agora qué falá com ela?

Miguel - Quero. Vou ver se chego a tempo de impedir o que está para acontecer. Isto se o médico a quem ela foi hoje procurar não tiver feito já o que eu estou fazendo tudo para evitar.

Luiza - Se Deus quiser ainda num é de tão feito. Eu acho que eles nem fazem nenhum primeiro dia que as pessoas percura eles. Di certo malen outro dia.

Miguel - É essa a minha esperança, em todo o caso... o que fôr, scará.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Miguel - Você deve ter se surpreendido bastante com o meu misterioso recado, não é verdade?

Maribel - Confesso que sim, seu Miguel.

- Miguel - E não desconfiou das razões desta entrevista?
- Maribel - Para lhe ser muito franca, tenho as minhas desconfianças.
- Miguel - Então vamos testar as suas desconfianças. Que imaginou que pudesse ser?
- Maribel - Bem... o senhor, naturalmente, quer me falar qualquer coisa a respeito do meu estado. Acertei?
- Miguel - Em cheio. É exatamente sobre isso que desejo lhe falar. Disseram-me que você está procurando livrar-se; é verdade?
- Maribel - Bem... é verdade, mas eu preciso esclarecer ao senhor as razões porque estou procedendo assim.
- Miguel - Não é preciso nenhum esclarecimento. Eu sei de tudo, menina. É Elisabeth quem exige que você faça isso; não é?
- Maribel - Bem, mas... ela também tem os seus motivos, entende?
- Miguel - Não entendo, menina. Não posso entender. Em todo o caso, gostaria de conhecer esses motivos, se é que ela os revelou a você.
- Maribel - Ela sabe que eu amo ao Roberto e que o Roberto me ama. Ela sabe, também, que nós nos desentendemos pelo que aconteceu entre mim e o Roberto. Mesmo assim, entretanto, ela acha que o Roberto será capaz de me perdoar e me fazer sua esposa, não hoje nem amanhã, é evidente, mas quando hajam passado mais uns dois ou três anos e ele se tenha esquecido de tudo que aconteceu. Ora, ela acha que existindo uma criança a relembrar constantemente esse momento de loucura que ambos vemos, que nem Roberto ou qualquer outro homem seria capaz de poder esquecer tal coisa. Essa é a razão e daí o seu grande empenho em não deixar a criança nascer.
- Miguel - (depois de pausa longa) Muito bem. Diga-me uma coisa agora, minha filha: você tem absoluta confiança nas coisas que dona Elisabeth promete a você?
- Maribel - Claro. Nem tenho razões para duvidar.
- Miguel - E se eu lhe disser que você não deve acreditar muito nela?
- Maribel - Eu lhe pedirei que me diga porque.
- Miguel - Porque tenho sido, quasi sempre, confidente das suas apreensões e dos seus receios e conheço Elisabeth há longos anos, para lhe afirmar que ela não prega prego sem estopa.
- Maribel - Desculpe mas não compreendi bem a sua intenção, seu Miguel.
- Miguel - Eu quero lhe dizer que Elisabeth tem um plano em tudo isso, mas não visando o seu interesse, minha filha e unicamente o dela.
- Maribel - Mas plano por que? Para que?
- Miguel - Para evitar que você possa embarçar a qualquer um dos seus filhos. Você pensa que ela fará qualquer coisa para que Roberto case com você?
- Maribel - Ela me prometeu, pelo menos.
- Miguel - Pode ter prometido, mas lhe asseguro que não fará.
- Maribel - E como é que o senhor pode ter assim tanta certeza?
- Miguel - Porque a mim ela o disse, entendeu?
- OPERADOR - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

Maribel - Ela... ela disse ao senhor?!

Miguel - Disse. Eu sei que estou fazendo um papel muito feio, delatando os planos traçados por uma amiga de tantos anos, mas creia que eu só procedo dessa forma na intenção de evitar que ela pratique o crime que deseja praticar. Exatô (Pausa) Você não quer que o seu filho nasça? (Pausa) Responda Maribel. Você não deseja que seu filho nasça?

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Miguel - Vamos, Maribel, responda ao que eu lhe perguntei: você não deseja que seu filho nasça?

Maribel- Desejo.

Miguel - Mas então por que se sujeita às absurdas imposições de Elisabeth, mi nha filha?

Maribel- Em primeiro lugar porque ela me afirmou que dentro de dois anos, no máximo, botaria Roberto em meus braços e em segundo porque eu preciso de dona Elisabeth. O senhor já pensou no que seria a minha vida, se ela me mandasse embora de sua casa? Onde poderia eu me recolher? Di ga.

Miguel - Na minha casa você teria sempre um cantinho, menina.

Maribel- Como? Ée.. O senhor... o senhor me daria um cantinho na sua casa, si eu tivesse necessidade de me recolher a qualquer parte?

Miguel - Já lhe disse e repito que sim.

Maribel- (comovida) Obrigada, seu Miguel. Si o senhor soubesse o que isso re presenta para a minha vida!... O senhor nem sabe o bem que me fez.

Miguel - Vamos, então: em troca desse bem que eu lhe propoçionei, prometa-me que deixará nascer o seu filho.

Maribel- Eu gostaria. Juro-lhe que gostaria, mas... tenho medo de dona Elisabeth

Miguel - Engane-a, se fôr preciso. Use para com ela das mesmas armas que ela se utilizou para convencer você. Diga-lhe que foi informada de alguém que faz com perícia esses trabalhos, mas que mora no interior e você vai lá. Fica por lá o tempo que fôr necessário e quando tudo tiver aconte cido, pode voltar á já diretamente para a minha casa.

Maribel- Mas ela brigará com o senhor, pode estar certo.

Miguel - Até o dia em que compreender que ia praticar um crime horrível e que não chegou a praticá-lo porque eu a impedi. Nesse dia ela virá a mim e me agradecerá.

Maribel- Seu Miguel, eu desejo que o senhor me diga uma coisa novamente, não porque tenha duvidado do senhor, mas para me convencer melhor: é ver dade que dona Elisabeth não pretende fazer nada para aproximar Robey to de mim?

Miguel - É verdade, sim, minha filha.

Maribel- Mas então por que veio a mim, espontaneamente, me prometer isso? Não compreendo.

Miguel - Para afastá-la de Renato, minha filha.

Maribel - (depois de pausa) Ah bem, agora sim estou compreendendo.

Miguel - Ela queria que Renato tivesse tempo para se afastar de você e a maneira mais garantida que encontrou foi usando esse truque.

Maribel - (íntima revolta) Foi jogando, impiedosamente, com o meu coração e a minha honra a um só tempo. Como se pode ser tão má e tão dissimulada!

Miguel - Ela não é má, minha filha. É egoísta, apenas. Tão egoísta que para conquistar o que deseja para os filhos - por quem ela é verdadeiramente alucinada - não titubeia em praticar as maiores torpezas. Só se lembra dos filhos, o mais tudo ela esquece.

Maribel - Mas Deus não esquece porque, para Ele, todos somos filhos.

Miguel - Exatamente. Você pensa muito bem, pensando assim. Eu sei que Elisabeth terá que prestar bem duras contas a Deus. Eu sei. No entanto... ela está seguramente convencida que não. Acha que é seu dever de mãe defender os filhos de qualquer cilada do destino e para isso considera legal todo e qualquer meio que utilize. É um ponto de vista errado, mas que a gente tem que desculpar porque é sincero.

Maribel - Minha mãe tinha razão, quando me disse...

Voz Fem.- Quando eu tiver cerrado os meus olhos para sempre, você será entregue a uma mulher que é uma víbora. Já deixei minhas determinações, neste sentido, com o Padre Jacinto. // Ele tem a minha carta fechada que só deverá abrir depois que eu morrer. Você, minha filha, irá morar com essa mulher para vingar a sua mãe de todas as lágrimas que ela me fez chorar. (S) Eu poderia ter sido muito feliz, se não fôsse a preponderância dela junto ao irmão que tanto me adorava e que ela não consentiu que se casasse comigo. Tanto ele me queria - tanto - que não podendo viver ao meu lado, acabou dando fim à existência e deixando-me perdida no turbilhão da revolta e da descrença. E foi você a causa ou a desculpa da oposição daquela víbora. Ela alegava que uma mulher solteira e que trazia nos braços uma filha de ninguém, não estava à altura de carregar o nome ilustre da sua família. Ela não quis aceitar que eu tivesse sido iludida por meu noivo e nem crer que, me casando com o irmão dela seria capaz de me tornar tão digna dele como as mais dignas. Por isso, minha filha, você irá para a companhia dela (não acredito que ela seja capaz de recusar-se ao pedido de uma morte e à insistência do Padre Jacinto que é o seu confessor) mas a sua missão naquela casa será a de semear a desgraça e a discordia entre todos os que tenham o mesmo sangue de víbora. // Não se esqueça nunca desse detalhe, Maribel: você irá para a casa dela com o fim exclusivo de levar a termo uma vingança que eu, em consequência da depressão que o sofrimento me causou, não tive forças para realizar.

Maribel - Ela tinha razão. Dona Elisabeth é uma víbora, seu Miguel, uma víbora! Houve algumas vezes em que eu cheguei a ultrajar a memória da minha mãe, julgando-a exagerada, mas o senhor, agora, me trouxe a seguran

ga de que ela estava certa e de que eu devo cumprir a missão que me foi outorgada.

Miguel - Não, minha filha, espere. Não se precipite em fazer coisas que não deve. Pelo menos por óra você precisa ter muita calma e muita prudência, para que não fique prejudicada. Vamos, antes de mais nada, combinar como as coisas deverão ser feitas.

Maribel - Não, seu Miguel, eu não quero combinar coisa alguma. Prometo-lhe que procurarei ter calma e prudência, mas desejo agir por mim, da maneira que me pede o coração.

Miguel - Está bem, minha filha, já que você me promete calma e prudência, isso me tranquiliza.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Elisabeth - Maribel, não esqueça que o doutor nos espera hoje às três horas. ~~Estéja~~ Esteja pronta um pouco antes, para que não cheguemos tarde.

Maribel - Eu ~~já~~ não vou, dona Elisabeth. Ia justamente avisar à senhora para que não se aprontasse inutilmente.

Elisabeth - Você não vai? Mas como não vai? Por que? Pois não combinamos que seria hoje o dia em que tudo ficaria resolvido?

Maribel - Combinamos, sim, eu sei, mas acontece que resolvi outra coisa.

Elisabeth - Mas como você pode resolver outra coisa, depois que está tudo acertado de uma determinada forma, menina? Que aconteceu? Fale.

Maribel - Eu tive um sonho com minha mãe esta noite e ela estava muito zangada comigo pelo que eu ia fazer. Tão zangada, que me dava as costas e falava sem olhar para mim. Quando acordei, estava banhada em suor e parecia que ouvia, de dentro de mim mesma, uma voz de criança que me gritava: assassina, assassina!... (Pausa e tom) Senti uma angústia tão grande, uma pressão tão forte no meu peito, que tive a impressão de que ia morrer. Diante disto, depois de muito pensar, resolvi que deixaria meu filho nascer, fossem quais fossem as consequências que pudessem advir.

Elisabeth - Mas você está louca, menina?!... Você não compreende que aí estará tudo perdido para você?!

Maribel - Perdido por que? Eu não compreendo...

Elisabeth - Você já se esqueceu da advertência que eu lhe fiz a propósito da lembrança constante que a presença do seu filho despertaria no espírito do Roberto? É claro que para casar com você ele precisará perdô-la, para perdô-la ele precisará esquecer e para esquecer não deve existir nada que lhe recorde a sua loucura.

Maribel - Dona Elisabeth, eu tenho um ponto de vista diferente do seu, nesse particular. Acho que quando um homem ama verdadeiramente uma mulher, será capaz de perdô-la até com dois ou três filhos pendurados à sua saia.

Elisabeth - Mas não um homem que preze o seu nome e tenha vergonha.

Maribel - O verdadeiro amor põe de lado todas essas pequenas coisas.

Elisabeth - Pequenas coisas, você disse?!... Mas como pequenas coisas?!... Então a dignidade, a vergonha e o respeito humano podem ser considerados coisas pequenas? Não pensei que você tivesse sido criada com essa noção

pode crer. Para mim e para a minha família essas coisas que você considera pequenas, são gigantescas e fundamentais. Por isso é que lhe afirmo que se você persistir na sua teimosia de deixar nascer esse filho, terá perdido o seu amor para todo o sempre.

Maribel - Dona Elisabeth, a senhora quer que eu lhe fale com franqueza? A senhora sabe, muito bem, que o meu amor já está perdido para mim há muito tempo.

Elisabeth - Como sei? Por que? Você é que parece não me conhecer bem, a ponto de duvidar que eu possa ter tanta influencia no espírito do meu filho.

Maribel - Não, a senhora está enganada. Justamente por lhe conhecer bem e saber da sua influencia junto aos seus filhos, é que eu tenho a certeza de que jamais alcançarei o que tanto desejo.

Elisabeth - Você quer dizer, com isto, que eu não permitirei que Robert lhe perdoe e se case com você?

Maribel - Exatamente. É isso o que eu penso, dona Elisabeth.

Elisabeth - Mas eu não lhe prometi que intercederia em seu favor?

Maribel - Prometeu, mas não vai cumprir.

Elisabeth - (levanta a voz) Você está louca, menina, ou andou bebendo?

Maribel - (calma) Nem uma coisa nem outra.

Elisabeth - Quem lhe meteu essas tolices na cabeça?

Maribel - Ninguém. São coisas que eu sinto por intuição.

Elisabeth - Mas agora, quasi no fim, é que você resolve ter essa intuição?

Maribel - Porque só agora, depois do meu sonho, é que fui pensar mais detidamente no assunto. Antes, deixava-me levar pelos seus conselhos, sem considerá-los.

Elisabeth - Você está nervosa e perturbada, o que aliás é muito natural no seu estado. Trate de descansar um pouco depois do almoço e deixe para resolver mais tarde o que fará.

Maribel - Não, dona Elisabeth, não deixarei para resolver mais tarde porque já estou resolvida. Eu não farei nada para que meu filho deixe de nascer.

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Elisabeth - (depois de pausa, seca) É a sua última decisão?

Maribel - Sim. É a minha última decisão.

Elisabeth - (pausa) E você está bem certa do que isso lhe custará?

Maribel - Estou, mas mesmo assim continuo firmemente resolvida a não alterar a minha decisão.

Elisabeth - Está muito bem. Então... trate de arrumar tudo o que é seu e procurar qualquer canto onde abrigar-se, porque na minha casa você não poderá continuar.

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO, EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Elisabeth - (depois de pausa) Ouviu o que eu lhe disse, Maribel?

Maribel - Ouvi.

Elisabeth - Insiste na sua teimosia?

Maribel - Insisto.



Elisabeth - Ainda ha tempo de recuar.

Maribel - Não quero.

Elisabeth - Muito bem, hoje à noite você já não estará mais na minha casa. Tra<sup>ta</sup>te, portanto, de arranjar desde já onde ficar. (TOM) Você não sabe quem sou eu, menina. Você não sabe quem sou eu.

Maribel - A senhora é que pensa que eu não sei. Mas não julgue que me assus<sup>to</sup> da senhora. Para isso sou filha de Carolina Lancaster, a quem a senhora deve muito e há de pagar, ouviu bem? Há de pagar!...

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

## 21º Capítulo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA.

Luiza - A sinhá me mandô eu aqui arrumá a bagaglia de suncê, minha fia. Suncê vai viajá?

Maribel - Não, Luiza. Vou-me embora desta casa.

Luiza - Uê, minina, suncê tá loca? Que é que aconteceu?

Maribel - Dona Elisabeth me mandou embora.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA.

Luiza - Que é que suncê disse aí que eu num intindi direito? //

Maribel - Qui dona Elisabeth me correu da casa dela, Luiza, é isto.

OPERADOR - SETE O ACORDE, SEM CORTAR.

Luiza - Num pode sê. A sinhá num bebe bibida de arco, como é que ia fazê uma coisa dessas? //

Maribel - Pois é a pura verdade o que eu estou te dizendo.

Luiza - Mas o que é que houve entre suncêis, minina, pra acontecê uma coisa assim? //

Maribel - Houve que eu hoje resolvi que o meu filho nasceria e ela não se conformou com a minha resolução.

Luiza - Suncê arresorveu memo isso, minha fia? Óra gracias a Deuse que o juizo inda vortô em tempo na cabeça de suncê. Acho que foi de tanto eu rezá e pidi pra Deus Nosso Sinhô. //

Maribel - Você bem sabe que eu sempre desejei isto, mas depois dona Elisabeth me aconselhou que eu devia fazer o contrário e, para me convencer, veio me fazer falsas promessas de que convenceria Roberto a esquecer tudo e se casar comigo. Ora, diante disto, eu, que o adoro, não quis mais pensar em qualquer outra coisa. Acontece que hoje eu tive a certeza de que ela estava me enganando e resolvi reagir. O resultado foi este: run comigo.

Luiza - Mas isso é uma barbaridade que a sinhá tá fazendo. Eu vô fazê vê a ela que ela num pode ajogá suncê no meio da rua. //

Maribel - Não, Luiza, deixa. Não te preocupes. Eu não estou aborrecida nem assustada de sair.

Luiza - Mas se suncê num tem pra donde í, minina! Pulo meno deixa eu arranjá. //

Maribel - (corta) Quem é que te disse que eu não tenho para onde ir, Luiza? Tenho, sim. Tive um oferecimento de uma pessoa amiga e foi esse oferecimento que me animou a enfrentar dona Elisabeth e não ceder às suas exigências.

Luiza - E ela sabe quem é, minha fia? //

Maribel - Ela não sabe nem que eu tenho essa pessoa, quanto mais quem é. E nem deve saber mesmo, Luiza. Nem ela, nem os rapazes. Só a ti eu vou dizer para onde vou, mas te peço que guardes segredo absoluto, principalmente para não comprometer a pessoa que me dá abrigo.

Luiza - Eu acho que já tô sabendo quem é, minha fia. Foi o seu Wi... //

Maribel - (corta assustada) Psiu!... Cuidado! Nem pronuncies alto o seu nome que alguém pode te ouvir.

Luiza - Num tem ninguém em casa, minha fia, num tem pirigo. Foi ele, num foi? //

Maribel - Foi ele, sim, mas não devemos dizer uma só palavra a quem quer que seja, para não prejudicá-lo. Não temos o direito de pagar o bem com o mal.

Luiza - Deus me livre, minha fia! / Suncô pode ficá adescansada que a nêga váia num vai falá nada pra ninguém, não. //

Maribel - Foi ele, também, que me contou que ela não tinha nenhuma intenção de me ajudar a casar com o Roberto.

Luiza - Bão, minha fia, isso a nêga váia nunca se inludiu. / A nêga num quirta di sê nada pra suncô, pra não sê farsa oa sinhá, mas ela tava sabendo que suncô tava sendo inganada. / E par isso que a nêga tinha mais pena de suncô fazê qualquer bobage pra invitá o inocente. / Suncô sabe que todos os dia a nêga váia pidia pra São Benedito: / tampa a minha boca e abre o óio dela. / E tanto pediu, tanto pediu... / que o negrinho atendeu. / Óis que a nêga já nem podia mais drumi. / Já tava intê desposta a priguntá pro Pai Matia o que é que ela devia de fazê. //

Maribel - Agora já não é mais preciso. São Benedito atendeu às tuas preces.

Luiza - Agora, minha fia, nós temo de se alembra do inocente que vem por aí e começá a perpará as ropinha pre ela. / A nêga hoje nêmo já vai começá. / Vai fazê uns sapatinho. //

Maribel - Bem, mas vamos deixar de conversa e tratar de arrumar a minha mala, Luiza. / Abre as gavetas daquela cômoda e vai me alcançando tudo tudo que tem lá dentro que eu já vou botando nas malas.

Luiza - Sim, minha fia. //

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Maribel - Pronto, está tudo arrumado. Vou aproveitar para sair enquanto ela não está, Luiza.

Luiza - Vai, minha fia, vai. //

Maribel - Si ela te perguntar qualquer coisa, tú não sabes de nada, entendeste?

Luiza - (chorosa) Num sei, não, minha fia, pode ficá adescansada. //

Maribel - Não fiques triste, Luiza, eu tenho certeza de que vou ser muito feliz lá onde eu vou.

Luiza - (fungando) Vai, sim, minha fia, vai. / A nêga váia vai rezá bastante pra suncô. / E de vez em quando, quando a nêga pudê, ela vai lá visitá suncô na casa do seu Migué. //

Maribel - Pois então está combinado, Luiza. Aparece que eu terei sempre muito pra ser nas tuas visitas. Agora eu quero te recomendar uma coisa: tú vais dar um recado meu a cada um dos rapazes da casa, ouviste?

Luiza - Pode dizê, minha fia. //

Maribel - Darás a cada um deles um abraço que eu mandei, com os meus melhores votos para que sejam todos muito felizes.

Luiza - Todos, minha fia?! //

Maribel - Todos, Luiza.

Luiza - Intê nêmo o Renato? //

Maribel - Sim, Luiza. Ele não foi o maior culpado do que aconteceu. No desejo de vingar-me de Roberto e cumprir as disposições de minha mãe, utilizei-me dele como elemento de vingança e de discordia. Ele, coitado, foi mais uma vítima do que um algoz.

- Luiza - A vingança só traz essas cousas, minha fia; arripindimento e dissipa-  
ção. Deus num qué que a gente gualde vingança nem ódio no coração. //
- Maribel - Hoje eu sei, Luiza. Aprendi isso à minha própria custa e quando, des-  
graçadamente, já fêra muito tarde para recuar.
- Luiza - Pois é. (Pausa e tom) Suncê num qué malí os meus fio, num é mêmo? //
- Maribel - Absolutamente. Nem podia ter motivos para os querer mal. Raul é uma  
pérola das maiores e mais raras que se pode encontrar nos tempos atu-  
ais. Roberto... bem, quando se ama e se adora um homem como eu o amo  
e adoro... não é possível que reste no coração um lugarsinho, qualquer  
por pequeno que seja, para qualquer outro sentimento. E Renato... Rena-  
to é um produto da época. Um rapaz aloucado, sem muita noção de respon-  
sabilidade, mas no fundo um excelente coração. Logo... eu posso repê-  
tir como a mãe deles diz, constantemente: são três amores, realmente.  
(TOM) Bem, Luiza, eu quero sair antes que dona Elisabeth volte para  
casa. Vai buscar um automovel para mim ali na esquina, sim?
- Luiza - Já vô buscá já, já, minha fia, mas suncê num precisa tê medo que ela  
num vai voltá, inhante de suncê saí. / Ela num teve corage de vê, por  
isso que ela ganhô a rua. / Dexa, minha fia, dexa ela. / Num fica cum rei-  
va dela, não. / As coisa máli feita que as pessôa fais pra gente, Deuse  
toma conta, pur isso suncê trate de se esquecê dela, sabe? //
- Maribel - Não sei, Luiza. O que eu sinto por dona Elisabeth e o que eu serei  
capaz de fazer contra ela... não posso justamente precisar. Talvez con-  
siga perdô-la e esquecer... mas garantir que o faça, pelo menos por  
óra não será possível.
- OPERADOR - CORTINA MUSICAL.
- Raul - Mãme, eu preciso conversar um momento com a senhora. Pode me atender?
- Elisabeth - Tem que ser agora, meu filho? Eu estou tão atrapalhada...
- Raul - A senhora não está atrapalhada, está é fugindo ao assunto desde ontem.
- Elisabeth - Como fugindo ao assunto? Que tolice é essa? Como posso fugir a um as-  
sunto que nem sei qual é?
- Raul - A senhora está sendo insincera, mãme. A senhora sabe, perfeitamente,  
o que me traz à sua presença, mas como não deseja debater a questão,  
procede da maneira mais fácil, evitando conversar comigo.
- Elisabeth - Pois se você pretende debater uma questão que já de antemão sabe que  
eu não desejo discutir, por que insiste?
- Raul - Porque acho que o meu dever é alertá-la.
- Elisabeth - Alertar-me?! Contra quem?
- Raul - Contra a senhora mesma.
- Elisabeth - Você pretende alertar-me contra mim? É uma charada que foge à minha  
percepção, Raul. Fale mais claro, si quer que eu entenda.
- Raul - Mãme, a senhora está se deixando cegar pela obsessão de defender a  
nossa felicidade a qualquer preço e, sem perceber, está pecando contra  
os sagrados princípios da solidariedade humana que a religião nos espon-  
ta. Como pode a senhora jogar no meio da rua uma manina que não con-  
tava com outro apôio sinão o seu?!
- Elisabeth - Não fui eu que a joguei na rua. Foi ela mesma.

- Raul - Não, mãe, Maribel não sairia daqui por sua espontânea vontade, mormente sabendo que não teria para onde ir.
- Elisabeth - Raul, eu sei o que faço e digo o que sei. Maribel saiu desta casa unicamente porque preferiu sair a sujeitar-se às minhas exigências. Foi isso, apenas, o que aconteceu. Não lhe concedo, portanto, o direito de me censurar.
- Raul - E que exigências foram essas que ela se negou a cumprir? Até agora, que eu saiba, ela tinha se sujeitado a tudo que a senhora queria.
- Elisabeth - Raul, eu não sei por que cargas d'água estou atendendo às suas impertinências, em todo o caso, considerando que você é o meu filho mais velho e o mais sensato de todos, além de que eu sinto que você está querendo culpar-me de uma situação que fiz tudo para evitar, vou lhe contar, excepcionalmente, os fatos que cumularam com a saída daquela louca. (TOM) Você teve conhecimento da aventura dela com o Renato, não foi?
- Raul - Tive.
- Elisabeth - E você soube, também, que o plano dela era casar-se com ele, mesmo sabendo que não o amava, não soube?
- Raul - Bem, quer dizer... eu achei que ela queria se casar com ele pelo que havia sucedido entre os dois e devo lhe dizer que, até certo ponto, achei justo o que ela desejava.
- Elisabeth - Pois eu não achei. Uma mulher que se entrega a um homem sem amá-lo e depois pretende uma reparação por parte desse homem, é uma aventureira. E foi por isso que resolvi usar com ela as mesmas armas que ela estava usando com os meus filhos. Prometi-lhe Roberto, que era a quem ela verdadeiramente amava - sei lá se amava mas pelo menos era, de vocês, o que mais a interessava - e com a promessa que lhe fiz consegui que ela se desinteressasse do Renato, que, tal como eu esperava, em menos de dois meses estava completamente esquecido dela. Quando parecia que tudo estava se encaminhando para a perfeita normalização, eis que nos surge uma tremenda complicação daquela aventura.
- Raul - Mãe... será que ela...
- Elisabeth - (depois de pausa, como quem responde a um gesto) Isso. Exatamente.
- OPERADOR - ACORDE TRÁGICO EM PUNDO, SEM CORTAR A CENA.
- Raul - Mãe!... Que horror!... E a senhora...
- Elisabeth - (emenda) ... eu quis que ela fizesse desaparecer os vestígios dessa loucura e a princípio ela concordou. De repente, não sei porque cargas d'água, deu para querer deixar nascer o filho. Você sabe o que essa criança seria capaz de fazer dentro da nossa casa, Raul?
- Raul - Não sei, mãe, só sei que estou boquiaberto da sua tremenda coragem. Quer dizer que a senhora botou Maribel na rua, porque ela se negou a evitar o nascimento de seu filho?
- Elisabeth - E você acha pouco?!
- Raul - Acho uma ignomínia, uma atrocidade, uma deshumanidade o que a senhora fez com essa menina. Saiba, mãe, que a senhora me causou, com esse seu gesto, a maior decepção de toda a minha vida!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

PUBLICIDADE.

Raul - Saiba, mãe, que a senhora me causou, com esse seu gesto, a maior das decepções de toda a minha vida.

Elisabeth - Raul, você não sabe o que está dizendo.

Raul - Mas sei o que estou sentindo, mãe. Nunca pensei que num coração de mulher, num coração de mãe, especialmente, houvesse lugar para um sentimento da natureza desse que a senhora demonstrou, jogando à rua uma criança, quase e, o que é pior, no estado em que diz que ela está sabendo que ela não conta com meios para se manter e nem com amigos que possam ajudá-la. O que é isso, mãe? Responda. O que é isso? Não é uma deshumanidade? Uma tremenda deshumanidade? Não posso classificar de outra maneira seu malfadado gesto e lamento, profundamente, que ele tenha se originado no coração de uma mulher que eu considerava a primeira entre todas, a excepcional, a valerosa, a única. Hoje, agora, neste momento, essa mulher que era um ídolo para mim, não mais poderá ocupar, no altar da minha imaginação, o lugar de honra em que eu sempre a colocava. Sua imagem ficará desfeita em cacos e creio que nunca mais, infelizmente, conseguirei recompô-la. A senhora nunca mais...

Elisabeth - (corta, forte) Chega, Raul, chega!... Isso também é demais. Guarde o respeito que me deve como filho, embora seja um homem. Não permitirei que você me diga nem ~~mais~~ mais uma palavra desagradável.

Raul - Não será preciso, mãe. Eu já disse tudo que pensava. Tudo que tinha a dizer. Espero, agora - e esta é a minha última esperança - que as minhas palavras caem no seu espírito e que a senhora reconsidere o seu gesto, mandando procurar e recolher a criatura que expulsou.

Elisabeth - Não tenha maior cuidado porque isso não acontecerá. Em toda a sua vida você jamais me viu dar um passo atrás. Não há de ser agora e por causa de uma aventureira, que quebrarei minha norma.

Raul - Lamento, mãe. Com licença.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE APASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA EM 20 P.

Elisabeth - Mandar procurá-la e trazê-la de volta à minha casa!... Era só o que me faltava!... Era só o que me faltava!... O espírito daquela demônio que se chamou Carolina Lancaster teima em transformar num inferno a minha casa, mas eu hei de vencê-la! Hei de vencê-la!...

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

CONTRA REGRA - DISCOA CINCO NÚMEROS. ESPERA AS CHAMADAS E O RUÍDO DE LEVANTAR FONE DO OUTRO LADO DA LINHA.

Renato - Alô! É a Iracema? (Pausa) Sou eu, querida. (Pausa) Zangada comigo? Por que? Que foi que eu fiz? (Pausa) Prometi telefonar às cinco horas? Mas que horas são? (Pausa) Quasi sete? Ah, então foi a você que eu prometi às cinco. Desculpe, não foi por mal. (Pausa) Não, não, que outra garota, coisa nenhuma. Você sabe que é única na minha vida. (Pausa) Não acredita? Acredita, sim. Eu sei que você acredita. Escute, querida, eu estou ajoelhado aos seus pés pelo meu atraso. Você me perdona, não é verdade? (Pausa) Vai pensar o que? Tem que perdoar, sim. Olhe, para que você tenha uma compensação pelas duas horas que esperou o meu telefonema, depois do jantar vou roubar meia hora aos estudos e vou vê-la. E

tá bem? (Pausa) Vou, sim, de verdade. Quero lhe pedir perdão de viva voz. (Pausa) Está bem, irei, sim. Pode esperar com certeza. Até logo então, meu amor. (Pausa) Um beijo, querida. (Pausa) Até logo.

CONTRA REGRA - COLOCA FONE NO GANCHO.

Renato - Óra, já se viu a tremenda confusão que eu fiz?! Não era para a Iracema que eu tinha ficado de telefonar às sete horas. A Iracema era às cinco. E com toda a certeza a Diva não estava em casa às cinco horas porque eu fiquei de lhe telefonar às sete. Eu tenho que comprar um caderninho para tomar nota de todos esses compromissos, senão acabo mesmo é metendo os pés pelas mãos. Esta noite, por exemplo, eu tenho que telefonar para a Terezinha, a Márcia Helena e a Iris, mas pensa que eu me lembro das horas que prometi a cada uma? Nesta altura já fiz uma confusão dos diabinos.

CONTRA REGRA - PASSOS DE MULHER QUE SE APROXIMAM.

Elisabeth - (vindo) Ué, meu filho, que é isto? Você está falando sócinho?

Renato - Estou aqui vendo se descubro as horas em que prometi telefonar a três garotas diferentes.

Elisabeth - Três, meu filho?! Logo três?! Puxa que você é insaciável!

Renato - Si a gente não faz assim, mãe, a vida passa e a gente não aproveita.

Elisabeth - Ouça aqui, meu filho: você não sente mais nada por Maribel?

Renato - Não, mãe.

Elisabeth - Nada mesmo?! Absolutamente nada?

Renato - Sabe o que tenho, às vezes, quando me lembro dela, mãe? Pena.

Elisabeth - Pena, por que?

Renato - Porque... bem, eu nem sei explicar direito porque. Talvez pelo que sei a seu respeito.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM GORTAR A CENA.

Elisabeth - (choque) Pelo... pelo que você sabe?! Mas que sabe você que lhe possa causar pena?

Renato - O que a senhora também sabe, mãe.

OPERADOR - NOVO ACORDE, SEM GORTAR A CENA.

Elisabeth - (choque) Meu filho... quem lhe falou sobre esse assunto?! (Pausa) Vamos, responda, Renato. Quem lhe falou sobre isso?

Renato - Mãe, é... é necessário que eu diga?

Elisabeth - Claro. Si estou lhe perguntando é porque desejo saber. Exijo que você me diga quem lhe fez a par de um segredo que era só meu e dela.

Renato - Óra, eu vou dizer. Afinal... foi ele mesmo quem me contou... (TOM) Foi o seu Miguel.

Elisabeth - (ódio) Velho caduco! Traidor! Aposto que veio catequisá-lo para que você desse nome ao filho; não foi isto?

Renato - Exatamente.

Elisabeth - E você? Que lhe respondeu?

Renato - Que não faria nada que contrariasse as suas deliberações.

Elisabeth - Muito bem, meu filho. Veja que ao menos em você eu posso confiar. Sabe que a mandei embora por causa disto?

Renato - Mandou-a embora?!... Bem... eu não creio que houvesse necessidade da senhora chegar a esse extremo, mãe.

Elisabeth - Havia necessidade, sim. Eu sei porque fiz isso, meu filho! Eu sei.

Renato - Bem, a senhora sempre sabe o que faz e não cabe a mim discutir as suas determinações, mas parece-me que justamente neste momento ela deveria ser amparada por nós.

Elisabeth - Eu quis ampará-la, meu filho, mas ela se recusou a receber o meu apoio. Queria, naturalmente, fazer do filho uma arma para prender a você. Eu compreendi isto e foi a razão porque a mandei embora.

Renato - Bem, mãe, é como eu já lhe disse: a senhora sabe o que faz.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Roberto - Mãe, que se passa com Maribel que há mais de três dias que não a vejo? Ela está doente?

Elisabeth - Não, meu filho, Maribel não está mais nesta casa.

OPERADOR - ACORDE AGUDO SEM CORTAR A CENA.

Roberto - (choque) Como?!... Maribel não está mais nesta casa, a senhora disse?

Elisabeth - Não, meu filho.

Roberto - Mas não é possível!... Para onde foi ela?

Elisabeth - Não sei, meu filho.

OPERADOR - NOVO ACORDE AGUDO SEM CORTAR A CENA.

Roberto - (choque) Como?!... A senhora... a senhora não sabe para onde ela foi?!... Eu não estou entendendo, mãe.

Elisabeth - Meu filho, ela preferiu ir embora, entende? Eu não tinha o direito de retê-la.

Roberto - Não, mãe, essa história não está bem contada. Eu quero saber, dirá-me, o que aconteceu.

Elisabeth - Para que?! Ela lhe interessa tanto assim? Isso me surpreende.

Roberto - Mãe, não se viviam tantos meses ~~impunemente~~ de convivência impunemente. Im que pesem as razões que eu possa ter de Maribel, no fundo eu a queria bem. Habituei-me a vê-la todos os dias, a falar com ela de vez em quando, a receber um olhar, um sorriso, uma palavra amável... é claro que agora tenho curiosidade de conhecer as razões que a fizeram abandonar nossa casa, principalmente quando eu sei que ela não tem meios para viver sozinha e nem pessoas amigas que possam recolhê-la.

Elisabeth - Tudo isso eu fiz ver a ela, no momento de decidir. Ela quis assim, não me achei com direito de retê-la à força.

Roberto - Mas você não quer me contar o que se passou? A razão porque chegou a esse extremo?

Elisabeth - São razões tão tolas, meu filho, tão banais e sem interesse que nem vale a pena repetir. Esqueça-a que é a melhor coisa que você faz.

OPERADOR - CORTINA RÁPIDA.

Roberto - Mãe, acabo de saber o que realmente se passou entre a senhora e Maribel e não pode conter a minha indignação. Sou seu filho, devo-lhe a obediência e respeito, mas não posso deixar de manifestar-lhe a minha profunda repulsa pelo seu gesto.



Elisabeth - (crescendo) Cale-se, Roberto. Eu não admito que me fale nesse tom.

Roberto - Mas eu preciso falar, mãe. Eu não posso conter o que sinto em meu peito. A senhora procedeu como uma mulher egoísta e má.

Elisabeth - (idem) Roberto, você se esquece que está falando com sua mãe?

Roberto - Não, mãe, não me esqueço e si pudesse esquecer talvez não estivesse sofrendo tanto com a baixeza do seu gesto.

Elisabeth - (forte) Roberto, você está louco? Você nunca me disse essas coisas.

Roberto - Porque nunca senti tão forte, em meu peito, o desejo de dizê-las, como hoje. A senhora não tinha o direito de atirar no meio da rua uma criança desamparada e que lhe foi entregue por um sacerdote.

Elisabeth - Uma aventureira leviana e calculista é o que ela é.

Roberto - Leviana e calculista... mais do que a senhora foi?

Elisabeth - (indignada, gritando) Cale-se, Roberto. Eu não admito que você me insulte.

Roberto - (marcando palavra por palavra) O seu gesto, mãe, foi o de uma mulher sem classe, de uma mulher...

Elisabeth - (no auge da raiva) Cale-se, Roberto, eu já lhe disse. Cale-se porque eu estou a ponto de fazer uma violência.

Roberto - ... uma mulher vulgar... uma mulher...

CONTRA REGRA - VIOLENTA BOFETADA.

Roberto - (choque) Mãe!... (pausa longa, tom de mágoa) A senhora me esbofetou!...

Elisabeth - Da mesma forma que você estava me esbofetando, chamando-me de mulher vulgar e sem classe. E eu lhe avisei que não me obrigasse a uma violência. Você não me ouviu... não tem do que se queixar, agora.

Roberto - Está bem, mãe, com licença.

CONTRA REGRA - PASSOS DE HOMEM QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA COM ALGUMA FORÇA EM SEGUNDO PLANO.

Elisabeth - (depois da pausa) Eu não sei que consequências poderão advir desse meu gesto, mas... sejam elas quais forem... eu não voltarei atrás. Elisabeth Agripina Vasques Argentan jamais foi vencida por outra mulher, não o será, agora, por uma menina tola e leviana!

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO CAPÍTULO.

22º Capítulo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

- Miguel - Eu lhe peço desculpas das acomodações que lhe ofereço, menina, mas infelizmente não disponho de nada melhor.
- Maribel - Está ótimo, seu Miguel, ótimo. Nem sei como lhe agradecer.
- Miguel - O quarto é pequeno e mal mobiliado. Para quem estava habituada ao luxo e ao conforto do palacete de Elisabeth, não deve ser nada grave, mas ..... vel uma mudança tão brusca, mas .....
- Maribel - (corta, suave) Seu Miguel, por favor ... O senhor sabe que ofereceu um cantinho do céu a quem vivia num inferno e só o que tenho a lamentar é o incômodo que lhe estou dando.
- Miguel - Incômodo?! Óra, menina, francamente! Você nem sabe a alegria que traz à alma deste pobre velho com a sua presença neste apartamento tão triste e tão escondido. É horrível viver-se só, quando já começa a nos faltar o calor da vida. Nos dias sombrios, principalmente, os cantos de uma casa vazia parecem tenazes que nos oprimem o coração. A gente anda e se arrasta pela solidão da casa, conversando com as próprias lembranças e falando alto pela necessidade de ouvir nem que seja a nossa própria voz, para evitar que as lembranças pesem e o silêncio abafe. Você, menina, se quiser ficar comigo, será um raio de sol na sombra que me envolve.
- Maribel - Eu ficarei, sim, seu Miguel, pelo menos ... até que meu filho tenha nascido. Depois .....
- Miguel - (depois de pausa) Depois, o que?
- Maribel - Bem ... depois eu não posso saber o que virá a ser da minha vida.
- Miguel - Enquanto este velho tiver força e alento, você não terá que se preocupar nem por você nem pela criança. Terão sempre, aqui, tudo que as minhas forças permitirem. (TOM) Já tratei uma empregada que virá amanhã, afim de que você não tenha que se envolver com a lida-da casa, sabe?
- Maribel - Não era necessário seu Miguel. Seria até uma distração para mim cuidar de todos esses detalhes.
- Miguel - Não, não. Você tem que cuidar de sua saúde e de aprontar o enxoval do seu filho que, ao que me conste, ainda não tem nada; não é verdade?
- Maribel - Bem, não tem, realmente, mas ... por força das circunstâncias.
- Miguel - Eu sei, mas agora nós também trataremos disso. Eu tenho a impressão de que vamos nos dar muito bem; você sabe?
- Maribel - Espero que sim.
- Miguel - Bem, então agora vamos tratar do nosso jantar. Hoje ainda tive que mandar vir comida de fora porque a empregada só vem amanhã.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Luiza - É Uê, meu fio, que é isso? Suncê vai viajá? Pra que essas mala aberta?

Roberto - Não, Luiza, não vou viajar, mas vou-me embora desta casa para sempre.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA.

Luiza - Que é que suncê disse? Que vai simhora desta casa? Mas vai simhora pra donde, meu fio? Por que? Que foi que aconteceu?

Roberto - Si olhares para o meu rosto, has de encontrar, ainda, a marca de bofetada que minha mãe me deu.

OPERADOR - REPETI: O ACORDE SEM CORTAR A CENA.

Luiza - A sinhá deu bofetada no rosto de suncê, meu fio? Num pode sê!...

Roberto - Procura ver e terás que acreditar. De tal forma sinto a fase em fogo, que ela, com corteza, tem que estar vermelha.

Luiza - Dexe vô, meu fio. (Pausa) Nossa Senhora! Tá intê a malca dos dedo. A sinhá tá ficando loca? Que é isso agora?

Roberto - É tudo porque eu censurei o seu procedimento de expulsar Maribel desta casa, para jogá-la no meio da rua, ao sabor da sua própria sorte.

Luiza - Eu já num sei mais o que é que tá acontecendo ca sinhá, meu fio. Juro que num sei. Ela tá tão deferente, tão danada, que nem parece mais a minha pessoa. Eu acho que ela num precisava era fazê um tratamento pro servo, mas nem se pode falá pra ela em semelhante coisa, Deus nos livre! Mas que ela precisava ela precisava. Óra adonde que se viu-se em dá uma bofetada na cara dum fio como suncê? Um fio home e um home direito.

Roberto - Você não pode imaginar, Luiza, o meu desespero em deixar esta casa.

Luiza - Mas nesse caso pru qué que suncê vai dexá?

Roberto - Porque o meu brio e a minha vergonha estão a reclamar de mim este gesto.

Luiza - Seus irmão vão ficá munto triste e ela tombem porque depois que a rai va passá eu tenho corteza que ela vai se arrependê do que fez.

Roberto - Mas quando o arrependimento vier, eu com corteza já não estarei mais aqui.

Luiza - É Iscuíta, meu fio, espera um mucado pra vô si ela vem pidi disculpa pra suncê.

Roberto - Quem? Minha mãe pedir desculpa a um filho? Você nem parece que a conhece há tanto tempo, Luiza. Ela poderá se arrepender, não digo que não, mas desculpas... ela jamais as pedirá.

Luiza - Iscuíta, meu fio, arresponde a um prigunta que a nêga vóia vai lo fazê e si ela se arrependesse e viesse pidi pra suncê ficá, suncê ficava?

Roberto - Talvez ficasse, não sei, porque não penses que não me custa sair, Luiza. Esta foi sempre a nossa casa, a casa que meu pai construiu com tanto carinho e onde nós nos criamos, onde brincamos, onde crescemos e onde os nossos sonhos floresceram e as nossas decepções foram choradas. Ela faz parte integrante da nossa vida e deixá-la é como deixar um pedaço do meu próprio coração.

Luiza - Pois então inspera um mucado mais, meu fio, num sai hoje. Dexe pra sai apinhá. Pode sê que se dê-se o milagre e ela venha pidi pra suncê ficá.

3

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Raul - Mãe, eu vim falar com a senhora a respeito de Roberto.

Elisabeth - Que é que tem o Roberto?

Raul - A Luiza me contou que ele está preparando as malas para ir-se embora.

OPERADOR - ACORDE AGUDO. SEM CORTAR

Elisabeth - Ir-se embora? Mas ir-se embora para onde?

Raul - Não sei. Não entremos em maiores detalhes. Sei, apenas, que ele já está com as malas feitas para sair amanhã de manhã. A menos que...

Elisabeth - (depois de pausa) A menos o que?

Raul - Que a senhora vá falar com ele e o convença de ficar.

Elisabeth - Ele é que terá que vir falar comigo antes de sair. Terá que vir pedir-me desculpas pelas ofensas que me dirigiu.

Raul - Mas mãe, a senhora o esbofetecul-

Elisabeth - Ah, com que então tú já sabes? Ele foi se queixar?

Raul - Não senhora. Ele apenas se viu na contingência de contar o fato à Luiza, em face dela ter insistido em saber o motivo daquela sua resolução.

Elisabeth - E a bibliotecária foi logo correndo contar-lhe a novidade, não é?

Raul - Também não, mãe, não seja injusta. Ela foi me pedir, apenas, que fôsse convencer o Roberto a ficar. Eu é que achei que deveria falar com a senhora e não com ele.

Elisabeth - É por que pensaste assim?

Raul - Porque me pareceu que competia à Senhora procurar reparar a falta cometida num acesso de raiva momentânea, com toda a certeza.

Elisabeth - Caga, Raul! eu sei bem o que fiz e porque fiz e se o Roberto tornasse a me chamar de mulher sem classe e vulgar, como ele o fez, eu tornaria a esbofetear-lo tantas vezes quantas fossem necessárias para fazê-lo calar.

Raul - Mãe, eu sei perfeitamente que a senhora não deseja que Roberto saia desta casa, assim como tenho certeza absoluta de que também ele deve estar desesperado pela expectativa de ser forçado a nos abandonar. Bastará, portanto, um entendimento entre os dois para que tudo se concilie. Por que evitar esse entendimento, quando eu estou certo de que, no fundo, todos os dois o desejam?

Elisabeth - Eu jamais poderia formular a hipótese de que um dos meus filhos, um dia, seria capaz de me abandonar e deixar esta casa que seu pai construiu para todos e que de todos tem sido. Hoje Roberto entendeu de me ofender e desrespeitar, assumindo a defesa de uma mulher leviana e indigna e que, pela própria moral desta casa, eu não permiti que continuasse abrigada nela. Reagi aos insultos e ofensas de meu filho em legítima defesa dos meus brics e da minha autoridade. Se a reação esteve além da que ele merecia, a culpa não me cabe. Cabe a ele, ainda, que não atendendo aos meus reiterados apelos para que se calasse, prosseguiu agredindo-me com expressões ferinas e contundentes. Depois de tudo isto, é você, o meu filho mais velho e o mais criterioso, que vem achar que eu devo ir ao encontro do seu irmão para pedir-lhe que não nos abandone?

Raul - Simplesmente por um motivo, mãe: a senhora o esbofeteculou. E na cara de

um homem de vergonha não se pode bater, mãe; não se tem o direito de bater, mesmo quando a pessoa que bate seja a sua própria mãe. Se a senhora fôsse um homem, a resposta para o seu impensado gesto seria um tiro, mas como é uma mulher e além de tudo a mulher que lhe deu a vida, Roberto não encontra outra atitude a tomar, ainda deixar esta casa para sempre. Seria também, no caso, a minha atitude e quem sabe... até a de Renato.

Elisabeth - Você também faria essa tolice? Óra, por favor! Não me decepoione.

Raul - Mãe, qualquer homem de vergonha faria isso que ~~uma~~ a senhora considerava uma tolice.

Elisabeth - Bem, Raul, a todas essas você não me disse claramente o que era que desejava de mim, mas eu penso ter compreendido que você veio me aconselhar a procurar seu irmão para desculpar-me do meu gesto e pedir-lhe que não abandone nossa casa; não é isto?

Raul - Exatamente, mãe. A senhora deduziu muito bem. Era exatamente isso o que eu desejava da senhora.

Elisabeth - ~~Sim, mas~~ Mas então você acha justo que eu, sua mãe, é que lhe vá pedir desculpas, quando é ele que m'as deve?

Raul - Mãe, agora sou eu que lhe peço desculpas, mas preciso usar de franqueza. Eu conheço muito bem o seu temperamento impetuoso e a maneira de ser do Roberto. A senhora diz, e eu acredito, que foi levada a esbofetear-lo <sup>pelas</sup> pelas injúrias que ele proferiu contra a senhora...

Elisabeth - Exatamente. Por várias vezes lhe pedi que calasse a boca e não fui atendida.

Raul - Mas agora eu lhe pergunto: para que ele chegasse a lhe dirigir essas injúrias, que motivos a senhora lhe terá dado?

Elisabeth - Os mesmos que dei a você. Expulsei Haribel desta casa, ou melhor, expulsei não é propriamente o termo. Para que ela ficasse, impus condições que ela não quis aceitar. Você também defendeu um ponto de vista diferente do meu, no assunto, foi franco comigo e até talvez um tanto rude, mas nem por isso foi capaz de faltar com o respeito e a consideração que me deve. (TON) Não, meu filho, é inútil continuarmos a discutir este assunto porque você não me convencerá a que desculpe seu irmão. E si não posso desculpá-lo, muito menos poderei pedir-lhe desculpas, como você quer.

Raul - É pena, mãe. Eu sentirei imensamente si, a esta altura da vida, chegarmos a nos desagregar, mas para que isso chegasse a ser evitado, eu precisaria contar com o seu auxílio e a sua boa vontade. (Alterando-se) Infelizmente, no entanto, a senhora coloca o seu orgulho de mulher acima da sua ternura de mãe e uma paz nessa base não será possível ser obtida.

Elisabeth - Raul, advirto-lhe para que não perca a sua serenidade, do contrário serei obrigada a lhe pedir que se retire da minha presença.

Raul - É o que vou fazer, mãe, mas não sem antes chamar-lhe a atenção para o que vai fazer, deixando Roberto sair sem esboçar um gesto para retê-lo. Roberto vai sair e não voltará nunca mais. A senhora já pensou bem?

Elisabeth - Eu não me afastarei um momento, siquer, do caminho que me indicam a minha autoridade e a minha consciência e se para manter a minha linha de conduta fôr necessário perder não apenas um filho, mas todos, eu os perço.

derei, fique certo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Renato - Luiza, você não viu a minha camisa de listinhas azuis e brancas?

Luiza - A sua camisa que você quê dizê é a camisa do seu irmão, não é?

Renato - Bom, quer dizer... quem comprou foi ele, mas quem usava era eu.

Luiza - Mas si foi ele que comprou a camisa ela num era sua, arriêssa.

Renato - Bom, isso não interessa, interessa é que eu quero botá-la agora e el não está aqui.

Luiza - Num tá aí pruguê o seu irmão levô ela.

Renato - Mas veja que sujeito! Pois então ele não sabia que eu estava usando a camisa, como é que ele chega aqui, mete a mão e tira?

Luiza - Ele tirô pruguê foi simhora e levô as ropa dele tudo.

Renato - Quem foi-se embora? O Roberto?!... Mas que bobagem é essa? A trôco de que esse cara resolve e vai embora de uma hora para outra?

Luiza - Ele se aburreceu-se ca sua mãe, pru causa de minina e triminiê batendo boca cum ela xxi e indo simhora tombem.

Renato - (admiração) É mesmo, Luiza?!...

Luiza - Pois eu tô dizendo. Arguma vez eu lhe disse qualquer coisa que num sôsse? A sua mãe mandô a minina sai, ele sabô que num tava direito, deu uma inbruidada aí dos meus pecado e eu sei que ele hoje de minhaxinha foi-se imbra.

Renato - Foi para onde, Luiza?

Luiza - Eu sei lá pra donde. Eu tenho a direção apontada lá no meu bañ, pra no caso de precisá chamá ele, sabô adonde que é o hotê que ele foi.

Renato - E ele foi com ela, tú não sabes?

Luiza - Que com ela, nada. Sincê bem que tá sabendo que dois que supôzis fixero aquela bobagem que ele nunca mais ciô pro lado dela, agora ele ia sai com ela? Saiu sósinho.

Renato - E ela? Tú sabes para onde que ela foi?

Luiza - Num sei nada e memo que sabbesse num disia pra você, pronto.

Renato - Por que? O que é que tinha que eu soubesse?

Luiza - Tinha que supô é mais piô que o tnhoso e inda era capaz de vortá lá pra se ingragá ca minina e depois bandoná ela aí otra vez.

Renato - Qual o que, Luiza, Maxibel já não me interessa mais.

Luiza - E isso que supô tava aí tão paronado que num queria sabô de mais nada sinão de se casa-se cum ela.

Renato - Pois é, mas ela não quis aproveitar a onda eu não tenho culpa. Começou a retardar, a transferir, a dificultar tudo, pois olha! apareceu outra e azar dela. Ficou o dito por não dito.

Luiza - Quem trapaio tudo e dificultô num foi ela, não. Foi a sinhá. A sinhá é que faz isso pruguê sabia que em dois meiz sincê tava inquietado. Mas eu, si sincê fosse meu fio, vendo a minina do jeito que tá, fazia sincê casá cum ela, agora, de qualquer manera.

Renato - Casar pra que, Luiza? Que é isso? Você é minha amiga ou amiga da onça?

- 6 -

Luiza - Sou amiga do direito. Acho que suncoê tinha que se casá pra dá nome pro inucente que suncoeis vão butá no mundo.

Renato - Ela é uma garota bonita, Luiza e não faltará quem a ampare e até quem dê o nome à criança, você vai ver.

Luiza - Pobrisinha! Deuse tenha pena dela como eu tenho! Deuse porteja ela!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Miguel - Você foi ao médico hoje, minha filha?

Maribel - Fui, seu Miguel.

Miguel - Você parece preocupada. O que foi que ele lhe disse?

Maribel - Ele está um pouco alarmado porque eu lhe contei os remédios todos que a dona Elisabeth me fez tomar, com a esperança de impedir o nascimento do meu filho. Diz que embora eles não tenham produzido o efeito desejado, podem influir no mau desenvolvimento da criança.

Miguel -- Esparemos em Deus que isso não aconteça, minha filha. O que você agora tem a fazer é seguir religiosamente todas as prescrições do doutor Mendonça, que é um ótimo especialista, e que por certo há de fazer tudo pelo melhor.

Maribel - Outra coisa, também, que me deixou preocupada o senhor sabe o que foi? Encontrei-me com o Renato e embora tivesse procurado esquivar-me dele, percebi que ele me seguiu durante muito tempo.

Miguel - Isso é que foi ruim, minha filha. E será que você conseguiu escondê-lo?

Maribel - Tento que sim. O senhor sabe o que eu cheguei a fazer? Entrei numa loja pela porta da frente e sai pela porta de serviço na outra rua.

Miguel - Que quereria ele com você? Não imagina?

Maribel - Talvez conversar, apenas, para saber onde estou morando, como estou me arranjando e outras coisas semelhantes. Com a intenção de me ajudar é que não há de ser que ele andou me perseguindo.

Miguel - Não convem que eles saibam, pelo menos por óra, até que eu tenha me resolvido a enfrentar a cólera de Elisabeth. Quando eu estiver disposto a discutir com ela, vou lá, digo-lhe a verdade e acabou-se. Se quiser brigar comigo que brigue. Afinal eu já estou cansado de servir de para-choque para as histerias dela. Elisabeth já está me enobendo as medidas com o seu desmedido despotismo. Só ela quer mandar... só ela entende dos assuntos... só ela sabe... só o que ela diz é que está certo e acabou-se. Está todo o dia levando na cabeça, mas sempre de cabeça em pé. Ela sempre foi altiva e orgulhosa, mas assim intolerante e cabeçuda, nunca. Eu chego às vezes a pensar que isso já é influência da vilhice.

Maribel - Eu ficarei muito aborrecida se acontecer alguma coisa entre o senhor e ela por minha causa, porque embora pense que a amizade ela não seja daquelas que se deva fazer tudo para cultivar, o senhor é amigo antigo da família, habituou-se a querê-la e seria muito desagradável para mim ser causa de um rompimento entre os dois.

Miguel - Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde e nem eu alimento a menor -

esperança em contrário. Aliás, quando me propuz a recebê-la em minha casa, já sabia que estava lançando a sentença de morte na minha amizade com ela. Só o que eu não quero é que ela descubra que você está aqui comigo, antes que eu mesmo lhe tenha dito, entende? É para que essa coisa não assuma o aspecto de deslealdade.

Maribel - Compreendo. E acho que para evitar que isso possa acontecer a qualquer momento, o senhor deve dispor-se a procurá-la o quanto antes e relatar toda a verdade.

Miguel - Não, não, o quanto antes não. Eu quero, jutamente, deixar que passem mais alguns dias, com a esperança de apanhá-la com o ânimo mais sereno. (TOM) Bem, e agora vamos tratar da nossa jantinha que o meu estômago já está dando horas. Depois quero ver as receitas do doutor Mendonça.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Renato - Mãe, a senhora nem imagina o que eu tenho para lhe contar.

Elisabeth - O que é?

Renato - A senhora vai ficar de boca aberta.

Elisabeth - São tantas as surpresas que tenho tido na minha vida nestes últimos tempos, que nem creio mais que possa existir alguma que me faça abrir a boca admirada.

Renato - Pois então sente-se, para não cair.

Elisabeth - Óra, Renato, deixe de fazer guerra de nervos e diga logo o que tem a dizer.

Renato - A senhora sabe onde é que está Maribel?

Elisabeth - Não é difícil adivinhar, meu filho. Deve-se ter recolhido, com toda a certeza, a uma casa suspeita. Aliás era o que ela devia ter feito, antes de ter vindo para a minha casa, já que todas as suas tendências se inclinavam para aquela vida incerta e miserável.

Renato - Pois a senhora se enganou redondamente, mãe. Hoje encontrei-a por acaso e percebi que ela procurava se esconder de mim, como um ladrão se esconde da polícia. Afinal, pensei, por que tudo aquilo? Desconfiei e saí-lhe no encalço. Ela percebeu que eu a seguia e começou a quebrar ruas, a dar voltas e a entrar e sair em lojas até que se meteu para dentro dum e não mais apareceu. A minha ideia foi de que ela estivesse trabalhando lá e entrei para verificar. Mas nesse momento exato pude ver que ela ia saindo pela porta de serviço que dava para outra rua. Fiz a volta da quadra quasi correndo e tornei a localizá-la. Sabe onde ela entrou e não saiu mais?

Elisabeth - (impaciente e nervosa) Diga dum vez, rapaz. Você parece que sente prazer em impacientar-me.

Renato - Não há casa do seu Miguel, mãe.

OPERADOR - ACORDE AGUDO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Elisabeth-- O que?!... Você disse que aquela louca entrou na casa de Miguel?!...

Renato - Disse, mãe.

Elisabeth - Você tem certeza absoluta disso, menino?



Renato - Como de mim estar aqui na sua frente, falando com a senhora.

Elisabeth - Mas você a viu entrar no Edifício ou no apartamento dele? Uma coisa não é a mesma que a outra.

Renato - No edifício, mas sabe o que depois eu fiz? Fui cuidar o marcador luminoso do elevador e vi que ele parou justamente no andar do seu Miguel. Aí eu andei por lá caminhando... como quem não quer nada, e de repente ela chegou na sacada para fechar a janela da frente e eu a reconheci em seguida, apesar da altura. Ela está lá com ele, sim, mãe. Garanto-lhe como está.

Elisabeth - Velho cretino! Velho urso! Garanto que com aquela sua falsa caridade ele já está pensando em aproveitar-se da mocidade daquela perdida. Ah, mas ele vai ouvir poucas e boas. Desta vez, eu vou romper com ele definitivamente, mas só depois de lhe dizer todas as coisas que tenho que estar segurando para que não me fujam dos lábios. (TON) Pegue o telefone, Renato, ligue para o apartamento dele e diga-lhe que venha esta noite mesmo à minha casa que eu preciso falar-lhe de um assunto urgente.

Renato - Sim, mãe.

CONTRA REGRA - LEVANTA O PONE DO GANCHO E DISCA CINCO NÚMEROS.

OPERADOR - ABafa OS DOIS ÚLTIMOS NÚMEROS COM A CORTINA MUSICAL RÁPIDA.

CONTRA REGRA - DUAS OU TRÊS CHAMADAS DE TELEFONE EM PRIMEIRO PLANO, PASSOS DE NOMEM QUE SE APROXIMAM E LEVANTAR O PONE DO GANCHO.

Miguel - ao aparelho) Alô! É o Miguel, sim. Quem fala aí? (Pausa) Como vai Renato? (Pausa) E sua mãe, vai bem? (Pausa) Quer falar comigo? (Pausa) Esta noite não sei se será possível, meu rapaz. (Pausa) Assunto urgente? (P) Bem... eu estava à espera de um amigo que ficou de vir visitar-me esta noite, mas em vista de você me afirmar que é um assunto urgente e inadiável eu não tenho outra coisa a fazer senão deixar de lado a visita e ir procurar sua mãe. (Pausa) Está bem, rapaz. Até logo, então.

CONTRA REGRA - RUIDO DE DESLIGAR TELEFONE.

Miguel - O Renato conseguiu localizá-la, minha filha. Por mais que você procure se esconder, não logrou enganá-lo.

Maribel - O senhor acha?

Miguel - Tenho certeza absoluta. Este chamado urgente de Elisabeth a esta altura dos acontecimentos, nem pode ser para outra coisa senão para me recrutar por haver recolhido você à minha casa.

Maribel - Lamento muito, seu Miguel. Eu não desejava isto.

Miguel - Não se preocupe, filha. Naturalmente tudo isso aconteceu porque Deus achou que era chegado o momento, portanto... cumpra-se a vontade de Deus.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA PARA FINAL DO CAPÍTULO.

23º CapítuloOPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL DE ABERTURA

Miguel - (meio tom) O que é que há, Luiza?

Luiza - Num sei, seu Migué, mas a coisa num tá boa.

Miguel - Eu senti logo pela maneira como me ~~chamaram~~ chamaram.

Luiza - (segredo) E a minina?

Miguel - Vai bem, felizmente. Parece que se adaptou completamente à sua nova vida.

Luiza - Ela é boa a pobrisinha, o que ela tem sido é muito judiada.

Miguel - Desconfio muito que é por causa dela que eu estou aqui.

Luiza - (assustada) Será, seu Migué?

Miguel - Pode ser que eu me engane, mas duvido muito.

Luiza - Pois eu discunfeio que xege pra lá contá do Roberto.

Miguel - Que é que tem o Roberto?

Luiza - Saiu de casa. Foi morá no hoté.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA.

Miguel - O que foi que tú disseste, Luiza?!... Roberto saiu de casa?!... Foi mo rar no Hotel?!... Mas por que? Que houve, entre eles, que ocasionasse uma resolução ~~zãxxxxxxixixixi~~ dessa natureza por parte do rapaz?

Luiza - A sinhá bateu boca com ele, mode que ela butô a minina pra fora de ca sa, ele disse num sei o que pra sinhá e a sinhá deu uma bufetada na ca ra dele.

OPERADOR - ACORDE AGUDO, SEM CORTAR A CENA.

Miguel - (no auge do assombro) Não, Luiza!...

Luiza - Deu uma bufetada na cara do rapaz, sim sinhô. Tá aqui quem viu a mal ca dos dedo dela na cara dele.

Miguel - Mas Elisabeth está perdendo o juizo, Luiza. Palavra de honra que eu es tou preocupado com ela.

Luiza - Pois eu tambem acho que os fio devia de levá ela num doti, pra ~~inzani~~ ná os nelvo dela. Todo o dia tô dizendo. Eles num tem crage de fala pre ela.

Miguel - Mas eu hoje falarei, Luiza. Eu hoje estou aqui disposto a tudo. Dispos to até a cortar definitivamente as relações com ela si a eisa tomar o rumo que estou esperando.

Luiza - Tá dão, se assente sí um mucado que eu vô avisá ela que o sinhô chegô.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Miguel - Não preciso que você me diga que as coisas não vão muito bem. ~~q-se is~~ so, claramente, na sua fisionomia.

Elisabeth - Sempre fui assim, um livro aberto; nunca tive, "como outros", a fa cilidade de fingir para ocultar as suas torpezas.

Miguel - Se isso é uma indireta a qualquer coisa que eu possa ter feito, peço lhe que modifique o seu método, porque este me contraria profundamente. Fale clara e diretamente, fazendo as acusações que pensa ter a fazer

e eu, por minha vez, direi também com clareza, as minhas razões. Acho que este é o procedimento justo para duas pessoas que se estimam e se respeitam.

Elisabeth - Que se estimavam e respeitavam, porque você, hoje, já não tem por mim nem uma coisa nem outra.

Miguel - Você fez alguma coisa para deixar de merecer a minha estima e o meu respeito?

Elisabeth - Dentro do meu ponto de vista, não. Agora... você foi sempre diferente na maneira de interpretar as coisas. Eu posso lá saber o que lhe tenha desagradado em mim?

Miguel - Pode, porque eu sempre lhe disse com a máxima lealdade. Nunca usei de meias medidas para com você, Elisabeth. Sempre lhe disse francamente o que me agradava e o que me desagradava.

Elisabeth - Pois bem, eu vou usar também da mesma franqueza com você e vou lhe dizer uma coisa que me desagradou profundamente, Miguel.

Miguel - Diga.

Elisabeth - Eu estou tremendamente chocada com você, pela sua atitude de recolher Maribel ao seu apartamento.

Miguel - E o que você queria que eu fizesse? Que a deixasse vagar ao léu e sem destino? A única coisa de que você se poderá queixar é de que eu não lhe tenha dado ciência imediata do meu gesto, mas ainda para essa particularidade eu tenho desculpa: eu sabia que você estava muito agitada e esperava que seu ânimo serenasse para lhe fazer a comunicação.

Elisabeth - Eu nunca estive com o ânimo exaltado ao ponto de não poder debater um assunto que me interessasse.

Miguel - Você pensa isso e eu acredito que sinceramente, mas a gente nunca se conhece muito bem, minha amiga. Os outros nos conhecem mais, acredite.

Elisabeth - Os outros nos conhecem através daquilo que lhes transmitimos, ao passo que nós nos conhecemos através daquilo que efetivamente sentimos. Não procede, portanto, a sua afirmativa de que os outros nos conhecem melhor do que nós mesmos. Desculpe, Miguel, mas é uma afirmativa pretenciosa e tola. Eu, pelo menos, sei perfeitamente dissimular o que não quero que os outros percebam em mim.

Miguel - Você que pensa. Quer ver? Você está plenamente convencida, neste momento, de que está fingindo uma calma e uma serenidade que está muito longe de sentir, porque na verdade você está profundamente indignada comigo e a sua vontade é dizer-me meia dúzia de desaforos e mandar-me embora da sua frente.

Elisabeth - (queimada, mas contendo-se) E por que não os digo? Quem se impede?

Miguel - A sua educação, ou a consideração que eu ainda possa lhe merecer, talvez. A verdade, no entanto, é que você está se segurando o quanto dá e agora não vai conseguir segurar-se muito mais, porque eu já comecei a enfiá-la com a verdade e você, uma vez enfiada, manda logo às favas todas as conveniências.

Elisabeth - Você está querendo me provocar para que eu dispare com você e porca as razões que tenho do meu lado, mas para lhe provar que você não se op

nhece tanto quanto pensa, eu continuarei mantendo a minha calma e a minha serenidade, aí está.

Miguel - Quando você perdeu a calma diante do seu filho, esbofetando-o, Elisabeth, eu não posso crer que...

Elisabeth - (pulo de fera acuada) Quem lhe contou? Como foi saber, lá fora, uma coisa que se passou dentro da minha casa?

Miguel - Não interessa como, Elisabeth, interessa...

Elisabeth - (corta, indignada) Como não interessa? Eu preciso saber quem é o espião que eu tenho dentro da minha própria casa e você, si ainda é realmente meu amigo, está na obrigação de me dizer quem é, ou então fará também parte da camarilha que luta contra mim às escondidas.

Miguel - Elisabeth, eu não posso ser considerado uma pessoa de fora, porque toda a vida fui um amigo da intimidade e um conselheiro. Logo... qualquer pessoa da sua casa que me tivesse contado o que se passou entre você e o seu filho, não estaria fazendo para traí-la, nem para espalhar, aos quatro ventos, um episódio desagradável vivido aqui dentro. Naturalmente que eu fui posto a par dos acontecimentos, na esperança de que pudesse, com os meus conselhos, remediar a situação. Foi por isto, naturalmente, que me contaram o fato, entende?

Elisabeth - Não interessa que tenha sido por isto ou por aquilo. De qualquer modo, eu quero saber quem foi e exijo que você me diga.

Miguel - Pois então sinto muito dizer-lhe que não atenderei à sua exigência, porque não vou lhe dizer.

Elisabeth - Miguel, eu quero que você diga.

Miguel - Não digo, Elisabeth.

Elisabeth - (forte, imperiosa) Diga.

Miguel - (calmo, mas resoluto) Não digo.

Elisabeth - (depois de pausa, respira fundo e fala contendo-se) Muito bem. Fica então comprovada, mais uma vez, a sua deslealdade.

Miguel - Mais uma vez por que? Qual a outra deslealdade da que você pretende acusar-me?

Elisabeth - A de ter invalidado o meu castigo a Maribel, recolhendo-a ao seu apartamento.

Miguel - Era um castigo deshumano e eu não podia patuar com ele.

Elisabeth - Deshumano, por que? Porque o considerou deshumano, quer dizer?

Miguel - Porque a menina não tinha para onde ir e certamente se deixaria arrastar, pela necessidade, a algum antro onde acabaria por perder-se totalmente.

Elisabeth - E ela já não estará totalmente perdida? Quem nos poderá afirmar o contrário? Pergunto mais: ela já não teria vindo para a minha casa na situação em que hoje se encontra?

Miguel - Não creio. E para mim a prova mais evidente é que ela hoje já não tem no olhar aquela candidez que tinha, quando veio. Tornou-se mulher pelo pecado e como mulher perdeu a candura e a ingenuidade de moça que era antes.

Elisabeth - Você é um crédulo e um bobalhão. Ou então muito esparto, quem sabe?

Miguel - Por que você diz isso?

Elisabeth - (maldosa e ferina) Porque há muito galo velho que dá preferência às frangotas.

OPERADOR - ACORDE AGUDO SEM CORTAR A CENA.

Miguel - (calmo, mas profundamente chocado) Elisabeth, eu só posso atribuir es se seu pensamento ao desejo de me magoar. Você estava querendo, desde o princípio, me pizar de alguma forma. Tinha feito várias tentativas, sem conseguir êxito. Pois então saiba que si era esse o seu desejo, vo cã agora o conseguiu amplamente, porque me feriu bem fundo.

Elisabeth - Eu estou apenas dizendo a você o que qualquer um terá o direito de pensar.

Miguel - Qualquer um, menos você que me conhece de rapazinho e sabe como sempre procedi com lisura e honestidade.

Elisabeth - Isso de conhecer de rapazinho não vem ao caso, porque mais do que co nheço os meus filhos não é possível conhecer-se a si mesmo, e no entanto, eu tenho sido surpreendida por todos eles, Miguel. A gente é honesta até o momento em que deixa de ser..

Miguel - Elisabeth, você já perdeu um dos seus filhos pela violência do seu tem peramento. Agora acaba de perder um velho amigo que foi como um co ão fi el, sempre ao seu lado, amparando-a, aconselhando-a e guiando-a nos momentos difíceis da sua vida, que não foram poucos. Amanhã, ou depois, outro filho, com certeza, acabará por se desiludir também e a abandonará. Eu não estou lhe dizendo isso para que você retire a ofensa que me fez e eu possa voltar, porque finalmente eu sei muito bem que já agora não lhe faço falta, mas os seus filhos farão muita e quanto mais os anos se acumularem sobre a sua cabeça, menos você poderá valer-se a si própria e mais precisará deles. Com o resto de amizade que eu não co n sigo extirpar, porque tras raízes de muito longe, eu lhe aconselho sin ceramente: trate de refrear o seu temperamento antes que seja irre medi avelmente tarde e você venha a ficar inteiramente só.

Elisabeth - Depois que você recolheu à sua casa uma mulher perdida que eu ex al sei da minha, não posso, de maneira alguma, acreditar na sua lealdade, nem na sinceridade dos seus propósitos.

Miguel - Pense de mim o que quiser, já não me importo, mas cuide de voltar sobre os seus passos porque você está andando para a solidão.

Elisabeth - Não importa. Eu prefiro mil vezes a solidão do que a convivência com pessoas indignas que podem terminar por contagiar-me.

Miguel - Está bem, Elisabeth. Você já disse tudo que desejava dizer-me?

Elisabeth - Penso que sim.

Miguel - Neste caso... eu peço licença para me retirar.

Elisabeth - Vá. Pode ir.

Miguel - E que Deus lhe perdôe as injustiças que me fez.

Elisabeth - (fria) O que eu disse de você foi apenas o que você merecia.

CONTRA REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM E SOMEM NA DISTÂNCIA.

Elisabeth - (com ódio) Velho urso! Tú também queres guerra contra mim? Pois há de ter a guerra que desejas.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Roberto - Luiza! Que prazer em receber tua visita!

Luiza - Dêis de ontante que a nêga véia tava querendo vim, mas sempre uma coisa e outra, só hoje mêmo é que ela poudê saí. (TOM) Como é que tú vai, meu fio?

Roberto - Como Deus quer e consente, Luiza. Eu sempre vivi só, apesar de estar em casa, rodeado da mãe e dos irmãos, mas aqui parece que a solidão é tres vezes maior porque não se tem nem ~~ninguém~~ quem nos pergunte por que estamos tristes.

Luiza - A nêga véia tava carculando isso, meu fio, por isso que ela tava afri ta pra vim.

Roberto - É só contigo que eu conto agora, Luiza. Isto é... contigo e Raul, si ele quiser vir ver-me.

Luiza - Ele vem, sim meu fio. Mais hoje, mais amanhã, ele vem aqui vê suncê.

Roberto - É tão difícil a gente se desligar da casa onde nasceu e foi criado, como é difícil esquecer-se o primeiro amor. E eu, Luiza, neste momento, tenho que lutar contra os dois sentimentos a um só tempo.

Luiza - Mas suncê vai vencê, dexistá. Di repente a sinhá fica sosinha, sente falta de arguem e vem procura suncê.

Roberto - Por que dizes que de repente ela fica sosinha?

Luiza - Pruquê do geito que a sinhá tá se condésindo, num dimore muito ela perde os otros dois fio tombem. O amigo ela já perdeu.

Roberto - Como assim? Houve alguma coisa com o Miguel?

Luiza - Houve, sim. Num faiz muitos dia ela mandô chamá ele, bato ro boca e brigaro de veis.

Roberto - Que é que estás me dizendo, Luiza?!... (TOM) E a razão dessa briga tú não sabes?

Luiza - Num sei, meu fio. A nêga num iscutou. Praquê suncê num vi lá fazê uma visita pre ele? Ele conta tudo pra suncê.

Roberto - É isso mesmo, Luiza. Tú me deste uma boa ideia. Amanhã ou depois vou até lá, visitá-lo. Eu queria mesmo um conselho dele a respeito de uma proposta que me fizeram e que talvez agora fôsse muito bom aceitar.

Luiza - Que é, meu fio? A nêga num pode sabê?

Roberto - Pode, sim. Por que não? Só te peço que nã fales nada em casa.

Luiza - A nêga num fala, meu fio. Pode ficá adescansado.

Roberto - É que um colega meu teve uma proposta muito boa para Fortaleza, no Estado do Ceará e nã poudê aceitar porque não quer se separar da noiva que, por sua vez, não quer tambem se separar da familia. Colocou-me do comigo, ele me ofereceu para ir no lugar dele.

Luiza - E suncê tá com vontade de í, meu fio?

Roberto - Eu pedi quinze ou vinte dias para pensar no assunto. Vou consultar o meu Miguel para ver o quê ele acha. Ele foi sempre um homem criterioso, sereno e muito nosso amigo. O que ele disser, eu sou capaz de fazer.

Luiza - Pois então vá lá falá cum ele, meu fio. Mas tumárs que ele num deza suncê i. Eu num quero.

Roberto - Nem sendo para melhorar a minha vida, Luiza?

Luiza - Pode amiorá peltó, num hay necessidade de sai pra longe,

Roberto - Pois não sei, Luiza, vamos a ver. A sorte é que vai decidir.

Luiza - Tá bão, meu fio, a nêga véia já vai andando que hoje ela deu só uma fugidinha pra trazê esses pasté pra suncê que a nega sabe que suncê gosta munto e memo pruquê ela tava cum munta sodade de vê suncê que já fazia quagi uma semana que ela num via. Otro dia a nêga véia vem mais cedo, pra dimorá mais um mucado, viu meu fio?

Roberto - Está bem, Luiza. Muito obrigado por tudo.

Luiza - Por tudo o que, meu fio?

Roberto - Pela sua lembrança, pelos pasteis e pela visita.

Luiza - (muchôcho) Óra, minino!

Roberto - Dê um abraço a Raul que eu mando e diga a ele que me apereça, já que eu não posso ir vê-lo.

Luiza - Ele vem, sim. Aminhá ou depois ele vem aí. Tá bão, intoce inté otro dia, meu fio.

Roberto - Até outro dia, minha bôa Luiza.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

CONTRA REGRA - CIGARRA DE PORTA DUAS VEZES . PASSOS DE MOÇA - PORTA SE ABRE.

Roberto - Boa noite!, o seu... (corta e perde o jeito) Desculpe, eu... eu não sa-  
bia que você estava aqui... Vi luz, lá de baixo e pensei... pensei em  
fazer uma visita ao seu Miguel...

Maribel - (suave) Pode entrar, Roberto. Ele não demora.

Roberto - Não, não, eu... eu precisava falar com ele, mas... eu... eu espero lá  
em baixo...

Maribel - Por que esperar lá em baixo? Asseguro-lhe que não lhe farei mal algum.  
Entre e sente-se. Ele foi no armazem buscar cigarros, dentro de poucos  
minutos estará aqui.

Roberto - Está bem, eu... eu vou esperar, então.

CONTRA REGRA - POUCOS PASSOS ENTRAM. PORTA QUE PECHA. MAIS PASSOS.

Maribel - (depois de pausa) Por que não senta?

Roberto - (Pausa) Obrigado.

Maribel - (depois de pausa longa, sem jeito) Está quente a noite, não é?

Roberto - Está.

Maribel - (depois de pausa longa) É capaz de chover pela madrugada.

Roberto - É capaz.

Maribel - (depois de pausa longa, sem jeito) Temos tido um verão forte calh ano.

Roberto - Temos tido.

Maribel - Bem que estamos precisando de um pouco de chuva.

Roberto - Estamos precisando.

Maribel - (idem) Como... como estão seus irmãos?

Roberto - Não sei.

Maribel - Não sabe... (lembra-se, transição) Ah sim, desculpe. Eu não me lembra-  
va. Seu Miguel me contou tudo. Acho que você fez bem em sair de casa.

Roberto - Talvez, não sei.

Maribel - Fez, sim. Posso lhe afirmar. Você talvez sofre, por algum tempo, o tédio que a solidão sempre traz, mas pelo menos estará inteiramente senhor de si, quando chegar a hora de escolher a sua companheira para toda a vida. Não sofrerá mais a influência dos outros e errando ou acertando, o terá feito por você mesmo.

Roberto - Não pretendo escolher mais ninguém.

Maribel - Como?! Não pretende casar-se?!

Roberto - Não.

Maribel - Por Deus, não faça uma coisa dessas. Escolha uma moça digna e case-se com ela. A velhice sem ninguém deve ser um castigo. Si a mocidade só já é difícil de aturar-se, imagine depois, quando até as ilusões nos tiverem abandonado?

Roberto - Para que elas nos abandonem não é necessário que sejamos velhos. Eu, por exemplo, sou moço e já não tenho ilusões.

Maribel - Porque não quer tê-las.

Roberto - Engana-se. Porque alguém, impiedosamente, as matou quando floresceram.

Maribel - E esse alguém não teria sido, também, apunhalada por mão assassina, antes de haver devastado as suas ilusões? Nós não devemos, nunca, nos limitar a encarar os fatos superficialmente e sim procurar a razão de cada fato em si. Só assim encontraremos a significação de ~~estas~~ muita coisa que nos parece absurda.

Roberto - Não há coisa mais absurda, a meu ver, do que um homem acreditar nas promessas de amor de uma mulher que tem a coragem de praticar a traição máxima, mesmo antes que se tenham casado.

Maribel - E quando a mulher procede assim em represália de se ver traída no que ela tem de melhor e de mais puro para oferecer a um homem? (Pausa longa. Tom doce) Roberto... já que nada mais esperamos um do outro, tenhamos, ao menos, a suprema coragem de falar com franqueza, de coração a coração. Nós não temos que nos queixar um do outro e sim das origens más que nos rodearam e que construíram, entre nós, uma muralha de infâmias e maledicência. Talvez que o amor que nasceu entre nós não tivesse sido tão forte, como deveria ser, para resistir ao impacto da calúnia e da vingança. E foi por isso, certamente, que sozobrou. Tanto eu como você acreditamos na primeira mentira que nos pregaram e elas foram suficientes para nos separar em caráter definitivo e irremediável. Si você tivesse um conceito de honra diferente e pudesse compreender que no meu gesto de entregar-me ao Renato eu não lhe dei mais do que a minha revolta, o meu desespero e o meu desencanto... então talvez um dia você chegasse a compreender que tudo aquilo que era verdadeiramente seu - e que eram o meu amor, a minha ternura e o meu carinho - eu ainda os guardava intactos para dá-los somente a você ou deixar que murchassem na haste, si você não se dispusesse a colhe-los. Foi bom que o acaso lhe tivesse trazido aqui esta noite para que eu lhe pudesse dizer o que disse, afim de que você não guarde de mim, de hoje em diante, uma lembrança tão amarga.



Roberto - (depois de pausa longa) Bem, o... o seu Miguel está demorando...  
eu... eu volto outro dia. Boa noite.

Maribel - Boa noite, Roberto. Seja feliz e... não me queira mal.

CONTRA REGRA - POUCOS PASSOS DE DUAS PESSOAS. PORTA ABRE EM 1º PLANO.

Roberto - (2º plano) Boa noite.

Maribel - Boa noite, Roberto.

CONTRA REGRA - APASTA DOIS PASSOS. FECHA PORTA, SEMBATER.

Maribel - (desata a soluçar) Oh Roberto, Roberto!... Por que você veio, por  
que?!... Só para que eu me convencesse de que ainda o amo com dessa  
perceira e trazer-me a certeza de que você jamais me perdoará!.. (Chora)

CONTRA REGRA - ABRE PORTA EM 2º PLANO. POUCOS PASSOS. FECHA PORTA.

Miguel - (entrando aflito) Que foi que ele fez? Que foi que ele disse que  
a encontro chorando desse jeito?

Maribel - Como?!... O senhor... o senhor sabia... quem estava aqui?!...

Miguel - Sabia, sim. Eu vi quando ele entrou. Foi por isso que não cheguei  
nunca. Fiquei no saguão do andar de baixo, fazendo hora. Mas se eu  
imaginasse que ele, ao sair, lhe deixaria nessa tristeza tão grande,  
teria vindo imediatamente, para que não tivessem oportunidade de con-  
versar.

Maribel - Não, seu Miguel, não lamente o que fez. Foi bom. Foi muito bom, até.  
Eu sei, agora, que ele não voltará nunca mais para mim, mas em com  
pensação, depois de todas as coisas que eu lhe disse, em vez de me  
recordar com ódio ou com desprezo... ele há de me recordar com mágoa  
e com tristeza. (Pausa. Tristíssima) Sempre é menos doloroso para  
mim.

OPERADOR - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO XXXX CAPÍTULO.

(Novela original de Erico Graeg)

2º Capítulo

OPERADOR - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA

- Luiza - <sup>m</sup> - Sinhá, tem aí um home munto instranho querendo falá co Renato. Aviso ele?
- Elisabeth - Não disse o que desejava?
- Luiza - Disse que si ele tivesse em casa que eu chamasse ele, si num tivesse que ele ficava insperando pruguê ole num saía daqui sem falá cum ele.
- Elisabeth - E você disse que ele estava ou não estava?
- Luiza - Eu disse que num sabia mas que eu ia vê.
- Elisabeth - E que espécie de homem vem a ser? É pessoa fina, que se recomenda ou qualquer vagabundo sem oira nem beira?
- Luiza - Num se pode disê que xege uma cousa nem outra, sinhá. Num é um home ansim como o seu Higuê, vamo disê, mas tombem. um vagabundo num pare se sê. Ele tem o um geito ansim meio atirado, parece que quê netê - medo na gente. Tá vistido direito, mas não munto bem vistido.
- Elisabeth - Bem, Luiza, não diga nada ao Renato. Deixe que eu vou atendê-lo.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

- Elisabeth - É o senhor que está à espera do meu filho para falar-lhe?
- Felipe - ~~Sim~~ Sim senhora. A senhora é então a mãe do Renato?
- Elisabeth - Sou. O senhor quem é?
- Felipe - Eu sou Felipe Batista. Pai da Margarida.
- Elisabeth - Não conheço.
- Felipe - Não conhece? Mas como, si ela veio tantas vezes com ele à sua casa?
- Elisabeth - O senhor deve estar enganado.
- Felipe - Não senhora, enganado coisa nenhuma. Sou filho cansou de trazer minha filha à sua casa para tomar chá com a senhora a seu convite.
- Elisabeth - Alguem se valeu do meu nome para formular tais convites, então, porque eu nunca os fiz.
- Felipe - Pois quem se valeu, então, foi seu próprio filho, porque ele é que deu gava à ~~meu~~ nossa casa com os seus recados que eu bem quis verificar si eram verdadeiros e a mulher achou que não convinha porque pederiamos desgostá-lo. O resultado a senhora vai saber quando ei disser a ele o que me trouxe aqui.
- Elisabeth - O senhor terá que dizer a mim mesma porque seu filho não está e durante esta semana permanecerá ausente, na fazenda de um tio.
- Felipe - Pois então, senhora, saiba que seu filho terá que se casar com minha filha antes que se torne pública a sua vergonha.

OPERADOR - ACORDE ACUDO SEM CORTAR A CENA

- Elisabeth - Como?!... O senhor quer dizer que meu filho...
- Felipe - ... abusou da ingenuidade da minha filha, iludindo-a com promessas de casamento que eu agora vou exigir que sejam cumpridas.
- Elisabeth - Mas e a sua filha estará na altura de carregar um nome ilustre como é

o que ostenta a nossa família?

Felipe - Não está me interessando nada disso, senhora. O fato aqui é o seguinte: um canalha iludiu, com falsas ~~promessas~~ promessas, uma moça ingênua e pura e agora o pai da moça, com profundo asco - porque esse é o verdadeiro sentimento que o seu filho me inspira - vem reclamar o cumprimento imediato dessas promessas antes que a menina caia na boca do povo o que, infelizmente, não tardará a acontecer.

Elisabeth- Se a sua filha tivesse sido guardada, como sempre o são todas as moças que se prezam, o senhor não estaria aqui, agora, a mendiar de um homem que lhe inspira asco, a esmola de tornar-se seu genro para salvar uma reputação que tanto o senhor como sua mulher não souberam defender.

Felipe - Não soube, não, dona. A senhora está muito iludida comigo. Eu fui enganado, miseravelmente, pelo despudor do seu filho, pela ingenuidade da minha filha e pela ignorância da mulher, mas isso não quer dizer que eu não tenha sabido defender minha filha porque eu estou aqui justamente para defendê-la e a senhora nem imagina até onde eu serei capaz de ir. A menina é filha única, senhora. Criada com todo o amor, com todo o mimo... Não sou rico, mas tenho um pedaço de terra plantado que me permite fazer as suas vontades e trazê-la sempre bem arrumadinha. Botamos a menina a aprender letras e foi nesse vai e vem do colégio que ela encontrou o seu filho e se agradou dele. O primeiro namorado, a senhora sabe... estava toda feliz e contente. A gente foi saber informações do rapaz...

Elisabeth- E aí lhe disseram quem ele era, a que família pertencia, as muitas poses que tinha e o brilhantíssimo futuro da menina se conseguisse fiá-lo, não foi assim? Então, uma vez que a mãe era orgulhosa do seu nome e da sua origem e por bem não consentiria jamais num casamento assim - tão desparelho, isaram do truque de deixar que a menina se entregasse a ela para depois exigirem uma reparação, não é isto?

Felipe - (violento) Cale-se, sua víbora. Como se julga com o direito de insultar nos até a este ponto? A senhora não tem esse direito, está ouvindo? Somos gente de poucos recursos, mas com sobra de vergonha e dignidade, está entendendo? E si houvessem outros meios de remediar a desgraça de minha filha, este que estou usando - e que é o único - seria o último escolhido por mim. Que me importa o seu nome, a sua posição ou a sua fortuna? Se o sedutor de minha filha fôsse um lixeiro, eu estaria fazendo a mesma coisa ou viu bem? Eu estaria fazendo a mesma coisa.

Elisabeth- O senhor não precisa falar tão alto porque eu não sou surda.

Felipe - Eu estou indignado, senhora. O mau juízo que a senhora faz de mim, fare muito fundo a minha dignidade de homem humilde mas decente e só gritando bem alto parece-me repelir na altura o volume da ofensa recebida.

Elisabeth- Podemos, perfeitamente, discutir sem gritar. Tanto mais que o senhor está na minha casa, onde sempre primei por ensinar aos meus filhos que a ~~educação~~ educação nos manda falar brandamente.

Felipe - Eu quero ter calma, senhora. Eu preciso ter calma, mas não ouvindo coisas como essa que a senhora disse. Isso revolta. Faz ferver o sangue -

da gente. Eu quero me acertar com o seu filho, entende?

Elisabeth - Acertar... de que maneira?

Felipe - Convencendo-o a que se case com Margarida, nem que seja para abandoná-la seis meses depois, contanto que a livre da vergonha a que está ameaçada.

Elisabeth - Mas o senhor não compreende que se meu filho se casa com sua filha, mesmo que a abandone mais tarde está com a vida estragada?

Felipe - Mas e a vida da minha filha? Também não foi estragada por ele? Depois ele é homem, a senhora sabe como são essas coisas. Qualquer outra moça que ele venha a gostar e queira casar-se, com o dinheiro que tem vencerá qualquer dificuldade. (TOM) E olhe, tem mais hein? Para a minha filha ele não precisará dar coisa alguma e ela ao casar já pode assinar um papel de desistência da fortuna dele para que ele não possa ter receio de uma chantagem mais tarde. Como eu lhe digo, só o que desejo é salvar a menina da vergonha porque sei que ela não resistirá. Ser uma mulher abandonada, embora seja uma coisa triste, é sempre preferível a ser uma mulher seduzida. A senhora deve ter filhas, não tem?

Elisabeth - Não. Felizmente tenho só rapazes.

Felipe - Eu ia lhe pedir que pelo bem das suas filhas ajudasse minha, mas a senhora não tem não posso dizer nada.

Elisabeth - Bem, vamos fazer uma coisa: o senhor vai ter a paciência de esperar até ao fim da semana, quando meu filho virá de fora, para que eu possa conversar com ele e saber o que realmente houve entre ele e sua filha. Só depois dessa conversa, então, eu poderei dizer qualquer coisa ao senhor.

Felipe - É horrível, no estado de espírito em que me encontro, ser forçado a esperar mais quatro dias, mas enfim, como vejo que não há outro remédio, voltarei aqui na próxima segunda-feira. Passe bem, senhora, e pelo amor de Deus, veja se pode fazer alguma coisa pela minha filha.

Elisabeth - Um momento que eu vou chamar a empregada para acompanhá-lo até a porta.

CONTRA REGRA - SINETA DE CHAMADA.

Felipe - Segunda-feira, depois do almoço, eu estarei aqui.

Elisabeth - Depois do almoço não poderei recebê-lo porque tenho hora marcada no dentista. Melhor será que venha à mesma hora de hoje.

Felipe - Sim senhora.

CONTRA REGRA - PASSOS DE VELHA FICAM EM 2º PLANO

Elisabeth - Aí vem a empregada.

Luiza - (2º plano) Chamô, sinhá?

Elisabeth - Acompanha este senhor até à porta.

Luiza - (idem) Sim, sinhá. Tenha a bondade, meu sinhô?

Felipe - (saindo) Passe bem, senhora.

Elisabeth - (seca) Boa tarde.

CONTRA REGRA - PASSOS DE LUIZA (VELHA) E DE HOMEM QUE SE APASTAM E SE PERDEM.

Elisabeth - Óra já se viu que ainda havia de me acontecer mais esta? (projetando)

Renato! Oh Renato!...

Renato - (2º plano, voz de segredo) Ele já foi?

- Elisabeth - Já. E você vai me contar agora, direitinho, como é essa história.
- Renato - Óra, mamãe, a história... a história é a mesma de sempre.
- Elisabeth - Você sempre a mesma criança sem juízo, meu filho. Será que agora você vai pegar esse cacete, menino?
- Renato - A senhora sabe como é, não é? A gente simpatiza com a moça e vai indo e vai indo e quando se dá conta está num mato sem cachorro.
- Elisabeth - Num mato sem cachorro? E você achava pouco o que latiu esse cachorro grande que saiu daqui? É daquele mato onde você se meteu.
- Renato - E agora, mamãe?
- Elisabeth - Não sei. Eu é que lhe pergunto: e agora?
- Renato - Eu acho que a senhora dando um chequesinho para o velho fica resolvido o impasse, mamãe.
- Elisabeth - Podemos experimentar. Mas se conseguirmos sair desta veja, por favor, se não se mete noutra, está ouvindo? Já chegam os sustos que você me tem dado. Você pensa que eu não tive que fazer uma força enorme para reagir à insolência desse cachorrão? E como gritava!
- Renato - Eu ouvi. Foi por isso que vim me colocar na sala ao lado, por trás do reposteiro, porque si a senhora tivesse necessidade de reforço eu entraria na hora H.
- Elisabeth - Entraria coisa nenhuma. Você bem que está sabendo, como eu já senti, - que esse brutamonte não é de brincadeira. Portanto, o melhor, mesmo é evitar de enfrentá-lo. No momento em que ele se sentiu ofendido pelo que eu disse, você precisava ver as chispas de fogo que lhe saiam dos olhos. É porque eu sou mesmo muito calma e valente, simão...
- Renato - Bem, não falemos mais nisto, agora. Vamos combinar a maneira de despistarmos o velho que é o que me pa rece mais importante agora.
- Elisabeth - Pois você já não alvitrou que lhe dessemos um cheque?
- Renato - Eu sei, mas precisamos combinar de quanto, si eu mesmo o entregarei - ou a senhora, ou ainda se o mandamos por um terceiro. Tudo isto são - coisas que podemos acertar desde já para que depois não nos surjam - maiores embaraços. Quanto a senhora pensa que podemos dar-lhe?
- Elisabeth - Uns dez ou quinze mil cruzeiros.
- Renato - É pouco. Eles não são miseráveis, logo precisamos tentá-lo com uma soma maior.
- Elisabeth - Mas si ele não aceitar a gente dobra a parada.
- Renato - Bem, a senhora sempre sabe como e quando deve fazer as coisas, por isso creio que o melhor que tenho a fazer é deixar mesmo tudo em suas mãos.
- Elisabeth - Eu não estou muito tranquila desta vez, não meu filho, em todo o caso prometo fazer o possível para que você não se decepcione de mim.
- Renato - A senhora vai se sair bem, sim, eu tenho certeza. É por saber que conto sempre com o seu apóio e a sua inteligência que as vezes me passo - um pouquinho da conta.
- Elisabeth - A mamãe é sempre a mamãe, mas você parece que é o único dos meus filhos que está convencido disto. Os outros não acreditam.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE.

- Renato - Eu acho que a senhora dando um chequesinho pra o velho fica resolvido o impasse, mamãe.
- Elisabeth - Podemos experimentar. Mas se conseguirmos sair desta veja, por favor, se não se mete noutra, está ouvindo? Já chegam os sustos que você me tem dado. Você pensa que eu não tive que fazer uma força enorme para reagir à insolência desse cachorrão? E como gritava!
- Renato - Eu ouvi. Foi por isso que vim me colocar na sala ao lado, por trás do reposteiro, porque si a senhora tivesse necessidade de reforço eu entraria na hora H.
- Elisabeth - Entraria coisa nenhuma. Você bem que está sabendo, como eu já senti, que esse brutamontes não é de brincadeira. Portanto, o melhor, mesmo é evitar de engrentá-lo. No momento em que ele se sentiu ofendido por lo que eu disse, você precisava ver as chispas de fogo que lhe saiam dos olhos. É porque eu sou mesmo muito calma e valente, sinão ...
- Renato - Bem, não falemos mais nisto, agora. Vamos combinar a maneira de de pistarmos o velho que é o que me parece mais importante agora.
- Elisabeth - Pois você já não ~~avizava~~ alvitrou que lhe dessemos um cheque?
- Renato - Eu sei, mas precisamos combinar de quanto, si eu mesmo o entregarei ou a senhora, ou ainda se o mandamos por um terceiro. Tudo isto são coisas que podemos acertar desde já para que depois não nos surjam maiores embaraços. Quanto a senhora pensa que podemos dar-lhe?
- Elisabeth - Uns dez ou quinze mil cruzeiros.
- Renato - É pouco. Eles não são miseráveis, logo precisamos tentá-lo com uma soma maior.
- Elisabeth - Mas si ele não aceitar a gente dobra a parada.
- Renato - Bem, a senhora sempre sabe como e quando deve fazer as coisas, por isso creio que o melhor que tenho a fazer é deixar mesmo tudo em suas mãos.
- Elisabeth - Eu não estou muito tranquila desta vez, não meu filho, em todo o caso prometo fazer o possível para que você não se decepcione de mim.
- Renato - A senhora vai se sair bem, sim, eu tenho certeza. É por saber que conto ~~sempre~~ sempre com o seu apoio e a sua inteligência que às vezes me passo um pouquinho da conta.
- Elisabeth - A mamãe é sempre a mamãe, mas você parece que é o único dos meus filhos que está convencido disto. Os outros não acreditam.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

LOCUTOR PUBLICIDADE

- Raul - Que tal, Luiza? Querias alguma coisa?
- Luiza - Queria oia suncê. Num posso?
- Raul - (acha graça) Claro que pode. Você sempre pode tudo aqui em casa, por que não vai poder olhar para mim?
- Luiza - Pode tudo, não. Que eu pudesse tudo, munta coisa num tinha acunticiado e suncê sabe muito bem disso.
- Raul - Sei, sim, Luiza. Tu foste sempre muito equilibrada e tivesses sido ouvida em certos momentos difíceis, as coisas teriam corrido de maneira muito mais suave, sem que a vontade, o direito e a consciêcia dos outros fôsse violentada. É triste um filho ter que se referir de

desse modo à sua própria mãe, mas tú sabes que digo uma verdade e que si chego a dizê-la é unicamente porque estou falando contigo que vi-ves aqui dentro conosco e conheces tão bem, e talvez até melhor, a si-tuação, do que eu.

Luiza - É uma pena que a sinhá teje desse jeito, meu fio.

Raul - (triste) Ela sempre foi assim, Luiza. Dominadora e preponderante. É - bem verdade que a sua ideia é uma só: fazer o melhor para nós, mas nem sempre ela tem logrado acertar nas suas resoluções.

Luiza - Ela sempre foi anssim de gostá de mandá no marido e nos fio, eu sei. Mas eu acho que agora ela disandô. Mais ante, quando o sinhô ou sun-ceis num quiria uma coisa que ela tinha ditriminado, ela ficava curvel-sando, falando naquilo, teimando digavasinho, intêx que curvinsis sunceis sem ficá braba, sem batê boca e sem fazê barulho. Hoje ela diz: "é ang-sim" e se sunceis vai dizê qualquer coisa que num teje concide com as indeia dela, já ela fica vremeia como crista de perú, gтира a cabeça pra traiz, já fala duro, já bate co pé no chão e a coisa tem que sê co-mo ela qué. Não, meu fio, a sinhá tá deferente, sim. Eu acho, intê que ela tá duenta.

Raul - É uma pena tudo isso! Uma casa tão alegre, tão agradável, como era a nos-sa, transformada, de um dia para outro, nã ante-câmara de um velorio. Todos falam baixo, todos tem medo de serem ouvidos, caminham nas pon-tas dos pés como que para se esconderem uns dos outros... Ninguém tem coragem de externar uma ideia, ninguém tem licença de debater um ponto de vista... Eu não sei, desse modo, onde iremos para, Luiza, não sei. Às vezes eu fico pensando que o Roberto é que fez bet, saindo daqui, você sabe?

Luiza - (lembrando) Ah, meu fio, pois era pra falá do seu errão memo que eu ti-nha vindo aqui e com a curvelsa pra otro lado eu intê já ia me esquecer-do. (Baixa o tom) Eu tive lá fazendo uma visita pre tia, sabe?

Raul - Ah é? Onde é que ele está?

Luiza - Eu tenho a direção apontada num papé. Depois eu dô pra suncê.

Raul - Como é que ele vai? Como é que se sente longe de casa?

Luiza - Ele tá munto bichornado, o pobrisinho. Custumado eu aisa, ca gente... ca mãe... cos ermão... ele tá sintindo falta de tudo.

Raul - No princípio. Depois ele acostuma que nem vai qierer nãia pensar em voltar para casa.

Luiza - É, a gente sabe que é anssim, mas dôe vê o coitadinho sólitu num qualto de hoté, só com aquela cama, aquele gualda ropa, uma mesinha, nã cadera e pronto... Pra quem tinha tudo que ele tinha aqui, suncê vê.. É duro.

Raul - Ele não perguntou por nós?

Luiza - Di celto. Num ia priguntá? Mandô intê um abraço pra suncê e mandô pidi pra suncê parecê por lá, mode curvelsá cum ele de veis em quando, ve ele tá com munta sodade.

Raul - Coitado. Eu vou, sim, Luiza, mas penso que mããe não deve saber.

Luiza - Mas é lógi que nãa deve. Suncê pensa que eu disse pre ela que ia lá-v

ele? Vê lá si eu disse. Ela já me xingava que nem feiz com o seu Migué e era inté capaz de me ajogá no ôio da rua que nem feiz ca otra. E depois? Adonde que eu ia? Quem é que ia querê um traste véio que nem eu e que já tá caindo de podre? Ia dereitinho pro cisco.

Raul - Não ia, não Luiza, podes estar certa. Inda há muita gente bôa neste mundo e com noção de um sentimento não muito comum nos nossos dias, mas que em todo o caso ainda se encontra e que nós chamamos de "gratidão". (TOM) Bem, mas agora tú vais me dar o endereço de Roberto que eu f hoje mesmo à noite quero ir lá visitá-lo.

Luiza Eu tenho ele lá no meu qualto, no baú. Já vô buscá agorica memo e já trago pra suncê.

OPERADOR - CORTINA MUSICAL.

Roberto Raul, que surpresa agradáveli...

Raul Pois a Luiza me deu o seu endereço e eu tratei logo de vir vê-lo. Já esta va com saudades suas.

Roberto E eu também, Raul. Você não imagina as saudades que eu tenho de todos! (TOM) Até da mãe, você crê?

Raul Creio, sim, Roberto. Tudo faz hábito na vida.

Roberto É uma saudade, uma saudade tão grande... que si não fôsse a certeza do pre juízo que o meu gesto lhes causaria, eu já teria afogado o meu orgulho, a minha dignidade e a minha vergonha até e já teria voltado para casa.

Raul Mas que prejuízo você pensa que nos poderia causar a sua volta? Não compre endo.

Roberto Raul, a minha saída de casa, embora não pareça, deve ter abalado profunda mente o coração de nossa mãe e ficará valendo, nela, como uma advertência contra os excessos que pretenda praticar com você e Renato. A minha volta, seria a derrota total e um estímulo a que ela continuasse procedendo como até agora, asfixiando-nos os mais justos anseios e os menores direitos. É essa, entre todas, a principal razão porque eu estou disposto a lutar contra os gritos e os anseios do meu coração e suportar esta solidão tre menda, até que me tenha habituado a ela.

Raul - Aí você não mais pensará em trocá-la por coisa alguma.

Roberto Você acha?

Raul Tenho certeza disto. Certeza total. Absoluta. Quem, de sã consciência, quererá trocar a paz, a tranquilidade e o bem estar pela angústia cong tante da rebelião e da incerteza? Só um louco, meu irmão.

Roberto Você nem imagina o bem que me faz com as suas palavras, Raul.

Raul E esteja certo de que elas não estão sendo ditas com o intuito de lhe dar estímulo, não, porque eu, de minha parte, se você voltasse para ca sa, ficaria intimamente muito satisfeito. Digo-lhe, portanto, o que sin ceramente penso, com inteira isenção de ânimo.

Roberto (Pausa) Que interessante é a maneira de ser das criaturas. Antes, quando eu estava em casa, com todos vocês, vivia sempre arredio, afastado, e muitas vezes o alarde e a alegria de vocês me perturbava e aborrecia. Em de terminados dias, naturalmente quando os meus nervos estavam mais à flôr da pele, eu chegava a pensar como era desagradável ter-se outros irmãos



e que bem melhor fôra ser-se filho único para que os outros não nos irri-  
tassem com os seus movimentos, perturbando as nossas cogitações interio-  
res. Hoje, que estou afastado, e que vivo aqui sózinho entre as quatro  
paredes deste quarto, é que vejo o quanto pesa o silêncio, o quanto vo-  
cês me fazem falta e o quanto eu estava, sem saber, ligado à vida de vo-  
cês. (Pausa e tom) Foi o silêncio da solidão, Raul, que fez despertar  
em mim o afeto fraternal que eu ignorava existir no meu coração.

Raul Nossa mãe não soube fazer de nós irmãos amigos, Roberto. Para melhor po-  
der exercer sobre todos o seu domínio, transformou-nos, a cada um, num  
espião dos outros. Resultado: isso nos afastou, em vez de nos unir.

Roberto É, sim, Raul, você tem razão. Deve ter sido essa a causa do nosso isola-  
cionismo. Cada um vivia para si, sem partilhar dos problemas dos outros,  
sinão para delatá-los à nossa mãe. Foi mau, muito mau esse sistema. Apren-  
demos a olhar-nos com desconfiança, quando nos devíamos olhar com ternura  
e afeto. E foi preciso que um tremendo vendaval nos afastasse, para que  
o sentimento de fraternidade gritasse mais alto dentro de nós mesmos e  
nos viesse reunir num gesto de carinho e de solidariedade, longe da nossa  
casa e na frieza de um quarto de hotel.

Raul E aí está a razão porque os filósofos afirmam que em todas as coisas más  
há sempre qualquer parcela que se aproveita. Nós viemos nos encontrar  
agora, tão longe, depois de termos vivido lado a lado uma existência in-  
teira quasi que indiferentes um ao outro. (P.e.T.) Sabe o que estou pen-  
sando, Roberto? Que a negra Luiza é que tem razão quando nos diz com aque-  
le ar de profeta: (arremeda) "Tudo tem a sua hora, meus fio". E é isso  
mesmo. Tudo tem a sua hora. Acaba de chegar a de nos tornarmos realmente  
irmãos!

OPERADOR - CORTINA MUSICAL

Luizax O sinhô pode se assentá que a sinhá num demora. Ela vem já.

Felipe O doutor Renato ainda não voltou de fora?

Luiza Ele vortô, sim sinhô, que a dona Elisabeth mandô chamá ela, mas teve aqui  
só um dia e já foi de volta outra vez.

Felipe Ele... ele vai se demorar lá, a senhora não sabe?

Luiza Num sei, meu sinhô. A gente é impregada, num tá priguntando essas cousa  
pros patrão que eles num gosta, num é memo? (Pausa) Tá b'ao, meu sinhô,  
cum sua licença. A sinhá daqui um mucadinho já tá aqui.

CONTRA REGRA - PASSOS DE VELHA QUE SE AFASTAM E SE PERDEM.

Felipe (monólogo) Já não está me agradando o fato dele ter vindo e voltado para  
fora. Parece-me uma espécie de fuga. Mas si ele pensa que vai me iludir  
com a mesma facilidade que iludiu minha filha, está redondamente engan-  
do. Comigo o galho vai ser duro de quebrar. Estou procurando ter calma e  
até mesmo uma certa submissão para ver se posso resolver as coisas por  
bem, mas se nem assim conseguir o que espero... ai dele! Não sabe com quem  
quem se meteu.

CONTRA REGRA - PASSOS DE ELISABETH QUE SE APROXIMA.

Felipe Aí vem ela. Vejamos que sentença me traz.

Elisabeth (chegando) Boa tarde.

Felipe Boa tarde, senhora!

Elisabeth (sempre ativa) Pode sentar-se. (Pausa) O senhor veio saber a resposta de meu filho àquele seu assunto; não é verdade?

Felipe Exatamente. Eu fiquei de passar aqui justamente hoje.

Elisabeth Eu fiz o meu filho vir de fora, apesar de que ele está lá muito ocupado e conversei longamente com ele sobre o fato.

Felipe (ansioso) E que disse ele? (Pausa) Diga, senhora, por favor! Não me torture mais!

Elisabeth Ele deixou comigo este envelope, para que lhe fôsse entregue. (Pausa) Segure-o. É para o senhor.

Felipe (meia voz, toda angústia) Meu Deus!... Que conterà esse envelope?!

CONTRA REGRA - RASGA ENVELOPE. PAUSA.

Felipe (depois de pausa longa, sucumbido) Um cheque!...

OPERADOR - ACORDE TRÁGICO EM FUNDO, SEM CORTAR A CENA.

Felipe (nova pausa, profundamente abatido) Um cheque de vinte mil cruzeiros?!

OPERADOR - REPETE O ACORDE, SEM CORTAR A CENA.

Felipe (enfurecendo-se) Mas então é desse modo que esse terrível canalha responde ao apêlo de um pai angustiado?!

OPERADOR - CARACTERÍSTICA FORTE PARA ENCERRAMENTO DO CAPÍTULO.

*Manz*

\*\*\*\*\*

ELISABETH O senhor veio saber a resposta de meu filho ; não é verdade ?  
FELIPE Exatamente. Eu fiquei de passar aqui justamente hoje.

ELISA Eu fiz o meu filho vir de fora, apesar de que ele está lá muito ocupado e conversei com ele sobre o fato.

FELIPE (ANGIOSO) E o que disse ele ? (P) Digam senhora, por favor ! Não me torture mais.

ELISA Ele deixou comigo este envelope, para que lhe fosse entregue. (P) Segure-o. É para o senhor.

FELIPE (MEIA VOZ TODO ANGUSTIA) Meu Deus!...Que conterà est envelope ?

C|REGRA RASGAR ENVELOPE PAUSA

FELIPE (DEPOIS DE PAUSA COMGA/SUCUMBIDO) Um cheque !...

OPERADOR ACORDE TRAGICO EM FUNDO SEM CORTAR A CENA

FELIPE (NOVA PAUSA/MESMO TOM) Um cheque de vinte mil cruzeiros ...

OPERADOR NOVO ACORDE EM FUNDO SEM CORTAR

FELIPE (ENFURECENDO-SE) Mas então é desse modo que esse terrível canalha responde ao apelo de um pai angustiado ?...Que pensa ele de eu sou? Um vendilhão de honra de minha filha ? Está muito enganado. Estão, ambos, completamente enganados, a senhora e ele. Eu sou um homem de brio, um homem de vergonha, um homem que tem caráter e dignidade e que não se vende por nenhum preço, entende ?

ELISA Acalme-se. O senhor está sendo precipitado. E ainda não fale,

FELIPE Que pode dizer, depois disto ?

ELISA Ele deixou este cheque, justamente para comprovar as suas boas intenções. Ele não teve outra ideia sinão de assumir a responsabilidade das primeiras despesas que o senhor terá que fazer, entende ? Terá leva-la ao médico, certamente, terá que preparar enxoval...talvez levar a menina para fora durante um certo tempo, até que ele possa reparar o que fez...

FELIPE E porque não repara já, antes que seja necessário esconde-la ?

ELISA Porque há uma série de dificuldades a remover, inclusive algumas relativas a herança de uma tia que ele está por receber.

FELIPE Eu não acredito no que a senhora está dizendo. Tudo isso são desculpas, talvez forjadas pela senhora mesma, para livrar meu filho de

pagar o que deve, mas advirto-lhe, senhora, que está brincando com fogo.

ELISA Com que direito o senhor duvida das coisas que lhe digo ?

FELIPE Com a minha intuição de pai iludido e desesperado.

ELISA Com a sua intuição, não. Com a sua desconfiança.

FELIPE Seja lá como o que for, a verdade é que não estou acreditando nessa historia e estou lhe avisando que seu filho vai se sair muito mal dessa brincadeira de mau gosto. E aqui está.

C/REGRA RUIDO DE RASGAR CHEQUE EM TRES PEDAÇOS

FELIPE Devolva-lhe o cheque que me mandou e diga-lhe que foi rasgado por mim. Não é dinheiro o que me traz aqui. Sou um homem válido, ganho e suficiente com o meu trabalho e não ando mercadejando o que existe de mais puro e mais caro para mim dentro deste mundo. Não quero dinheiro. Quero uma resposta dele, positiva, de homem para homem. Case ou não case com a sua filha.

ELISA Mas eu já disse que ele está tratando de remover umas dificuldades para poder casar.

FELIPE A dificuldade está em que ele se disponha a casar-se, eu sei, mas essa será removida por mim de qualquer maneira. Se não for a bordada há de ser a bala. Eu estou disposto a tudo, senhora, e tudo, entende ? E seu filho só terá dois caminhos para escolher ou casar com minha filha ou morrer.

ELISA (FURIOSO) O senhor está louco.

FELIPE Estou. Estou louco de dor e de desespero. Minha filha é tudo para mim nesta vida e o canalha que não sabe respeitar o meu grande carinho e o meu desvelo maior, há de pagar com a vida se não se dispizer a reparar o seu erro, como um homem digno (P) Está vendo isto.

ELISA (CONTENDO-SE MAS CHEIA DE MEDO) Guarde esse revólver.

FELIPE Ele contém meia dúzia de balas todas destinadas ao mesmo alvo. Faça o favor de dizer isso ao seu filho que o pai da Margarida mandou dizer. E amanhã eu voltarei aqui para receber a resposta definitiva. A resposta de hoje me não me satisfaz. Boa noite senhora.

- C|REGRA PASSOS FIRMEZ DE HOMEM QUE SE APASTA. PORTA QUE BATE FORTE EM 3º PLANO
- ELISA (DEPOIS QUE A PORTA BATEU NO FUNDO) que coisa seria esse homem ! E ele não está apenas ameaçando. Eu sinto nos olhos dele que está disposto a cumprir suas ameaças. (PROJETANDO) Pode vir. Ele já foi
- C|REGRA PASSOS QUE SE APROXIMAM
- RENATO A senhora já viu um sujeito mais impertinente do que esse ?
- ELISA Impertinente não é o termo. Perigoso. Ele não está apenas ameaçando. Ele está firmemente decidido a fazer o que diz.
- RENATO A senhora acha ?
- ELISA Tenho certeza absoluta.
- RENATO Que podemos fazer, então ? Aceitar o casamento ?
- ELISA Você está louco ?
- RENATO A senhora acha preferível que ele despeje um revólver inteiro no meu corpo ? Eu não faço gosto em servir de alvo para ninguém.
- ELISA Você vai embarcar esta noite mesmo para a fazenda de sua tia, na fronteira do E Uruguay, que lá você estará garantido, até mesmo se ele dar parte de você na policia. Como você sabe, metade da fazenda está em terras brasileiras e a outra metade no Estado Oriental. Se houver qualquer coisa, basta você pedir de pouso dentro da propria fazenda e já não lhe poderão fazer mal.
- RENATO E quanto tempo serei obrigado a ficar lá ?
- ELISA Pelo menos até a vespera da sua formatura, quando você será obrigado a vir para receber o seu diploma.
- RENATO quinze dias metido no mato não me parece agradável .
- ELISA E isso sia a coisa se acalmar , até lá, porque do contrario voce terá que ficar sabe Deus por quanto tempo.
- RENATO Ora que estopada ! Justamente agora que estavamos preparando o baile da nossa formatura !...
- ELISA E sem baile e sem qualquer outra coisa este ano. Por muito fover você virá à entrega dos diplomas ( conforme anadarem as coisas, já se ve) e já no outro dia, bem cedinho, voltará para o seu fugio até que tudo seja esquecido. Bem, e agora vamos tratar de reparar as suas malas e preparar o automovel. Logo que tenha caído a noite já voce seguirá.
- OPERADOR CORTINA MUSICAL
- ELISA Resolvi acompanhá-lo até a fazenda e recomenda-lo à sua tia, assim é que só estarei aqui, de volta depois de amanhã ao cair da tarde.
- RAUL A senhora não me pediu opinião, mas ainda assim se vou lhe dar: acho que a senhora faz mal, mesmo.
- ELISA Em acompanhar seu irmão até lá ?
- RAUL Não. Em dar-lhe escopula.
- ELISA Mas o que voce queria que eu fizesse ? Deixar que o matassem ?
- RAUL Não. Obriga-lo a reparar o mal que fez.
- ELISA Você não pode estar falando serio, um meu filho.

RAUL Batou mamãe. Juro-lhe que entou. Ache uma coisa horrivel isso que o Renato fez e estou bem certo, hoje, de que sei ele tivesse recebido o merecido castido, em vez de ser acobertado grande prejudicou a primeira, jamais teria tido o gosto ou a coragem de repetir a mesma façanha. Repetiu-a, justamente porque teve quem o defendesse e o sei crime permaneceu impune.

ELISA Raul, voce se refere ao seu irmão como se não fosse um desolacioso caso vulgar.

RAUL E ele, aos meus olhos, não é outra coisa sinão isso.

OPERADOR ACORDE AGUDO SEM CORTAR A CENA:

ELISA Como voce pode ter a coragem de me fdizer uma coisa dessas, meino?

RAUL A coragem é sua, mamãe, de encerrar com tamanha frieza um gesto que merece apenas a nossa repulsa e nada mais.

ELISA Bem, Raul, voce já está começando a se exceder e se não estou disposta a ouvir as suas impertinencias. Vou viajar agora mesmo e deixo a casa entregue a voce, recomendando-lhe, expressamente, que evite de se avistar com esse homem que vem aqui amanhã para fazer nem se sabe o que.

RAUL Para cobrar mais uma indignidade que não será paga.

ELISA Vá tomar um remedio para o fígado que voce se í precisando, seu filho. E até a volta, sim ?

RAUL Até a volta.

G|REGRA PASSOS DE MULHER QUE SE APASTAM E SE PERDEM N: DISTANCIA:

RAUL E não posso admitir que seja nossa mãe quem subverte uma infâmia de semelhante jaes. Vem alegando a sua linhagem, o nome de sua familia, a posição social... Para o inferno com tudo isso. A honra de uma menina pura e inocente, seja qual for a sua carta de cor, tra que estar acima de todas essas coisas. Isso é o verdadeiro direito humano, diante do qual tudo mais deveria perder o seu valor e a sua significação. Mas, infelizmente, a uti lei favorece sempre os mais fortes e os mais direitos dos fracos se dilua na balança das conveniencias, onde o peso usado é o dinheiro, o maldito dinheiro que asfixia a verdade e adormece as consciencias.

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~

OPERADOR CORTINA MUSICAL

FELIPE Diga à dona que eu estou aqui.

LUIZA Ela não tá, sinhô. Nem tem ninguém em casa.

FELIPE Eu espero, não faz mal. Fálaxei com ela de qualquer maneira.

LUIZA Mas ele não vem. Foi viajá.

FELIPE Viajar quando ? Para onde ?

LUIZA Foi ontem de noite mesmo, lá pra adonde que o fio tá. Disse que não cedo num volta.

FELIPE Então fugiu tambem, como ele ?

LUIZA De certo foi, num sei. Pôa mim não disse nada. Só me disse que eu ia ficar cuidando da casa o tempo que fosse preciso e que nos fim de mais ele mandava o dinheiro. Eu fiquei.

FELIPE Não sabe onde é esse lugar onde ela se refugiou ?

LUIZA Só sei que é pras banda do Estado Orientá. Hum sei mais nada.  
FELIPE Fugiram então. Ela e o filho. E sabe por que fugiram ?  
LUIZA A nêga nem sabe nada, sinhô. Ele num conversa nada com ela.  
FELIPE Fugiram porque eu avisei que viria hoje para prestarmos contas da dívida que o dr. Renato tinha com a minha filha. Mas ele não pense que poderá escapar assim tão facilmente. Eu sou homem de abrigar o ódio em minh'acma por cem anos que viva. E o ódio que tenho del, guardarei comigo. Um dia ainda haveremos de nos encontrar na vida e nesse dia...ele não precisará fazer mais nada do que encomendar a sua alma a Deus porque ela vai direitinho.  
LUIZA Credo em cruz, meu sinhô ! Hum fais anesim. Dixa pra Deus Nosso Sinhô que ele toma conta.  
FELIPE Não. Eu não farei esse trabalho a Deus, porque faço questão de executa-lo eu mesmo. Si um dia ele aparecer aqui, eu a mãe dele, diga isto que eu estou dizendo. que ele não conseguirá fugir de mim, nem que se esconda num dos recanços do inferno.  
LUIZA Tiscumjuro, credo em cruz !  
FELIPE Eu sei que a senhora é uma pobre coitada que não tem culpa de nada e não deveria estar ouvindo estas coisas, mas si eu não expandisse o que estou sentindo talvez meu peito explodisse de raiva e de raiva concentrada. Passe bem, senhora.  
LUIZA Passe bem, Deus lo acompanhe e le acarne, meu sinhô.

OPERADOR CORTINA MUSICAL

PUBLICIDADE

OPERADOR CORTINA MUSICAL

ROBERTO Raul! Não esperava a sua visita hoje.  
RAUL E bem eu tencionava vir visitá-lo, mas aconteceu que fiquei só e me lembrei que estando voce sosinho aqui e eu lá, ser.a bem melhor, para os dois, que estivéssemos juntos.  
ROBERTO Pensou bem e agiu melhor. Mas porque ficou só ? Mãe e Renato saíram ?  
RAUL Foram viajar.  
ROBERTO Viajar ?!...Mas como isso foi acontecer ?!...Mãe nunca quis sair de casa, a tucce de que essa viagem tão súbita ?  
RAUL Renato acaba de se meter ~~numa~~ numa tremenda complicação e o pai da menina foi lá em casa pedir-lhe contas. Ameaç-o de morto e mãe não teve outro remedio a não levá-lo para a casa da tia Carlinda para livrá-lo do casamento e da ameaça.  
ROBERTO Renato teve a coragem de repetir a sua façanha ? Não tem coragem ? Não tem alma, já que lhe falta juizo e dignidade ? Uma noite destas o acaso me levou a presença de Maribel. Não tive como esquivar-me e conversamos durante uns vinte minutos. Ao deixá-la, voce não pode calcular, meu irmão, o odio que eu tinha concentrado dentro do meu peito contra o Renato. Eu não podia me convencer que um rapaz criado no seio de uma familia, como ele foi e tendo recebido o grau de educação que ele recebeu, pudesse ter tido a co-

ragem de prejudicar uma menina que mais parece um anjo vestido de mulher. Como é linda, Raul!... Como está linda!...

RAUL  
ROBERTO  
RAUL

É como você a ama!...

Sim. Muito. Com todas as forças do meu coração!

Mas então, por que não se casa com ela, uma vez que já se libertou do jogo da nossa mãe?

ROBERTO

Porque não consigo me libertar desse tremendo preconceito dela já ter pertencido a outro homem, antes de me pertencer. É tão muito grande o meu desespero por causa disto, que eu chego às vezes a sentir ímpetos de correr para ela e esbofetá-la pelo mal que me fez. Agora, então, que seu corpo começa a se deformar e a crescer, o meu preconceito vai crescendo com ela, angustia-me, maltratando-me, torturando-me, enlouquecendo!... Ah, Raul, por que foi se encontrar com ela, quando já estava mais esquecido e conformado e quando já não me doía tanto, na alma, essa lembrança amarga?!

RAUL

Roberto, eu pobre irmão, como eu te lamento!... Mas sua vida assim, não és tu tão digno de pena como é o Renato. Que severas contas terá ele que prestar a Deus, um dia!... Ainda sofrem com desespero as duas as vítimas da sua primeira aventura e ele já está metido noitro, fazendo chorar lágrimas de sangue a uma pobre inocente e seus amargurados pais. Você acha que tanta maldade possa permanecer indiferente aos olhos de Deus? Não creio. É por isso que o considero muito mais digno de lástima pelo que estoveste que ele sofrerá amanhã. (T) Bem, mas esqueçamos esse assunto e vamos dar uma volta para alegrar nossos espíritos. Foi para isso que via buscá-lo.

OPERADOR

CORTINA MUSICAL

MIGUEL

Você sabe a quem encontrei hoje?

MARIBEL

O Roberto?!

MIGUEL

Não. Você andou perto mas não acertou.

MARIBEL

O Renato?

MIGUEL

Também não. Foi exatamente o que você deixou para dizer por último.

MARIBEL

O Raul?

MIGUEL

Exatamente. Foi saber de uma porção de novidades, por ele, inclusive que a nossa amiga Elisabeth viajou para o Uruguai na companhia de Renato.

MARIBEL

Para o Uruguai? Mas que foram fazer lá?

MIGUEL

Olhe, para lhe falar a verdade eu nem sei bem o que foi que Raul me disse. Parece que ele me falou em negócio de arrendamento de campo... ou de venda de gado... lá, é uma coisa assim.

MARIBEL

É como está Raul? Bem?

MIGUEL

Sempre aquela mesma coisa: equilíbrio e serenidade. Nem parece filho de tal mãe. Ele prometeu aparecer qualquer noite para conversar conosco.

MARIBEL

Eu gostaria de vê-lo! Sempre me dei bem com ele.

MIGUEL

É um coração de veras generoso. O melhor dos três amores de Elisabeth. Ele perguntou por você.



MARIBEL Eu estava pensando que não. O senhor não tinha me dito nada até agora...

MIGUEL Perguntou, sim. É que eu não me lembrei de dizer antes. Mostrou-se até muito interessado pelo seu estado, fez diversas perguntas e botou-se inteiramente à minha disposição se eu precisar de alguma ajuda na hora em que você precisar baixar o Hospital.

MARIBEL Ele sempre se deu muito bem comigo? É no principio, eu cheguei a ter a impressão de que ele se interessou por mim, o senhor sabe?

MIGUEL Claro que sei. Pois então eu não vi? Eu setou em dizer mais, minha filha, que se não fosse o interesse tão grande demonstrado pelos irmãos, ele talvez hoje estivesse já casado com você.

MARIBEL Não, isso eu não acredito. Hoje, que os conheço melhor, sei perfeitamente que nenhum dos filhos da dona Elisabeth se animaria a fazer de mim sua nora. Entendeu bem o que eu disse? Não é que não se animassem a me fazer esposa, mas nora.

MIGUEL Não entendi, sim, entendi, mas isso poderia ser ao tempo em que você chegou. Agora, depois do movimento quasi geral de revolta, por sua parte, por parte dos filhos e até por minha parte, ele não teria outro remedio sinão escolher entre aceitá-la como nora ou perder um filho.

MARIBEL Ela perderia o filho, pode estar certo.

MIGUEL Mas o filho se casaria com você, aí é que está. E afinal o que deveria interessar a você não era isso?

MARIBEL Quando cheguei, não, ser Miguel. Quando cheguei eu trazia consigo um plano secreto, traçado por minha mãe, e que eu desejava realisar a qualquer preço. É foi esse plano a causa de eu me haver perdido.

MIGUEL Como assim? Não não estou entendendo.

MARIBEL O senhor conheceu minha mãe, não conheceu?

MIGUEL Muito, servi muitas vezes de intermediaria entre ela e Elisabeth.

MARIBEL O senhor sabe que ela tambem foi infeliz na era mocidade; que foi seduzida pelo noivo que a abandonou quando perceber que eu estava para nascer.

MIGUEL Sei.

MARIBEL Pois bem, depois que eu nasci, minha mãe não se fez mais do que trabalhar para manter-nos às duas e dedicar-se ao mister de criar sua filha.

MIGUEL Empregou-se como secretária do irmão de Elisabeth que era socio do marido dela num grande industria de artefactos de couro. Com a morte do marido, Elisabeth passou a ser socio do irmão e se já tinha sobre ele uma certa ascendencia terminou por adquirir uma ascendencia total.

MARIBEL O senhor sabe de tudo, eu vejo.

MIGUEL Sua mãe era uma mulher de grande beleza e forte personalidade. Não tardou em que o irmão de Elisabeth descobrisse-lhe os encantos e procurasse conquista-la.

MARIBEL Ela, ao principio, relitôu em aceitar-lhe a corte. Estava desiludida dos homens e não queria nada deles. O homem insistiu, finalmente,

perseverou e terminou por convencê-la.  
E quando estava tudo acertado para o casamento, a casa pronta, as  
móveis comprados, e enxoval de sua mãe todo renovado... Elisabeth  
veio conhecê-la e não ~~se~~ concordou com o casamento.

MIGUEL

MARIBEL

O irmão havia mentido a ela, que mãe era viúva e tinha uma filha  
já bem crescida, mas logo que ela chegou na cidade onde morávamos,  
não faltou um espírito ~~meu~~ que lhe contasse a verdade, destravando  
a revolta de dona Elisabeth. O que essas ~~duas~~ lutaram, ~~uma~~ em  
defesa do seu amor e a outra em defesa da sua vaidade, dava para  
encher vários volumes de um romance.

MIGUEL

Sim, eu sei! Pois ~~eu~~ foi ~~eu~~ que eu muitas vezes fui solicitado a  
intervir. Foi uma luta de dois ou três anos, sem a mínima trégua.  
O pobre homem, desbarverado, sem conseguir aplacar a fúria da irmã  
e não se animando a desafiz-la, acabou por meter uma bala nos mió-  
los, escrevendo com sangue o último capítulo daquela dolorosa his-  
tória.

MARIBEL

O ódio que minha mãe tinha dessa mulher, era dessas coisas verda-  
deiramente impressionantes.

MIGUEL

Eu sei. E foi por isso que eu não consegui atinar com a razão  
porque ela pediu ao Padre Jacinto que lhe entregasse a Elisabeth  
e que conseguisse dela receber vossa na sua casa.

MARIBEL

Porque ela, tinha me preparado para destróçar o lar de dona Eli-  
sabeth, da mesma forma que ela destróçou o nosso, às ~~vésperas~~ de  
se formar.

MIGUEL

MARIBEL

Necessário Você seria, então o instrumento de vingança de sua mãe?  
Exatamente! Mas o homem põe o Deus dispõe ~~o~~ ~~de~~, que pensara brin-  
car com o coração das três rapazes, foi traiçoeiramente ~~apre-~~  
aprisinada por um deles e envolvida por intrigas e perfídias,  
que me atiraram aos braços de outro que era o meu amor! Resulta-  
do: sofri muito mais do que desejava fazer sofrer, perdi-me e quan-  
do cheguei a descobrir que o homem por quem ~~me~~ deixara prender era  
completamente inocente das torpezas que lhe imputavam, já, desgra-  
çadamente, não tinha mais o direito de lhe oferecer a minha ternu-  
ra. E foi assim que aprendi, à minha própria custa, esta amarga  
lição que a vida me ensinou: O direito de vingar o mal que nós  
fazem não nos assiste! Deus se encarrega do merecido castigo, na  
hora e no tempo exatos.

MIGUEL

É isto mesmo. E é a razão porque até se diz que Deus não dorme.  
Ou se dorme não tarda em acordar, porque ninguém deixa de pagar o  
que lhe deve. Por isso, minha filha, agora que voce já viu como é  
a vida, que eu lhe aconselhe a não levantar um dedo, sequer, para  
vingar-se de quem quer que seja. Entregue a Deus e pode estar  
absolutamente certa de que a justiça dele, mais tarde ou mais ce-  
do, há de se fazer sentir!

MARIBEL

Eu sei, sen Miguel. Hoje eu tenho certeza absoluta disto e é a razão  
porque não me curo de agradecer os meus sofrimentos que estão aos  
poucos, purificando o meu coração, calcado pelo fogo do ódio e da re-  
volta... e da descrença!